

E D I T H
STEIN

A MULHER

Sua missão segundo a natureza e a graça

DE

DRA. EDITH STEIN
CARMELITA DESCALÇA

Tradução:
Alfred J. Keller

**EDUSC**

Editora da Universidade do Sagrado Coração

† Livros Católicos para Download





U
niversitária,
Educatora, Filósofa,
Conferencista...

Judia, Cristã, Carmelita.

Mártir. Santa...

"...Nela, a síntese dramática
de nosso século, acima de
tudo, a síntese de uma
Verdade plena acerca do
homem."

João Paulo II

Edith Stein nasceu em
Breslau, na Alemanha
(hoje Wrocław,

Polônia), em 12 de outubro de 1891.
Filha de judeus, última de 11 irmãos,
perdeu o pai aos dois anos de idade.
À mãe, considerava como “a mulher
forte da Escritura”.

1897 Ingresso na Escola Primária.

1911 Ingresso na Universidade de
Breslau.

1913 Transferência para Göttingen,
aluna e assistente de Husserl.

1921 Conversão ao catolicismo,
após a leitura do *Livro da Vida*
de Santa Teresa de Ávila.

1922 Batismo.

1923 Professora no Instituto Santa
Maria Madalena, das Dominicanas,
em Speyer.

1931 Início como conferencista.

1934 Em Colônia, recebimento do
hábito: Carmelita Teresa Benedita
da Cruz.

1938 Refúgio no Carmelo de Echt
(Holanda).

1942 2 de agosto - Morta na
Câmara de Gás em Auschwitz.

1987 1º de maio - Beatificação
em Colônia (Alemanha).

1998 11 de outubro - Canonização
em Roma (Itália).

Coordenação Geral

Ir. Elvira Milani

Coordenação Editorial

Ir. Jacinta Turolo Garcia

Coordenação Executiva

Luzia Bianchi

Comitê Editorial Acadêmico

Ir. Elvira Milani – *Presidente*

Glória Maria Palma

Ir. Jacinta Turolo Garcia

José Jobson de Andrade Arruda

Marcos Virmond

Maria Arminda do Nascimento Arruda



MULHER

APRESENTAÇÃO



A Universidade do Sagrado Coração vive, intensamente, o momento Santa Edith Stein. Momento que veio sendo desenhado desde sua morte, em agosto de 1942, e que teve o seu ápice em 11 de outubro de 1998, data de sua canonização, em Roma.

Enquanto o mundo intelectual, científico e religioso, perscruta espantado essa personalidade ímpar, nós oferecemos com alegria a nossa contribuição. Ao traduzir do alemão, e publicar *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*, a EDUSC lança luzes sobre uma das faces desse diamante puro, lapidado pelo estudo e pela dor. Assim, procura revelar toda a perspicácia e atualidade da educadora Edith Stein que, com seu exemplo, plenificou a mulher.

Mãe espiritual, apontou caminhos seguros para que a mulher, realizando-se totalmente, preserve sua feminilidade e cumpra a sua missão.

Seja a presente obra uma obra presente, capaz de levar à reflexão e ao aperfeiçoamento pessoal.

Ir. Jacinta Turolo Garcia

SUMÁRIO

Prefácio dos Editores	9
I - Edith Stein como pedagoga	9
II - Importância dos estudos sobre a mulher	22
III - Autenticidade da edição	24
O <i>Ethos</i> das profissões femininas	55
I - Vocação natural da mulher e o <i>Ethos</i> correspondente	57
II - Outras profissões naturalmente femininas	61
III - A profissão sobrenatural da mulher	64
A vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e da graça	73
A vida cristã da mulher	105
I - A alma feminina	106
II - A formação feminina	117
III - A atuação da mulher	128
As bases da formação feminina	135
I - A idéia da formação	136
II - Natureza e vocação da mulher	139
III - Formação externa	143
IV - Exigências do presente Caminhos para a implementação prática	147
Problemas da formação feminina	155
I - Introdução	155
II - O sujeito da formação	185

III - O fim da formação _____	211
IV - Formadores e os meios de formação _____	228
V - Os métodos formativos _____	244
A missão da mulher de conduzir a juventude à Igreja __	261
I - A posição da mulher na Igreja _____	261
II - Levar a juventude à Igreja _____	266
Valor da feminilidade e sua importância para a vida do povo _____	279
O papel das mulheres católicas com formação universitária da Suíça _____	295



PREFÁCIO DOS EDITORES*



A obra diversificada de Edith Stein pode ser subdividida em três áreas de reflexão: estudos de filosofia geral e da religião, estudos pedagógicos, estudos hagiográficos.

Neste quinto volume, a edição autorizada das *Obras de Edith Stein* concentra-se nos escritos pedagógicos. O presente volume contém uma seleção de textos sobre o tema da mulher; trata-se de um tema que mereceu a atenção detalhada de Edith Stein, sempre, porém, no contexto de problemas de educação e formação. Por isso, é necessário que se tenha uma visão de toda a atividade pedagógica de Edith Stein, para entender plenamente e reconhecer a doutrina steiniana sobre a verdadeira feminilidade.

I. EDITH STEIN COMO PEDAGOGA

1. A VOCAÇÃO PEDAGÓGICA

Edith Stein possuía um dom natural para a profissão docente, dom esse que veio a manifestar-se já nos anos de juven-

* Dr. L. Gelber e P. Fr. Romaeus Leuven O.C.D.

tude em forma de inclinações pedagógicas espontâneas. Com 17 anos de idade já tentava dar aulas a colegas mais fracas. Quando resolveu fazer curso superior, pretendia originalmente aprofundar-se nos campos da psicologia e da pedagogia. Em fevereiro de 1916, quando estava preparando sua tese de doutoramento, entrou no magistério. O motivo era de ordem financeira, mas ela mesma conta que pesava ainda mais a alegria e o interesse de ensinar¹. A essa altura, já estava habituada a assumir uma posição docente diante de crianças e jovens.

Ao lado desses dons inatos para a atividade docente, encontram-se na personalidade de Edith Stein traços característicos que a identificam como educadora por vocação interna.

Edith Stein dispõe de uma capacidade excepcional de *empatia* que lhe abre caminho para as profundezas da alma do outro, seja no contato com as pessoas em geral, seja com os alunos em particular.

A determinação com que persegue suas aspirações faz dela uma pessoa firme em relação a si própria e em relação aos outros que estão confiados à sua liderança. Sua *força de vontade* não admite as desculpas de argumentos virtuais. Essa atitude lhe confere autoridade e a protege contra modos de proceder inconseqüentes.

Acresce ainda que Edith Stein é capaz de um trabalho intelectual incansável. Sua rotina diária corresponde a longos dias de trabalho veloz. Ela haure essa *força de concentração interior*, segundo seu próprio testemunho, da fonte revigorante da oração².

Esta última característica mostra que, segundo as palavras do cardeal John Henry Newman, na personalidade steiniana há uma cooperação entre a natureza e a graça, com o fim de desenvolver os dons pedagógicos inatos. Edith Stein conhece e realiza em si própria a exigência moral do cardeal

1 No Colégio Vitória, em Breslau, "pouco menos de 5 anos depois de ter me formado nessa escola". Memórias da juventude da autora, em poder do *Archivum Carmelitanaum Edith Stein*.

2 Cf., p. ex., p. 151 e seguintes do presente volume.

inglês "that grace doesn't destroy but perfects nature" (que a graça não destrói a natureza e, sim, a aperfeiçoa)³: "We sometimes forget that we shall please Him best, and get most from Him, ... when we use what we have by nature to the utmost; at the same time that we look out for what is beyond nature in the confidence of faith and hope".⁴

Dessa maneira, Edith Stein se aproxima com determinação interior da atitude ideal e do modo de vida do educador religioso. Aberta à ação da graça nas profundezas da própria alma, ela mesma vai dando forma à mulher que está totalmente entregue à tranquilidade exterior e interior.

Ela entra na sala de aula movida pelo ideal de ver na formação humana em geral e na formação feminina em particular a missão mais nobre da mulher. O equilíbrio de seu temperamento, a solidez de seu saber, o amor impessoal pelos educandos garantem a fecundidade de seu trabalho docente.

Ela sobe à tribuna sem medo, mas também sem vaidade, para servir com seu discurso incentivador à idéia da educação religiosa. Ela deixa a tribuna sem deixar-se levar ao prazer do sucesso pessoal pelo aplauso da platéia.⁵

À noite pega a pena, para esquecer-se a si mesma nos estudos sobre a questão eterna do ser, entregando-se criativa ao Criador para enaltecê-lo.⁶

3 S. Tomás de Aquino. *Summa* I q 1 a 8 ad 2.

4 De *The Idea of a University*, traduzido para o alemão por Edith Stein. O manuscrito de dois volumes encontra-se em poder do *Archivum Carmellitanum Edith Stein*; existe a intenção de publicar essa tradução.

5 Veja, p. ex., o testemunho do arqui-abade Raphael Walzer, em poder do Carmelo de Nossa Senhora da Paz, em Colônia.

6 Veja as memórias e cartas de Edith Stein, em parte em poder do Carmelo de Nossa Senhora da Paz, em Colônia, em parte entre os documentos do *Archivum Carmellitanum Edith Stein*.

2. FORMAS DE TRABALHO EDUCACIONAL

O educador pode agir sobre o educando de três formas: pela palavra que ensina, pela ação pedagógica, pelo exemplo próprio.

Cada uma dessas formas serve-lhe como meio para levar o educando a participar internamente do processo de formação, uma vez que as possibilidades do educador são restritas à influência que age de fora. Ele pode tentar encontrar um eco em diversas camadas profundas da alma do aluno, pode oferecer-lhe sua orientação e ajuda. Mas sua participação na formação do aluno será sempre mediata, porque toda formação é autoformação. Toda instrução é auto-instrução⁷.

Corresponde à característica fundamental da personalidade steiniana lançar mão de todas as três formas de influência. Edith Stein costuma dedicar-se com todo o empenho àquilo que assume, procurando conhecer-lhe todos os aspectos, realizando-o de todas as formas possíveis.

Ela une a palavra docente falada e escrita à atividade docente prática na escola e no curso de Magistério, de um lado, e aos planos e trabalhos de reforma pedagógica, de outro.

Depois de vários estágios no liceu feminino em Breslau, ela deu durante uma década as aulas de alemão no instituto das dominicanas em Speyer, tanto no seminário para professoras quanto no liceu para moças.

Posteriormente assumiu um cargo de professora no Instituto Alemão de Ciências Pedagógicas, em Münster; depois de um ano e meio de atividade docente, ela teve que renunciar a esse cargo em consequência das mudanças políticas ocorridas em 1933. Sua especialidade tinha sido o estudo da educação feminina.

⁷ Citação de um ensaio pedagógico que será publicado no próximo volume das obras de Edith Stein. A autora encontrou essa idéia nas teorias de Förster e de outros pedagogos reconhecidos.

Paralelamente a essas atividades profissionais em cursos colegiais e na faculdade, Edith Stein participou ativamente dos trabalhos do movimento das escolas católicas. No decorrer dos anos conquistou um lugar de liderança espiritual na associação das professoras católicas. Vivia dando conferências em reuniões anuais e congressos. Era procurada para dar consultoria na elaboração de planos de reforma e em conversações pedagógicas com autoridades oficiais.

A influência da professora e educadora Edith Stein sobre o educando por meio de seu próprio exemplo pode ser comprovado por passagens encontradas em seus escritos. Elas são confirmadas por um grande número de testemunhos de ex-colegas e ex-alunas suas.

"As crianças na escola ... não precisam apenas daquilo que *temos*, mas também daquilo que *somos*".

"Todo o trabalho educacional deve ter como base o *amor* que é perceptível em qualquer repreensão e que nem deixa aflorar o temor. O melhor recurso educacional não é a palavra docente e, sim, o *exemplo vivo*, sem o qual todas as palavras permanecem inócuas".

"Quem frequenta como discípulo dócil constantemente a escola da Sagrada Escritura levará o Salvador para dentro de *sua* escola, e as crianças perceberão que Ele está presente ajudando no serviço; assim, Ele tomará posse também de suas almas ... A alma formada pela palavra de Deus continua formando espontaneamente no mesmo sentido"⁸.

⁸ Citação de ensaios pedagógicos a serem publicados no próximo volume das obras de Edith Stein.

3. IDÉIAS PEDAGÓGICAS FUNDAMENTAIS

A educação e o educador formam uma unidade orgânica. A educação exige um objetivo pelo qual deve orientar-se a formação do educando, e meios que possibilitem a ação sobre o educando. Como a educação é confiada a seres humanos, não são valores absolutos nem o objetivo nem os meios. Eles variam de acordo com a personalidade do educador, pois este nunca poderá realizar seu trabalho educativo de modo neutro, isto é, abstraindo de sua visão do mundo e de sua atitude em relação ao educando. Seu pensar e seu agir são influenciados por determinadas convicções e princípios, sejam eles tácitos ou expressos. Sem eles faltam-lhe, por assim dizer, o malho e a bigorna. Até poderá tornar incandescente o ferro, mas não será capaz de forjá-lo.

Todo trabalho pedagógico baseia-se em idéias fundamentais que, para o educador, se transformam em temas centrais na medida em que as idéias ganham importância atual.

Sobre o pano de fundo espiritual da atividade pedagógica de Edith Stein encontramos três idéias centrais: a necessidade de uma educação harmoniosa, a fundamentação religiosa da ação educadora, o caráter especial da formação feminina. São elas que motivam a manifestação da educadora e docente Edith Stein bem como a direção de seu interesse pedagógico.

O estudo dessas idéias centrais pode ser considerado como uma introdução nos modos de ser mais profundos de sua personalidade.

A educação harmoniosa do ser humano

A criança em desenvolvimento necessita de formação sob muitos aspectos. Ela precisa de cuidados físicos e psíquicos. Em relação aos primeiros, existem os órgãos externos e internos com suas exigências específicas. Em relação aos últimos, são o intelecto e as aspirações (desejos, sentimentos,

vontade) que precisam de ajuda e orientação. Na medida em que a educação contempla os diversos aspectos da necessidade de formação, dando ao educando a oportunidade de desenvolver as possibilidades que lhe são próprias, ela se aproxima do ideal de harmonia.

O conceito de harmonia no trabalho educativo encerra portanto a reivindicação de uma formação abrangente e equilibrada de todas as forças físicas e psíquicas naturais.

A idéia de uma educação harmoniosa tem suas origens históricas no ideal grego do ser humano de formação física e mental equilibrada. Esse ideal encontra sua expressão no pensamento religioso-cristão, na doutrina tomística da Imagem de Deus na criação e no ser humano.

Partindo da *analogia entis* de S. Tomás, Edith Stein parte de princípio de que a imagem de Deus está presente na alma humana em forma embrionária. Para desenvolver essa forma interna, a criança precisa de ajuda dupla: do auxílio sobrenatural da graça e do auxílio natural do trabalho de formação humano. Recebendo essa ajuda, o educando poderá aproximar-se, com iniciativa interna, do ideal da perfeição que lhe é inato.

Edith Stein entende que a importância geral da harmonia para a fecundidade do processo formativo está na integração funcional e, conseqüentemente, na influência mútua de todas as forças existentes. O desdobramento equilibrado de uma força condiciona, favoravelmente, o desdobramento adequado das outras forças. O equilíbrio de todas as forças promove o desenvolvimento de cada uma das forças individualmente.

A importância especial de uma formação harmoniosa para a educação religiosa está no fato de a atitude religiosa exigir a unidade da personalidade, uma vez que a oração e a liturgia requerem a participação do homem total. O desenvolvimento desequilibrado da personalidade, por uma formação unilateral ou inadequada das forças, leva fatalmente a conflitos ou deficiências na postura religiosa.

A fundamentação religiosa da ação educadora

Em consonância com a tradição da filosofia cristã, Edith Stein interpreta a função formadora como vocação religiosa. O professor exerce um papel de mediador entre Deus e o aluno. Cabe a ele introduzir o aluno na doutrina divina e nas leis da criação, conduzindo-o ao reino de Deus.

O cumprimento desse papel inclui uma função dupla. Por encargo divino, o educador é chamado a abrir a alma do educando para desenvolver, segundo a imagem de Deus, as forças que jazem nela.

A autoridade do educador se baseia na importância metafísica do magistério e na conseqüente atitude religiosa do educador em relação ao educando.

Professor e aluno servem e obedecem a Deus. O professor não manda arbitrariamente e, sim, por ordem superior. O aluno sujeita-se ao professor não como a um poder terreno aleatoriamente constituído e, sim, àquele poder superior que confere ao professor seu cargo e sua dignidade.

A afeição do professor pelo aluno e o devotamento conflante do aluno ao professor têm o caráter do amor objetivo. O educador se inclina para a criança como tal. Ele não pretende conquistar o amor do educando para si mesmo e, sim, para orientá-lo, através de sua pessoa, ao verdadeiro objeto do trabalho educativo, à matéria a ser ensinada.

A pessoa do educador se afasta pouco a pouco para o fundo do processo, desde que consiga levar o aluno à aceitação do bem instrutivo. Com a colaboração do aluno, o professor se esforça para transformar a afeição originalmente pessoal do aluno em amor ao objeto em si, de modo que o bem da instrução se torna um valor permanente para o aluno.

O caráter peculiar da educação feminina

O ideal de formação do ser humano harmonioso é condicionado também pela natureza do educando. A formação só pode ser chamada de equilibrada quando corresponde à forma interior do educando.

Para poder transformar o ideal em prática, o educador necessita de uma imagem nítida do ser humano harmonioso adaptada à forma interior do educando que lhe foi confiado.

Como professora, Edith Stein se vê confrontada com a questão da educação de meninas e moças, e como docente universitária enfrenta a tarefa de formar mulheres. As considerações em torno da didática lógica, mencionadas acima, levam-na a investigar a essência e a missão da mulher, para assim poder estabelecer diretrizes seguros de teoria e prática da educação feminina.

Concisamente, Edith Stein descreve a essência e a missão da mulher nas palavras: "O que somos e o que devemos ser"⁹.

Considerações ontológicas profundas levam-na à conclusão de que a espécie *humana* se desdobra em duas formas distintas: como espécie masculina e como espécie feminina. A diversidade da forma se manifesta em toda a estrutura do ser humano, e ela é reforçada pelas variações individuais dentro das duas espécies. Essa diversificação ulterior dentro da espécie provoca a formação de tipos segundo a predisposição natural.

As análises steinianas levam à conclusão de que "está prevista na natureza da mulher uma finalidade tripla: o desdobramento de sua humanidade, de sua feminilidade, de sua individualidade. Não se trata de objetivos isolados, pois no indivíduo humano concreto a natureza não é dividida em três e, sim, é *uma* só: a natureza humana em sua manifestação especificamente feminina e individual"¹⁰.

9 Veja à p. 105 do presente volume.

10 Ibid. p. 211.

A idéia da própria espécie perfeita da natureza feminina baseia-se teoricamente, para Edith Stein, nas verdades da fé. Estas podem ser confirmadas pela reflexão filosófica, "desde que ela seja capaz de desvendar com o intelecto o conteúdo da fé e de completar o que este deixa em aberto"¹¹.

Do fato de o ser humano ter possuído a natureza perfeita antes da queda, Edith Stein tira a conclusão de que o protótipo da humanidade perfeita se encontra realizada na pessoa humana de Cristo, o novo Adão, e que o protótipo da feminilidade perfeita se encontra em Maria, a nova Eva.

A identificação da forma interna da alma feminina nos permite outras conclusões quanto ao fim eterno e, ao mesmo tempo, especial da mulher. Esse fim se desdobra em dois.

Por natureza, a mulher é chamada a desempenhar o papel de esposa e mãe. Ser esposa significa ser apoio e segurança como companheira do marido, da família e da comunidade humana. Ser mãe tem o sentido de cuidar e desenvolver a verdadeira humanidade. "Ambos: o companheirismo e a maternidade da alma não estão restritos aos limites da relação física de esposa e mãe, eles se estendem a todas as pessoas que entram em contato com a mulher"¹².

Por sua vocação natural, a mulher foi escolhida para "encarnar no desenvolvimento máximo e mais puro de sua essência a essência da própria Igreja, para ser seu *símbolo*"¹³.

De acordo com sua aptidão individual, a mulher pode cumprir de três formas a sua missão segundo a ordem natural e da graça: no casamento, no exercício de uma profissão, sendo que a formação humana deve ser considerada como a mais nobre atividade profissional da mulher, e sob o véu da *sponsa Christi*.

11 Ibid. p. 212.

12 Ibid. p. 140.

13 Ibid. p. 261.

É esse o esboço da figura que Edith Stein descreve como o ideal da alma feminina. Sobre esse fundo se destaca claramente a imagem da *mulher forte* do antigo testamento:

Mulierem fortem quis inveniet?
Procul et de ultimis finibus pretium ejus ..."

Prov. 31, 10-31

Edith Stein está familiarizada com essa imagem, não só pelo estudo assíduo da Bíblia. Ela a carrega no mais profundo de seu coração. É a imagem de sua mãe que reflete também a sua própria maneira de ser. Ela mesma a coloca como seu modelo, e desde a juventude procura imitá-la em palavras e atos. Já na idade madura, ela a eleva à condição de norte de todo trabalho educativo feminino.

Os planos de reforma pedagógica de Edith Stein se baseiam nestas investigações sobre a essência e a missão da mulher. Com a independência e a meticulosidade de raciocínio que lhe são próprias, desenvolve um sistema de formação escolar que leva em consideração a maneira de ser e o valor próprio da natureza feminina.

As explicações da autora contêm, em resumo, as seguintes diretrizes e exigências. A menina precisa ser educada para a humanidade plena. Isso exige que ela seja levada à "incorporação no corpo místico de Cristo"¹⁴. Para a feminilidade perfeita: "Se Maria é o protótipo da genuína feminilidade, a imitação de Maria deverá ser a meta da formação feminina"¹⁵. Para o desenvolvimento da individualidade própria, uma vez que a verdadeira formação deve respeitar a individualidade da pessoa. Sua meta é o ser humano, "o qual deve ser real-

14 Veja no presente volume à p. 215.

15 Ibid. p. 221.

mente pessoa, que percorre o *seu* caminho realizando a *sua* obra. *Seu* caminho: não se trata do caminho que ele escolhe arbitrariamente, trata-se do caminho pelo qual Deus o leva"¹⁶.

No Ideal da *virgo-mater* estão reunidas duas metas: a formação da alma feminina para ser esposa e mãe, de um lado, e esposa de Cristo, por outro lado. Desta maneira, o problema central do trabalho educativo está no fato de ter que capacitar a moça para ambos, para o casamento e para uma vida de consagrada. Das explicações sobre o conceito de maternidade e matrimônio espiritual podemos concluir que maternidade e matrimônio não devem ser entendidos em seu sentido estrito de mulher casada e de religiosa.

A hierarquia das matérias deve corresponder às necessidades específicas da educação feminina. As normas de avaliação correta devem ser deduzidas da natureza da mulher e de sua missão. Três citações podem dar uma idéia dos objetivos pedagógicos de Edith Stein:

"Vimos que o centro da alma feminina é a afetividade. A formação da afetividade deve ocupar, portanto, o centro da formação feminina", ... "mas, aquela formação genuína do ânimo que abrange clareza do intelecto e iniciativa além da competência prática, possibilitando uma atitude correta em relação aos valores objetivos e, a partir dessa, conseqüências práticas. A hierarquia objetiva dos valores coloca o sobrenatural acima de todos os valores terrenos... que no centro de toda a formação feminina (e humana em geral) esteja a formação religiosa"¹⁷.

"Sendo a formação humana a tarefa maior e específica da mulher, não deverá faltar na estrutura da formação feminina a antropologia e a teoria da formação humana", ... "as aulas de história e literatura, de biologia, psicologia e pedagogia (de forma simples e adaptada à capacidade de compreensão) podem contribuir para essa finalidade. Mas, a instrução só pode-

16 Ibid. p. 223.

17 Ibid. p. 221.

rá trazer frutos se oferecer a oportunidade de observar e exercitar seus conteúdos na vida prática. As matérias de formação mais formal, como ciências exatas, a matemática e o ensino lingüístico e da gramática, serão necessárias também para treinar a inteligência, mas não se deve oferecer mais do que é possível assimilar, evitando sobrecarregar as alunas e pôr em risco conteúdos objetivamente mais importantes"¹⁸.

"Para destilar o ser feminino purificado e valioso, é indispensável que *todas* as moças recebam uma formação profissional completa". Quanto à opção profissional "me parece melhor não erguer barreiras legais; basta insistir numa educação, formação e orientação vocacional em acordo com a natureza para que se faça uma opção profissional adequada, eliminando elementos impróprios por meio da aplicação de exigências objetivas e rigorosas"¹⁹.

Em princípio, um trabalho educacional completo só pode ser executado por pessoas que receberam elas próprias uma boa formação e preparação para o magistério. Considerando a natureza e a missão da mulher, é necessário, além disso, reconhecer um princípio incontestável: só as mulheres, mulheres completas, são capazes de educar para a verdadeira feminilidade. Por isso é a formação das meninas e moças - tanto sua fundamentação teórica quanto sua realização prática - uma tarefa "especificamente feminina"²⁰.

18 Ibid. p. 242.

19 Ibid. p. 285 e p. 100.

20 Ibid. p. 185.

II. IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS SOBRE A MULHER

FUNDAMENTO HISTÓRICO. - Com o deslocamento do objeto de estudo, do elemento para a estrutura, realiza-se na virada do século uma mudança fundamental na posição da psicologia em relação às análises. Seu interesse se volta à unidade viva das estruturas psíquicas concretas, nas quais se procura demonstrar o sentido contextual e os fatores que produzem a figuração. A interpretação mecanicista da psique dá lugar ao estudo das leis internas que regem as funções mentais. Com isso, a imagem genérica abstrata é substituída por formas concretas da essência: os sexos, as faixas etárias, os estágios da vida, as classes profissionais, etc.

Na época em que Edith Stein, como assessora em problemas da formação feminina, começou a se dedicar ao estudo da psique feminina não existiam pesquisas psicológicas, nem abordagens do ponto de vista religioso em que ela pudesse basear-se. Em diversas passagens de suas obras²¹ ela menciona seus primeiros tateios nesta *terra incógnita*.

Edith Stein está entre os pioneiros em ciências humanas que se aprofundaram nas peculiaridades psíquicas da mulher. Seus ensaios ocupam um lugar permanente na história da psicologia diferencial.

FUNDAMENTO PEDAGÓGICO. - Edith Stein depende em suas atividades docentes de um sistema de ensino completamente intelectualizado e orientado para as necessidades mentais da psique masculina. Quando existem esforços de reconhecimento da conveniência de um ensino feminino baseiam-se no ponto de vista do homem que não visa a peculiaridade da menina ou moça e, sim, a sua adequação ao homem.

21 Veja, p. ex., no presente volume à p. 174.

No centro desses estudos de Edith Stein está o reconhecimento da peculiaridade da mulher e de seu valor próprio. A autora mostra a necessidade fundamental de dar às meninas e moças uma educação apropriada à sua maneira de ser feminina. Daí as suas exigências em relação às escolas femininas:

- educação dos sentimentos em lugar de uma formação unilateralmente intelectual;

- o conteúdo das diversas matérias deve ser escolhido e tratado de tal maneira que promova a concentração da moça na realidade viva e no ser humano concreto.

Passaram-se praticamente 25 anos desde que Edith Stein redigiu suas idéias sobre a educação feminina, posicionando-se corajosamente contra o intelectualismo no ensino médio. Mesmo assim, conservaram seus ensaios o frescor original e toda a sua atualidade, tratando de questões que hoje, mais do que nunca, estão no centro das discussões pedagógicas.

Mesmo que a acuidade de seu raciocínio, o realismo de sua exposição e a nobreza de suas convicções revistam os estudos steinianos sobre a mulher de um elevado valor pedagógico, sua importância plena só se revela sob o ponto de vista religioso. Em suas explicações mais detalhadas quanto à exigência supracitada de uma educação adequada à peculiaridade da mulher, Edith Stein mostra que o elemento religioso é indispensável para a educação dos sentimentos. Ela explica que a educação feminina no sentido de uma feminilidade verdadeira necessita da base religiosa, uma vez que essa necessidade se fundamenta na própria essência da mulher. Com essas reflexões, Edith Stein fornece à escola católica um ideário categórico a favor da motivação objetiva, radicada na natureza do educando, da educação religiosa.

FUNDAMENTOS DA ATUAÇÃO DE EDITH STEIN. - Os estudos sobre a mulher nasceram da atividade docente de Edith Stein: no Instituto de Santa Madalena das Dominicanas em Speyer; no Instituto Alemão de Ciências Pedagógicas, em Münster; na Associação Católica de Professoras e Cientistas.

Elas ocupam um lugar intermediário entre os trabalhos estritamente científicos da autora e suas publicações em estilo popular.

Os ensaios são fruto de anos de prática docente, de um profundo conhecimento da alma humana, de um interesse constante pelos destinos da mulher. Em seu pano de fundo transparece a doutrina steiniana do ser finito e do ser eterno, da estrutura da pessoa humana, dos fundamentos do trabalho de formação e educação.

Eles formam um grupo uniforme de palestras e ensaios cuja elaboração deu a Edith Stein a oportunidade de aplicar, ao mesmo tempo, de maneira genial seus vastos dons e conhecimentos. Neles ouvimos a voz da filósofa, da psicóloga, da educadora, da mulher que procura a Deus e que está repleta de Deus: Edith Stein.

III. AUTENTICIDADE DA EDIÇÃO

O presente volume das obras de Edith Stein inclui oito ensaios completos, reunidos em livro pelos organizadores sob o título *A mulher - Sua missão segundo a natureza e graça*.

A seqüência dos ensaios não obedece a um ordem cronológica e, sim, de conteúdos. Com a leitura na seqüência apresentada, o leitor ganha uma imagem completa da doutrina de Edith Stein sobre a mulher, da atitude da autora na questão feminista, da figura ideal que Edith Stein, enquanto mulher, procura.

Com a inclusão do apelo pedagógico que Edith Stein fez ressoar em 1928 em Ludwigshafen, entre os últimos ensaios, pretende-se mostrar a disposição e maturidade interior da autora no tratamento dos problemas educacionais femininos. Quando Edith Stein, nesta sua estréia como oradora, em grande estilo, surpreendeu sua audiência com seu grande conhecimento especializado e com seus dons geniais de orado-

ra até então desconhecidos, ela já trazia em si como sistema de pensamento amadurecido, a motivação e o objetivo de uma educação e formação especificamente feminina. A palestra de Ludwigshafen oferece uma visão de conjunto de todas as questões tratadas detalhadamente nos ensaios anteriores. De fato, Edith Stein esboçou nessa palestra, consciente ou inconscientemente, o *plano qütnqüenal* de sua colaboração no movimento educacional e feminino católico.

Os manuscritos se compõem de folhas soltas, que puderam ser salvas²² das ruínas do mosteiro de Herkenbosch (Holanda).

Não havia nenhuma relação que pudesse informar sobre o acervo original de manuscritos, e sobre seu conteúdo. A recuperação dos manuscritos, em sua ordem original, ficou garantida pelo estudo do conteúdo das folhas e pela análise comparativa do papel e da escrita.

Os manuscritos encontram-se em poder do *Archivum Carmelitanum Edith Stein*. A publicação dos ensaios reunidos no presente volume baseia-se no teor do texto dos manuscritos.

A revisão de todos os textos manuscritos obedeceu aos seguintes critérios:

O texto foi estruturado de modo claro por meio de títulos e subtítulos uniformes, parágrafos demasiadamente longos foram subdivididos.

Passagens com construções falhas no manuscrito foram corrigidos sem interferência no sentido do texto.

A ortografia, a pontuação e a composição foram uniformizadas de acordo com as regras da ortografia alemã em vigor.²³

22 Veja o volume I das obras de Edith Stein, p. 282, nota 2.

23 Ver *Duden*, 14a. ed., 1954.

Essas correções efetuadas no texto original não são mencionadas individualmente nas observações sobre cada manuscrito.

Em cada ensaio, as observações e explicações quanto à responsabilidade dos textos foram divididas em quatro grupos: informações históricas, propriedade arquivística, primeiras edições, apresentação do texto.

As *informações históricas* contêm todos os dados atualmente disponíveis no Archivum sobre a origem do respectivo ensaio.

Sob o item *propriedade arquivística* são relacionados os manuscritos além de outras anotações autênticas que o Archivum possui em relação ao respectivo ensaio.

Nas informações sobre *primeiras edições*, o leitor encontrará notícias sobre a eventual publicação anterior do ensaio pela própria autora. Outras reimpressões do editor original ou em outras editoras não são mencionadas. Trata-se em todas essas reimpressões e traduções em outras línguas de textos carentes dos fundamentos de autenticidade.

Sob o item *apresentação do texto* estão reunidos todos os comentários acerca da redação do texto presente. São indicados também eventuais divergências entre o texto da primeira impressão e o do manuscrito. A conferência propriamente dita é realizada em forma de notas de rodapé no texto principal.

A ética das profissões femininas

Origem

O ensaio é o texto manuscrito de uma palestra sobre o mesmo tema proferida por Edith Stein na reunião de outono da Associação Acadêmica Católica. A Jornada realizada nos dias 30 de agosto a 3 de setembro de 1930 em Salzburgo tinha como tema central: *Cristo e a vida profissional do homem moderno*.

Propriedade arquivística

1. O manuscrito da palestra com a seguinte folha de rosto:

A ética das profissões femininas
de

Dra. Edith Stein (Speyer a. Rh.)

Introdução: *Ethos, ethos* vocacional, *ethos* das profissões femininas

I. A vocação natural da mulher e o *ethos* correspondente

II. Outras profissões "naturalmente" femininas:

1. Profissões especificamente femininas

2. Formação profissional especificamente feminina

III. A vocação sobrenatural da mulher

1. Forma feminina da vida religiosa

2. Harmonia entre vida religiosa e alma feminina:

ethos da profissão religiosa - *ethos* da profissão religiosa feminina

3. Meios de realização

a) Contraste entre a vida comum da mulher e o ideal

b) Vida eucarística

c) Vida litúrgica

Conclusão: síntese e anexos

Descrição:

Papel: 46 folhas soltas, 21x16,5

Letra: latina, a tinta, texto só no anverso

2. Um esboço do esquema básico de 20.7.1930. Seu conteúdo está de acordo com a folha de rosto supracitada, além de uma nota sobre um outro item que se refere à "vocação natural do homem".²⁴

²⁴ Edith Stein não lançou esse item no papel, mas é provável que tenha falado sobre ele no final da palestra. Cf. abaixo a resenha da palestra por E. Viereisel.

Descrição:

Papel: folha de um caderno de anotações, com texto na frente e no verso, 19x11

Escrita: latina, a tinta e a lápis

3. Uma resenha da palestra no **Jornal *Heidelberger Boten***, de 1º de outubro de 1930. O recorte foi encontrado entre os papéis deixados por Edith Stein. Como os comentários do Dr. Vlereisel constituem um complemento valioso do próprio texto manuscrito, passamos a reproduzir, a seguir, alguns trechos:

“Uma mulher deixou uma impressão indelével nesses cursos da jornada de Salzburg; sua palestra antecedeu por acaso, mas de modo conveniente, as demais explicações sobre o tema, antes que se abordassem as profissões isoladamente. Esta mulher, *Edith Stein*, é uma vizinha nossa; ela leciona no seminário das dominicanas em Speyer para futuras professoras, corrigindo, às vezes, uma centena de redações. Lendo seus trabalhos filosóficos esmerados - p. ex., um tratado sobre a relação entre a filosofia fenomenológica de Husserl, em cuja escola se formou, e a filosofia tomista - ficamos persuadidos que esta mulher realizará algo de verdadeiramente grande pela Alemanha Católica. Desde agora, no entanto, estamos convencidos de que sua atividade atual é importante e frutífera. É maravilhoso, também, que, em breve, possamos receber dela, em dois grandes volumes, a tradução e comentário de um dos tratados fundamentais da Filosofia de Santo Tomás, o Tratado *De Veritate*. Em Salzburgo ela falou sobre a *Ética das profissões femininas*. Com muita inteligência e correção observou no final de suas explicações singelas que prenderam nossas atenções durante uma hora e meia que deveria ter falado também sobre a ética das profissões masculinas. Numa reflexão espirituosa, ela deduziu da verdade formulada por Santo Tomás: *ánima forma corporis* - a alma é o princípio formador do corpo - que em vista de o corpo feminino ser um corpo fe-

minino, a esse corpo feminino deveria corresponder também uma alma feminina, assim como ao corpo masculino, uma alma masculina. Ela descreveu como característica da alma feminina a atenção cognoscitiva e amorosa para o pessoal e o total, uma atitude que é necessária para formar pessoas, que por sua vez pressupõe o conhecimento daquilo que está escondido dentro de cada ser humano, exigindo, portanto, um olhar desimpedido e um amor desinteressado: exatamente essa é a atitude da mulher. Daí a sua vocação de ser 'companheira do homem' e o fato de assumir uma atitude maternal em relação ao marido. Seu dom de empatia possibilita-lhe orientar suas energias também para realidades que estão distantes de sua natureza feminina, desde que essas realidades estejam ligadas à missão da pessoa humana. Cada ser humano sente viva a necessidade da estimulante participação da mulher que é uma das mais elevadas funções da educação. Mas é também dessa predisposição feminina que derivam os famosos maus costumes das mulheres, como, p. ex., uma atitude por demais pessoal, ou a mania de monopolizar as pessoas. A natureza feminina íntegra vive em Maria como esposa e mãe: nunca insiste no direito de propriedade sobre o filho; como esposa ela demonstra uma confiança ilimitada e pratica a submissão obediente, consoante a convicção de que o esposo lhe foi dado por Deus.

Existem outras vocações femininas além da *maternal*? A experiência de todos os séculos nos mostra que ela é capaz de outras realizações. Mas o fato de a mulher ser capaz de qualquer realização ainda não significa que se trata realmente de uma profissão feminina. Existe, de fato, uma série de profissões femininas: as profissões ligadas ao ensino e ao cuidado de pessoas doentes e inválidas. Nas ciências, o lugar da mulher deve ser visto, sobretudo, lá onde o objeto da ciência é a personalidade viva, como por exemplo na história, na literatura, na arte, etc. São *femininas* também todas aquelas profissões voltadas ao serviço do outro. Assim, a mulher aparece como editora, tradutora, coordenadora de traba-

lhos científicos e também como docente em Instituições de ensino superior. Mas, mesmo profissões genuinamente masculinas podem receber o toque feminino; assim existe, por exemplo, no trabalho de escritório a possibilidade de desenvolver virtudes femininas, ou a mulher ajuda o homem, como colega, a suportar esse tipo de profissão. Mais do que o homem, a mulher é capaz de não perder de vista que, por mais objetivo que seja o trabalho, está sempre a serviço da pessoa.

Tudo isso supõe naturalmente um ser feminino purificado que tem como seu modelo a imagem da mãe de Deus nas bodas de Caná: como ela previne o constrangimento iminente antes que seja percebido, como ela pressente a necessidade, como ela intervém sem que seja percebida. Uma mulher desse tipo está presente em toda parte como um espírito benfazejo.

Quanto à profissão sobrenatural, religiosa, não existe propriamente diferença entre a vocação do homem e da mulher, já que a meditação e o louvor solene de Deus estão acima das diferenças naturais. Como se trata de uma renúncia à vontade própria existe até um parentesco íntimo entre o *ethos* da vida religiosa e o *ethos* da vocação feminina. Coube às ordens mais modernas introduzir, com as tarefas práticas, também uma forma especificamente feminina na vida religiosa.

Comumente, a vida da mulher de nossos dias apresenta uma imagem bastante preocupante. Suas causas estão na sobrecarga desmedida de tarefas familiares e profissionais, na tendência da mulher de deixar-se guiar em tudo - do casamento ao divórcio, da educação à profissão - por seus caprichos (uma parte da culpa cabe aos erros de nosso sistema educacional feminino). Finalmente, no fato de a mulher deixar de dar à sua profissão uma conotação feminina, de modo que acaba experimentando uma sensação de vazio e insatisfação mesmo numa profissão escolhida por inclinação.

A palestra de Edith Stein convenceu porque soube manter-se longe da atitude fanática do *movimento feminista* e por-

que a palestrante personificava de forma sensível e visível, em si própria, as suas idéias. A sua maneira de descer os degraus do estrado lembrava aquelas imagens em que os mestres antigos representavam a apresentação da Virgem Maria no templo."

4. As idéias essenciais abordadas nessa palestra e que se encontram freqüentemente em estudos posteriores já se encontram num esboço no caderno de anotações mencionado acima (item 2) com notas sobre a missão da mulher católica. Esse esboço é de 1929.

21.11.29

A missão da mulher católica

Não uma história do movimento feminista e crítica dos erros, e sim, visão da missão cumprida na Virgem, Mãe e Rainha. Profissão religiosa, casamento, atividade pública.

1ª. Imagem: Apresentação de Nossa Senhora

Num tempo de perdição, uma vida de louvor e serviço a Deus, de oração de intercessão, de entrega como sacrifício de petição e expiação.

2ª. Imagem: Belém e Nazaré

Casamento por causa do filho. Obediente ao esposo como cabeça. Filho não como propriedade, e sim, de Deus para Deus.

3ª. Imagem: Maria, a alma da primeira comunidade cristã

Mestra e chefe maternal. Profissões assistenciais: serviço de Cristo para os miseráveis e abatidos. Deputadas, funcionárias em cargos públicos: mães do povo. Em casa, no escritório, levar para toda parte o espírito de Cristo.

Unir tudo em toda parte: a virgindade livremente escolhida, conservada no casamento, querida por Deus e aceita;

mãe em qualquer situação; soberana pelo amor que serve e como noiva do rei; mulheres segundo Coríntios: não institucionalmente representante de Cristo, e sim, escolhida livremente por seu amor (Gertrudes, Teresa, Margarida, Maria, Catarina de Sena, Brígida): *sponsa Christi*.

Descrição:

Papel: folha de anotações de um caderno de anotações com texto frente e verso, 19x11.

Letra: latina, à tinta.

Primeiras edições

1930 em *Der katholische Gedanke*, 1930, cad. 4.

1931 como livrinho na editora Haas & Grabherr, Augsburg.

Forma do texto

O texto da primeira impressão corresponde ao texto do manuscrito.

Na edição atual foram incluídos no corpo do texto os títulos do sumário, conforme o texto da página de rosto supracitada.

VOCAÇÃO DO HOMEM E DA MULHER DE ACORDO COM A ORDEM NATURAL E DA GRAÇA

Origem

Uma nota de rodapé que acompanha o ensaio *A vida cristã da mulher*²⁵ explica que este estudo se deve às pesquisas da autora em torno de uma formação feminina cristã.

25 Cf. no presente volume, p. 119.

O manuscrito traz na folha de rosto o nome da autora, mas não é datado.

A partir da letra e do papel do manuscrito, bem como das referências bibliográficas, pode se concluir com certeza que o ensaio foi redigido em 1931.

Propriedade arquivística

1. O manuscrito do estudo.

Descrição:

Papel: 90 folhas soltas, 21x16,5

O verso das folhas traz uma cópia escrita a máquina dos seguintes trabalhos de Edith Stein: *Um estudo sobre o Estado* e *Os estudos de S. Tomás de Aquino sobre a verdade*.

Letra: latina, à tinta, texto só no anverso das folhas.

2. Um caderno de anotações com o título: A.T. Vocação de homem e mulher.

Descrição:

Papel: 28 folhas de um caderno de anotações com texto frente e verso, 12X6.

Letra: latina, a lápis.

As anotações contêm, além de excertos do Antigo Testamento, um esboço de reflexão sobre a receptividade especial da natureza feminina em relação ao bem moral e ao divino, de modo que deve caber à mulher a missão de cuidar da educação e formação moral e religiosa.

Edith Stein aproveita esse texto literalmente na preparação do manuscrito²⁶.

26 Ibid. p. 95.

Primeira edição

Em janeiro de 1932 na revista *Die christliche Frau*, Colônia.

Forma do texto

O texto da primeira impressão corresponde ao texto do manuscrito.

Quanto ao título do manuscrito: o manuscrito encontra-se dentro de uma folha dupla sobrescrita pela mão de Edith Stein com o título: *Vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e da graça* (a tinta); Dra. Edith Stein (a lápis). A primeira página do manuscrito traz o seguinte cabeçalho riscado: *Vocação masculina e feminina e seus efeitos sobre a vida profissional* (a tinta). Como esse sobrescrito foi riscado claramente pela própria Edith Stein, usa-se no texto principal apenas o título da folha de capa.

A VIDA CRISTÃ DA MULHER

Origem

O esboço desse estudo baseia-se num ciclo de quatro palestras proferidas por Edith Stein em janeiro de 1932 na Organização Feminina Católica, em Zurique.

Propriedade arquivística

1. O manuscrito do estudo com a seguinte folha de rosto:

A vida cristã da mulher

4 conferências

proferidas para a Organização Feminina Católica em

Zurique

em Janeiro de 1932

por.

Dra. Edith Stein

Descrição:

Papel: 104 folhas soltas, 15x21.

Letra: latina, à tinta, texto só no anverso.

2. Anotações e excertos de bibliografia pertinente, p. ex.:
Hedwig Conrad-Martius, *L'existence, la substantialité et l'âme*, 1932-1933 (Recherches Philosophiques)
Rudolf Peil, *Konkrete Mädchenpädagogik*, 1932
Rudolf Allers, *Zur Charakterologie der Geschlechter*, 1930

Descrição:

Papel: a) Folhas de um caderno de anotações com texto frente e verso, 17X10, com o sobrescrito: *Educação das moças*;

b) Anotações soltas: em pedaços de papel, no verso de cartas ou em folhas de cadernos escolares.

Letra: latina, à tinta ou a lápis.

Primeira edição

Anotações e marcas a lápis feitas por outra pessoa bem como impressões digitais na margem e no verso das folhas indicam que o manuscrito de Edith Stein serviu de original para a composição do texto.

Não existem outras informações nem a respeito da preparação para a impressão nem dos motivos de sua não-publicação.²⁷

27 Um estudo comparativo da marcação do linotipista, etc. faz supor que o manuscrito deveria ser publicado em *Stimmen der Zeit*.

Forma do texto

O texto reproduz fielmente o manuscrito de Edith Stein. Eliminações e alterações previstas para a composição - veja as marcas a lápis - não foram tomadas em consideração.

AS BASES DA FORMAÇÃO FEMININA

Origem

O ensaio é a elaboração por escrito de um tema tratado por Edith Stein numa palestra diante da comissão de formação da Associação das Mulheres Católicas Alemãs, em Bendorf am Rheln, em 8 de novembro de 1930.

As exposições complementares à palestra serviram de manuscrito para a carta mensal *Caminhos ao silêncio interior* que Edith Stein redigiu para a *Sociedade Religiosa*, uma associação de mulheres profissionalmente ativas que viviam segundo uma regra.

Propriedade arquivística

1. O manuscrito do ensaio. A primeira página traz o sobrescrito: *Formação feminina*, com um acréscimo na letra de Edith Stein: *As bases da formação feminina*. A parte final do manuscrito se encontra na página interna de uma folha dupla que serve simultaneamente de capa para as outras folhas do manuscrito. Na página de rosto dessa capa, outra pessoa anotou a lápis:

Stimmen der Zeit. Artigo do número de março de 1931.

*As bases da
formação feminina*

Prova tipográfica (3 vias) com o MS encaminhada à Srta. Dra. Edith Stein, Speyer, Santa Madalena.

1 via para nós.

Descrição:

Papel: 41 folhas soltas e uma folha dupla, 21x16,5

Letra: latina, à tinta, texto só no averso.

2. Separata do ensaio publicado em *Stimmen der Zeit*, revista mensal para a vida cultural do presente, março de 1931, número 6, Herder, Freiburg i. Br.

Descrição: meia folha de impressão grampeada, 26x17,5, paginação: 413-424.

3. Anotações complementares para a palestra, com data de 12 de janeiro de 1932, S. Lioba.

Descrição:

Papel: 10 folhas soltas, 15x21

Letra: latina, a tinta, texto só no averso.

4. Uma folha solta de anotações com o seguinte esboço de raciocínio:

Formação feminina

16.09

I. Que tipo de formação exigem a natureza e a missão da mulher?

II. Quais as exigências de nosso tempo:

1. no interesse da mulher individualmente;

2. no interesse da vida pública?

III. Qual o caminho a ser seguido na prática?

I. *Preparação para a missão maternal*: treinar tudo na prática, não no laboratório, mas em tarefas concretas:

Fundamentos de saúde

Conhecimento da juventude
Ciências econômicas
Vida política e social
Formação ética e religiosa

II. *Escola experimental ou modelar*²⁸: para todas as faixas etárias, segundo o princípio de Montessori. Possibilidade de passagem para todo o tipo de escola profissional por meio de cursos de adaptação.

27.10

Formação, dotes naturais da mulher, currículo exigido por eles:

Economia doméstica
Higiene
Formação da alma:
 Psicologia
 Treinamento das forças
 Visão do Reino de Deus
 Formação religiosa

Descrição:

Papel: 1 folha solta, 13x8

Letra: latina, a lápis, texto frente e verso

Primeiras edições

1931 Ensaio: em *Stimmen der Zeit*, 1931, número 6.

1932 Exposições complementares: na revista mensal da *Societas Religiosa*, Movimento Feminino Católico, Zurique, fevereiro de 1932.

28 Nas anotações falta o item II.

Forma do texto:

O texto da separata corresponde ao esboço do manuscrito.

A epístola mensal tem pequenas cortes e alterações de formulação. O texto da presente edição corresponde ao texto do manuscrito. As alterações da epístola mensal não foram levadas em consideração.

PROBLEMAS DA FORMAÇÃO FEMININA

Origem

Quando Edith Stein recebeu o convite de lecionar no Instituto Alemão de Ciências Pedagógicas (semestre de verão de 1932), confiaram-lhe a tarefa de tratar do problema da formação feminina. O presente estudo resulta do manuscrito dessa preleção, revisto posteriormente pela autora para a sua publicação. As anotações de Edith Stein mostram que o tema da preleção foi: *Problemas da formação recente das moças*.

Propriedade arquivística

1. O manuscrito do estudo contém:

Capítulo I: folha de capa, fragmento do texto (p. 1-2, p. 32-76), sumário com numeração de páginas do manuscrito.

Capítulo II: folha de capa, texto completo (p. 1-70), sumário com numeração de páginas.

Capítulo III: folha de capa, texto completo (p. 1-50), sumário com numeração de páginas.

Capítulo IV: folha de capa, texto completo (p. 1-47), falta sumário.

Capítulo V: folha de capa, texto completo (p. 1-48),
sumário com numeração de páginas.

Capítulo VI: folha de capa vazia.

Descrição:

Papel: 250 folhas soltas, 6 folhas duplas, 21x16,5;

4 pedaços de papel (sumários), mais ou menos
16,5x10,5

Letra: latina, à tinta, texto do manuscrito só no anverso,
pedaços de papel com texto frente e verso.

2. Uma cópia a máquina do segundo capítulo, com correções, à mão, da autora.

Descrição:

Papel: 20 folhas soltas em 4º

Letra: à máquina e latina (a tinta), texto só no anverso.

3. Separatas dos capítulos 1, 2 e 3 da revista *Benediktinische Monatschrift (zur Pflege des religiösen und geistigen Lebens)*, XIV, 1932, números 9-10 e 11-12; XV, números 1-2 e 3-4.

Descrição: folha de impressão dobrada e grampeada,
22,5x15,5

Primeiras edições

1932 em *Benediktinische Monatschrift*, XIV, números 9-10 e 11-12, capítulo I

1933 *ibid.*, XV, números 1-2 e 3-4, capítulos II e III

Observação: Os capítulos IV e V continuaram inéditos.
Capítulo VI: ver o ensaio seguinte: *A missão da mulher de conduzir a juventude à Igreja.*

Forma do texto

O texto desse estudo existe em três versões: o manuscrito original da preleção sem e com as emendas posteriores visando a sua publicação; o texto publicado na *Benediktinische Monatschrift*.

A edição presente baseia-se no manuscrito original revisado para publicação. As notas de rodapé (*) indicam as variantes em relação ao texto da preleção e ao texto impresso. Correções posteriores de expressões e da subdivisão não são mencionadas. A numeração dos capítulos obedece às indicações originais nas folhas de capa e sumários.

A MISSÃO DA MULHER DE CONDUZIR A JUVENTUDE À IGREJA

Origem

Em 1931, Edith Stein deu uma palestra em Augsburg sobre o tema: *A missão da mulher de conduzir a juventude à Igreja*. As folhas presentes constituem o manuscrito da palestra, conforme se pode depreender do sobrescrito. Faltam outros detalhes históricos.

Ao mesmo tempo, existe a seguinte relação entre essas folhas e o capítulo 6 do estudo *Problemas da formação feminina*:

Como foi mencionado acima, a reconstituição do estudo *Problemas da formação feminina* foi encontrada numa folha de capa que indica a intenção de acrescentar-lhe um 6º capítulo sob o título *Inserção da mulher no Corpo Místico de Cristo*. As folhas da palestra de Augsburg correspondem às folhas faltantes do capítulo 6. Com exceção de variantes pequenas, o texto é idêntico à publicação do capítulo 6 sob o mesmo título na *Benediktinische Monatschrift*.

Será que a autora retirou as folhas do manuscrito da preleção para a palestra em Augsburg? Ou será que refundi a palestra de Augsburg no estudo sobre os problemas da formação feminina? O papel e a letra sugerem que as folhas provinham do manuscrito da preleção levando o título original da palestra de Augsburg.

Propriedade arquivística

1. O manuscrito do estudo com o seguinte título na primeira página:

*A missão da mulher de conduzir
a juventude à Igreja*

Descrição:

Papel: 50 folhas soltas, 21x16,5

Letra: latina, à tinta, texto só no averso

2. Publicação na *Benediktinische Monatschrift (zur Pflege religiösen und geistigen Lebens)*, XV, 1933, número 11-12.

Descrição: folha de impressão dobrada e grampeada, 22,5x15,5, paginação: p. 412-425.

Primeira edição

1933 em *Benediktinische Monatschrift*, XV, número 11-12.

Forma do texto

A edição presente baseia-se no texto do manuscrito. Variantes em relação ao texto impresso são indicados por meio de notas de rodapé (*).

O VALOR DA FEMINILIDADE PARA A VIDA DO POVO

Origem

As folhas do manuscrito contêm o esboço do texto de uma conferência introdutória proferida por Edith Stein a pedido da diretoria da Associação das Professoras Católicas da Baviera na 15ª. Assembléia Geral em Ludwigshafen am Rhein, em 12 de abril de 1928.

Propriedade arquivística

1. O manuscrito da palestra com o título:

*O valor da femniltidade
para a vida do povo*

Palestra proferida na 15ª. Assembléia Geral da
Associação das Professoras Católicas da Baviera
em Ludwigshafen am Rhein
em 12.04.1928

por

Dra. Edith Stein (Speyer)

Descrição:

Papel: 10 folhas soltas, 33x21

Letra: latina, a tinta, texto só no anverso

2. O sílabo da palestra com o mesmo título. Além de fornecer uma visão geral do roteiro da conferência, permite entrever também a versatilidade mental da autora, ora como pensadora, ora como oradora; por isso reproduzimos a seguir o sílabo de forma integral.

*O valor da feminiltidade
para a vida do povò
da*

Dra. Edith Stein

Nos *primórdios do movimento feminista* esse tema dificilmente poderia ser concebido. Naquele tempo a luta girava em torno da "emancipação", isto é, visava-se essencialmente um objetivo *individualista*: o de permitir às mulheres a manifestação livre de sua personalidade pelo acesso a todos os níveis de formação e a todas as profissões. No intuito de refutar a objeção dos adversários de que a mulher não serve para o exercício das profissões "masculinas", chegou-se à aberração de negar simplesmente toda e qualquer *peculiaridade*; nesse caso não haveria nem *valor peculiar*. A conquista dos direitos exigidos resolveu também esse exagero. Além disso, a luta foi transferida para o chão das realidades, já que dispomos hoje de anos de experiência nos mais diversos ramos profissionais. Assim podemos dizer que a situação atual tem as seguintes características:

1. aceita-se naturalmente e sem contestação o fato da *peculiaridade da mulher*;

2. existe a convicção de que essa peculiaridade inclui um *valor peculiar*;

3. em consonância com a *atitude social* predominante em nosso tempo há um esforço de *tornar proveitoso esse valor peculiar a serviço da comunidade*.

I

O valor peculiar deve ser procurado no contexto da peculiaridade. Só quem estava fechando seus olhos às evidências mais simples da experiência podia negar essa peculiaridade. E muitas mulheres que tinham essa tendência viram seus olhos sendo abertos, talvez de maneira dolorosa, ao abraçar uma das profissões tradicionalmente *masculinas* que as obrigava a aceitar formas de trabalho e de vida que não correspondiam à sua maneira de ser. Se o seu *ser* era suficientemente forte, talvez até conseguissem transformar a profissão *masculina* em profissão *feminina*. Tomando como ponto de partida as diferenças entre os sexos que a experiência nos ensinou e que são também as realçadas pela psicologia diferencial, podemos destacar, sobretudo, duas características da maneira de ser feminina em relação a seu valor peculiar:

1. a *preferência pelo aspecto pessoal e vivo* em oposição ao objetivo;

2. o *direcionamento à totalidade e abrangência* em oposição à especialização unilateral;

Em ambas devemos distinguir um objetivo duplo: projeção da *própria* personalidade e interesse preferencial por tudo o que é pessoal *fora de si*, no mundo.

Igualmente: o desejo de empenhar-se a si própria como um todo e de formar-se como um todo e de ver também os outros como um todo e de formar neles um todo.

Em ambos residem perigos: falta de objetividade, personalidade exacerbada, superficialidade. Só depois que estas forem superadas (os meios devem ser discutidos à parte) poderá desenvolver-se o valor peculiar.

II

Esse valor peculiar consiste no dom preferencial de

1. *tornar-se um ser humano inteiro*, isto é, um ser humano em que todas as forças estão desenvolvidas e ordenadas de acordo com a sua importância;

2. *formar seres humanos inteiros*;

3. *fazer jus ao homem inteiro* em todos os contatos com as pessoas.

Nesse valor peculiar da mulher, desde que ele seja devidamente desenvolvido e manifestado, encontra-se o *remédio* para certas *doenças da cultura moderna*: a subordinação da pessoa às coisas, desenvolvimento unilateral de algumas capacidades pessoais, fragmentação do ser interior.

III

O valor peculiar da mulher pode tornar-se fecundo *para a vida do povo* por meio de sua atuação *em casa, na vida profissional e na vida pública*:

1. Formando como *mãe* ou *educadora* profissional pessoas integrais, fornece ao povo aquilo que este mais necessita. Cada uma dessas pessoas é uma célula de uma nova vida vigorosa no organismo coletivo, munido de defesas naturais contra as toxinas desagregadoras que penetraram nesse organismo.

2. E experiência dos últimos anos mostrou que, ao lado dessas profissões que sempre foram consideradas as verdadeiramente femininas, existem outras que requerem a maneira peculiar de ser da mulher, uma vez que, no centro de suas atenções, se encontra o *ser humano integral*: é esse o caso da *profissão de médica* em que a maneira especificamente feminina se opõe aos lados negativos da especialização, indo ao encontro da necessidade do paciente de sentir empatia humana e de um diagnóstico e de uma terapia que se debruçam sobre o organismo inteiro, físico e psíquico. Existe também toda uma série de *profissões sociais* que procuram resolver as dificuldades humanas e que, para isso, exigem uma visão integral do ser humano no contexto de suas condições de vida. Finalmente, é possível também que a mulher neutralize com a sua participação na vida pública - seja como deputada nos órgãos legislativos, seja como funcionária em órgãos públicos - um procedimento por demais abstrato na legislação e no governo.

3. Em qualquer *ambiente da vida* em que a mulher se encontra, independentemente de seu trabalho profissional, ela é capaz de atuar visando o ser humano completo: todas as profissões a põem em contato com seres humanos dando-lhe a oportunidade de influenciá-los por meio de seu exemplo e a sua empatia.

Para que possa exercer esse papel benfazejo é necessário antes que a sua *peculiaridade* feminina se transforme em *valor peculiar*, que ela própria seja um ser humano completo, uma personalidade madura e acabada. Para livrá-la de traços *demastadamente femininos*, da atenção presa

na própria pessoa, da entrega equivocada a outros e do conseqüente turvamento do juízo, apresenta-se em primeiro lugar o remédio de um trabalho objetivo com uma boa formação e atividade profissional. Mas isso só não basta. Existe o risco da assimilação de uma maneira de ser *demasiadamente masculina*, com sua objetividade abstrata e a supressão da tendência à integralidade. Para ganhar uma visão imparcial da relação correta entre valores pessoais e objetivos e uma perspectiva clara do modo de ser da pessoa e de suas possibilidades de desenvolvimento em si e nos outros, faz-se necessária uma liberdade de si e dos outros que é impossível de ser conseguido pelas vias naturais do conhecimento e da vontade. Para que as forças humanas se ajustem à ordem devida, é necessário que sejam atraídas por um ímã que os põe na posição adequada com a sua força. Esse ímã só pode ser o bem supremo que é a medida de todos os valores objetivos e pessoais.

O conhecimento do Deus que se fez homem dá-nos a imagem de um ser humano acima de qualquer viés unilateralmente humano, e nessa imagem podemos medir objetivamente o nosso próprio modo de ser e o dos outros. O amor a ele nos torna livres de qualquer tipo de entrega equivocada que possa encaminhar o conhecimento e a vontade na direção errada. Assim, só é possível chegar à atitude certa diante do ser humano por meio do conhecimento e do amor de Deus que nos apresenta a peculiaridade da mulher de forma purificada como valor peculiar. Mas só podemos chegar ao conhecimento e ao amor de Deus pelo relacionamento constante e familiar com ele, e a maneira mais segura de conseguir isso é uma vida eucarística. A mulher que cumpre da maneira mais pura a sua vocação *feminina* é aquela que leva Cristo para todo lugar e que desperta em todo lugar o amor a Cristo. Desta forma, o *valor peculiar* da mulher consiste fundamentalmente na libertação da *maneira de ser peculiar* para dar lugar ao ser divino e à sua atuação.

Descrição:

Papel: 5 folhas soltas. 33x21

Letra: à máquina (cópia) com correções a lápis pela mão de Edith Stein.

3. Um exemplar da revista : K. b. J. L., número para a juventude, número 5, 1º de julho de 1928, em que a palestra foi publicada.

Descrição:

2 folhas duplas (meia folha de impressão), 32x24,5

Primeira edição

1928 em K. b. J. L. , número para a juventude, número 5, 1º de julho de 1928

Forma do texto

O conteúdo da primeira impressão corresponde ao manuscrito.

A edição presente baseia-se no texto do manuscrito.

O PAPEL DAS MULHERES CATÓLICAS DE FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA DA SUÍÇA

Origem

Em janeiro de 1932, Edith Stein deu uma série de palestras na Suíça. No caso do manuscrito presente trata-se com muita probabilidade do esboço para a palestra dada em Zurique.

Propriedade arquivística

1. O rascunho da palestra traz o sobrescrito: O papel das mulheres católicas de formação universitária da Suíça.

O manuscrito não tem data nem consta nele o nome da autora.

Descrição:

Papel: 9 folhas soltas, 27,5x21,5

Letra: à máquina (cópia)

2. Um esboço sem data com o sobrescrito: *Missão da mulher católica de formação universitária*. A assinatura, Dra. Edith Stein, Münster i. W., bem como o papel e a letra permitem a conclusão de que esse esboço tem ligação com a viagem de palestras à Suíça.

Texto do manuscrito:

Missão da mulher católica de formação universitária

Os estudos superiores da mulher voltaram a ser um problema, mais do que nos teria parecido possível há poucos anos. Contesta-se esse direito com os argumentos antigos que conhecemos desde os primórdios do movimento feminista, e atrás dos ataques, aparecem-se fortes grupos de poder. A sua base ideal, isto é, o idealismo alemão e o liberalismo, que emprestaram aos primórdios do movimento feminista tanta pujança, desmoronou. Assim, ela já não resiste às investidas de novas ideologias, à maneira do que acontece também na vida política.

O movimento das mulheres católicas não brotou desse chão. Um dos primeiros a posicionar-se publicamente frente às questões feministas foi, há 30 anos, Josef *Mausbach* afirmando: Podíamos chegar mais tarde, porque tínhamos estado mais cedo. E assim nós podemos afirmar também: Nós ficamos, mesmo que ninguém mais fique na arena. O chão de baixo de nossos pés não pode tremer porque estamos sobre uma rocha. A estrela que nos guia não é um ideal humano e

feminino qualquer. Trata-se de um ideal constituído, antes dos tempos, para todos os tempos. Deus criou a mulher para que ela estivesse ao lado do homem, acima de todas as demais criaturas, para ser seu auxílio adequado ligado a ele numa união de vida duradoura e indissolúvel; ele os incumbiu - de modo especial a mulher - de procriar e educar os filhos: não só para que tivessem força e saúde e vitalidade, mas para que fossem cidadãos do reino de Deus. Ele fez do vínculo matrimonial o instrumento de santificação dos esposos.

O *sentido triplo do matrimônio* que a Igreja expressa nas palavras *fides, proles, sacramentum* precisa ser resguardado hoje contra a investida das opiniões de massa que acabaram derrubando a moral burguesa. Que ele seja resguardado é uma questão vital para o nosso povo e para toda a humanidade. Não existe outra base teórica para resguardá-lo do que a doutrina católica. Para que possa ser resguardado é necessário que existam mulheres que o compreenderam em toda a sua profundidade e que orientam a sua vida por ele; mulheres preparadas para resistir à investida das idéias da época e para apoiar suas irmãs. Essa é a grande missão da educadora, da médica, da assistente social católica.

Não há conceito de matrimônio mais elevado e mais santo que o da nossa Igreja. Mas esta conhece algo maior. A mulher que nos foi dada como arquétipo da maternidade em todos os tempos tinha decidido, contra toda a tradição de seu povo, que não pertenceria a nenhum homem, colocando todo o seu ser a serviço do Senhor. Assim, ela se transformou no arquétipo da *virgindade dedicada a Deus*, no arquétipo da *sponsa Christi*. Estar unido a Deus numa união de vida permanente - eis a mais elevada forma de vida a que alguém pode ser chamado. É esta a vocação de cada alma humana, a vocação da Igreja. Mas em ninguém ela se encarna mais do que na mulher que dedica a sua vida inteira a Deus.

Não estamos pensando apenas nas religiosas. No mundo de hoje há muitas mulheres cujo destino é viverem sozinhas. Se tiverem abraçado a vida profissional apenas por força das cir-

cunståncias que as obrigam a ganhar o seu pão ou porque não têm ideal maior que lhes preenchesse a vida, a vida profissional se lhes converterá, aos poucos, numa luta desgastante que as destruirá psiquicamente. Se elas, ao contrário, enxergarem nas circunstâncias externas o chamado divino que lhes pede que dediquem todas as suas forças a ele, e se elas seguirem esse chamado, então a sua vida se transformará numa vida feminina plena e fecunda: numa vida de amor, numa atuação em que forças desabrocharão, numa maternidade espiritual, porque o amor da noiva de Deus abrange todos os filhos de Deus.

Esse é o segundo ideal que devemos conservar. Novamente são necessárias mulheres que, imbuídas desse ideal a partir das profundezas da doutrina da fé e do conhecimento da vida da fé de todos os tempos, orientem a sua vida segundo esse ideal e formem a juventude para que seja uma geração feliz na fé e forte no espírito que esteja preparada para ambas as opções igualmente: para o matrimônio no sentido mais elevado e puro e para a virgindade dedicada a Deus segundo o exemplo e sob a direção da Virgem-Mãe.

Dra. Edith Stein (Münster i. W.)

• Descrição:

Papel: 6 folhas soltas, 21,5x17

Letra: latina, à tinta, texto só no averso das folhas.

~ Primeira edição

Ambos os manuscritos são inéditos.

Forma do texto

Reproduziu-se literalmente o texto do manuscrito de Edith Stein.

Dr. L. Gelber

A MULHER

Sua missão segundo a natureza e a graça



1

O *ETHOS* DAS PROFISSÕES FEMININAS

*Introdução: Ethos, ethos vocacional,
ethos das profissões femininas*

Na acepção do termo, *ethos* exprime algo duradouro que regula os atos do ser humano, não se trata de uma lei imposta de fora ou de cima, antes, é algo que atua dentro do ser humano, uma *forma interna*, uma *atitude de alma* constante, aquilo que a escolástica chama de *hábito*. Tais atitudes constantes da alma conferem à variedade de comportamentos uma determinada marca homogênea, e é através dessa marca que eles se manifestam externamente. Existem *hábitos inatos*, p. ex. os temperamentos, disposições básicas naturais da alma como a alegria ou a melancolia; há outros que são adquiridos a partir de inclinações naturais, contando-se entre esses todas as aptidões e virtudes naturais; finalmente existem os hábitos infusos: as virtudes divinas e tudo aquilo que constitui a santidade do ser humano. Assim como podem ser adquiridos podem também ser perdidos; não são parte imutável da alma podendo ser mudados com facilidade.

Quando a idéia genérica do hábito torna-se específica, sob o ponto de vista do *valor*, temos o *Ethos*. Falando em *Ethos*

pensamos num hábito ou numa maioria de hábitos de valor positivo que correspondem a exigências ou leis objetivas.

Por *Ethos profissional* entendemos a atitude constante da alma ou a totalidade de *hábitos* que se destacam na vida profissional de uma pessoa como princípio formador interior. Só podemos falar em *Ethos profissional* na medida em que a vida profissional revela realmente uma determinada marca homogênea que não seja apenas imposta de fora - pelas leis intrínsecas do próprio trabalho ou por normas externas -, mas que brote visivelmente de dentro da pessoa. A fidelidade no cumprimento do dever e a conscienciosidade são atitudes desse tipo que podem vir a ser decisivos para o *Ethos* profissional. Outro elemento essencial é o posicionamento frente à própria profissão. Quem vê seu trabalho, apenas como fonte de renda ou passatempo, agirá de forma diversa daquele que entende o trabalho como *profissão* abraçada por vocação. Só podemos falar em *Ethos* profissional quando se trata desse último caso.

Por fim, toda profissão tem seu *Ethos* específico exigido por sua própria razão de ser (a solicitude da enfermeira, a prudência e determinação do empresário, etc.). Ele pode estar presente no ser humano por natureza (nesse caso, existe uma predisposição natural para determinada profissão) ou pode ser despertado aos poucos pela execução frequente das atividades e dos comportamentos correlatos; nesse caso começa a determinar o comportamento de dentro da pessoa, sem que seja necessária a regulamentação externa.

O fato de terem me convidado para falar sobre *Ethos das profissões femininas* já indica a suposição de que existem atitudes constantes da alma feminina que, de dentro para fora, dão forma à sua vida profissional; além disso supõe-se que a maneira peculiar de ser da mulher inclui sua vocação para exercer determinadas tarefas. Passemos então a analisar essas duas hipóteses.

I. VOCAÇÃO NATURAL DA MULHER E O *ETHOS* CORRESPONDENTE

Pode se falar de uma profissão específica da mulher ou até de uma pluralidade de profissões femininas? As líderes radicais do início do movimento feminista contestaram a primeira tese reclamando para a mulher o acesso a todas as profissões. Seus adversários rejeitaram a segunda alternativa admitindo apenas *uma* profissão feminina, a *profissão natural da mulher*. O tema exige portanto que se discutam ambas as posições. Começamos com a pergunta: existe uma profissão natural da mulher e qual a atitude psíquica que ela exige?

Só quem estiver ofuscado pela paixão da luta poderá negar o fato óbvio de que o corpo e a alma da mulher foram formados para uma finalidade específica. A palavra clara e incontestável da Escritura expressa aquilo que nos está ensinando a experiência diária, desde o início do mundo: a mulher é destinada a ser a companheira do homem e a mãe dos seres humanos. Para isso está preparado seu corpo, é a isso que corresponde igualmente sua *peculiaridade psíquica*. A existência dessa peculiaridade psíquica é, outra vez, um fato evidente da experiência; mas, é também uma conclusão que se tira do princípio *tomístico* da *anima forma corporis*. Onde as forças são tão diferentes, deve haver também um tipo de alma diferente, apesar da natureza humana comum. Vamos esboçar brevemente a atitude típica da alma feminina que, no fundo, nos é a todos familiar. A atitude da mulher tem em vista o *peçoal-vivente* e visa o *todo*. Cuidar, velar, conservar, alimentar e promover o crescimento: esse é seu desejo natural, genuinamente maternal. O inanimado, a *coisa* lhe interessa, precipuamente, na medida em que está a serviço do pessoal-vivente; menos em si mesma. Um outro aspecto está ligado a esse: por natureza, ela é avessa a *abstrações em qualquer sentido*. O pessoal-vivente, objeto de suas preocupações, é um todo concreto e requer os cuidados e

incentivos como um todo, não como parte que prejudique outras ou os outros: não o espírito às custas do corpo ou vice-versa, nem uma capacidade física às custas das outras. Ela não suporta isso nem em si nem nos outros. E a essa atitude prática corresponde a teórica: seu modo de conhecimento natural não é tanto o dissecador-conceitual e sim o caminho do concreto, observador, sensitivo. Essa disposição habilita a mulher à função de assistente e educadora de seus próprios filhos; mas essa sua atitude básica não vale só para elas, assim ela se dirige também ao homem e a todos os seres que entram em contato com ela.

A essa predisposição maternal se junta a de *companheira*. Seu dom e sua felicidade consiste em dividir a vida com outra pessoa, participando de *tudo* que lhe diz respeito, das menores e das maiores coisas, das alegrias e dos sofrimentos, mas igualmente dos trabalhos e dos problemas. O homem se preocupa com o "assunto dele", esperando dos outros Interesse e disponibilidade; normalmente fica-lhe difícil adaptar-se a outras pessoas e aos problemas deles. Para a mulher, no entanto, essa é uma atitude natural. Com sensibilidade e compreensão, consegue aprofundar-se em temas que, de per si, lhe são estranhos e com os quais nunca se preocuparia se não fosse um interesse pessoal que a pusesse em contato com eles. Esse dom está intimamente ligado à sua predisposição maternal. A participação viva desperta as forças e aumenta a capacidade daquele que a experimenta. Assim ela tem uma função auxiliadora e educativa, genuinamente maternal, de que necessita ainda e especialmente a pessoa *amadurecida*, e ela se aplicará também em relação aos próprios filhos substituindo as funções mais ordinárias na medida em que esses vão crescendo.

A participação da vida do marido leva conseqüentemente à *subordinação na obediência*, conforme ordenada pela palavra de Deus. Seguindo sua natureza, o homem serve diretamente à sua causa; a mulher a serve por amor a ele, e assim é adequado que ela o faça sob a orientação dele. Que esse de-

ver de obediência se estenda também aos domínios diretamente subordinados à mulher, como afazeres domésticos e educação, decorre provavelmente menos do caráter feminino e, sim, da *vocação natural do homem* de ser a cabeça e o protetor da mulher. À ordem natural corresponde igualmente a tendência natural da mulher à obediência e ao serviço: "Obediente, minha alma se sentiu sempre mais livre."

Essa descrição da natureza feminina não inclui, a princípio, nenhum juízo de valores. É óbvio que ela contenha, em seu desdobramento puro, um elevado *valor vital*. Mas, tanto em relação a esse quanto ao *valor ético* a ser considerado de modo especial, importa que a natureza feminina se desdobre de maneira pura; mas essa condição não é absolutamente evidente, até podemos afirmar que ela só existe dentro de circunstâncias muito especiais. Pelo pecado original, toda a natureza humana, incluindo portanto a constituição feminina, sofre de uma mácula que inibe o desenvolvimento puro levando a uma deformação característica, se não for contrariada. A *inclinação pessoal* costuma manifestar-se numa hipertrofia insana: de um lado existe a tendência de ocupar a si mesmo e os outros de modo demasiado com a própria pessoa na forma de vaidade, do desejo de ser alvo de elogios e reconhecimento, da necessidade de comunicação; por outro lado manifesta-se num interesse exagerado pelos outros na forma de curiosidade, de bisbilhotice, de insinuação indiscreta na vida íntima dos outros. A *inclinação à totalidade* leva facilmente à dispersão das forças, à aversão à disciplina objetivamente necessária de cada uma das predisposições, a tentativas superficiais em todas as áreas; e no relacionamento com os outros há uma tendência de tomar conta de suas vidas muito mais do que seria de esperar em virtude das funções maternas. A companheira participante se transforma em perturbadora que não admite o amadurecimento tranquilo e discreto; com isso, em vez de promover o desenvolvimento, o inibe e paralisa; a alegria de servir é substituída pela vontade de dominar. Quantos casamentos infelizes,

quantos estremecimentos entre mães e filhos adultos ou mesmo adolescentes se devem a esse tipo de desvio.

Se procuramos, ao contrário, a imagem do desenvolvimento puro da própria personalidade, da esposa e mãe, de acordo com sua vocação natural, devemos olhar para a *Imaculada*. No centro de sua vida está o filho. Ela o aguarda numa feliz expectativa, vela sobre sua infância, segue-o em seus caminhos, ora de perto ora a distância, de acordo com o desejo dele; segura em seus braços o filho morto; executa o legado após a sua partida. E em tudo isso ela realiza *sua* causa sendo a serva do Senhor, cumprindo a missão que Deus lhe confiou. Por isso, não considera o filho como propriedade sua: foi das mãos de Deus que o recebeu e é em suas mãos que o devolve acompanhando-o à morte na cruz. Vejamos a mãe de Deus no seu papel de esposa: confiança tranqüila, sem limites, que conta com uma confiança ilimitada; obediência silenciosa; apoio fiel, inquestionável, no sofrimento; tudo isso em subordinação à vontade de Deus que lhe confiou o marido como protetor humano e cabeça visível:

A imagem da mãe de Deus nos revela a atitude fundamental da alma que corresponde à vocação natural da mulher: obediência para com o marido, confiança e participação da vida dele colaborando com suas tarefas objetivas e com o desenvolvimento de sua personalidade; em relação ao filho: vigilância confiante, incentivo e promoção dos dons que Deus lhe deu; em relação a ambos: entrega desinteressada e afastamento discreto quando sua presença é dispensável. Tudo isso fundamentado na convicção de que o casamento e a maternidade constituem uma vocação que vem de Deus e que deve ser exercida por obediência a Deus e sob a orientação divina.

Como é que a mulher consegue galgar as alturas deste *Ethos* em pensamentos e ações, já que impulsos poderosos da natureza caída se opõem procurando desviá-la em outras direções? Um remédio bom é natural contra todas as fraque-

zas tipicamente femininas é o trabalho objetivo e bem executado. Por meio dele são afastadas naturalmente a inclinação excessiva para o lado pessoal e a superficialidade nas atividades, provocando ao mesmo tempo uma aversão geral contra ela e sujeição a leis objetivas, a ponto de levar ao treinamento da obediência. O trabalho não deve induzir ao sacrifício da inclinação boa e pura e à especialização unilateral, à escravidão por determinada área - deturpação típica da natureza masculina. A harmonia e maturidade de muitas mulheres de boa formação intelectual ou que as vicissitudes da vida obrigaram a abraçar uma vida profissional extenuante demonstram a eficácia desse remédio natural. É um verdadeiro paralelo à imagem do *gentleman* perfeito que *Newman* desenvolveu em sua *Idea of a University*: uma mulher de personalidade que quase se confunde com a verdadeira santidade. Mas em ambos os casos se trata de mera *semelhança*. A natureza domada somente pela *formação intelectual* é capaz de conservar a aparência externa apenas até certo ponto de pressão, além desse limite ela se descontrola. A natureza decaída só pode ser erradicada e reformada por dentro pela força da graça, nunca por fatores externos. Veremos mais adiante de que maneira isso se dá na natureza feminina.

II. OUTRAS PROFISSÕES NATURALMENTE FEMININAS

Chegamos à segunda questão importante: Existem outras profissões femininas além da natural? Só o embotamento subjetivo poderia negar à mulher a capacidade de exercer outras profissões além de esposa e mãe. A experiência das últimas décadas que é, no fundo, a experiência de todos os tempos confirma essa verdade. É lícito afirmar: em caso de necessidade, qualquer mulher normal e sadia pode exercer uma profissão. É mais: não há profissão que não possa ser exercida por uma mulher. Quando se trata de substituir o provedor de crianças que perderam o pai, de sustentar irmãos órfãos

ou pais idosos, uma mulher abnegada é capaz de realizar os atos mais incríveis. Também dons e inclinação individuais podem levar à atividade nas mais diversas áreas. Nenhuma mulher é somente *mulher*, todas têm sua individualidade e sua predisposição tanto quanto o homem, e essa predisposição a capacita para essa ou aquela atividade artística, científica, técnica, etc. Em princípio, a predisposição individual pode referir-se a qualquer área, mesma às aquelas mais estranhas à natureza feminina. Mas, nesses casos, não se fala em *profissão feminina*. Só faz sentido falar em profissões próprias quando estas dependem de tarefas concretas de caráter feminino, isto é, todas as profissões ligadas a cuidados com pessoas doentes, à educação, à assistência, à compreensão empática do outro, portanto, à profissão da médica e da enfermeira, da professora e da educadora, da empregada doméstica, as modernas profissões sociais, na ciência, às atividades ligadas à vida pessoal e concreta, isto é, às ciências humanas, e ao trabalho de caráter auxiliar, de serviço, tradução e publicação, eventualmente também de direção compreensiva dos trabalhos alheios. Fica evidente que, no fundo, todos eles exigem a mesma atitude básica da alma que distingue a esposa e a mãe, só que agora ampliada para um círculo maior e a pessoas diversas e, por isso, praticamente desatrelada dos vínculos vitais do parentesco sanguíneo e mais fortemente ligados ao espiritual. Mas, com isso, perde-se também grande parte dos impulsos naturais próprios da comunhão vital que precisam ser compensados por uma disposição maior ao sacrifício.

Além disso, pode-se afirmar que mesmo profissões que segundo seus requisitos objetivos não combinam com o modo de ser feminino, devendo ser consideradas mais especificamente como masculinas, em casos concretos da existência humana, podem vir a ser exercidas de uma maneira genuinamente feminina. O trabalho nas fábricas, num escritório comercial, na administração pública, nos órgãos legislativos, num laboratório químico ou num Instituto de matemática - todas essas atividades exigem que se lide com material inanimado ou abstrato. Mesmo assim trata-se na maior parte

dos casos de um trabalho que reúne pessoas num mesmo espaço físico e freqüentemente exige divisão do trabalho. Com isso, surge de imediato a chance de desenvolver todas as virtudes femininas. Até podemos afirmar que é justamente nessas situações, em que cada um corre o risco de se transformar em peça de uma grande máquina e de perder sua humanidade, que o desdobramento da natureza feminina cria um contrapeso benéfico. Na alma da pessoa que sabe que no local de trabalho a aguardam com espírito de cooperação e compreensão mantém-se viva ou é despertada muita inclinação que de outra forma definharia. Essa é uma das maneiras de dar à vida profissional um cunho feminino que difere do modo de agir da média dos homens. Existe ainda uma outra maneira. Em última análise, todo abstrato é parte de algo concreto. Todo inanimado está no fundo a serviço do todo vivo. Quem é capaz de conquistar sempre essa visão da totalidade e de conservá-la sente-se unido a ela mesmo na atividade mais enfadonha e abstrata e, com isso, a atividade se torna suportável, melhora até do ponto de vista objetivo e corresponde melhor a seu objetivo do que na situação em que a parte perde a visão do todo. Pode ser que o homem, na elaboração de leis e decretos, vise a melhor forma jurídica, perdendo, por isso mesmo, de vista as circunstâncias concretas a serem regulamentadas, enquanto a mulher, se permanecer fiel à sua natureza, também no parlamento e no serviço público, deverá ter em mente o objetivo concreto, procurando adaptar a ele também os meios.

Assim, a penetração das mulheres nos diversos setores profissionais pode vir a ser um benefício para toda a vida social, tanto particular quanto pública, desde que se resguarde justamente o aspecto específico da ética feminina. É novamente é o exemplo da mãe de Deus que nos pode mostrar o caminho certo. Eis Maria nas bodas de Caná: seu olhar silencioso e atento vê tudo e percebe o que falta. Antes que outros se dêem conta, antes de surgir algum constrangimento, ela já resolveu o problema. É ela que encontra os melos, que dá as instruções, tudo sem alarido, imperceptivelmente.

É o modelo da mulher na atividade profissional. Onde quer que a coloquem, ela cumpre seu serviço em silêncio e de acordo com as exigências do momento, sem esperar reconhecimento e atenção para si mesma. Atenta às circunstâncias percebe onde existe uma falha, onde alguém precisa de ajuda, intervindo então de modo imperceptível na medida de suas possibilidades. Assim, como uma boa alma, será uma bênção para todos.

III. A PROFISSÃO SOBRENATURAL DA MULHER

Acabamos de dar uma visão geral das atividades da mulher na vida doméstica e pública: trata-se de um campo de trabalho rico e fecundo. Mas sua ação não se esgota nisso. Hoje como sempre, desde que existe a igreja de Cristo, o Senhor chama os seus escolhidos de dentro da família e da vida profissional para um serviço sagrado. A vocação religiosa pode ser entendida como profissão feminina? O chamado é dirigido tanto a homens quanto a mulheres. Trata-se de uma profissão *sobrenatural*, pois vem do alto, do além, exigindo que se ultrapasse o campo do natural e terrestre. Desta maneira parece que, nessa área, as diferenças naturais entre os sexos perdem a sua importância. Por outro lado vale o princípio: *gratia perficit, non destruit naturam*. É permitido supor, portanto, que tanto a natureza masculina quanto a feminina não sejam suspensas na vida religiosa e, sim, que possam ser integradas e aproveitadas de um modo especial. Existe também a possibilidade de que a vida religiosa, com suas condições específicas, venha de uma maneira especial ao encontro das naturezas masculina e feminina, analogamente ao que se verifica nas profissões terrenas. A profissão religiosa é a entrega irrestrita do ser humano todo e da vida inteira ao serviço de Deus; ela está condicionada ao uso dos meios que tornam a pessoa apta a realizar essa profissão: renúncia a qualquer tipo de propriedade; renúncia a toda liga-

ção e união vital humana; renúncia à vontade própria. Esta forma de vida permite múltiplas maneiras de concretização, isto é, o serviço que o Senhor exige dos seus pode assumir as mais diversas maneiras: aprofundamento silencioso na verdade divina, louvor solene de Deus, divulgação da fé, obras de misericórdia, preces e reparação vicária.

Desta maneira, o *corpus monasticus* se diferencia em diversos membros. Examinando os vários campos de atividade dos religiosos e sua distribuição segundo os sexos, constata-se que todos eles se vêm representados tanto em corporações masculinas como femininas; o que difere é sua relação com a peculiaridade dos sexos. Contemplação e oração no coro são um serviço genuinamente angelical, devendo por isso mesmo ser consideradas como práticas que ultrapassam a divisão em sexos. A difusão da fé como mandamento sacerdotal de doutrinação é sobretudo tarefa dos homens, apesar das muitas iniciativas femininas nesse campo, especialmente nas congregações de ensino. As obras de caridade e de imolação na reparação vicária, por sua vez, correspondem mais à natureza feminina.

Nas ordens religiosas mais antigas, em que existem um ramo masculino e outro feminino, o trabalho se divide normalmente de tal maneira que o ramo masculino se dedica mais às atividades externas, como pregação popular, serviço missionário, etc., enquanto cabe ao ramo feminino o apostolado silencioso do sacrifício e da oração e, desde cedo, também o trabalho com a juventude como tarefa apostólica. Às congregações femininas ativas de tempos mais recentes, então, exercem atividades genuinamente femininas: educação e caridade. Desta maneira, a atividade da religiosa quase não se distingue hoje em dia materialmente do trabalho da mulher "no mundo". já que a grande maioria das comunidades religiosas femininas também exerce atividades externas. Se houver uma diferença, esta só pode ser formal, uma vez que na vida religiosa toda atividade deve ser exercida na obediência e por amor a Deus.

Vejamos, então, como se relaciona esse elemento formal da vida religiosa com o modo de ser específico da mulher. O motivo, o princípio e o objetivo da vida religiosa consistem na entrega irrestrita a Deus num amor esquecido de si mesmo, pondo um termo à vida própria para que se crie espaço para a vida de Deus dentro de si. Quanto mais perfeita a realização dessa tarefa tanto mais rica a vida divina que enche a alma. Mas, vida divina é amor, amor transbordante que nada exige para si, que se doa livremente, amor que se inclina misericordioso para todo ser carente, amor que cuida e conserva, alimenta, ensina e forma, amor que se entristece com os tristes e que se mostra alegre com os alegres, que se põe a serviço de todo ser para que este se torne aquilo que o Pai lhe destinou, numa palavra: o amor do coração divino. É esse o desejo profundo do coração feminino: entregar-se amando, tornar-se completamente propriedade de outrem e possuir plenamente esse outro. É nisso que se resume a inclinação para o elemento pessoal e para o todo que nos pareceu ser o traço especificamente feminino. Quando essa entrega se dá em relação a um ser humano trata-se de um despojamento errôneo, de uma escravização e, ao mesmo tempo, de uma pretensão injustificável que nenhum ser humano pode cumprir. Só Deus pode entregar-se assim a uma pessoa, de modo que preencha todo o seu ser sem perder nada de si. Por isso mesmo, a entrega completa, princípio da vida religiosa, é ao mesmo tempo a única realização adequada possível do desejo feminino.

Mas a vida divina que se aloja na vida entregue a Deus, o amor que serve, que é misericordioso, que dá e promove a vida, corresponde perfeitamente àquilo que destacamos como sendo o *Ethos* profissional que se exige da mulher.

Qual é então a conclusão prática que devemos tirar? Que todas as mulheres, para cumprir a sua vocação, devem tornar-se religiosas? Certamente, não. Mas pode se afirmar que a natureza feminina, caída e desfigurada, só pode ser restabelecida em sua pureza e levada ao auge pelo *Ethos* profes-

sional previsto para a natureza feminina pura quando ela se entrega totalmente a Deus. Quer ela esteja vivendo como mãe em casa, quer ocupe um lugar de destaque na vida pública ou esteja atrás dos muros silenciosos de um convento, em todo lugar deve ser *serva do Senhor*, como o foi a mãe de Deus em todas as situações da vida: como virgem do templo nos domínios do recinto sagrado, nas tarefas humildes de Belém e Nazaré, como guia dos apóstolos e da primeira comunidade cristã após a morte do filho. Toda mulher seja uma imagem da mãe de Deus, uma *sponsa Christi*, uma apóstola do coração divino; assim, todas cumpririam sua vocação feminina, independentemente da situação em que vivessem e da atividade que preenchesse externamente suas vidas.

Não me foi proposta a tarefa de mostrar como essa ética acima descrita pode ser transformada em forma viva e real no exercício prático da profissão. Mas se quisesse parar aqui, as exigências alinhavadas poderiam deixar a impressão de um idealismo utópico quando vistas em sua distância estarecedora da vida média de uma mulher do tempo atual; por isso, se faz necessário que eu acrescente algumas palavras a respeito dos meios disponíveis à sua execução prática.

Focalizemos, primeiramente, o contraste entre as nossas exigências e a vida real da mulher como ela costuma ser em geral hoje em dia. Muitas mulheres se vêem quase esmagadas pela carga dupla da vida profissional ou, muitas vezes, apenas ocupacional e os deveres de dona de casa; sempre ativa, esgotada, nervosa, irritada; de onde lhe viria a tranquilidade e a alegria internas para poder oferecer aos outros apoio, arrimo e orientação? Diariamente acontecem pequenos atritos no relacionamento com o marido e os filhos, mesmo que exista um grande amor mútuo e o reconhecimento das capacidades; a conseqüência é o desconforto na casa toda e o afrouxamento dos laços que unem a comunidade doméstica. Além disso, existe o grande número de mulheres superficiais e desvalidas que ficam correndo atrás do prazer para preencherem o vazio interior, que contraem e desfazem

casamentos, que deixam a casa e os filhos entregues a si mesmos ou a empregados estranhos que também não se revelam mais conscienciosos que elas próprias; quando se vêem na contingência de terem que trabalhar fora enxergam em seu trabalho apenas um meio para alcançar um fim, isto é, para ganhar o sustento e poder gozar a vida da melhor maneira possível. No caso dessas mulheres não se pode falar nem em vocação nem em *Ethos*. Elas são como areia ao vento. A destruição da vida familiar e a decadência moral têm a ver, essencialmente, com o predomínio desse grupo. Seu prevalemento só poderá ser impedido se, através de uma educação adequada das moças, conseguirmos diminuir seu número. Examinando, finalmente, o número bastante grande daquelas que, segundo sua inclinação e predisposição, abraçam um profissão e nela realizam feitos consideráveis, encontramos entre elas muitas que se mostram inicialmente satisfeitas, mas depois descobrem que suas expectativas não se cumpriram, de modo que, saudosas, começam a procurar outro objetivo. Em muitos casos, a causa deve estar no fato de terem se esforçado para corresponderem à sua posição "à maneira de um homem"; como não procurassem ou não achessem os meios de fazerem frutificar na vida profissional a sua peculiaridade feminina, essa mesma natureza renegada e suprimida exige agora seus direitos.

Lançando um olhar atrás dos muros dos claustros, vemos que, nem mesmo lá, a média das pessoas está à altura de seu ideal. Certamente, em todos os tempos houve religiosos que não estivessem plenamente conscientes do alcance de seus votos ou que, no fervor juvenil de sua profissão, estivessem dispostos ao sacrifício total, sem contudo terem a perseverança necessária: sua existência costuma transformar-se em tormento para eles próprios e em peso para a comunidade. Além disso, existem as dificuldades trazidas pela vida moderna: a profissão dupla da religiosa que deve manter-se à altura dos requisitos exigidos de uma enfermeira, professora ou assistente social cumprindo, ao mesmo tempo, seus deve-

res de religiosa. A exemplo da mãe e esposa que exerce uma profissão, as solicitações exageradas põem a perder em muitos casos a atitude correta da alma.

Apesar dessa imagem triste da média das mulheres, encontramos em todos os âmbitos da vida verdadeiras heroínas que na vida profissional ou familiar e na reclusão do convento chegam a realizar milagres de desempenho. Todos nós as conhecemos, seja dos anais da Igreja, seja de nossa própria experiência: as mães que irradiam todo o calor e toda a luz do lar, que criam nove filhos próprios, transmitindo-lhes bênçãos abundantes para toda a vida e ainda para gerações futuras e que, mesmo assim, ainda conservam seu coração aberto para as necessidades dos outros; as professorinhas e funcionárias que sustentam a família toda com seu salário, que antes e depois do trabalho cuidam dos afazeres domésticos e ainda conseguem reservar tempo e dinheiro para as mais diversas atividades religiosas e caritativas. As religiosas que, em suas orações noturnas, lutam pelas almas ameaçadas e oferecem seus sacrifícios voluntários pelos pecadores. De onde lhes vem essa força para atos que, sob o ponto de vista natural, gostaríamos de declarar muitas vezes de impossíveis, mostrando ao mesmo tempo aquela tranqüilidade e alegria indestrutíveis, mesmo nas horas de maior pressão nervosa e psíquica?

Só a força da graça é capaz de livrar a natureza de sua escória restituindo-lhe a sua pureza e libertando-a para ingressar na vida divina. É a própria vida divina é a força geradora das obras de amor. Quem quiser mantê-la sempre dentro de si precisa nutri-la constantemente das fontes das quais ela jorra sem cessar que são os santos sacramentos, sobretudo o Sacramento do Amor. Uma vida feminina, que visa ter como forma interna o amor divino, terá de ser uma vida eucarística. Esquecer-se a si mesma, libertar-se de todos os desejos e exigências, ter um coração aberto a todas as carências e necessidades - isto só é possível na convivência diária com o Salvador no Santíssimo. Quem procura o Deus Eucarístico e se

aconselha com ele em todas as dificuldades, quem se deixa purificar pela força santificante que parte do altar do sacrifício, quem se oferece a si mesmo ao Senhor nesse sacrifício, quem acolhe o Salvador, no mais íntimo da alma na santa comunhão, necessariamente será puxado com mais e mais força para dentro da torrente da vida divina fazendo parte mais íntima do corpo místico de Cristo, de modo que seu coração se transforma segundo a imagem do Coração Divino.

E tem mais um efeito que decorre deste primeiro. Confiando todas as necessidades da vida terrena ao Coração Divino livramos delas nosso coração, de modo que nossa alma se torna livre para participar da vida divina: ao lado do Salvador trilhamos o caminho que Ele próprio trilhou durante sua vida na Terra e que continua trilhando na continuação de sua vida mística, e tem mais: com os olhos da fé penetramos nas profundezas secretas de sua vida oculta no seio da divindade. Por outro lado, essa participação da vida divina exerce ela própria um força libertadora tirando das preocupações terrenas seu peso e concedendo-nos, mesmo nessa temporalidade, um pedaço da eternidade, um reflexo da vida bem-aventurada, um caminho na luz. As instruções para essa caminhada em que somos levados pela mão de Deus recebemos dele mesmo na liturgia da Igreja. Por isso, uma verdadeira vida feminina católica será sempre, também, uma vida litúrgica. Quem participa da oração da Igreja em espírito e verdade precisa ter formada toda a sua vida por essa vida de oração.

Resumamos: uma verdadeira profissão feminina é aquela em que a alma feminina alcança seus direitos e que possa receber a sua forma pela alma feminina. O princípio formador íntimo da alma feminina é o amor que brota do Coração Divino. A alma feminina obtém esse princípio formador por meio da mais estreita ligação ao Coração Divino numa vida eucarística e litúrgica.

Com um adendo gostaria de levantar ainda uma pergunta, que me veio à mente, repetidas vezes, enquanto estava refletindo sobre o presente tema: Por que colocaram na

programação do congresso ao lado das profissões definidas por seu objeto, como médico, sacerdote, etc., o grupo das *profissões femininas*? Por que se fala também em outras oportunidades tanto da profissão da mulher, mas dificilmente da profissão do homem? Não existe também no homem, de modo análogo à mulher, um lado a lado e eventualmente uma oposição entre a inclinação individual e a masculina? Não se aplicaria também a ele a afirmação de que a natureza masculina é ou deveria ser um fator determinante para a escolha e definição da profissão? E mais: não existe também no caso dele a oposição da natureza desfigurada pela queda e da natureza a ser restabelecida em sua pureza?

Acho que seria desejável que todas essas perguntas fossem um dia séria e profundamente abordadas, uma vez que a cooperação benéfica dos sexos na vida profissional só seria possível depois que ambos com toda a objetividade tivessem adquirido consciência de suas peculiaridades e delas tirassem as conseqüências práticas. Deus criou o ser humano como homem e mulher e ambos segundo a sua imagem. Só do modo de ser próprio do homem e da mulher, desenvolvidos em sua pureza, resulta a maior similaridade possível com Deus e a maior permeação de toda vida terrena pela vida divina.

2

A VOCAÇÃO DO HOMEM E DA MULHER DE ACORDO COM A ORDEM NATURAL E DA GRAÇA



Na linguagem comum, o termo *vocação* conserva apenas um sentido muito esmaecido de seu significado original. Normalmente, quando os filhos estão terminando a escola surge a pergunta da profissão que eles devem escolher. Durante muito tempo se discutiu se as mulheres também deveriam ingressar na vida profissional ou se deveriam ficar em casa. Normalmente, considera-se a profissão como algo que não passa muito de um modo de ganhar a vida. Só em determinados contextos, o sentido original da palavra ainda se mantém vivo, assim por exemplo quando se diz de alguém que errou de profissão, ou quando se fala da profissão religiosa. Nessas expressões ainda é lembrado que a profissão é algo que supõe *vocação*.

Mas o que significa *ter vocação*? Deve ter havido um *chamado*: de alguém, a alguém, para algo, de uma *maneira perceptível*. Dizemos que um cientista recebeu um chamado para assumir uma cadeira. Nesse caso, um determinado órgão, uma universidade (ou faculdade) convoca uma pessoa que, por sua capacidade e qualificação, parece ter *vocação* para a função oferecida: a de trabalhar como professor e pes-

quisador. O convite lhe é dirigido por meio de uma carta formal redigida de acordo com certas regras tradicionais. Acabo de usar uma expressão estranha: "Ele é convocado para algo que parece ser sua vocação." A convocação por um órgão composto de pessoas pressupõe, portanto, uma vocação que aquelas pessoas crêem existente e que eles exprimem convocando-o em vista de "sua capacidade e qualificação". Para sua qualificação contribuíram ele mesmo e muitos outros, voluntária ou involuntariamente, mas ela se desenvolveu sobre a base da *capacidade* no sentido mais amplo da palavra. Existe, então, na *natureza do ser humano* uma certa vocação, uma predestinação a uma profissão, isto é, à ação e ao trabalho. No decorrer da vida, esta vocação amadurece e se torna perceptível às pessoas, a ponto de poderem expedir uma *convocação* - se tiver sorte é assim que a pessoa encontra *seu lugar* na vida. Mas, a *natureza humana* e o *caminho da vida* não são nem presente nem fruto do acaso, aos olhos da fé, são obra de Deus. Visto desta maneira, é Deus, em última análise, quem convoca. É ele que chama: *toda* pessoa para realizar algo que é de sua vocação, cada um *individualmente* para algo que é sua vocação toda particular e, além disso, o *homem e a mulher*, como tais, para algo especial, conforme se pressupõe na formulação do tema. Não parece fácil reconhecer qual é a vocação do homem e da mulher, porque faz muito tempo que se discute a esse respeito. No entanto, existem muitos caminhos pelos quais o chamado nos alcança: Deus mesmo o pronuncia nas palavras do Antigo e do Novo Testamento. Está inscrito na natureza do homem e da mulher, a História no-lo revela e as necessidades de nosso tempo falam uma linguagem insistente. Assim surge uma urdidura de múltiplos fios, mas seu padrão não deve ser tão impenetrável que a um olhar sereno não seja possível destrinchar algumas linhas claras. Vamos atrever-nos então a abordar a pergunta: Qual a vocação do homem e da mulher?

I

A primeira palavra da *Sagrada Escritura* que fala do ser humano atribui ao homem e à mulher uma vocação comum. "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança; e que governe os peixes do mar e as aves do céu e toda a Terra e sobre todos os répteis que se movem sobre a Terra¹. E Deus criou o homem à sua imagem, criou-o à imagem de Deus e criou-os varão e mulher². E Deus abençoou-os dizendo: Crescei e multiplicai-vos e enchei a Terra e sujeitai-a, e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem sobre a Terra"³.

Portanto, logo no primeiro relato sobre a criação do ser humano fala-se da diferenciação entre homem e mulher. Mas a tríplice tarefa é dirigida a ambos em conjunto: que sejam a Imagem de Deus, que tenham descendência e que dominem a Terra. Não se diz aqui que essa missão tripla deva ser realizada pelo homem e pela mulher de uma outra maneira; no máximo é possível encontrar nesse contexto uma insinuação pelo fato de se mencionar a diferença sexual.

A segunda passagem, que trata mais detalhadamente da criação do ser humano, diz um pouco mais sobre a relação entre o homem e a mulher. Fala da criação de Adão, como ele foi posto no "paraíso de delícias" para que o cultivasse e o guardasse, como levou os animais para junto de Adão e como este lhes deu nomes⁴. "... Mas não se achava para Adão uma ajudante semelhante a ele"⁵. O termo hebraico que se encon-

1 Gen I, 26/29.

2 Ibid. 27.

3 Ibid. 28.

4 Gen. II 7-20.

5 Ibid. 20.

tra nessa passagem é difícil de traduzir⁶. *Eser kenegdo* - ao pé da letra: "uma ajuda como ele defronte". Podemos pensar na imagem de um espelho na qual o homem pudesse ver refletida sua própria natureza. Assim o interpretam as traduções que falam de uma "ajudante igual". Mas pode se pensar também numa contra-parte de modo que ambos se assemelhem, mas não totalmente, que se complementem como uma mão a outra. "E o Senhor Deus disse: Não é bom que o homem esteja só, façamos-lhe uma ajudante semelhante a ele". E o Senhor fez com que Adão adormecesse profundamente, tirou uma das suas costelas e dela formou uma mulher e a levou a Adão. "E Adão disse: Eis aqui agora, o osso de meus ossos e carne da minha carne; ela se chamará Virago porque do varão foi tomada.⁷ Por isso, deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá a sua mulher; e serão os dois *uma* só carne⁸. Ora, um e outro, isto é, Adão e sua mulher, estavam nus; e não se envergonhavam"⁹. O fato de o homem ter sido criado primeiro indica uma certa prioridade de ordem. Da palavra de Deus se deduz, também, por que não teria sido bom que ele ficasse sozinho. Deus criou o ser humano à imagem de Deus. Ora, Deus é *trino*: assim como o Filho procede do Pai e do Pai, o Espírito, assim a mulher procedeu do homem e de ambos a descendência. E outro argumento: Deus é o *amor*. Não pode haver amor entre menos que dois (como diz também São Gregório na homilia sobre o envio dos discípulos que foram mandados de dois a dois).

Não se fala aqui em *domínio* do homem sobre a mulher. Ela é chamada de *companheira* e de *ajudante*, e do homem se diz que ele se unirá a ela e que ambos formarão

6 Ibid. 18.

7 Ibid. 23.

8 Ibid. 24.

9 Ibid. 25.

uma só carne. Assim, dá-se a entender que a vida do primeiro casal humano deva ser entendida como a mais íntima comunidade de amor, que tenham cooperado em harmonia perfeita das forças, assim como, antes da queda, em cada um deles, individualmente, todas as forças eram cheias de harmonia, os sentidos e a mente na proporção certa, sem possibilidade de antagonismos. Por isso mesmo, nem conheciam o desejo desordenado pelo outro. É isso que está expresso nas palavras: Estavam nus e não se envergonhavam.

O chamado de Deus aos homens e a vocação dos homens aparecem essencialmente modificados depois da queda. Eva deixou-se seduzir pelo tentador e levou, por sua vez, também o homem ao pecado. Adão é o primeiro a ser chamado às contas. Ele atribui a culpa à mulher: "...A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi"¹⁰. Soa como se fosse, também, uma acusação contra Deus. O primeiro a ser julgado é Adão: sua desculpa não foi aceita. "...Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses: maldita é a terra por tua causa: com fadiga obterás dela o sustento durante os dias de tua vida"¹¹. Ela produzirá cardas e abrolhos, e tu comerás a erva do campo"¹². Com o suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado: porque tu és pó e ao pó tornarás"¹³. O castigo pela desobediência é a perda do domínio absoluto sobre a terra e a disponibilidade das criaturas menos nobres, a luta dura pelo pão de cada dia, as dificuldades do trabalho e a pobreza do seu fruto.

10 Gen. III 12.

11 Ibid. 17.

12 Ibid. 18.

13 Ibid. 19.

Outra é a condenação da mulher: "Multiplicarei, sobretudo, os sofrimentos da tua gravidez; em meio a dores darás à luz filhos: o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará"¹⁴. Não sabemos de que modo a bênção da fecundidade se cumpriria nos seres humanos antes da queda. A consequência da queda são as dificuldades do parto para a mulher, assim como as dificuldades da luta pela vida para o homem. A mulher recebe, além disso, o castigo de ter que sujeitar-se ao domínio do homem. A tentativa dele de passar para a mulher a responsabilidade pelo pecado já mostra que não será um bom senhor. A serena comunidade de amor é revogada. Mas despertou uma novidade que antes eles não conheciam: perceberam que estavam nus e se envergonharam. Eles próprios tentaram cobrir sua nudez, e Deus lhes ajudou: "Fez o Senhor Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher, e os vestiu"¹⁵. Como neles despertasse o desejo, começou a ser necessário proteger-se contra ele.

Desta maneira mudou a relação dos seres humanos com a terra, com seus descendentes e entre si mesmos. Tudo isso nada mais é do que consequência da mudança de relacionamento com Deus. O relato sobre a criação e a queda do homem está cheio de mistérios que não conseguiremos resolver. Mesmo assim deve ser permitido formular algumas perguntas que se impõem e procurar uma interpretação. Por que era proibido comer da árvore do conhecimento? Que tipo de fruta a mulher comeu e deu a comer também ao homem? Ao que tudo indica, o ser humano não estava sem conhecimento antes da queda: criado à imagem e semelhança de Deus, dera nome a todos os seres vivos e era chamado a reinar sobre a terra. Até costuma-se atribuir a ele um conhecimento muito mais perfeito do que após a queda. Deve ter se tratado,

14 Ibid. 16.

15 Ibid. 21.

então, de um conhecimento todo especial: De fato, a serpente fala em conhecimento do bem e do mal. Por outro lado não se deve supor que faltasse aos seres humanos, antes da queda, o conhecimento do bem, já que eles dispunham de um conhecimento mais perfeito de Deus, isto é, de um conhecimento mais perfeito do maior bem e daí de todo bem especial. Mas, certamente, deveriam ser protegidos daquele conhecimento do mal, que se adquire praticando-o.

A consequência imediata do primeiro pecado nos dá indícios do que se poderia ter tratado: a consequência foi que o homem e a mulher começaram a olhar-se com outros olhos, que tinham perdido a inocência em suas relações. Por isso podemos supor que o primeiro pecado não tenha consistido apenas formalmente na desobediência contra Deus; aquilo que era proibido, o que a serpente apresentou à mulher e a mulher ao homem, como algo atraente, deve ter sido uma coisa bem determinada, um tipo de junção que conflitava com a ordem original. O fato de o tentador ter se aproximado primeiro da mulher pode significar que, com ela, teria acesso mais fácil, não porque a mulher em si pudesse ser levada mais facilmente ao caminho do mal (ambos ainda estavam livres de qualquer inclinação para o mal), mas porque aquilo que lhe foi apresentado era para ela mais importante. Pode supor-se que, de antemão, a vida dela deveria ser mais fortemente influenciada por aquilo que se relaciona com a procriação e formação da descendência. Os castigos diferentes para o homem e para a mulher também são um indício nessa direção.

Segundo as palavras usadas, parece que a expulsão do paraíso está ligada à perda da própria vida; as palavras do Senhor dirigidas a Adão dizem exatamente aquilo que de antemão pairava como ameaça de castigo sobre a desobediência: a morte. Mas a expulsão é precedida de uma expressão que contém uma promessa. Encontramo-la na sentença contra a serpente: "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu

lhe ferirás o calcanhar"¹⁶. Essa passagem é interpretada comumente em relação a Nossa Senhora e ao Redentor, o que não exclui esse outro sentido de que já à primeira mulher, chamada por Adão de "mãe de todos os viventes", e a todas as suas sucessoras foi confiada como incumbência especial a luta contra o mal e, com isso, a preparação para a recuperação da vida. "Deus me deu um filho", disse Eva quando nasceu seu primogênito. Essas palavras soam como o pressentimento de uma bênção que lhe viria pelo filho. As mulheres de Israel fizeram disso a sua profissão: gerar descendentes que veriam chegar o dia da redenção.

Assim se estabelece uma relação peculiar entre pecado e redenção, e os fatos de um e de outra se correspondem singularmente. Assim como a tentação se aproximou primeiramente de uma mulher, assim a mensagem da redenção de Deus chega em primeiro lugar a uma mulher, e num como noutro caso é o sim saído da boca de uma mulher que define o destino de toda a humanidade. Na entrada do novo reino de Deus não se encontra um casal humano como aquele primeiro e, sim, mãe e filho: o filho de Deus que é filho do homem por sua mãe, mas não por meio de um pai humano. O filho de Deus não escolheu o caminho comum da procriação humana para se tornar filho do homem. Não seria esse um indício da mácula que desde o primeiro pecado está associada a esse caminho e que só viria a ser eliminada *no* reino da graça? Seria ao mesmo tempo um indício da nobreza da maternidade como relação mais pura e elevada entre pessoas? O que distingue o sexo feminino é o fato de ter sido uma mulher o ser humano escolhido para ajudar a fundar o novo reino de Deus; o que distingue por sua vez o sexo masculino é o fato de a redenção ter chegado pelo *filho* do homem, o novo Adão. E nisso está expressa uma prioridade de ordem do homem.

16 Gen. III 15.

Nosso Senhor não deixou dúvida de que o novo reino de Deus veio para realizar um reordenamento entre os sexos, isto é, para eliminar as relações condicionadas pelo pecado restabelecendo a ordem original¹⁷. Respondendo à pergunta dos fariseus se era lícito ao homem divorciar-se de sua mulher, Jesus esclarece: "Por causa da dureza de vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossas mulheres; entretanto, não foi assim desde o princípio". E ele remete à passagem do relato da criação: os dois serão uma só carne. Em seguida estabelece como mandamento da nova aliança: "O que Deus uniu, o homem não separa". Ao lado disso institui como algo totalmente novo o ideal da virgindade apresentado no exemplo vivo da virgem-mãe e do próprio Senhor.

Encontramos as observações mais explícitas sobre a relação entre homem e mulher nas cartas de *São Paulo*. A passagem mais controversa está em 1 Cor. 11, 3 e seguintes: "Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem o cabeça da mulher, e Deus o cabeça de Cristo. Todo homem que ora ou profetiza tendo a cabeça coberta desonra a sua própria cabeça¹⁸. Toda mulher, porém, que ora ou profetiza com a cabeça sem véu desonra a sua própria cabeça porque é como se a tivesse rapada ...¹⁹. O homem não deve cobrir a cabeça por ser ele imagem e glória de Deus, mas a mulher é glória do homem²⁰. Porque o homem não foi feito da mulher e, sim, a mulher do homem²¹. Porque o homem não foi criado por causa da mulher e, sim, a mulher por

17 Mat. 19 1-12; Mar. 10 1-12.

18 Ibid. 4.

19 Ibid. 5.

20 Ibid. 7.

21 Ibid. 8.

causa do homem ...²². No Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, nem o homem independente da mulher"²³. Certamente não é ofensivo ao apóstolo afirmar que, nessa instrução aos coríntios, se misturam coisas divinas e humanas, coisas temporais e eternas. O corte do cabelo e as roupas são assuntos relacionados aos costumes, como aliás o próprio São Paulo diz encerrando essa passagem: "Contudo, se alguém quer ser contencioso, saiba que nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus"²⁴. Do fato de uma decisão a respeito das roupas a serem usadas pelas mulheres de Corinto durante o culto divino ter sido obrigatória para essa comunidade fundada por ele não se pode concluir que devia ter validade para todos os tempos.

Outra importância deve ser dada a uma questão de princípio como a da relação entre homem e mulher, ainda mais quando esta se entende como interpretação da ordem divina da criação e da redenção:

Homem e mulher são destinados a levar *uma* vida em comum como se fossem um único ser. Mas, ao homem que foi criado primeiro cabe a direção dessa comunidade de vida. Tem-se, no entanto, a impressão de que essa interpretação não reflita puramente a ordem original e salvífica, antes parece imbuída ainda da ordem da natureza caída, uma vez que dá destaque à relação de domínio e entende o homem como ser mediador entre o redentor e a mulher. Nem o relato da criação nem o evangelho fazem referência a essa mediação na relação com Deus. Ela é própria, isso sim, da lei mosaica e do direito romano. Mas, o próprio apóstolo conhece uma outra ordem que ele descreve na mesma carta aos

22 Ibid. 9.

23 Ibid. 11.

24 Ibid. 16.

coríntios, no trecho em que fala do casamento e da virgindade: "O marido incrédulo é santificado no convívio da esposa .." e "Como sabes, ó mulher, se salvarás o teu marido?"²⁵ Esta é a expressão da ordem do evangelho segundo a qual toda alma é por Cristo conquistada para a vida e todo aquele que é santificado pela união com Cristo, seja homem ou mulher, tem a vocação para ser mediador.

A relação entre homem e mulher é tratada de maneira ainda mais detalhada na *carta aos efésios*²⁶: "As mulheres sejam submissas a seus próprios maridos, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da Igreja, sendo este mesmo redentor do corpo"²⁷. Como, porém, a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas a seus maridos²⁸. Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a Igreja e se entregou por ela²⁹, para que a santificasse, tendo a purificado por meio da lavagem da água e pela palavra da vida³⁰, para a apresentar a si mesmo sua Igreja gloriosa, sem mácula, sem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e imaculada³¹. Assim também os maridos devem amar as suas mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama a sua esposa, a si mesmo se ama³². Porque ninguém jamais odiou a

25 Cap. 7. 14 e 16.

26 Cap. 5, 22 ss.

27 Ibid. 23.

28 Ibid. 24.

29 Ibid. 25.

30 Ibid. 26.

31 Ibid. 27.

32 Ibid. 28.

sua própria carne, antes a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja³³. Porque somos membros do seu corpo, de sua carne e osso³⁴. Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne³⁵. Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja³⁶. Não obstante, vós, cada um de per si, também ame a sua própria esposa como a si mesmo, e a esposa respeite seu marido³⁷. Essa passagem explica como deve ser a união do casal sob a ordem de Cristo. Enquanto o Senhor, encerrando as palavras do Gênesis, só destacara a indissolubilidade do casamento e a união de ambos numa só carne, aqui se faz compreender melhor como deve ser imaginada essa união.

Como em cada organismo todos os membros são dirigidos pela cabeça, de modo que seja garantida a harmonia do todo, assim deve haver um cabeça também no organismo ampliado; num organismo sadio não pode haver desentendimento a respeito do que seja cabeça e membros e das funções de cada um. Mesmo assim, não devemos esquecer que se trata de uma relação simbólica. A alegoria de Cristo e da Igreja lembra esse fato. Cristo é a nossa cabeça, e sua vida divina passa para nós, seus membros, quando estamos unidos a ele no amor e sujeitos a ele na obediência. A cabeça é o homem-Deus que tem a sua existência autônoma fora desse corpo místico. Os membros têm sua existência própria como seres livres e racionais, e o corpo místico se forma pelo amor da cabeça e pela sujeição espontânea dos mem-

33 Ibid. 29.

34 Ibid. 30.

35 Ibid. 31.

36 Ibid. 32.

37 Ibid. 33.

bro. As funções de cada membro dentro do corpo místico decorrem dos dons que foram concedidos a cada um, dons do amor e do espírito; é sabedoria da cabeça usar os membros de acordo com seus dons, mas é o poder divino da cabeça que provê cada um dos membros com os dons que podem ser proveitosos ao organismo todo; e a finalidade de todo esse organismo que é o corpo místico de Cristo consiste em levar cada membro - que é por sua vez um ser humano inteiro, com corpo e alma - à plenitude da redenção e da filiação divina, para que, inserido no todo da comunhão dos santos, glorifique Deus a seu modo.

Se o homem deve ser o cabeça da mulher - podemos acrescentar logo: cabeça também de toda família - no sentido em que Cristo é o cabeça da Igreja, será função dele dirigir essa pequena imagem do grande corpo místico, para que cada membro possa nele desenvolver plenamente seus dons e alcançar a redenção. O homem não é Cristo, nem tem o poder de conceder dons. Mas tem o poder de desenvolver os dons existentes (ou de sufocá-los), na medida em que um ser humano é capaz de ajudar ao outro a desenvolver seus dons. Sua sabedoria consiste em contribuir para que esses dons não definhem e, sim, se desenvolvam para a redenção do todo. E como ele próprio não é perfeito como Cristo, sendo, antes, uma criatura com vários dons e muitas imperfeições, sua máxima sabedoria pode consistir em permitir que suas próprias imperfeições sejam compensadas pelos dons do membro complementar (assim como a maior sabedoria do governante pode consistir em deixar governar o ministro mais competente). Mas é essencial para a saúde do organismo que isso se dê sob a direção da cabeça. Quando o corpo se revolta contra a cabeça o organismo não pode vicejar, assim como não pode prosperar quando a cabeça deixa o corpo extremar-se.

Enquanto na *carta aos Efésios* trata da união conjugal, o apóstolo fala na *primeira carta a Timóteo* mais expressamente do lugar da mulher na comunidade. Ela deve estar trajada de modo simples e decente e externar a sua piedade em

boas obras ³⁸. "A mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão³⁹. E não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o marido; esteja, porém em silêncio ⁴⁰. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva ⁴¹; e Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, calu em transgressão ⁴². Todavia, será preservada através de sua missão de mãe, se ela permanecer em fé e amor e santificação, com bom senso" ⁴³.

Ainda mais fortemente do que na carta aos coríntios tem-se a impressão que a ordem original e salvífica é encoberta pela ordem da natureza caída, e que pela boca do apóstolo ainda fala o judeu marcado pelo espírito da lei. A visão evangélica da virgindade parece totalmente esquecida. As afirmações dessa passagem talvez tenham cabimento em relação a certos abusos praticados nas comunidades gregas, mas não devem ser consideradas como princípios definitivos quanto à relação entre os sexos. Elas estão em contradição com as palavras e práticas de Nosso Senhor que admitia mulheres entre as pessoas mais próximas e que provou em toda a sua obra de redentor que se importava tanto com a alma da mulher quanto a do homem. Estão em contradição também com aquela palavra de São Paulo que talvez exprima da maneira mais pura o espírito do evangelho: "...A lei nos serviu de preceptor para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôsse-

38 Cap. 2, 9 ss.

39 Ibid. 11.

40 Ibid. 12.

41 Ibid. 13.

42 Ibid. 14.

43 Ibid. 15.

mos justificados pela fé. Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao preceptor ... Não pode haver judeu nem grego, nem escravo nem liberto, *nem homem nem mulher*; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" 44.

Antes de passar a comentar os ensinamentos da palavra de Deus com o que nos é dado entender da natureza do homem e da mulher, resumamos o que nos foi possível apurar até aqui:

A vocação do homem e da mulher não é bem a mesma segundo a ordem original, a ordem da natureza caída e a ordem da redenção. *Originalmente* ambos tinham a missão de preservar a sua própria semelhança com Deus, de dominar a terra e de propagar o gênero humano. Não há esclarecimentos maiores a respeito de uma superioridade do homem que parece encontrar sua expressão no fato de ele ter sido criado antes. Depois da queda, a relação entre eles se transforma de uma união de amor em relacionamento de dominação e subordinação e é desfigurada pelo desejo. O homem recebe em primeiro lugar a atribuição de lutar pela existência, a mulher a tarefa de parir. Mas surge também a promessa de redenção, pois a mulher deverá travar a luta contra o mal, e o sexo masculino passa a aguardar sua coroação na figura do futuro filho do homem. A redenção pretende restabelecer a ordem original. *A superioridade do homem se revela no fato de o redentor vir à terra em forma de homem.* O sexo feminino ganha sua nobreza pelo fato de o redentor nascer de uma mãe humana, *uma mulher é a porta pela qual Deus entra no gênero humano.* Assim como Adão foi um modelo do futuro rei divino e humano, assim todo homem deve tomar Cristo como modelo no reino de Deus e imitar na união conjugal a solicitude amorosa de Cristo pela Igreja; a mulher deve honrar no esposo a imagem de Cristo subordinando-se livre e amorosamente a ele e ser ela própria uma imagem de Nossa Senhora. Isso significa ao mesmo tempo que ela própria deve ser imagem de Cristo.

44 Gál. 3, 24 ss.

II

Tentando delinear a natureza do homem e da mulher segundo o conhecimento natural, obtemos de um lado uma elucidação viva daquilo que nos é dado a entender, pela palavra de Deus; por outro lado, temos na palavra de Deus um roteiro que nos ajuda a interpretar o material demonstrativo da vida. Reencontramos nele as pistas da ordem de criação original, da queda e da redenção.

O corpo e a mente do homem estão equipados para a luta e a conquista segundo sua vocação original de submeter a terra e de tornar-se seu senhor e rei. Nele atua o impulso de sujeitá-la pelo *conhecimento* e assim apropriar-se dela pelo espírito, mas de adquiri-la também como *posse*, com os *prazeres* que ela tem a oferecer e, finalmente, de transformá-la em sua própria *criação* pela *ação formadora*. Devido às limitações da natureza humana partilhadas com toda criatura, e mais ainda devido à decadência de todas as forças no estado de castigo do pecado original, o ser humano não consegue de modo igual realizar tudo o que deveria fazer parte de seu domínio sobre a terra. Quando a vontade de conhecer se revela forte e quando empenha todas as suas forças para satisfazê-la, vê-se na contengência de ter que renunciar amplamente às posses e ao desfrute dos bens da vida; quando coloca a sua vida a serviço de posses e prazeres aproxima-se menos do conhecimento puro (isto é, livre de interesses pessoais e da ação formadora. Quando se dedica totalmente à criação de um pequeno mundo pela ação formadora (como agricultor, artista, governante, etc.) acaba relegando a um segundo plano o conhecimento puro e a alegria dos bens da vida. Em cada um desses campos por sua vez, o desempenho individual é tanto mais perfeito quanto mais limitada a área de ação. Desta maneira, é justamente o desejo da realização mais perfeita possível que leva à unilateralidade e ao atrofiamiento de grande parte das suas possibilidades.

Em consequência da natureza corrompida, até mesmo o empenho unilateral se transforma facilmente em empenho degenerado: o conhecimento não pára respeitosamente diante dos limites que lhe são impostos, antes tenta rompê-los à força; ele frustra até o acesso ao que não lhe é vedado em princípio porque se nega a acatar as leis das coisas tentando apoderar-se delas de uma maneira arbitrária ou deixando que desejos e anseios lhe turvem a clareza de seu olhar espiritual. Analogamente, impõe-se na relação com os bens materiais uma certa senhorilidade degenerada; em vez da alegria reverente, com a criação a ser conservada e desenvolvida, verifica-se uma exploração ávida que chega às raias da destruição ou um apossamento irracional que impede que os bens adquiridos sejam utilizados e desfrutados da maneira adequada. Assemelha-se com esse procedimento a corrupção do agir formador que desfigura e destrói as criações da natureza, que engendra e produz caricaturas distorcidas.

A degeneração da realeza em senhorilidade brutal manifesta-se, também, no relacionamento do homem com a mulher. Na ordem original, esta lhe fora confiada como companheira e ajudante. Por isso recebeu também os mesmos dons, para que estivesse a seu lado no domínio sobre a terra reconhecendo, desfrutando e dando forma. Mas em tudo isso é menor o seu ímpeto, o que faz com que ela corra menos perigo de perder-se numa determinada direção permitindo o atrofiamento das outras. Essas circunstâncias recomendariam a cooperação, de modo que a mulher pudesse desenvolver seus dons ao lado do homem a serviço de objetivos comuns, e que o homem fosse preservado dos excessos de unilateralidade em virtude do desenvolvimento mais harmonioso das forças da mulher. Mas, pela queda, a relação de companheirismo transformou-se em relação de domínio, muitas vezes exercido de modo brutal, onde já não se têm em mente os dons naturais da mulher e seu desenvolvimento máximo; agora ela é explorada como um meio para um fim, a serviço de uma obra ou para satisfação dos próprios

desejos. Nessa situação é fácil acontecer de o déspota se transformar em escravo de seus desejos, fazendo com que vire escravo da escrava que deve satisfazer seus apetites.

A degeneração do relacionamento entre homem e mulher está ligada à degeneração das relações com a descendência. Originalmente, a reprodução era tarefa conjunta de ambos. Se a sua constituição desigual os faz dependerem da complementação mútua, mais ainda repercute essa necessidade de complementação na relação com os descendentes: de um lado, a natureza inacabada do filho requer cuidados, proteção e orientação para o desdobramento de suas forças. Os laços do corpo que ligam o filho à mãe e a inclinação natural da mulher de dedicar-se e servir à vida alheia, bem como seu senso mais forte de desenvolvimento harmonioso das forças fazem com que a parte principal da educação seja confiada a ela. Por outro lado, exigem as atribuições da maternidade que o marido dê a mãe e filho proteção e solicitude; além disso, cabem a ele esforços especiais, já que dispõe de maior ímpeto e capacidade de realização no desempenho específico. Finalmente, sua posição de rei da criação exige que dê sua proteção especialmente aos mais nobres de todas as criaturas da terra. Devemos ter sempre em vista, também, que não só o homem e a mulher foram criados para se complementarem; o mesmo vale também para a seqüência das gerações, de modo que cada uma tem a vocação de produzir e incorporar elementos novos e próprios. Uma das funções essenciais da educação consiste, justamente, em respeitar as coisas novas e próprias que querem aflorar na nova geração. Assim, ao lado de sua profissão específica, parece ser a *paternidade* a vocação original do homem. Com a degenerescência vem, por um lado, a tendência de furtar-se aos deveres da paternidade: isso se dá em sua forma mais baixa pelo abuso da relação sexual para satisfazer apenas o instinto, sem qualquer preocupação com a prole ou até em detrimento da prole; num nível um pouco mais alto, aceita-se o dever de dar assistência material, mas, eventualmente, se esquece da participação necessária

no processo educativo. Por outro lado, existe o risco de uma paternidade exercida de modo brutal, limitando a maternidade a cuidados meramente físicos, sem que se dê atenção aos deveres mais elevados, reprimindo de modo violento os anseios próprios da nova geração.

Todas os defeitos da natureza do homem, que o levam a falhar em sua vocação original, têm suas raízes na perversão de seu relacionamento com Deus. Ele só é capaz de corresponder à sua vocação mais nobre, a de ser a imagem de Deus, tentando desenvolver suas forças na subordinação humilde à orientação divina: *conhecendo* dentro das formas e dos limites ordenados por Deus; *deleitando-se* no respeito pelas criaturas de Deus, com gratidão e em louvor a Deus; *criando* para aperfeiçoar a criação que Deus reservou à ação livre do ser humano - dessa forma, o homem seria uma imagem finita da sabedoria, da bondade e do poder de Deus. A insurreição do *non serviam* tem como consequência a perversão do relacionamento com todas as criaturas.

A natureza da mulher mostra-se exatamente paralela. Segundo a ordem original, seu lugar é ao lado do marido, no empenho de submeter a terra e de cuidar dos descendentes. Mas, seu corpo e sua alma se prestam menos à luta e à conquista e mais à prática de cuidar, guardar e conservar. Das três atitudes básicas diante do mundo - conhecer, desfrutar e criar - ela prefere normalmente a segunda; parece que ela é mais capaz de alegrar-se, respeitosamente, com as criaturas do que o homem (considerando sempre que essa alegria respeitosa pressupõe o conhecimento específico dos bens, um conhecimento que se distingue do conhecimento racional, mas que nem por isso deixa de ser uma função mental própria que parece ser o forte da mulher). Ao que tudo indica, essa atitude está ligada à sua função de cuidar da prole e de promovê-la: trata-se de uma percepção especial da importância do orgânico, do todo, dos valores específicos, do individual. Desta maneira, ela se revela sensível e atenta a tudo que quer vir a ser, crescer, desenvolver-se e que, por isso mesmo, exige con-

sideração para com as suas próprias leis. Essa percepção do orgânico e específico é benéfica não só à prole, mas a todas as criaturas, sobretudo também ao homem, fazendo dela a companheira e ajudante compreensiva nos empreendimentos de outrem. Sob esse aspecto, destaca-se com bastante clareza a complementaridade do homem e da mulher, prevista pela ordem original da natureza: no homem aparece em primeiro lugar a vocação dominadora e, em segundo lugar, a da paternidade (que não é nem subordinada nem complementar à dominação, devendo antes ser integrada a ela); na mulher é a vocação à maternidade que predomina, enquanto a participação no domínio aparece como secundária).

Assim como o conhecimento, o deleite e o agir da mulher não se distinguem fundamentalmente dessas mesmas faculdades do homem, aparecem também nela as mesmas formas de degradação: de apossamento viciado e até destrutivo das coisas. Mas, as diferenças de importância e localização dessas funções dentro da personalidade e da vida total de ambos levaram também a diversos modos de degenerescência depois da queda. Já foi mencionado acima que a mulher, em virtude de sua constituição, se mostra mais protegida contra a unilateralidade e o atrofiamento de sua humanidade do que o homem. Por outro lado, trata-se de uma unilateralidade mais perigosa a que ela está exposta: como ela tem menos afinidade com o conhecimento e a criação do que com a posse e o desfrute dos bens, corre o risco de se fixar, exclusivamente nestes. Se ainda, por cima, a alegria respeitosa diante das coisas degenerar em cobiça, teremos de um lado a acumulação avarenta e ciosa de coisas fúteis e do outro a decadência de uma vida tola e inativa, presa aos instintos.

Essa condição compromete também seu relacionamento com o marido: se a própria degeneração dele em dominação brutal já chega a ameaçar sua posição de companheira livre a seu lado, a escravização por seus próprios instintos deve transformá-la ainda mais em escrava. Por outro lado, a preocupação receosa com a conservação das posses pode

vir a ser também sua atitude predominante em relação ao marido. Efeitos análogos podem aparecer também em relação aos filhos. A mulher que vive, exclusivamente, em função de seus instintos procurará furtar-se dos deveres da maternidade, assim como o homem em relação à sua paternidade (a não ser que um anseio e um afeto instintivos pelo filho a preservem disso). A mulher que, cheia de receios, vigia seus filhos como propriedade sua tentará prendê-los a si de todas as maneiras (se possível até excluindo os direitos paternos) podendo sua liberdade de desenvolvimento. Em vez de promover seu crescimento natural no serviço amoroso e respeitoso ao marido, aos filhos e a todas as criaturas para a maior glória de Deus e, com isso, para sua própria felicidade, ela passa a exercer uma influência inibidora e desgraçante.

Novamente, a raiz do mal deve ser procurada na perversão do relacionamento com Deus. Como a mulher, no momento do pecado, se levantasse contra Deus e, na sedução do marido, até acima dele, recebeu o castigo da subordinação sob o mando do marido. Como o pecado ao qual ela o induziu fosse muito provavelmente um pecado de sensualidade, a mulher ficou mais exposta ao risco de degradação para uma vida puramente instintiva do que o homem. É sempre que isso acontece, ela volta a ser a sedutora que leva ao mal, apesar de ter sido confiada, justamente a ela, a missão de combater o mal.

III

Com isso está indicado o caminho a ser seguido para restabelecer a natureza e com ela a vocação original do homem e da mulher: é necessário retornar ao relacionamento filial com Deus. A reaceitação como filhos é nos garantida pela ação redentora de Cristo, contanto que cumpramos a nossa parte. Os israelitas da antiga aliança fizeram a sua parte para alcançar a salvação aguardando o Messias no fiel cumprimen-

to da lei de Moisés. Para as mulheres, isso significava sujeição ao domínio do homem, resguardo meticuloso de sua pureza, disciplina mais severa dos sentidos do que se esperava dos homens, o desejo de gerar filhos para ver apontar neles a salvação, e o esforço dedicado de educá-los no temor de Deus. O homem observa os rituais de oração e sacrifícios, as leis morais e sociais, cuida como chefe da família da mulher e dos filhos e honra a esposa como mãe de seus filhos.

Na nova aliança, o ser humano participa da obra da salvação pela união estreita e pessoal com Cristo: pela *fé*, que vê nele o caminho para a salvação e se fia na verdade revelada por Ele e nos meios de salvação que ele oferece, pela *esperança* que confia firmemente na vida prometida por Ele, pelo *amor* que procura chegar-se a Ele de todas as maneiras possíveis; pela *meditação* de sua vida e de suas palavras procura conhecê-Lo cada vez melhor, na *Eucaristia* almeja obter a união mais íntima com ele e na *Liturgia* da Igreja partilha de sua vida mística, acompanhando o desenrolar do ano litúrgico. Nesse caminho da salvação não há diferença de sexos. É o ponto de partida da salvação para ambos os sexos e para o relacionamento entre eles.

A ação redentora não restabeleceu de um só golpe a pureza original da natureza corrompida. Cristo introduziu a salvação na humanidade como uma semente que precisa crescer dentro de e junto com o crescimento da Igreja e em cada alma em particular. Nós que estamos *in via*, isto é, em peregrinação à Jerusalém celeste, experimentamos dentro de nós a luta travada entre a natureza corrompida e o germe da vida da graça, que quer e pode desenvolver-se, eliminando tudo que é doentio. Ao redor de nós, vemos os frutos do pecado original em suas formas mais assustadoras, especialmente na relação entre os sexos: a vida subordinada aos Instintos desenfreados que parece ter perdido qualquer vestígio de sua vocação elevada; a luta dos sexos entre si por seus direitos, aparentemente sem dar atenção à voz da natureza e à voz de Deus. Mas vemos também a possibilidade de uma alternativa onde entra em ação a força da graça.

No casamento cristão, o homem procura exercer sua função de cabeça da pequena comunidade cuidando da saúde do organismo todo: empenhando-se, não apenas em seu sustento material e "progresso" exterior, contribuirá com a sua parte para que cada membro atinja o melhor daquilo que a natureza e graça podem operar nele.

Isto significa ora uma intervenção e orientação ativa, ora uma atitude de observação discreta, ora também medidas preventivas e combativas. Quando dons e forças começam a despontar na mulher e nos filhos querendo desenvolver-se, saberá dar liberdade para seu crescimento e apoio onde for necessário e estiver em suas forças. Quando precisa lidar com índoles e talentos mais fracos, reparará na falta de coragem e autoconfiança e tentará despertar os dons escondidos. Faz parte de suas atribuições reforçar na mulher o elemento espiritual para que não caia numa vida meramente instintiva, para tanto pode dar-lhe participação em suas próprias atividades ou incentivar sua disposição para atividades próprias. Se ele lhe tirar essas possibilidades, se tentar confiná-la num círculo muito restrito para o exercício de seus dons ou até numa vivência meramente instintiva, caberá a ele a responsabilidade pelas conseqüências: pelo definhamento de uma vida mais elevada, por distúrbios doentios, por uma fixação excessiva no marido e nos filhos e que estes passam a sentir como peso e pelo vazio que lhe restará quando um dia ficar sozinha. O mesmo se aplica, analogamente, à relação com os filhos. Por outro lado, cabe aos deveres do pai de família cuidar da ordem e da harmonia na vida familiar; para tanto é necessário insistir com todos os membros que não se preocupem apenas com sua própria personalidade e seu desenvolvimento individual, antes devem aprender a ter respeito pelos outros de acordo com o lugar de cada um na família e praticar a abnegação na medida de seus deveres. Finalmente, os cuidados com uma vida natural ordenada de cada um e de toda a casa não devem levar ao descuido em relação à vida sobrenatural. O homem, que deve imitar Cristo como cabeça

da Igreja, deveria ver-se sobretudo como exemplo na imitação de Cristo promovendo com todas as suas forças os germes da graça que se manifestam nos membros de sua família. Ele terá tanto mais sucesso nesse empenho, quanto mais íntima for a sua união com o Senhor.

A responsabilidade, que pesa sobre os ombros do homem, poderia parecer grande demais, ao lado dos deveres profissionais, se não tivesse a seu lado a ajudante que, segundo a sua natureza, tem a vocação de assumir mais da metade desse peso. Se, por um lado, existe nela o desejo de poder desenvolver plenamente a sua própria personalidade, procura igualmente ajudar as pessoas que lhe são próximas a desenvolverem-se, também sem restrições. Assim, o marido encontrará nela a melhor conselheira para a própria orientação dela, dos filhos e dele mesmo. Em muitos casos, cumprirá melhor as suas obrigações deixando-a à vontade em suas aspirações e deixando-se guiar por ela. Faz parte da dedicação feminina ao desenvolvimento correto das pessoas próximas a preocupação com a ordem e a beleza de toda a casa para que se crie um ambiente propício ao desenvolvimento de todos.

Certamente, corresponde àquele misterioso anúncio de uma luta fantástica da mulher contra a serpente e de seu cumprimento pela vitória, que a rainha de todas as mulheres conquistou por toda a humanidade o fato de a natureza feminina possuir uma receptividade especial pelo bem moral e uma aversão contra as baixezas e vulgaridades, como defesa contra o perigo da sedução e do afundamento total na vida instintiva dos sentidos. A essa predisposição corresponde a receptividade pelo divino e pela união pessoal com o Senhor, a disposição e o anseio de deixar-se tomar e levar completamente por seu amor. Por isso, numa vida familiar ordenada, caberá sobretudo à mulher a tarefa de cuidar da educação e formação moral e religiosa. Se a vida dela estiver totalmente baseada na vida de Jesus, estará também protegida contra o risco de errar a medida do amor solícito que nutre pelas pessoas que lhe são próximas abandonando erronea-

mente a si mesma por desfazer-se do fundamento que lhe dá suporte e apoio. Para contrabalançar naturalmente essa tendência perigosa de se dedicar excessivamente à vida dos outros e nela se perder recomenda-se o trabalho próprio, só que esse acarreta, por sua vez, o risco oposto de trair a sua vocação feminina. Só quem se entrega totalmente nas mãos do Senhor pode ter a confiança de passar ileso entre Cila e Caribde. O que está nas mãos de Deus não se perde, antes é preservado, purificado, elevado e devidamente equilibrado.

Estas últimas considerações levam à questão do trabalho fora de casa e da relação entre homem e mulher na vida profissional. Depois da evolução verificada nas últimas décadas, podemos considerar encerrado o período histórico em que se distinguia claramente entre as tarefas domésticas que cabiam à mulher e a luta pela existência fora de casa que cabia ao homem. Não é muito difícil compreender, hoje em dia, como essa evolução realmente aconteceu nos últimos anos e decênios. Os triunfos da ciência e da tecnologia que passaram a substituir cada vez mais o trabalho humano pelo trabalho das máquinas trouxeram um grande alívio para as mulheres e o desejo de empregar as forças liberadas em outras atividades. No período de transição, muitas forças ociosas foram desperdiçadas em futilidades levando ao atrofiamiento de vidas preciosas. Os esforços de reestruturação passaram por graves crises de desenvolvimento, provocadas em parte pela paixão das pioneiras do movimento feminista e de seus adversários, que em suas disputas, recorriam ambos a argumentos humanos, em parte pela inércia da grande maioria que costuma agarrar-se, sem exames objetivos, ao velho tradicional. De repente, a revolução trouxe mudanças radicais também nesse campo, e o declínio econômico obrigou à atividade remunerada mesmo aqueles que nunca tinham pensado em se formar profissionalmente. De modo que o estado em que nos encontramos hoje não pode ser encarado como resultado de uma evolução normal, não podendo servir, portanto, de base adequada para considerações de ordem fundamental.

Tendo em vista as reflexões apresentadas anteriormente precisamos perguntar primeiro se a atividade profissional da mulher fora de casa contraria realmente a ordem natural e da graça. Creio que a resposta deva ser negativa. A ordem original prevê, a meu ver, a ação comum do homem e da mulher em todas as áreas, apesar de uma distribuição diferenciada dos papéis. As mudanças da ordem original, advindas com a queda, não levaram à suspensão completa dessa ordem, pois a natureza não ficou totalmente corrompida, conservando as forças antigas, se bem que debilitadas e expostas ao erro. A presença na natureza feminina de *todas* as forças que o homem possui - se bem que normalmente em outra medida e proporção - equivale a uma mandato de utilizá-las em atividades condizentes. Se o âmbito dos deveres domésticos é muito restrito para o exercício pleno dessas forças, impõe-se, em consonância com a natureza e com a razão, um avanço para além desse âmbito. Parece-me que os limites para a atividade profissional estão lá onde começa o risco de pôr em perigo a vida familiar, isto é, a comunidade de vida e educação formada por pais e filhos. Até mesmo o excesso de atividade profissional do homem, a ponto de afastá-lo totalmente da vida familiar, me parece contrário à ordem divina; isso vale ainda mais para a atividade da mulher. Por isso, devemos qualificar de doentia a condição social em que a média das mulheres casadas se vê obrigada a trabalhar fora de casa a ponto de estarem impossibilitadas de cuidar de seu lar. Numa época em que o destino das mulheres consistia normalmente em casar e em que os deveres domésticos exigiam toda a sua dedicação, podia ser também considerado normal que a mulher se limitasse à vida doméstica.

As mudanças, que a queda trouxe para a vida da mulher, provocaram, em primeiro lugar, um comprometimento maior de suas forças com as preocupações ligadas às necessidades vitais mais primitivas; nesse ponto, a evolução cultural fez com que a situação melhorasse a favor da mulher. Em segundo lugar, deu-se a subordinação ao marido, fazendo de-

pende o alcance e o tipo de suas atividades da vontade dele. Como o entendimento e a vontade dele não são infalíveis, não há garantia de que a direção pelo entendimento e pela vontade dele corresponda sempre aos ditames da razão. Além disso, sabemos que a harmonia entre os sexos foi abalada pela queda, de modo que, com a degradação das naturezas masculina e feminina, a desordem constituiria necessariamente a base de uma luta pelas oportunidades de realização.

A ordem da salvação restabelece a relação original permitindo, na medida de sua assimilação pessoal, a cooperação harmônica e regulamentação, de comum acordo, da distribuição dos papéis profissionais. Além disso, leva a uma mudança básica em relação à posição da mulher, estabelecendo o ideal de virgindade. Com isso, rompe-se a norma do antigo testamento segundo a qual a mulher só poderia salvar-se pela procriação. Em casos isolados, houve exceções dessa norma já no antigo testamento, quando uma ou outra mulher era chamada por Deus para realizar atos extraordinários a favor de seu povo (Débora, Judite). Mas agora franqueia-se às mulheres, como algo normal, o caminho da dedicação exclusiva ao serviço de Deus, podendo desenvolver nele uma grande variedade de atividades. O mesmo *São Paulo*, que em outras passagens continua profundamente influenciado pela visão do antigo testamento, declara abertamente que, na opinião dele, o casamento é bom para homens e mulheres, mas que é melhor não se casar, e em diversas oportunidades, elogia as realizações de mulheres no serviço às primeiras comunidades ⁴⁵.

Antes de passar à análise da vocação de homens e mulheres para o serviço de Deus, vamos examinar se convém exigir, segundo a ordem natural, a distribuição das profissões no sentido de reservar determinadas profissões só para os homens e outras só para as mulheres (mantendo eventualmente um terceiro grupo aberto a ambos). Penso que essa

45 1 Cor 6

questão também deve receber resposta negativa, tendo em vista as grandes diferenças individuais que fazem com que algumas mulheres se aproximem muito do tipo masculino e alguns homens muito do tipo feminino, de modo que toda profissão "masculina" pode ser competentemente exercida também por certas mulheres e toda profissão "feminina" por certos homens.

Por isso me parece melhor não levantar barreiras legais sob esse aspeto, basta insistir numa educação, formação e orientação vocacional de acordo com a natureza para que se faça uma opção profissional adequada, eliminando elementos impróprios por meio da aplicação de exigências objetivas e severas. Normalmente, ocorrerá uma divisão espontânea, uma vez que a diferença das naturezas impõe obviamente a presença de aptidões específicas para determinadas profissões.

Nas áreas em que predominam a força física, o raciocínio abstrato e a criatividade independente trata-se, preponderantemente, de profissões masculinas, portanto, no trabalho pesado da indústria, do comércio e da agricultura; no ramo das ciências exatas, na matemática, na física matemática e, conseqüentemente, na tecnologia; além disso, no trabalho mecânico dos escritórios e da administração e em certos campos da arte (não em todos). Sempre que convier a emoção, a intuição, a empatia e a capacidade de adaptação e onde está em jogo *o ser humano como um todo*, para cuidar dele, formá-lo, ajudá-lo, compreendê-lo ou exprimir seu ser, aí se trata de um campo de ação genuinamente feminino, portanto, em todas as profissões pedagógicas e de saúde, no trabalho social, nas ciências que têm por objeto o ser humano e sua atuação, nas artes ligadas à representação do ser humano, mas também na atividade comercial, na administração pública voltada para o contato com as pessoas e à assistência.

É claro que, em épocas de extremas dificuldades econômicas, como a nossa, em que é necessário pegar o emprego que se oferece, esteja ele de acordo com as inclinações

específicas e individuais ou não, não será possível implementar a distribuição natural das profissões. Hoje é praticamente comum as pessoas exercerem profissões para as quais não têm vocação por natureza; o contrário já constitui quase um caso de sorte. Nestas circunstâncias, deve-se tirar o máximo da situação imposta: por um lado, tentar corresponder às exigências objetivas da profissão e, por outro lado, não renegar ou deixar definhando a própria natureza e, sim, fazê-la valer em proveito do todo. (Isso pode significar, por exemplo, que uma mulher que tem um trabalho mecânico se mostre compreensiva e prestativa para com os colegas, que um homem talvez demonstre espírito criativo na organização do trabalho.) Claro que isso exige um alto grau de maturidade pessoal e muita boa vontade de adaptar-se a qualquer situação e de dar sempre o melhor de si, uma atitude que dificilmente pode ser atingida se não existir a convicção de que as condições da vida são dadas por Deus e que o trabalho é um serviço prestado a Deus que nos dá a possibilidade de desenvolver em sua honra os dons que Deus nos deu. Isso se aplica a qualquer profissão, não apenas àquelas que chamamos de dedicadas a Deus, se bem que nessas últimas ganhe destaque especial.

Diz-se até na linguagem comum que sacerdotes e religiosos precisariam ter uma *vocação* especial, isto é, que deveriam ter recebido um chamado especial de Deus. Existe nesse particular uma diferença entre homens e mulheres? Em todos os tempos homens e mulheres se viram chamados para a vida religiosa e, vendo hoje a grande variedade da vida religiosa, as muitas formas de prática da caridade que, em nosso tempo, são exercidas também pelas ordens e congregações femininas, deparemos-nos com apenas uma diferença essencial: a de que a atividade sacerdotal é reservada tão somente aos homens. Com isso encontramos-nos diante da questão difícil e controvertida do *sacerdócio* da mulher.

Observando a atitude do próprio Cristo em relação a essa questão, vemos que ele aceita para si e para os seus os

serviços de caridade de mulheres, que há entre seus discípulos e confidentes mais próximos também mulheres, mas que não conferiu a elas o sacerdócio, nem mesmo à sua mãe, a Rainha dos Apóstolos, que em perfeição humana e plenitude da graça estava acima de toda a humanidade.

A igreja primitiva conhece uma grande variedade de atividades caritativas exercidas nas comunidades pelas mulheres, além de uma forte influência apostólica das confessoras e mártires, ela conhece a virgindade consagrada ao serviço litúrgico e até mesmo um cargo eclesástico, o diaconato das mulheres, com sua própria consagração ⁴⁶ - mas nem ela introduzira o sacerdócio da mulher. O desenvolvimento histórico posterior leva à perda desses cargos pelas mulheres e o rebaixamento progressivo de seu status jurídico-eclesiástico, ao que tudo indica, sob a influência de idéias baseadas no antigo testamento e no direito romano. Em épocas mais recentes, registra-se uma mudança por causa da grande demanda de mulheres nas instituições de caridade e de pastoral. Da parte das mulheres há um certo empenho no sentido de que se confira a essas atividades novamente o caráter de um cargo de consagração eclesiástico, e é bem possível que esses reclamos um dia sejam atendidos. Fica a pergunta se esse seria então o primeiro passo no caminho do sacerdócio da mulher.

Do ponto de vista *dogmático* não me parece haver nenhum empecilho que impeça a Igreja de introduzir uma novidade até agora inaudita. Se esse passo é recomendável do ponto de vista prático é uma questão que admite argumentos a favor e contra. *Contra* ela se levanta toda a tradição, desde os primeiros tempos até hoje; mas, para mim, pesa ainda mais o fato misterioso, que já tinha destacado anteriormente: Cristo veio ao mundo como *filho* do homem, de modo que a primeira criatura criada segundo a Imagem de

46 Cf. H. V. Borngen, *Rechtsstellung der Frau in der Katholischen Kirche*, Leipzig, 1931.

Deus em sentido extraordinário foi um homem; isso me parece indicar que ele pretendia instituir só homens como seus representantes oficiais na terra. Mas, tendo se ligado a *uma* mulher tão intimamente como a nenhum ser na terra e tendo a criado tão proximamente à sua imagem como a nenhum outro ser humano antes ou depois, tendo lhe conferido uma posição na Igreja como a nenhum outro ser humano, chamou também em todos os tempos mulheres a uma íntima união com ele, para que fôsem mensageiras de seu amor, anunciadoras de sua vontade perante reis e papas, precursoras de seu reinado no coração dos homens. Não pode existir vocação mais elevada que a de *sponsa Christi*, e quem vê aberto esse caminho não vai querer nenhum outro.

Pertencer e servir a Deus em livre doação de amor não é apenas a profissão de alguns escolhidos e, sim, de todos os cristãos, sejam eles ordenados ou não, homem ou mulher: todos são chamados a imitar Cristo. Quanto mais se progride nesse caminho, mais se fica parecido com Cristo, e como Cristo representa o ideal da perfeição humana, no qual são abolidas todas as unilateralidades e falhas, reunidas todas as qualidades da natureza masculina e feminina, eliminadas as fraquezas, seus seguidores também passam a ser elavados cada vez mais para além dos limites da natureza. Por isso, verificamos em homens santos a suavidade e bondade feminina e uma preocupação verdadeiramente maternal com as almas que lhes são confiadas, e em mulheres santas encontramos coragem, proficiência e determinação masculina.

Assim, a imitação de Cristo leva ao desenvolvimento da vocação original do ser humano: ser imagem de Deus, do *Senhor* da criação, protegendo, preservando e promovendo todas as criaturas que o rodeiam, do *Pai*, gerando e formando filhos para o reino de Deus em paternidade e maternidade *espiritual*. Ultrapassar os limites naturais é ação suprema da graça, podendo jamais ser alcançado pela luta auto-suficiente contra a natureza ou pela negação dos limites naturais, o único caminho é a submissão à ordem estabelecida por Deus.

3

A VIDA CRISTÃ DA MULHER



Há pouco tempo, uma moça inteligente me perguntou por que atualmente se fala tanto da índole e da vocação da mulher. É realmente impressionante como esse tema é constantemente abordado de todos os lados e tratado das mais diversas maneiras. Importantes homens de espírito projetam um ideal luminoso do ser feminino esperando que sua realização traga a cura para todos os males e perigos de nosso tempo. Por outro lado, encontramos na literatura de hoje e das últimas décadas, repetidamente, a mulher como demônio do abismo. Ambos os lados nos põem um grande peso nos ombros. Nossa razão de ser e nossa vida nos são impingidas como um problema. Não conseguimos escapar da pergunta: o que somos e o que devemos ser? E não é apenas o intelecto reflexivo que nos põe diante dessa questão. A própria vida transformou nossa vida em problema.

Um desenvolvimento que muitos pressentiram, que poucos queriam e implementavam ativamente, que surpreendeu a maior parte das pessoas, arrancou as mulheres de dentro do âmbito protegido da casa e de formas de vida perfeitamente assimiladas, colocando-as nas mais diversas si-

tuações desconhecidas e diante de problemas práticos insuspeitados. Lançadas na corrente, temos que nadar. Mas, quando as forças ameaçam fraquejar, procura-se alcançar a margem segura, pelo menos para tomar fôlego. Procura-se refletir para saber se é mesmo necessário continuar, e se for: como fazer para não afundar; gostaríamos de avaliar a direção da corrente e a altura das ondas e as próprias forças e possibilidades de movimento para chegar a uma conclusão sobre as nossas chances.

Esse tipo reflexão nos propomos agora: tentando lançar um olhar para dentro do mais íntimo de nosso ser, descobrimos que não se trata de um ser pronto e, sim, de um vir-a-ser, e procuramos então esclarecer esse processo do vir-a-ser. O que somos e em que nos tornamos não permanece encerrado dentro de si mesmo, antes precisa propagar-se e ter conseqüências; mas, todo o nosso ser e vir-a-ser e atuar no tempo é disposto desde a eternidade e tem um sentido para a eternidade e só se torna claro para nós na medida em que nos colocamos sob a luz da eternidade.

I. A ALMA FEMININA

É possível falar *da* alma da mulher? Toda alma humana é única, nenhuma é parecida com outra. Como falar dela, então, genericamente? A ciência da alma trata geralmente da alma *do* ser humano, não dessa ou daquela pessoa, ela destaca manifestações e leis gerais, e mesmo quando procura realçar as diferenças - como na *psicologia diferencial* - trata-se novamente de tipos gerais e não de indivíduos: a alma da criança, do jovem, do adulto; a alma do trabalhador, do artista, etc.; e assim também a alma do homem e da mulher. Para aqueles que refletiram sobre as possibilidades da ciência, o individual foi sempre mais problemático de captar do que o genérico.

Mesmo abstraindo das Individualidades, existe *um* tipo de mulher? O que ainda existe em comum no tipo de mulher que encontramos em *O Sino*, de Schiller, ou em *Vida e Amor de Mulher*, de Chamisso, ou nas mulheres retratadas por Zola, Strindberg, Wedekind? Toda a diversidade presente na vida concreta pode ser subordinada a um denominador comum e esse denominador comum, por sua vez, pode ser diferenciado da alma masculina? Aqui não é o lugar de provar filosoficamente que existe no âmbito do ser algo que poderíamos chamar de *espécie de alma feminina* e que há uma função especial de conhecimento que permite reconhecê-la. Por isso, talvez seja mais plausível não começar com os delineamentos dessa imagem genérica da espécie e, sim, com o desenho de uma série de tipos, os mais diferenciados possíveis, para passar a verificar em seguida se podemos encontrar neles uma espécie comum. Como a interpretação e descrição da alma são atribuições, eminentemente literárias, retiro esses tipos de obras literárias que me parecem ter um valor simbólico especial.

Ingunn Steinfínnsdatter da obra *Olav Audunssøn* de Sigrid Undset. O romance nos leva a um tempo remoto numa terra longínqua, com um contexto cultural totalmente estranho a nós. Ingunn cresce num sítio nórdico, na Idade Média, sem receber muitos cuidados e educação. Desde criança é considerada noiva de seu irmão de criação Olaf que partilha de sua vida. Com ele e com os colegas dele vagueia pelas redondezas, sem conhecer atividades ordenadas, sem disciplinação das vontades. Como as crianças não dispõem de outro amparo, amparam-se uma à outra. Na idade de 15 e 16 anos desperta neles o desejo, e na primeira oportunidade cedem à tentação. A partir desse momento, a vida de Ingunn se resume a uma amatividade insaciável. Ela e Olaf consideram-se indissolúvelmente unidos segundo o direito eclesiástico. Mas, a família se opõe ao casamento, e eles são separados por muitos anos. A vida do jovem está cheia de lutas em países longínquos e de muitas experiências e aspira-

ções. A moça procura nos sonhos compensação pela felicidade perdida; graves achaques de histeria paralisam de tempos em tempos todas as suas atividades. Apesar de todo o seu desejo se concentrar em Olaf, torna-se vítima de um sedutor. Mas, em sua existência sombria irrompe qual luz de um outro mundo o reconhecimento de sua queda e, com força admirável, ela reage e põe um fim à relação pecaminosa. Olaf, de volta à casa, ouve de sua boca a confissão de sua culpa, mas nem por isso se acha no direito de romper o vínculo sagrado. Ele a leva como esposa para seu sítio e cria o filho dela como seu herdeiro. Mas, a felicidade tão desejada lhes é recusada. Ingunn vive abatida com a consciência de sua falta; todos os filhos lhe nascem mortos. Mas, quanto mais se sente culpada pela desgraça de seu marido, tanto mais se agarra a ele exigindo novas provas de seu amor. E Olaf acaba cedendo como sempre cedera, vendo definhando a vida dela e, com isso, consumidas também as suas próprias forças. Durante anos ela suporta sua enfermidade sem queixas, aceitando-a em silêncio como expiação. Só perto do fim, o homem começa a suspeitar que nessa alma deve ter germinado algo mais que afeição surda e irracional, que deve ter havido uma centelha divina subnutrida e a compreensão de um mundo superior, mas sem a necessária claridade, e que, por isso, não tivera a força necessária para dar forma à sua vida. Ele tomara ao pé da letra a palavra do apóstolo (Ef 5, 28): "Os maridos devem amar suas mulheres como a seu próprio *corpo*". E assim a vida de ambos acabou destruída.

Como sempre nas obras de Sigrid Undset, há um confronto inflexível dos dois mundos ou, mais propriamente, pré-mundos: o instinto surdo do caos primitivo e o espírito de Deus sobre os seres. A alma dessa criança natural é como terra de plantio que nunca recebeu o arado. Ela abriga sementes germináveis em que a vida se vê despertada e suavemente agitada pelo raio de luz que vem detrás das nuvens. Mas a gleba pesada precisaria ser preparada para que as sementes pudessem aflorar.

Nora, de Ibsen. Ela não é uma filha da natureza, pois é criada num ambiente cultural moderno. Possui um intelecto vivo, embora lhe falte a formação sistemática - que falta aliás também à sua vontade. Tendo sido a boneca preferida de seu pai, é agora a boneca preferida de seu marido, assim como os filhos são suas bonecas. É com essa crítica mordaz que ela própria se expressa, depois que se lhe abriram os olhos. A moça mimada precisa tomar decisões para as quais ela não está preparada de maneira alguma. Seu marido está gravemente doente, faltam os recursos para uma viagem que lhe poderia trazer a cura. Não tem como pedir ao pai porque este também se encontra enfermo. Assim, ela acaba assinando uma nota promissória em nome dele. Sua consciência não sente nenhuma culpa, pelo contrário, ela se orgulha do ato que devolve a saúde ao marido. Mas, sabendo que ele como advogado honesto não aprovaria seu procedimento, ela o esconde dele. Quando, porém, o credor, disposto ao ato extremo diante da própria necessidade, ameaça revelar o fato, não é o medo de ser repreendida pelo marido que a faz optar, em seu desespero, pelo suicídio. Ela teme (e ao mesmo tempo espera) um outro efeito: que aconteça "o extraordinário" de o marido, movido por seu grande amor, assumir a culpa dela. Mas, o resultado acaba sendo bem diferente. Robert Helmer condena moralmente a esposa, ela já não merece ser a educadora dos filhos. Na desilusão, reconhece Nora a si própria e o marido descobrindo que o vazio de sua convivência não merecia ser chamado de *casamento*. Afastado o risco de um escândalo social, ele se dispõe a perdoar tudo e a restabelecer as coisas em seu estado anterior, mas agora ela já não pode voltar atrás, pois sabe que precisa tornar-se outra pessoa antes de tentar outra vez ser esposa e mãe. Também Robert Helmer precisaria transformar-se em ser humano, deixando de ser apenas um figura social, para que sua convivência pudesse transformar-se em casamento.

Ifigênia, de Goethe. Ainda muito jovem, circunstâncias estranhas a arrancaram do meio de seus pais e irmãos, le-

vando-a para um povo bárbaro. A mão dos deuses a salvou da morte certa e a destinou ao serviço sagrado na bonança do templo, onde a sacerdotisa misteriosa passa a ser venerada como uma santa. Mas seu coração não se adapta. Seu desejo é voltar à terra natal, para junto dos seus. Com firmeza recusa as pretensões do rei porque não quer perder a chance de um dia voltar à pátria. Como castigo, recebe a ordem de sacrificar à deusa dois estrangeiros que acabam de ser encontrados na praia, cumprindo assim um antigo costume local que tinha sido revogado justamente por sua iniciativa. Os estrangeiros são gregos, um deles é seu irmão. Cumpriu-se seu desejo de rever pelo menos um dos seus. Mas seu irmão, manchado pelo matricídio, levado às raias da loucura pelos tormentos do arrependimento, deve morrer pelas mãos dela. A maldição antiga de sua família, da qual parecia ter sido poupada até então, ameaça cumprir-se também nela. Colocada diante da alternativa de salvar o irmão, o amigo deste e a si mesma por meio da mentira e da trapaça ou de entregar todos à perdição, ela acha num primeiro momento que deve optar pelo "mal menor". Sua alma pura, porém, não suporta a falsidade e o abuso de confiança lutando contra eles como um corpo sadio se opõe aos germes de uma doença. Confiando na veracidade dos deuses e na magnanimidade do rei confessa a esse último o plano de fuga recebendo como recompensa a vida do irmão e a permissão de retornar à pátria. O irmão já está curado por meio de sua oração. Com isso, trará a paz e a reconciliação com os deuses para a antiga casa real.

Antes de procurarmos descobrir uma espécie comum nos três tipos de pessoa, será necessário discutir um pouco o realismo dos três tipos. Por acaso não se trata de meras criações da fantasia de seus autores? Com que direito recorreremos a eles para conhecer melhor o verdadeiro ser da alma feminina? Para resolver essa dificuldade, procuramos entender primeiro o que o espírito de criação do autor pretendia com a sua criatura.

No caso de Sigríð Undset, ninguém pensará que o motivo tenha sido *l'art pour l'art*. Sua literatura é confissão sem concessões. Tem-se até a impressão de que ela sente uma verdadeira compulsão de expressar o que a realidade brutal lhe impõe. E eu acho que todo aquele que observa a vida com sinceridade e objetividade não pode negar que ela trabalha com tipos reais, mesmo que tenham sido escolhidos com uma certa unilateralidade. Parece que essa unilateralidade exprime uma determinada tendência: ela destaca o elemento animalesco e instintivo em oposição a um idealismo mentiroso e um intelectualismo exagerado que gostaria de elevar-se acima da realidade terrena.

Nora foi escrito por um homem que pretende identificar-se totalmente com o ponto de vista da mulher, que defende as causas da mulher e o feminismo. Sua heroína foi escolhida sob esse aspecto - mas *escolhida* e retratada com base em uma análise rigorosa, não uma simples invenção construída pela razão. A força e a consequência de seu pensamento e de seus atos depois de desperta podem surpreender, pode ser que ela seja até incomum, mas nunca inverossímil ou até impossível.

A trama clássica de Goethe, a grandeza singela e a ingenuidade sublime da mais nobre de suas figuras femininas talvez pareçam ao homem moderno sinais da maior irrealidade. E certamente estamos diante de uma idealização, mas nem por isso trata-se de uma construção da fantasia, é uma imagem ideal baseada, experimentada e sentida na vida. O grande plasador deu forma plástica àquilo que se lhe apresentou como *humanidade pura* e, ao mesmo tempo, como *eterno feminino*, destituído de qualquer intenção tendenciosa. É por isso que nos sentimos comovidos de uma maneira que só o totalmente genuíno e eternamente verdadeiro podem provocar.

Isso quanto ao realismo dos tipos escolhidos. Podemos, então, destacar algo comum nessas três figuras que cresceram em solos tão diversos (tanto em relação ao ambiente em que a criação literária as coloca quanto à época cultural e à

personalidade de seus criadores)? Nessa moça natural cuja alma não chegou a sentir nenhuma mão formadora; nessa boneca de salão artificialmente impedida em sua formação por uma sociedade super-civilizada, mas que mesmo assim conservou suficiente instinto sadio para rasgar as redes e tomar sua vida em suas próprias mãos para dar-lhe livremente uma nova forma; na santa que, num ambiente sagrado, ultrapassou a natureza no contato com a divindade elevando-se a uma luz sobrenatural? Em todas, encontro uma índole comum: o desejo de dar e de receber amor, e com isso, a aspiração de serem tiradas da estreiteza de sua existência real atual para serem guindadas a um ser e agir mais elevado.

O sonho da vida de Ingunn é viver ao lado de Olaf numa fazenda e de ter muitos filhos. Devido a limitações da natureza não consegue imaginar uma extensão maior de seu ser e, menos ainda, dar-lhe formas pelos próprios atos. Quando, finalmente, sobrevém a união com o marido como única realização, ela se agarra à intimidade corporal e ao afeto e procura assegurar-se deles com toda a energia. Mesmo assim não encontra a felicidade desejada, mas ela não conhece outro caminho para achá-la ou, pelo menos, procurá-la, e assim fica com o que tem.

A *verdadeira* vida de Nora, oculta atrás de sua existência de boneca e de que quase não tem consciência inicialmente, é sua espera pelo *extraordinário*, que nada mais é do que o fim de sua existência de boneca, a irrupção do grande amor e, com isso, do verdadeiro ser em seu marido e nela própria. Como da parte dele nada vem, como nada mais há atrás da máscara social, ao menos ela própria tenta chegar a si mesma, ao seu verdadeiro ser.

No caso de Ífigênia já não se faz necessário o avanço para o verdadeiro ser, ela já *está* no ser verdadeiro, já conseguiu alcançar a humanidade suprema, só falta comprová-la e criar o espaço necessário para que possa atuar de modo adequado. Sua aspiração consiste em transformar o ser que nela amadureceu em ato de amor salvador, pois é esse seu destino.

Conseguimos assim captar a alma feminina em seu âmago? Claro, poderíamos colocar ao lado desses ainda muitos outros tipos de mulheres; creio, porém, que enquanto se tratar de tipos de *mulher* encontraremos no fundo sempre isso mesmo. Tornar-se aquilo que se deve ser, deixar amadurecer para o desdobramento mais perfeito possível a humanidade que está latente nela, na forma individual especial que foi colocada nela. Deixar amadurecê-la na união amorosa que, fecundando, provoca esse processo de amadurecimento e, ao mesmo tempo, estimula e promove também nos outros o amadurecimento de sua perfeição, essa é a aspiração mais profunda do desejo feminino, que pode manifestar-se nos mais diversos disfarces e mesmo distorções e desfiguramentos. Ainda veremos que é esse desejo que corresponde à função eterna da mulher. Deveremos mostrar também pela comparação com o modo de ser especificamente masculino que se trata de um desejo especificamente feminino e não de um desejo comum a todo o gênero humano.

A aspiração do homem se dirige mais aos efeitos externos, à ação e ao desempenho objetivo do que ao ser pessoal, dele próprio e dos outros. Claro que não se pode separar completamente as duas coisas. A alma humana como tal não é um ser pronto, parado. Seu ser é vir-a-ser em que as forças que ela traz ao mundo em sua forma germinal devem desenvolver-se pela atividade. Assim, a mulher só pode aproximar-se do desdobramento perfeito de sua personalidade a que ela aspira acionando suas forças. O homem trabalha seu ser pessoal, mesmo que não tenha esse objetivo, esforçando-se para obter resultados objetivos. Na sua estrutura básica, a alma é a mesma em ambos os casos; a alma inserida no corpo de cuja força e saúde dependem sua própria força e saúde, se bem que não exclusivamente e de modo cabal; por outro lado, o corpo recebe dela seu ser *enquanto corpo* - vida, movimento, forma e conformação e sentido espiritual; sobre a base da sensualidade, que é tanto ser corporal quanto psíquico, repousa um ser espiritual que pela atividade da razão

explora com seu conhecimento o mundo, que pela vontade interfere de modo criativo e formador no mundo, e que pelo ânimo recebe internamente esse mundo e com ele se confronta. Mas, a medida e a proporção dessas forças variam muito de indivíduo para indivíduo provocando uma diferença específica também entre homem e mulher.

Tenho a impressão de que nem mesmo a relação entre corpo e alma é totalmente igual, de que o vínculo com o corpo é naturalmente mais intenso na mulher. (Gostaria de sublinhar a palavra "naturalmente", porque - como já dei a entender antes - existe a possibilidade de uma ampla emancipação da alma em relação ao corpo que, estranhamente, via de regra parece ser mais fácil a ser realizada pela mulher.) Parece-me que a alma da mulher está mais presente em todas as partes do corpo de modo que se sente mais atingida em seu íntimo por tudo que lhe acontece, enquanto para o homem o corpo assume mais o caráter de instrumento que está a seu serviço, o que provoca um certo distanciamento. Esses fatos devem estar ligados à vocação da mulher para a maternidade. A tarefa de abrigar dentro de si uma vida em formação e crescimento, de abrigar e de alimentá-la, leva a uma certa reconcentração sobre si mesma, e o processo misterioso da formação de uma nova criatura no organismo feminino é uma união tão íntima de elementos psíquicos e corporais que se pode entender facilmente que essa união se constitua em marca de toda a natureza feminina. Existe aí um certo risco. Para haver uma ordem natural e correta entre a alma e o corpo (isto é, a ordem que corresponde à natureza intacta), é necessário que ele receba a alimentação, os cuidados e exercícios necessários ao funcionamento adequado do organismo. Quando ele recebe *mais* do que isso - e a natureza *corrompida* dele costuma pedir mais - registram-se prejuízos para a alma, para seu ser espiritual; em vez de dominá-lo e de espiritualizá-lo, ela passa a afundar nele e ele perde conseqüentemente uma parte de seu caráter de corpo de humano. Quanto mais íntima for a relação entre alma e corpo tanto maior

será o risco de afundamento nele (como, por outro lado, a possibilidade de ser impregnado pela alma).

Analisando a relação entre as forças espirituais chegamos à conclusão de que elas necessitam umas das outras e que nenhuma pode persistir sem as outras. Um certo conhecimento racional dos objetos é indispensável para que a mente possa abarcá-los e ponderá-los; os movimentos do ânimo são a mola da vontade; por outro lado, cabe à vontade regular as atividades da razão e a vida afetiva. Mas, essas forças não estão distribuídas e desenvolvidas de maneira simétrica. A tendência do homem visa sobretudo adquirir conhecimento e agir. A força da mulher está na vida afetiva. Isso tem a ver com seu interesse pelo ser personalizado. Pois, nos movimentos e nas disposições do ânimo, a alma toma consciência de seu próprio ser e daquilo que ela é e como é, e assim ela reconhece também a importância do outro ser para si própria bem como a qualidade específica e o valor inerente das coisas fora dela, de outras pessoas e de objetos não pessoais. O órgão de identificação do ser, em sua totalidade e em sua peculiaridade, está inserido no centro de seu ser condicionando a aspiração de desdobrar-se no todo e de ajudar aos outros a se desdobrarem igualmente, característica essa que anteriormente já identificáramos na alma da mulher. Desta maneira, ela está melhor protegida por natureza contra a atividade unilateral e o desdobramento de suas forças do que o homem, mas, por outro lado, está menos apta para o rendimento máximo numa determinada área, uma vez que isso exige sempre uma concentração unilateral de todas as forças da alma – e mais exposta ao risco da dispersão. Especialmente perigosa pode ser, também, *aquela* unilateralidade à qual ela se inclina por natureza: o desenvolvimento unilateral da afetividade.

Atribuímos ao ânimo um papel de grande importância no organismo global da alma. Ele exerce uma função cognitiva essencial, é o centro de controle em que a constatação do ser é comutada em posicionamento pessoal e ação. Mas,

para estar à altura de sua tarefa, precisa da colaboração da razão e da vontade. Sem o trabalho preparatório da razão não pode chegar ao conhecimento. A razão é a luz que lhe ilumina o caminho. Sem essa luz, oscila entre as diversas direções; se chegar a sobrepor-se à razão poderá turvar a luz dela e levar à distorção de toda a visão do mundo e de objetos e acontecimentos isolados, empurrando a vontade para uma prática errônea. Seus próprios movimentos carecem do controle da razão e da orientação da vontade. É verdade que a vontade não tem o poder absoluto de provocar ou suprimir estados de ânimo, mas faz parte de sua liberdade deixar curso livre às emoções que nascem ou inibi-los. Na ausência de treinamento da razão e da vontade, a vida emotiva se transforma em movimento sem rumo certo. E como ela necessita de algum estímulo para entrar em ação, pode passar à ser dominada pela sensualidade por falta de orientação por parte das forças superiores do espírito. Nesse caso, a vida da alma afunda nos instintos animais sentindo-se até incentivada a isso pela ligação estreita com o corpo.

Assim, a alma feminina só poderá amadurecer para o ser que lhe é adequado, se as suas forças receberem a devida formação. Os tipos concretos que nos serviram de ponto de partida nos mostraram não apenas predisposições naturais, como também diversos estágios de formação da alma feminina. Chegamos a conhecer uma alma feminina que era praticamente matéria informe, mas que, mesmo assim, deixou entrever a que tipo de forma aspirava. Uma outra adquirira uma determinada forma sob as influências do acaso e de intervenções mediócras, sem no entanto achar a sua forma adequada. É finalmente uma terceira que se nos mostrava como uma criatura perfeita das mãos de um mestre. Com isso, vemo-nos diante da tarefa de examinar quais são as forças formadoras que fazem com que a alma feminina possa ser levada àquele ser para o qual é destinada, e como pode ser preservada das degenerações que a ameaçam.

II. A FORMAÇÃO FEMININA

O material a ser formado é constituído por aquela aptidão que acabamos de conhecer: as forças germinais existentes em toda alma humana, mas na distribuição específica que caracteriza a alma feminina e em sua respectiva manifestação individual. Não se trata de um material inerte, que precisa ser modelado e formado de fora, como a argila pela mão do artista ou como a rocha pela ação espontânea das intempéries; trata-se antes de uma raiz viva em formação, que possui em si mesma a força germinativa (*forma interna*) para desenvolver-se numa determinada direção, ou seja, em direção àquela forma completa e figura perfeita que deve crescer e amadurecer a partir desse germe. Sob esse aspeto, a formação se assemelha ao processo de desenvolvimento de uma planta. Mas, como o crescimento e o desenvolvimento orgânico não se processam apenas de dentro para fora, exigindo também a cooperação de condições externas, como clima, solo, etc., assim atuam, também, na formação da alma, fatores externos ao lado dos internos. Vimos que a alma só consegue desenvolver-se pelo acionamento de suas forças, e as forças só conseguem operar quando dispõem de um material, material este que deve combinar com elas: assim os sentidos operam com as impressões que recebem e processam, a razão com os pensamentos, a vontade pelas potências que lhe são características, o ânimo pela variedade de emoções, disposições e posicionamentos. Para tudo isso são necessárias determinadas motivações que ponham as forças em ação.

Para certos movimentos basta um mero contato com o mundo exterior, com as coisas e pessoas do ambiente; nesse sentido existem *influências espontâneas do ambiente* que agem sobre a formação da alma. Outras ações, sobretudo as das forças superiores, requerem orientação e direção; é esse o lugar do *trabalho de formação*, para instrução e educação consciente e livre, eventualmente de acordo com um plano. Sua tarefa consiste, essencialmente, na obtenção das *maté-*

rias de formação necessárias à alma para acionar suas forças: dar tarefas ao intelecto e à vontade, colocar o ânimo em contato com aquilo que é capaz de motivá-lo e de preencher a alma internamente. Esse é o mundo dos valores: o bem, o belo, o nobre, o sagrado, os valores específicos próprios de cada alma como tal e de sua qualidade individual.

O conhecer e o querer são *atos livres* e, também, a entrega aos movimentos, inicialmente espontâneos, do ânimo ou sua recusa, estão ligadas à liberdade. Desta maneira, o ser humano, consciente de sua liberdade, não fica entregue às forças formadoras externas como se fosse uma matéria passiva, pois ele é capaz de abandonar-se a elas ou de recusá-las, ele pode procurar as chances de formação ou pode evitá-las. De modo que a iniciativa livre, própria, também faz parte dos fatores que participam da formação da alma.

Todos os fatores de formação, que vêm de fora, tanto os que atuam espontaneamente, quanto os planejados e também todo tipo de autoformação livre, dependem daquele primeiro fator que é a aptidão: nada conseguem com o ser humano que já não esteja nele por natureza. Todo o trabalho de formação humano só pode trazer o material e oferecê-lo convenientemente "preparado". só pode ir à frente e "mostrar como se faz" para estimular a própria atividade; mas ele não pode obrigar à aceitação e imitação. A natureza restringe o trabalho de formação próprio, a natureza e a liberdade do formando limitam o trabalho de formação alheio. Mas existe *um* formador para o qual não há esses limites: *Deus* que deu a natureza pode também alterá-la de um modo que a faça afastar-se de seu curso de desenvolvimento natural (assim como pode intervir com milagres no curso natural dos processos da natureza); e Ele pode fazer com que a vontade se disponha *intertormente* a optar por aquilo que lhe é proposto (mesmo que, pelo dom da liberdade, tenha excluído uma regulamentação mecanicamente obrigatória da vontade humana).

Assim chegamos a um certo entendimento do que se deva entender por formação: o processo (ou o trabalho) que confe-

re à aptidão da alma um configuração moldada. (Costuma-se falar também em formação como resultado desse processo, ou seja, a forma que a alma adquire, ou eventualmente a alma assim moldada ou até o material espiritual que ela assimila.)

A pergunta pela formação correta da mulher está vinculada, sobretudo, ao trabalho de formação a ser realizado de modo planejado. Quem quiser formar almas femininas precisará conhecer primeiramente o material que lhe é confiado, isto é, a aptidão do ser humano que deve ser formado: conhecer a natureza da alma em termos gerais, a natureza específica da alma feminina e a peculiaridade individual das educandas. Precisa descobrir também quais foram as influências que, além da própria, já agiram sobre as almas ou continuam agindo (ambiente familiar, etc.), precisa ver se atuam na mesma direção almejada por ele ou em outra direção, se é necessário eliminá-las ou se é melhor atuar contra elas. Ele próprio, só poderá tentar inculcar uma determinada direção, se tiver em vista um *objetivo de formação*. O objetivo almejado pelo formador de pessoas (tanto na formação dos outros como em sua própria) depende de sua visão do mundo. A nosso ver deve se distinguir, também, entre o objetivo geral do ser humano como tal, o objetivo específico da formação feminina e o objetivo individual de cada pessoa. Este não pode ser definido arbitrariamente, pois é determinado por Deus. Quanto à vocação do ser humano e da mulher encontramos as explicações na Sagrada Escritura e sua interpretação na doutrina e na tradição da Igreja ¹. (Da parábola dos talentos e da palavra do apóstolo sobre a diversidade de dons podemos concluir que deve haver um objetivo individual; não se pode dizer genericamente qual seja esse objetivo, ele precisa ser descoberto para cada caso.)

¹ Cf. p. 73ss deste volume, no ensaio *A Vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e da graça*.

A vocação natural conferida por Deus ao ser humano é tríplice: desenvolvendo suas forças deve dar forma à Imagem de Deus dentro de si, gerar descendência e dominar a terra. Acrescenta-se a essa vocação o objetivo sobrenatural da contemplação de Deus que é prometida como prêmio de uma vida de fé e de adesão ao Salvador. As vocações natural e sobrenatural são comuns ao homem e à mulher. Mas, dentro da vocação comum, existe uma diferenciação das funções de acordo com a natureza diversa dos sexos. A vocação primária do homem é o domínio sobre a terra; nessa função, a mulher foi colocada a seu lado como ajudante. A função primária da mulher é a geração e a educação dos filhos; nessa função, ela recebeu o marido como seu protetor. Conseqüentemente, encontramos também os mesmos dons em ambos os sexos, mas em medidas e proporções diferentes. No homem destacam-se os dons necessários à luta e à conquista: a força corporal para a apropriação externa e o intelecto para o conhecimento racional do mundo, força de vontade e de ação para a realização criadora. Na mulher, as capacidades necessárias a quem cuida vigilante do vir-a-ser e do crescimento e promove seu desenvolvimento: por isso o dom de viver em ligação estreita com o corpo e de juntar forças na paz e na tranqüilidade, mas de suportar também a dor, de saber renunciar e adaptar-se; na alma, a ênfase se dirige ao concreto, ao individual, ao pessoal, o talento de captar a particularidade de cada um e de adaptar-se a ela, o desejo de ajudar no seu desenvolvimento. Sua adaptabilidade inclui a disponibilização dos mesmos recursos concedidos como dons ao homem e a possibilidade de realizar o mesmo trabalho como ele, seja junto com ele, seja a seu lado.

Nos testemunhos do antigo testamento, que se pressupõe a natureza *caída*, o casamento e a maternidade são apresentados com uma certa exclusividade como vocação da mulher e também como meio para alcançar seu objetivo sobrenatural: gerar filhos e educá-los na fé no futuro redentor para

ver um dia a salvação, juntamente com eles. (Vez por outra, esse entendimento transparece ainda nas cartas de São Paulo.)

O Novo Testamento coloca paralelamente o ideal da virgindade: em lugar da união matrimonial, a ligação estreitíssima com Jesus, o desenvolvimento de todas as forças no serviço dele e maternidade espiritual, isto é, a conquista e formação de almas para o reino de Deus. Não se deve entender essa divisão das vocações como se o objetivo fosse apenas natural num caso e apenas sobrenatural no outro. A mulher que, como esposa e mãe, realiza sua vocação natural, tem também sua função no reino de Deus: primeiramente, sua reprodução externa, mas também a atuação em prol da salvação das almas, só que precipuamente no âmbito familiar. Por outro lado exige também a vida dedicada totalmente a Deus o desenvolvimento das forças naturais, só que essas devem ser dirigidas agora exclusivamente às tarefas do reino de Deus e, com isso, a um círculo maior de pessoas. Na medida em que essa atividade visa ao reino de Deus e, por meio dele, a promoção máxima do ser humano, sendo atuação de pessoa a pessoa, nascida do amor a Deus e ao próximo, agindo por meio do amor a Deus e ao próximo e levando ao amor a Deus e ao próximo, não é de modo algum estranha à natureza feminina, sendo pelo contrário sua maior realização e expansão.

O objetivo duplo da formação feminina cristã consiste, portanto, em tornar a mulher capaz de cumprir seus deveres em sentido natural e sobrenatural como esposa e mãe, ou de dedicar todas as suas forças ao reino de Deus na virgindade consagrada a Deus. (Não se pretende estabelecer com isso a alternativa de casamento ou vida religiosa. Tudo indica que o nosso tempo precisa, ao lado dos conventos que certamente não estão "ultrapassados", de pessoas que levem "no mundo" uma vida consagrada a Deus.)

O que podemos fazer para chegar mais perto desse objetivo? De acordo com o que foi dito acima sobre a natureza da alma feminina, existe dentro dela um direcionamento original ao objetivo, mas, na natureza *caída* existem ao mesmo tempo

impulsos que agem contra o objetivo. Por isso, importa que lhe sejam apresentados materiais de formação necessários e benéficos ao desenvolvimento puro da alma e, em certos casos, também materiais apropriados à neutralização dos impulsos nocivos; além disso devem ser apresentados de tal maneira que facilitem na medida do possível a sua assimilação.

Vimos que o centro da alma feminina é a afetividade. A formação da afetividade deve ocupar, portanto, o centro da formação feminina. A afetividade se manifesta em sentimentos (alegria, tristeza), disposições (jovialidade, abatimento), em atitudes (entusiasmo, revolta), emoção (amor, ódio), que são expressão do confronto do ser humano com o mundo (e consigo mesmo). São as emoções da vida que movimentam o nosso ânimo e, para despertá-lo, é necessário pô-lo em contato com algo que emocione. Para esse fim, convém usar, sobretudo, exemplos de vida e de feitos juvenis encontrados na história e na literatura, incluindo naturalmente, em primeiro lugar, fatos da atualidade. Deve-se recorrer ao belo em todos os seus gêneros e às demais categorias estéticas. Deve-se usar a verdade que instiga o espírito humano sem descanso. Inclui-se também tudo aquilo que, procedente de um outro mundo, interfere com sua força misteriosa e com sua atração nesta nossa vida. As principais matérias que na escola influenciam a formação da afetividade são religião e história, alemão e outras línguas (na medida em que conseguem ultrapassar as dificuldades meramente lingüísticas para penetrar no conteúdo espiritual).

Mas não se trata apenas de estimular a afetividade de uma maneira geral. Em todas as emoções existe um elemento valorativo: tudo o que nos anima traz consigo uma conotação positiva ou negativa, seja para o respectivo indivíduo ou independentemente dele, *em si, de modo objetivo*. Com isso, as próprias emoções podem ser classificadas de "certas" ou "erradas", de "adequadas" ou "inadequadas". Importa despertar na afetividade o prazer de lidar com o que é *verdadeiramente* belo e bom, a repulsa diante de tudo o que é baixo e vulgar. Para tanto é necessário que se mostre o que é verdadeiramente belo e bom.

Mas só isso não basta. Em geral, a criança só começa a criar um senso para o valor das coisas quando vê como se posiciona o adulto e, sobretudo, o educador: o entusiasmo dele desperta entusiasmo. Levá-la a afetividade a assumir determinadas posições ajuda também a formar a capacidade de discernimento. Não se pode confrontar a criança tão somente com o belo e o bom, porque a vida a porá em contato também com o negativo, e até esse momento ela deve ter aprendido a discernir. Ela precisa saber distinguir o positivo do negativo, o que é elevado do que é baixo, aprendendo a tomar a atitude adequada em relação a eles. O melhor meio de aprendizagem é conviver com as tomadas de posição de seu ambiente. O posicionamento do jovem, perante o mundo dos valores, depende, em grande parte, das influências voluntárias e involuntárias de seu ambiente. Por isso, é tão importante que a sua formação seja confiada a pessoas cuja afetividade esteja devidamente formada.

Mas há também um perigo nesse que é o meio mais importante e indispensável da formação da afetividade: sentimentos e emoções são "contagiosos" passando facilmente de uma alma à outra como simples estados, sem receptividade para os valores apresentados, nem lugar na alma da respectiva pessoa, seja no presente, seja em outro momento. Assim não se alcança uma verdadeira formação: trata-se de um simulacro tido em conta de realidade. Por isso, é importante educar para a autenticidade dos sentimentos, para aprender a distinguir a aparência da realidade fora e dentro da própria alma. Isso é impossível de realizar sem um verdadeiro treinamento do intelecto. As meras emoções precisam ser transformadas em conhecimento de valores, em que intelecto e afetividade cooperam de uma determinada maneira. (Ultrapassaria os limites desta exposição explicar aqui de que maneira.) Quem tem clareza sobre as razões que o fazem chamar algo de belo ou de bom, não aceitará sem mais as posições dos outros. Para distinguir o verdadeiro do falso na própria alma importa, além da crítica do intelecto, o contato com a prática. Os movimentos da afetividade são forças que impelem ao agir. Quem gosta

realmente da arte, sacrifica de bom grado sua comodidade para usufruí-la. Quem possui a verdadeira caridade não passa indiferente e passivo pelo próximo necessitado. Quando não se vêem atos apropriados, deve-se desconfiar de que atrás das grandes palavras não exista nada ou nada mais que excessos de fantasia - ou sentimentalismo hipócrita.

A educação feminina de décadas passadas, partindo da noção correta da natureza feminina, passou a dar atenção central às matérias de formação da emotividade, esqueceu-se, no entanto, de cuidar igualmente e em medida suficiente de sua complementação indispensável pelo treinamento e pela formação do intelecto. Deve-se a ela o surgimento de um tipo de mulher que leva uma vida de aparências e sonhos, fracassando quando confrontada com as exigências da realidade ou entregando-se indefesa a sentimentos e humores, correndo atrás de sensações que excitam o ânimo, não conseguindo dar um rumo à sua vida e atuar com proveito. A escola moderna tentou mudar isso. Introduziu, cada vez mais, matérias voltadas para o intelecto - matemática, ciências, línguas antigas - nos currículos das moças. Procurando realizar o princípio da auto-assimilação, de modo que as matérias não sejam apenas memorizadas, mas também elaboradas pela inteligência, dá-se ao intelecto um verdadeiro treinamento, ao mesmo tempo em que também a vontade é desafiada, exercitada e reforçada. Há um esforço para criar na escola uma vida comunitária por meio da implantação de comunidades escolares, da realização de caminhadas, comemorações, grupos de trabalho voluntários, oferecendo assim oportunidades de atividades práticas que acostumam à vida social. Há nisso, certamente, muitas sementes fecundas e abordagens boas, apesar dos defeitos iniciais que costumam aparecer em todas as reformas radicais. O grande risco está em deixar de lado a natureza feminina e a formação que ela exige, orientando-se demasiadamente no modelo das Instituições de formação masculina. Esse risco é provocado pelas exigências da vida prática.

Durante séculos em que as mulheres não conheciam outra profissão que não fosse a da esposa e mãe ou da religiosa, era natural que a formação das moças se orientasse para esses objetivos, que as moças fossem introduzidas no trabalho doméstico e nos exercícios de piedade, na família ou no convento, sob a direção de donas de casa ou de freiras, preparando-as assim para sua futura função. As mudanças na vida econômica, ocorridas no século XIX, acabaram simplificando de tal maneira a vida doméstica que esta já não constituía um campo de atuação suficiente para todas as forças da mulher. Com o grande abalo sofrido também pela fé, a vocação religiosa já não podia ser considerada como alternativa viável para boa parte da sociedade. Os caracteres mais passivos começaram, então, a afundar na vida dos instintos ou de sonhos vazios e de veleidades, enquanto os mais ativos tendiam à vida profissional fora de casa. Foi assim que surgiu o movimento feminista.

Como as profissões extra-casa tivessem ficado durante séculos na mão dos homens, era natural que assumissem características masculinas e que estivessem adaptadas a um preparo de natureza masculina. O movimento feminista mais radical exigia o acesso a todas as profissões e liberação de todas de todos os níveis de educação. Foram necessárias lutas renhidas para avançar passo a passo, até que, na Alemanha, a revolução trouxe de repente a realização de quase todas as exigências. No início do movimento, ingressaram na vida profissional sobretudo mulheres com vocação e inclinação individual para determinada atividade, de modo que a adaptação ficou relativamente fácil; mas, a crise econômica dos últimos anos* obrigou muitas a dar esse passo que, por livre e espontânea vontade, nunca teriam optado por esse tipo de vida.

* Esta frase alude à crise econômica e às medidas de emergência dos anos 30, que viriam a exercer grande influência sobre todo o sistema educacional alemão. Veja, no volume que reúne os textos pedagógicos de Edith Stein, o ensaio sobre situação de emergência e formação.

Surgiram muitos conflitos, mas também se colheu muita experiência. Tornou-se imprescindível discutir questões que - se na vida humana tudo obedecesse às leis da razão - deveriam ter sido esclarecidas antes do início do movimento: Existem profissões especificamente femininas e quais são? A natureza feminina exige outra formação diferente da masculina, e como deveria ser essa formação?

Tentamos chegar a uma solução para a segunda questão e, a seguir, passaremos a resumir o resultado obtido.

A natureza e a vocação da mulher exigem uma formação que possa levar à prática de um amor atuante. Isso requer, como fator mais importante, a formação da afetividade, mas, aquela formação genuína da afetividade que abrange clareza do intelecto e iniciativa além de competência prática, possibilitando uma atitude correta em relação aos valores objetivos e, a partir dessa, conseqüências práticas. A hierarquia objetiva dos valores coloca o sobrenatural acima de todos os valores terrenos. Levando a essa atitude prepara-se também a futura vocação de encaminhar seres humanos para o reino de Deus. Por isso é necessário que no centro de toda a formação feminina (e humana em geral) esteja a formação religiosa; uma formação religiosa que saiba como transmitir as verdades da fé de uma maneira que emocione e crie entusiasmo para a ação e que, ao mesmo tempo, seja apta a ativar na alma para a vida inteira todos os caminhos da religiosidade prática, vivendo e orando com a Igreja pela liturgia, preparando uma relação nova com Cristo, sobretudo pela introdução ao sentido do Santíssimo Sacramento e à vida verdadeiramente Eucarística. Esse tipo de formação requer personalidades que estejam elas mesmas inteiramente compenetradas do espírito da fé e cuja vida seja moldada por essa vivência.

Ao lado da formação religiosa, toda a educação feminina deveria ensinar a compreender o ser humano e a lidar com ele; as aulas de história e literatura, de biologia, psicologia e pedagogia (de forma simples e adaptada à capacidade de compreensão) podem contribuir para essa finalidade. Mas, a instrução só poderá trazer frutos se oferecer a oportunidade de ob-

servar e exercitar seus conteúdos na vida prática. As matérias de formação mais formal, como ciências exatas, a matemática e o ensino lingüístico e da gramática, serão necessárias também para treinar a inteligência, mas não se deve oferecer mais do que é possível assimilar, evitando sobrecarregar as alunas e pôr em risco conteúdos objetivamente mais importantes.

Aquilo que é essencial para todas as moças deveria ser acompanhado em todas as instituições pedagógicas de um sistema de aulas mais livre e opcional, que leve em conta os dotes especiais e ofereça a oportunidade de um estudo mais profundo e exaustivo de determinadas matérias teóricas e de cultivo de talentos técnicos e artísticos, ao lado da matéria obrigatória para todas. Assim, seria possível respeitar a individualidade e preparar as moças para a futura opção e formação profissional. Aplica-se, também a todas essas alternativas, o princípio de que o verdadeiro trabalho educativo só pode ser realizado por aqueles que possuem formação completa na respectiva área. É de um modo geral vale o princípio de que, em consonância com a índole e a vocação da mulher, mulheres devem ser formadas por verdadeiras mulheres.

Mas nem os melhores educadores nem as melhores instituições podem garantir o sucesso da tarefa, se é que ambas as condições estão realmente preenchidas. Só podem fazer tudo o que humanamente é possível. Convém não esquecer que o trabalho humano de formação é apenas *um* dos fatores que intervêm no processo de formação. É necessário contar, também, com a natureza existente e com outras influências; não é nem possível identificar completamente esses fatores nem enfrentá-los com absoluta segurança depois de identificados. Além disso, o trabalho de formação costuma ser encerrado antes que o processo de formação esteja concluído. Já pode ser considerado um grande sucesso quando o educando está disposto a prosseguir por conta própria na direção preposta. Mas, mesmo assim, nunca se pode ter certeza de que essa direção seja mantida quando as circunstâncias da vida levam ao despertar de impulsos naturais contrários.

Se a incerteza de todo trabalho formativo natural ensina o educador a encarar sua atividade com humildade, não há motivo, por outro lado, para ele se tornar totalmente céptico a ponto de duvidar do sentido de seus esforços. Esses continuam sendo um fator importante: ao lado de tantos resultados negativos, o educador precisa contar também com os resultados positivos dos quais ele, talvez, nem tome conhecimento. Sobretudo, convém não esquecer que o primeiro e essencial formador humano não é o homem, e sim Deus. É Ele que dá tanto a natureza quanto as condições de vida em que esta deve desenvolver-se; Ele tem também a força de transformá-la a partir de seu interior, podendo agir perfeitamente em qualquer circunstância em que a força humana fracassa. Quando a formação religiosa chegou o tal ponto que já não se opõe resistência à formação divina, não precisamos mais preocupar-nos com o restante. Além disso, existe na economia da salvação, o princípio de que nenhum esforço sincero fica sem dar frutos, mesmo que a visão humana registre apenas insucessos.

III. A ATUAÇÃO DA MULHER

À questão: "qual é a formação a que aspira a alma da mulher?", está ligada a esta outra: "a que atividade a mulher é chamada segundo a sua natureza?" Não nos cabe aqui reunir dados estatísticos sobre as profissões em que a mulher atua hoje em dia - são praticamente todas. Trata-se, antes, de descobrir quais são as profissões verdadeiramente femininas. Mesmo que o número daquelas que optam por uma determinada profissão sirva para determinar, até certo ponto, a inclinação e o talento para certas atividades, não basta para informar sobre o sucesso em uma ou outra área e, menos ainda, sobre a sensação que a alma da mulher experimenta nessas atividades e também sobre a influência que sua atuação

exerce sobre as atividades. Precisamos ater-nos em primeiro lugar àquilo que a natureza e a vocação da mulher nos ensinam sobre as exigências que se deve fazer a uma atuação genuinamente feminina; depois, devemos consultar também a experiência dos exemplos concretos de que dispomos. Finalmente, esclareceremos qual é maneira em que a índole feminina pode agir de modo adequado no casamento, na vida religiosa e nas profissões em geral.

A mulher, que segundo o relato do Gênesis foi colocada ao lado do homem para que este não estivesse sozinho, mas tivesse uma ajudante à sua altura, cumprirá sua vocação de esposa assumindo como sua a causa dele. A "causa dele" costuma ser, em primeiro lugar, a profissão. A participação da esposa na profissão do marido pode dar-se de muitas maneiras. Sua primeira tarefa consistirá em cuidar de tal forma do lar e da vida doméstica que não atrapalhem o exercício profissional e, sim, que lhe sejam proveitosos: se a profissão for exercida na própria casa, cabe-lhe evitar possíveis transtornos; se for exercida fora de casa, o lar deve ser a garantia de descanso e lazer. A participação pode ter a forma da ajuda direta como acontece em muitos casamentos modernos em que o casal tem formação profissional igual ou semelhante ou pelo menos os mesmos interesses, o que, até antigamente, já era bastante comum: em geral na vida do campo, mas também em empresas comerciais (sobretudo nas pequenas), em famílias de médicos e, com especial ênfase, na casa de pastores protestantes.

A "causa do homem" não se resume ao conteúdo concreto de seu trabalho, ela inclui também a "luta pela existência" garantindo o sustento da família. Nesse contexto, a função auxiliar da esposa se concretiza na administração conveniente dos recursos na economia doméstica (que hoje, além do papel particular, se reveste de uma importância macroeconômica essencial) e, hoje, talvez mais do que nunca contribuindo com seu próprio salário. Com isso surgiu o problema grave da jornada dupla e o perigo de um excesso de ati-

vidades extra-casa da mulher casada, a ponto de essa se ver impossibilitada de ser o coração da família e a alma da casa, que deveria ser sempre sua função principal.

A ajudante "à altura" do homem não se resume à participação em suas causas, é necessário também que ela o complemente e neutralize os riscos acarretados pela natureza especificamente masculina (com suas diversas formas individuais). Cabe a ela cuidar com todo o empenho que ele não se perca completamente em seu trabalho profissional, que sua humanidade não se atrofie e que não descuide de seus deveres de pai de família. Ela estará tanto mais à altura dessa função quanto mais amadurecida estiver a sua própria personalidade, e isso exige que ela não se perca a si mesma na convivência com o marido, que desenvolva antes seus próprios dons e poderes.

A função da mãe em relação aos filhos se assemelha àquela da esposa em relação ao marido, com a diferença que a função de mãe exige sobretudo cuidados, incentivos e orientação, só aos poucos ela poderá passar à posição de companheira em relação aos filhos já adultos. De um lado, exige-se da mãe ainda mais empatia, porque ela precisa identificar dons e forças ainda inconscientes, antecipar algo que ainda não é, mas quer vir-a-ser. Por outro lado, é maior a possibilidade de influenciar, porque a alma infantil se mostra ainda maleável e se manifesta mais facilmente e com mais sinceridade, porque ainda não se defende das influências externas. Mas tudo isso aumenta também a responsabilidade.

A missão de levar ao desenvolvimento mais puro e perfeito possível a humanidade presente no marido e nos filhos pressupõe na mulher uma atitude de serviço desinteressado de si: ela não pode considerar os outros como propriedade sua, como meios para seus fins, e sim, como um bem que lhe foi confiado. Para tanto é necessário que veja neles criaturas de Deus nas quais lhe cabe cumprir uma santa missão. O mero desenvolvimento da natureza que Deus lhes deu já é uma missão santa. Em medida muito maior se pode afirmar

isso em relação à formação para o céu em que vemos a missão sobrenatural da mulher: cabe-lhe acender ou avivar no coração do marido e dos filhos a centelha do amor de Deus. Ela só poderá cumprir essa missão na medida em que ela própria se entende e se prepara como instrumento de Deus. Ainda veremos como se pode realizar esse desígnio.

Não deve ser difícil citar mulheres que, nas mais diversas profissões, chegaram a realizar feitos extraordinários. Mas isso não provaria que se trata de atividades específicas da mulher. Nem toda mulher incorpora perfeitamente o modo feminino de ser. As individualidades não são apenas diferenciações do ser feminino, muitas vezes trata-se de aproximações ao ser masculino que possibilitam o exercício de atividades que não podem ser consideradas tipicamente femininas. Se a tarefa específica da mulher consiste na preservação e no desenvolvimento da vida humana e da humanidade, então podem ser vistas como profissões especificamente femininas aquelas em que essa atuação é possível também fora do casamento. Não pretendo falar aqui da atividade da mulher solteira em casa, onde ela assume os deveres da dona de casa como sua substituta ou ajudante. Naturalmente estamos aí diante de uma atividade tipicamente feminina, mesmo que uma tal posição na casa seja acompanhada de dificuldades especiais e, sob muitos aspectos, de outras exigências diferentes daquelas da dona de casa. Convém esclarecer mais a importância das profissões extra-casa que, durante muito tempo, eram controversas e, só aos poucos, se tornaram acessíveis às mulheres graças à luta do movimento feminista.

Revelou-se como campo promissor da atividade genuinamente feminina a profissão de médica, sobretudo em clínica geral, ginecologia e pediatria. Havia muitas objeções contra a admissão a essa profissão, uma vez que o curso de medicina põe as moças em contato com muitas coisas que se costumava esconder delas e porque o próprio estudo e, mais ainda, o exercício da profissão exige um esforço extraordinário do corpo e dos nervos. Certamente se faz necessária uma

estrutura física e psíquica especial que vai além daquele amor à profissão que se exige em qualquer atividade para superar as dificuldades que lhe são inerentes. Uma vez preenchidas essas condições, caem por terra também as objeções. Naturalmente é de uma beleza comovedora a pureza inocente que nem desconfia dos lados obscuros da natureza humana, e ficamos gratos quando nos deparamos com ela. Mas quantas mulheres que em tempos passados puderam ser preservadas nesse estado até o casamento (o que hoje se tornou quase impossível) se viram no casamento de repente privadas de seus ideais da maneira mais cruel! Não é melhor encarar a realidade e os fatos científicos objetivos, mesmo que não seja absolutamente o melhor dos caminhos para se entrar em contato com os fatos naturais, mas um dos mais aceitáveis? Se a grande maioria das mulheres se vê obrigada a lidar na prática com esses fatos, e se algumas mulheres têm a vocação e a oportunidade de ajudar suas irmãs, não deveriam elas fazer todo o sacrifício para executar essa profissão?

A experiência mostra que isso acontece em grande escala. Com satisfação constatamos que as mulheres, depois de uma certa desconfiança inicial, em geral preferem ser atendidas por mulheres do que por um médico. Acho que essa atitude não se deve apenas ao pudor das pacientes, mas ainda mais à maneira tipicamente feminina de atender. A metodologia moderna de especialidades médicas, amplamente em voga, de tratar apenas um membro ou órgão, se bem que de maneira excelente, sem se preocupar com a pessoa como um todo, não corresponde ao anseio do ser humano - e em especial do doente - de encontrar interesse por seu estado global (na maioria dos casos nem é a abordagem objetivamente melhor, uma vez que a maior parte das doenças, mesmo que se manifestem apenas em um órgão, são doenças da pessoa toda, de modo que o ser humano precisa ser tratado como organismo global e com suas características individuais). A maneira tipicamente feminina de ver a pessoa concreta e total é apropriada a opor-se a esse procedimento abstrato, desde que a médica

tenha a coragem de seguir sua inspiração natural libertando-se dos métodos que lhe foram ensinados e treinados na escola. (Mesmo que não seja comum, é claro que não se pode negar que existem também especialistas masculinos que procedem assim; aliás tinha sido essa a atitude típica do antigo médico de família.) Não se trata apenas de ter paciência para ouvir coisas que talvez nada tenham a ver com o caso, mas de ter a vontade de compreender realmente a situação humana global, de ver a aflição da alma que muitas vezes é maior que a do corpo e de intervir não apenas com os recursos da medicina e, sim, de ajudar como uma mãe ou irmã.

Visto dessa maneira, a profissão médica é verdadeiramente criativa e pertence, juntamente com as outras profissões sociais surgidas quase todas mais recentemente e com as profissões domésticas, ao rol daquelas que se pode considerar especificamente femininas. Todas as profissões desse tipo requerem uma atuação genuinamente maternal: a solicitude por uma grande "família", pelos membros de uma paróquia, pelos pobres e doentes de uma comunidade rural ou de um bairro, pelos presos de uma cadeia, pelos jovens abandonados. Não importa se o primeiro contato com essas pessoas tem a finalidade de cuidar de suas doenças físicas, de dar-lhes apoio financeiro ou assistência jurídica, sempre existe a possibilidade e no fundo também a necessidade de ver e tratar a pessoa humana como um todo. A força do amor é mais exigida nesses casos do que na própria família, pois faltam os laços naturais com esse número bem maior de pessoas e além do mais é comum tratar-se em sua maioria de pessoas que, seja por sua índole seja por seu estado atual, mais repelem do que atraem.

Mais que em outras situações se revela aqui sempre de novo que a força psíquica natural não é suficiente para a ação exigida e que se faz necessário o apoio da força e do amor de Cristo. É esse espírito nunca se limitará a visar apenas o fim natural e a servir somente à humanidade natural, antes terá sempre em vista também o objetivo sobrenatural de conquistar essas pessoas para Deus.

4

AS BASES DA FORMAÇÃO FEMININA ¹



Todo o nosso sistema educacional está, há décadas, num estado de crise. Clamou-se e clama-se ainda por reformas, e em todo canto fazem-se reformas, mas mesmo que se destaquem, no meio dessa confusão caótica de tendências, algumas grandes linhas-mestras, tem-se a sensação de que ainda estamos longe de um desenvolvimento tranqüilo e bem fundamentado, mas somente com experiências preparatórias.

A formação feminina é parte da crise geral além de apresentar problemas e dificuldades especiais. Uma solução definitiva só será possível no contexto de uma reforma de todo o sistema educacional alemão, da cabeça aos membros. Mesmo tentando hoje tratar dela à parte, não podemos cortar os laços que a ligam à problemática mais geral; aos nossos olhos será sempre um caso especial que ilustrará, ao mesmo tempo, as questões gerais:

¹ O tema foi tratado pela primeira vez numa palestra diante da Comissão de Educação da Associação Alemã de Mulheres Católicas, em Berndorf, em 8.11.1930.

I. A IDÉIA DA FORMAÇÃO ²

Procurando a causa da crise que abalou o sistema antigo, deparamo-nos certamente com o *conceito de formação* em que o sistema antigo se baseou e que consideramos hoje como falho. A "escola antiga" é essencialmente uma filha do Iluminismo. (Lembro, por exemplo, a escola fundamental e os institutos pedagógicos, o colégio científico e escolas semelhantes para moças, também os liceus de hoje; finalmente, até certo ponto, também os novos caminhos de acesso à universidade. Os colégios humanísticos, as universidades, os seminários religiosos e outras escolas profissionalizantes nasceram em outro terreno, mesmo que revelem vestíglos claros da Influência dos outros tipos de escola, em consequência das interligações práticas).

O ideal de formação a ser alcançado era o de um saber *enciclopédico* que devia ser o mais completo possível. Presupunha-se que a alma não passava de uma *tabula rasa* em que deveria ser gravado o máximo, seja pela assimilação racional seja pela inserção na memória. Em consequência de suas falhas, o sistema erguido sobre esses fundamentos provocou críticas cada vez mais contundentes e, finalmente, uma verdadeira tempestade de contestações; parece uma casa que está sendo demolida: ainda restam pedaços de parede, algum arco de janela, em toda parte montes de entulho e, em um ou outro canto, uma edícula recém-erguida. Será possível remover tudo isso para erguer em bases firmes um novo edifício segundo um plano uniforme? Essa aspiração existe; há anos luta-se por um novo conceito de formação que é, no fundo, um conceito muito antigo.

2 Os pensamentos que seguem receberam um tratamento mais detalhado numa palestra sobre a idéia da formação. O texto dessa palestra fará parte de um volume posterior das obras de Edith Stein.

Em poucas linhas procurarei esboçar o objetivo para o qual parecem convergir todos esses esforços. A *formação* não é uma posse externa de conhecimentos e, sim, *a forma que a personalidade humana assume sob a influência de múltiplas forças vindas de fora*, ou então o processo dessa moldagem. O material a ser moldado é constituído de um lado pelas aptidões físicas e psíquicas com que o ser humano nasce, pelo material que lhe é constantemente acrescentado de fora e que deve ser assimilado pelo organismo. O corpo retira esse material do mundo físico, a alma do ambiente espiritual, do mundo das pessoas e dos bens de que deve alimentar-se.

A primeira moldagem fundamental processa-se de dentro. Assim como uma semente possui em si uma *forma interna*, uma força invisível que faz com que aqui nasça um pinheiro e lá uma faia, assim existe também no ser humano uma forma interna que tende a desenvolver-se numa determinada direção e que se aproxima, em cego determinismo de uma certa *estrutura* que é a personalidade madura, totalmente desenvolvida, uma personalidade de características individuais claramente definidas.

A essas primeiras formas juntam-se outras, vindas em parte de fora em parte de dentro. A criança humana, com suas aptidões físicas e psíquicas e suas tendências internas, se vê colocada nas mãos de formadores humanos. Para que possa cumprir o seu destino, a criança depende dos nutrientes que devem ser fornecidos ao seu corpo e à sua alma para que possa desenvolver-se, de alimentos que podem ser digeridos ou indigestos, saudáveis ou tóxicos. Uma parte essencial de todo o processo de desenvolvimento refere-se à formação dos órgãos de que tanto o corpo como a alma necessitam para absorver e assimilar sua alimentação. Uma das peculiaridades dos *órgãos* da alma (aqui nos limitamos a falar deles) é o fato de só poderem formar-se quando ativados em material apropriado: os sentidos por meio da atenção, da distinção e comparação de cores e formas, sons e ruídos, etc., a inteligência por meio da tarefa pensar e conhecer, a vontade

por atos volitivos (opção, decisão, renúncia, etc.), a afetividade pelas emoções, etc. É, portanto, a atribuição de tarefas, que vêm de fora, que contribui para a formação das forças.

No material disponível a partir das aptidões naturais há muita coisa que poderia atrapalhar o processo de desenvolvimento previsto pela dinâmica interna, se crescesse e prosperasse de modo desimpedido. A mão formadora que intervé de fora para aparar os rebentos nocivos ou para cortar-lhes a nutrição está a serviço dessa formação.

Ao lado das intervenções sistemáticas de fora ocorrem as influências aleatórias do ambiente. Só aquilo que é capaz de penetrar do mundo de fora para o *interior* da alma, não sendo apenas registrado pelos sentidos e pela inteligência, mas, emocionando também "coração e ânimo", integra-se realmente à alma como material de *formação*. Na medida em que se transforma em material formativo assimilado pela alma deixa de ser um mero material, passando a atuar ele próprio como elemento formador e modelador que ajuda a dar à alma sua forma prevista.

As forças formadoras do ambiente espiritual, as mãos humanas formadoras são condicionadas não apenas pela formação primária de dentro, elas se vêm confrontadas com mais uma força formadora interna. A criança é entregue às mãos dos formadores humanos. O adolescente que desperta para a liberdade do espírito é entregue a si próprio. Graças ao *livre arbítrio*, ele mesmo pode trabalhar em sua formação, pode acionar livremente suas forças e cuidar de seu desenvolvimento, pode abrir-se às influências formadoras ou recusá-las. Como as forças que vêm de fora, também ele está condicionado ao material preexistente nele e à força formadora que lhe é inerente: ninguém pode fazer com que seja algo que não esteja nele por natureza.

Só existe *uma* força formadora que, ao contrário das mencionadas até agora, não é limitada pela natureza podendo transformar até mesmo a forma interna a partir de seu interior: é a força da *graça*.

Vemos, portanto, que a formação é algo muito mais intrincado, mais misterioso e menos sujeito ao arbítrio do que sonhava o Iluminismo. Como não contasse com os fatores de formação essenciais, seu sistema estava destinado ao fracasso.

II. NATUREZA E VOCAÇÃO DA MULHER

Todo o trabalho de formação que vem de fora deve contar com a natureza inata. Por isso, o slogan dos reformadores da escola: "Tudo a partir da criança!" E por tratar-se de uma natureza individual: "Educação individual!" Como as forças só podem desenvolver-se pelo acionamento das mesmas: "Auto-atividade, escola de trabalho!" Se quisermos colocar os alicerces de um sistema saudável e duradouro da formação feminina, precisamos perguntar-nos:

1. Qual é a *natureza da mulher* e qual é o objetivo de formação que ela indica; com que forças formadoras internas devemos contar?

2. Como a formação externa pode colaborar com o processo interno?

Quanto à primeira questão, gostaria de limitar-me à natureza da mulher como tal ³. Não pretendo negar a existência de grandes diferenças individuais, que em alguns casos atingem os limites da índole masculina e até os ultrapassam. Toda mulher tem aptidões e dons individuais que a fazem aspirar a uma vocação especial além da feminina em geral. De qualquer educação pode-se exigir que respeite a individualidade. No nosso contexto importa, sobretudo, destacar as bases *peculiares* da formação feminina.

3 Reflexões complementares encontram-se na palestra proferida em Salzburgo que trata do *Ethos* das profissões femininas. Ver p. 55 ss. do presente volume.

A natureza da mulher é organizada em vista de sua vocação original: ser *esposa e mãe*. Ambas estão intimamente ligadas entre si. O corpo da mulher é formado de tal maneira que seja "uma carne" com outro e que nutra dentro de si uma nova vida humana. Da mesma maneira, a alma da mulher é destinada a sujeitar-se, em obediência obsequiosa, a um cabeça sendo ao mesmo tempo seu amparo, assim como um corpo disciplinado serve de instrumento dócil ao espírito que o anima sendo para ele ao mesmo tempo uma fonte de força e fixando seu lugar no mundo externo. Além disso, é predestinada a ser proteção e refúgio para outras almas poderem se desenvolver. Ambas as funções, o companheirismo da alma e a maternidade da alma, não estão restritas aos limites da condição física de esposa e mãe, estendendo-se a todos os seres humanos que entram no campo de visão da mulher.

Por isso, a alma da mulher precisa ser *ampla* e aberta a tudo o que é humano; ela precisa ser *cheia de paz* para que as pequenas chamas não sejam apagadas por vendavais; ela precisa ser *quente* para que as sementinhas frágeis não se congelem; ela precisa ser *clara* para que as ervas daninhas não possam alojar-se em cantos e dobras escuros; *reservada* para que os assaltos de fora não ponham em perigo a vida em seu interior; *vazia de si* para que a outra vida tenha lugar nela; e, finalmente, *senhora de si* e de seu corpo para que toda a sua personalidade esteja preparada para atender a qualquer chamado.

Essa é a imagem ideal da alma feminina. Nesse sentido tinha sido formada a alma da primeira mulher e assim devemos imaginar a alma de Nossa Senhora. Em todas as outras mulheres encontra-se, desde a queda, um germe desse desenvolvimento, mas exige-se vigilância e cuidado para que não venha a ser sufocado pela erva daninha abundante.

Dissemos que a alma da mulher deve ser *ampla*, que nada do que é humano lhe seja estranho. Parece que ela está predisposta a isso: seu interesse costuma concentrar-se na pessoa e na condição humana. Normalmente, essa tendência natural, quando en-

tregue a si mesma, costuma manifestar-se de uma maneira pouco objetiva. Muitas vezes, o interesse inicial não passa de curiosidade, de um mero desejo de conhecer as pessoas e suas condições de vida, às vezes chega a ser uma verdadeira avidez formal de invadir o espaço dos outros. Quando se cede simplesmente a esse impulso, nem a alma nem a outra pessoa ganha nada com isso. Ela sai, por assim dizer, de si mesma e pára diante dos fatos que encontra lá fora. Ela se perde sem dar nada a outrem. É um gesto estéril que pode ser até prejudicial. Ela só ganha saindo de si mesma para *procurar* e levar para casa o *tesouro* escondido que se encontra em toda alma humana e que pode enriquecer não só a ela como também a outros que lhe queiram abrir a sua alma e, além do tesouro, um *fardo* evidente ou escondido que pesa sobre toda alma humana. Essa procura é própria daqueles que se deparam com a alma humana em santo temor, sabendo que as almas humanas são o reino de Deus, e que podemos nos aproximar delas só quando estamos sendo *enviados* a elas. Quem for enviado saberá achar o que procura, e quem for procurado dessa maneira deixará encontrar-se para ser socorrido. Nesse caso, a alma não fica de fora, ela leva o achado para casa e seus espaços *precisam* alargar-se para que aquilo que está carregando possa caber nela.

A alma deve ficar *em silêncio* porque a vida de que ela deve tomar conta é tímida e só fala em voz baixa; se a própria alma fizer barulho, não poderá ouvi-la e esta se calará e se esquivará dela. Poderíamos afirmar que a alma feminina tem também essa tendência por natureza? À primeira vista parece quase o contrário. As almas femininas são tão agitadas, e a agitação costuma causar barulho; além disso, gostam de comunicar-se e de falar a respeito das coisas que as agitam. No entanto, deve existir o talento potencial, do contrário não seria possível aprender tão bem essa atitude em que algumas mulheres se tornam até mestras: as mulheres nas quais nos refugiamos para encontrar a tranqüilidade e que mostram ter um ouvido apurado para as vozes mais suaves e frágeis.

Será possível depois que outras condições tiverem sido preenchidas: quando a alma estiver *vazia e fechada em si mes-*

ma. Sim, quando o próprio eu barulhento tiver completamente se afastado, então haverá espaço e silêncio para que outros possam encontrar lugar e manifestar-se. Mas, ninguém é assim por natureza, nem homem nem mulher. "Senhor Deus, tire-me de mim e me entregue totalmente a ti", diz uma antiga oração alemã. Nós mesmos não somos capazes disso, é Deus que precisa fazê-lo. Mas para a mulher é por natureza mais fácil falar assim com Ele do que para o homem, porque nela vive o desejo natural de entregar-se completamente ao outro. Uma vez convencida de que só Deus é capaz de *tomá-la totalmente* para si e de que é roubo pecaminoso entregar-se totalmente a um outro que não seja Ele, abandonar-se a Ele já não fica difícil, e ela passa a ser livre de si mesma. Aí, então, fica também óbvio que ela se encerre em seu castelo, pois antes estava exposta às tempestades que a acuavam vindas de fora, e ela própria saía para procurar lá fora aquilo que pudesse saciar a sua fome. Agora ela possui tudo de que necessita; ela só sai quando é enviada e só se abre para aquilo que tem permissão de entrar. Nesse castelo é ela a *senhora*, como serva de seu Senhor, estando a serviço de todos aqueles que o Senhor quer ver servidos; em primeiro lugar, porém, a serviço daquele que lhe foi dado como cabeça *visível*: o esposo ou qualquer outra "autoridade" constituída.

A alma feminina certamente é *quente* por natureza; mas seu calor natural não é uniforme; ela se consome e passa a falhar onde seria mais necessário, ou uma fálscia repentina o transforma em brasa que destrói quando deveria apenas aquecer suavemente. Outra vez, a solução só pode vir do fogo celeste que ocupa o lugar do terrestre. Depois que o fogo celeste tiver consumido todas as impurezas, começa a arder na alma uma chama tranqüila que aquece e ilumina: tudo se transforma então em luz, fica puro e *claro*. Pois nem a clareza se manifesta originalmente como dom natural, a alma feminina parece antes sombria e obscura, sem transparência nem para si mesma nem para os outros. Só o amor divino a torna luminosa e clara.

Assim, tudo indica na mesma direção: o que a mulher deveria ser por vocação original só pode ser alcançado

quando à forma natural se acrescenta a formação interior pela graça. Por isso, deverá estar no centro de toda a formação feminina, a formação religiosa.

III. FORMAÇÃO EXTERNA

Vimos que existe a possibilidade de ajudar de fora as forças formadoras que vêm de dentro; essa é a condição prévia para todo e qualquer trabalho de formação. Cabe ao trabalho formador externo oferecer a oportunidade de desenvolver as aptidões existentes, os *órgãos* físicos e espirituais, providenciando o material formativo apropriado em sua forma adequada. Ambas as funções são cumpridas, em grande parte, de mãos dadas. Para que haja aceitação e processamento do material são necessárias forças treinadas; e as forças só podem ser treinadas lançando mão do material. Uma teoria abrangente da formação feminina inclui necessariamente o corpo. Gostaria de deixar para pessoas mais competentes deduzir da anatomia e fisiologia do corpo feminino o trabalho de formação que lhe é adequado por sua natureza, limitando-me ao trabalho de formação voltado à alma. De que material a alma necessita para seu crescimento? Para poder crescer, precisa assimilar alguma coisa. Vimos também que só aquilo que ela assimila *internamente* passa a fazer parte de seu próprio ser a ponto de se transformar em crescimento e formação; o que é assimilado apenas pelos sentidos e pelo intelecto não passa de posse externa ⁴. Os objetos passíveis de serem assimila-

4 Para uma teoria da formação, baseada, em última análise, na filosofia seria necessária uma doutrina dos valores, esclarecida até os últimos detalhes, além de uma exposição sobre o conhecimento dos valores que explicasse a parte que nesses cabe ao intelecto e à afetividade, bem como à cooperação entre ambos, nesse processo.

dos pelo interior da alma chamamos de *bens*, e aquilo que os faz assimiláveis chamamos de *valor*.

Na alma feminina é muito forte o anseio natural por valores que sirvam de alimento à alma. Ela é receptiva ao belo, entusiasma-se facilmente com a grandeza moral e, sobretudo, acessível aos valores terrestres mais elevados que, indizíveis, aderem ao próprio ser da alma. Por isso era certamente justificado que, até poucos anos atrás, a formação das moças reservasse um espaço bastante amplo para as matérias *formadoras da afetividade*: literatura, arte, história. Tenho a impressão de que naquele tempo as moças mais talentosas dos colégios femininos, tantas vezes desprezados, adquiriam realmente uma boa porção de formação.

Naturalmente, não basta a recepção do material de formação, é necessário também que seja assimilado de maneira adequada para que possa contribuir para a formação da alma. Essa assimilação abedece aos princípios da *razão*. De acordo com a estruturação do mundo externo e a escala dos valores e bens, cabe-lhes um lugar racionalmente definido na alma. Já que a alma deve ser formada e não *deformada*, é necessário que ela saiba comparar e distinguir, pesar e medir. Não adianta levá-la a um entusiasmo indefinido, a um estado de exaltação. O que ela, realmente, precisa é uma sensibilidade apurada e um juízo perspicaz.

Pressupõe-se, portanto, um intelecto bem treinado. Mesmo que o trabalho intelectual abstrato não seja o forte da média das mulheres e que a assimilação racional ainda não constitua a formação verdadeira, é inegável que o intelecto funciona como chave do reino espiritual, como olho do espírito que permite a entrada da luz na escuridão da alma. Na palestra sobre a *vocação da mulher* que ela proferiu em Graz, Oda Schneider afirmou que à mulher basta amar e que ela não fica perguntando: *o quê e para que*. Nessa atitude se esconde o grande risco do desvio, da desorientação. Aquela palestra serviu para realçar a necessidade da orientação masculina. Mas isso não significa a supressão do

próprio juízo e a vocação à dependência. O intelecto existe e ele pode e deve ser obrigado a funcionar. Quanto mais vivo e agudo, tanto melhor. Claro que a formação do intelecto não deve ser aprofundada às custas da formação da afetividade. Isso significaria transformar o meio em fim. Não é bom colocar no currículo *tudo* o que é recomendável à formação intelectual. Ao contrário, é melhor tentar obter o máximo de resultados com um mínimo de dispêndios, para que sobre mais espaço para a formação prática.

É sempre bom lembrar também que além da razão teórica existe uma razão prática que na vida diária se vê confrontada com as mais diversas tarefas. Por isso, é sumamente importante treinar essa força para a vida posterior, e esse treino se dá pelo exercício em atribuições concretas, e não em problemas teóricos. Essa maneira de proceder vem ao encontro da natureza feminina, orientada mais para o concreto do que para o abstrato. Ela inclui, ao mesmo tempo, o treinamento da vontade da qual se exigem resultados constantes: opção, decisão, renúncia, sacrifício, etc. É indispensável também para a formação correta da afetividade. Só quando as circunstâncias exigem que as convicções e disposições se transformem em ação, revela-se a autenticidade do entusiasmo mostrando se a pessoa prefere realmente o que é elevado ao que é baixo. Pois a natureza humana não é só destinada a receber, mas também a atuar e a agir sobre seu meio.

Por isso, faz parte essencial do processo de formação a confirmação de suas capacidades práticas e criativas. E da maioria das mulheres se exige competência prática na vida diária. Só conseguiremos educar mulheres competentes, enérgicas, abnegadas, se as deixarmos *agir* já durante o tempo de escola.

Para um *plano de formação* já destacam-se, então, certas linhas básicas exigidas tanto pela natureza quanto pela vocação da mulher. Seria necessário desfazer-se completamente da idéia de que a escola deve transmitir um extrato compendioso de todas as áreas do saber de nosso tempo. Mais vale a tentativa de educar pessoas que sejam suficiente-

mente inteligentes e esforçadas para serem capazes de apropriar-se de qualquer matéria que venha a ser importante para ela. Por isso, pode-se reduzir bastante a matéria das assim chamadas *coisas reais* bem como o tempo destinado à aprendizagem das línguas modernas em crianças que têm pouco talento para línguas. O intelecto deveria receber oportunidades suficientes para desenvolver-se, o que não dispensa o raciocínio abstrato. Dependendo do talento individual poderia ser usado para esse fim o recurso às línguas clássicas ou à matemática. Em todo caso, deve estar sempre ao lado do exercício abstrato o concreto da tarefa prática.

A função propriamente dita da escola consistiria em levar as moças a conhecer e entender o mundo e o ser humano e a lidar com eles. Vimos com toda a clareza que o correto conhecimento das criaturas e o tratamento dado a elas só se tornam possíveis a partir de uma relação correta com o Criador.

Voltamos então à convicção de que a parte mais importante da formação é a formação religiosa. A missão principal é a de facultar à criança o acesso a Deus. Poderíamos formular esse princípio também da seguinte maneira: ter formação religiosa significa ter uma *fé viva*. Ter uma fé viva significa conhecer Deus, amá-Lo e servi-Lo.

Quem conhece Deus (no sentido e na medida em que o conhecimento de Deus é possível pela luz natural e sobrenatural) só pode amá-Lo e quem O ama só pode servi-Lo. Assim, a fé viva depende da razão e do coração, da vontade e da ação. Quem quiser despertá-la, terá de treinar todas as forças. E só é possível despertá-la pela conclamação de todas as forças que não se fazem nem por um ensino árido do intelecto nem pela "animação" exaltada, e sim por meio da instrução religiosa que, partindo da plenitude da própria vida religiosa, leva para as profundezas da divindade e que sabe apresentar Deus em sua amabilidade, que acende o amor exigindo sua comprovação pela ação, com todo o direito, porque prestado também pelo próprio instrutor. Quando a alma está acesa, ela própria exige ação e abraça avidamente as formas práticas da

fé vivida, previstas por Deus e pela Santa Igreja: participação no santo sacrifício, que realiza essa vida *como* sacrifício em união com o redentor eucarístico, louvor solene e todas as obras de caridade com as quais servimos a Cristo nos membros de seu corpo místico. Com isso está aberta à alma toda a plenitude do mundo espiritual sobre-humano e, com ele, uma quantidade inesgotável de material formador que nela podem entrar para construí-la e transformá-la.

IV. EXIGÊNCIAS DO PRESENTE CAMINHOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO PRÁTICA

Desta maneira chego à exigência de uma instituição de formação em que se viva com Deus e os seres humanos e em que se trabalhe para Deus e os seres humanos. Acabo de deduzir essa necessidade da natureza e da vocação da mulher.

Creio, porém, que ela possa ser justificada ainda a partir de outro aspecto. *O que o nosso tempo exige das mulheres?* Da maior parte delas, exige que ganhem elas mesmas o seu pão. daquelas que estão à frente de uma economia doméstica, espera-se que saibam administrá-la de modo racional, contribuindo assim com a situação econômica geral. Nosso tempo as conclama a colaborar, como esposas e mães, com o saneamento moral do povo. Deseja-se que elas preparem o caminho para o céu. Há necessidade, portanto, de mulheres que possuam conhecimento de vida, prudência, competência prática; mulheres com solidez moral, mulheres com uma vida fundada de modo inabalável em Deus. De onde poderá vir tudo isso se as bases não tiverem sido lançadas na juventude?

Não faltam tentativas nesse sentido. Os órgãos públicos adotaram em grande parte a metodologia dos pedagogos reformistas: exigem *aulas educativas* e, como meio para esse fim, *o método ativo*. A Baviera deu início a uma nova ordem de ensino para as escolas fundamentais realizando uma adap-

tação correspondente nos currículos, e na Prússia introduziu-se, nos últimos anos, também nos cursos colegiais, uma liberdade de autodeterminação mais ampla de professores e alunos. Mas, numa visão mais geral, é preciso admitir que a implementação de novos princípios e métodos de trabalho se depara com enormes empecilhos com a sobrecarga de matérias nos currículos e nos sistemas de avaliação e qualificação cada vez mais complexos. Acho que uma reforma geral do sistema educacional só pode ser implementada adequada e corretamente no contexto de uma regulamentação sistemática do sistema profissional. Essa regulamentação me parece ser uma das grandes necessidades do presente, mais importante até do que a reforma educacional, uma vez que, hoje, vemos um sem número de pessoas colocadas diante da questão da opção profissional e não há quase ninguém que consiga aconselhá-las. Quase todas as carreiras são desaconselhadas por haver superlotação. Além disso, dá-se a exclusão de pessoas bastante aptas para profissões essencialmente práticas porque se fazem exigências exageradas de qualificação teórica.

Para superar essa situação realmente embaraçosa parece-me necessário em primeiro lugar uma estatística geral e bem fundamentada das profissões que mostre qual é a real oferta de postos de trabalho em cada profissão, permitindo assim um controle que acabe com essa conversa irresponsável de superlotação. Em seguida, a formação profissional deveria ser ampliada de acordo com as exigências objetivas das profissões, deixando de lado qualquer consideração que não se baseie nesse critério, como p. ex., a intenção das autoridades de reduzir o número de candidatos pela criação de requisitos de admissão de difícil cumprimento ou uma certa vaidade de alguns grupos profissionais que não querem ficar atrás das exigências de formação de outros, mesmo que as necessidades objetivas indiquem outros caminhos.

Com esse sistema de profissionalização sistematicamente ampliado deveriam colaborar, então, as instituições de formação da juventude, ou melhor: estas deveriam ser integradas ao sistema para que analisassem e selecionassem os

Jovens conforme seus dons individuais, de modo que as aptidões fossem descobertas o mais cedo possível e pudessem servir de base para uma orientação vocacional e escolha profissional adequadas. Poderia ocorrer também uma seleção das matérias tendo em vista a formação para a profissão futura definida com antecedência.

Tudo isso pressupõe naturalmente uma grande liberdade e versatilidade no trabalho dessas instituições de formação. Fico imaginando um tipo de sistema Montessori que abranja todas as faixas etárias desde o jardim até o limiar das escolas propriamente profissionais.

Nas escolas para moças, o núcleo fixo deveria ser constituído por uma formação geral exigida segundo a natureza e a vocação da mulher: uma cuidadosa formação religiosa na medida e nas formas adequadas à respectiva faixa etária; ao lado dessa, introdução à economia geral e doméstica, assistência a crianças e adolescentes, funções sócio-políticas; tudo isso não apenas na teoria e, sim, simultaneamente na teoria e na prática, não em forma de experiências de laboratório e, sim, pela solução de tarefas reais, se bem que pequenas e modestas. A esse núcleo seriam agregadas de forma flexível as áreas puramente espirituais procedendo-se a seleção de acordo com os dotes e as inclinações individuais e preparando-se a passagem para a escola profissional.

A passagem das instituições de formação geral para uma escola profissional me parece o caminho normal e desejável. Por um lado, a preparação para a vida profissional constituirá, por um bom tempo, uma necessidade econômica. Além disso, parece tratar-se de uma questão ligada à formação da personalidade. Predisposições individuais e energias acumuladas na pessoa adulta exigem realizações práticas e resultados competentes. Na vida familiar de hoje, dificilmente há espaço para uma formação tão abrangente. A profissão faz com que o indivíduo se integre na sociedade ou lhe confere uma função que lhe cabe cumprir no organismo social. A tarefa especial da mulher profissionalmente ativa consiste em fundir

sua vocação feminina com sua profissão específica, de modo que a profissão receba uma feição feminina.

Uma tal mudança não pode ser decretada de cima e de uma só vez. Em primeiro lugar haveria falta de professores qualificados para sua execução. Depois apareceriam todos os achaques infantis de um sistema novo como uma epidemia que se alastra pelo país inteiro; as conseqüências poderiam ser tão devastadoras que as pessoas sentiriam saudades dos "bons tempos de antigamente", a ponto de os princípios saudáveis serem rejeitados juntamente com os erros.

Todas as medidas de reforma precisam ser experimentadas primeiramente em escala menor, assim como foram realmente testados por reformadores entusiasmados os princípios da escola de trabalho, a educação conjunta, a comunidade escolar, etc., seja em escolas experimentais particulares ou públicas, antes de serem recomendados ou até impostos para a implementação generalizada pelas autoridades educacionais.

Um bom ponto de partida para a reforma da formação feminina seria algumas senhoras católicas decididas, que dispusessem de uma sólida convicção religiosa, de uma boa formação pedagógica e, sobretudo, estivessem familiarizadas com todos os métodos modernos de trabalho, se unirem para erguer uma escola desse tipo desde o início. Deveria fazer parte do projeto também um grupo de pais com bastante coragem para confiarem seus filhos a essa escola, além de um grupo de patrocinadores para financiar o projeto. Às autoridades educacionais pediria, por enquanto, apenas que, reduzindo a matéria e ampliando a liberdade de ação, criem o espaço necessário para os professores que possam e queiram trabalhar na linha do novo conceito de formação. Além disso, que procedam a uma revisão profunda do sistema de avaliação e autorização e preparem a regulamentação de todo o sistema profissional.

De propósito, coloquei no centro de minhas explicações a formação *feminina*. Suponho ter dado ênfase suficiente ao fato de que tanto as mulheres quanto os homens são se-

res *individuais* cuja individualidade deve ser respeitada no processo de formação. Mas, para evitar mal-entendidos, talvez seja conveniente realçar que mulheres e homens têm, como *seres humanos*, um objetivo educacional comum: "Sede perfeitos como vosso pai do céu é perfeito!" Esse ideal educacional nos é apresentado de forma concreta na pessoa de Jesus Cristo. O objetivo de todos nós é tornarmo-nos semelhantes a Ele. O caminho de todos nós consiste em sermos formados por Ele próprio, juntando-nos como membros organicamente a Ele como cabeça. Mas o material de partida é diverso. Deus criou o ser humano como homem e mulher e deu a cada um uma função especial no organismo da humanidade. Pela queda, tanto a natureza masculina quanto a feminina degeneraram. No alto-forno do formador divino, ambos podem ser livrados dessa escória. Quem se abandonar incondicionalmente a essa formação não só verá restabelecida a pureza natural como crescerá mais até se tornar um *alter Christus* no qual já não existirão barreiras, pois estarão unidos nele os valores positivos do homem e da mulher. Mas todo trabalho de formação humano deve partir da base natural.

St. Lioben, 12.1.1932*

Na palestra de Berndorf, em novembro de 1930, sobre os fundamentos da formação feminina, procurei esboçar a imagem da alma feminina como ela deveria ser de acordo com a sua vocação eterna; na oportunidade mencionei os seguintes atributos: *larga, ampla, vazia* de si mesma, *quente* e *clara*. Agora me pedem para dizer algo sobre a maneira de obter essas qualidades.

* Repassando os manuscritos deixados pela autora, foram encontradas as seguintes páginas que contêm idéias complementares à palestra impressa acima. O leitor encontra aqui essas reflexões posteriores.

Acho que não se trata de uma variedade de qualidades que possam ser visadas e trabalhadas isoladamente; antes, trata-se de um simples estado total da alma que é visto nesses atributos por diversos lados. Não podemos atingir esse estado por um ato da vontade, ele precisa ser realizado pela graça. O que podemos e devemos fazer é: abrir-nos à graça, renunciando, completamente, à nossa própria vontade e entregando-a ao domínio da vontade divina, colocando toda a nossa alma receptiva e maleável nas mãos de Deus.

Isso tem a ver em primeiro lugar com esvaziamento e aquietamento. Por natureza, a alma está cheia de variedades, tão cheia que tem sempre uma coisa deslocando a outra, e ela está sempre em movimento, freqüentemente até cheia de tormenta e tumulto.

Mal acordamos de manhã e já nos vemos assaltados por deveres e preocupações do dia (quando já não afugentaram antes o sossego da noite). Surge, então, a pergunta inquietante: Como abarcar tudo isso num único dia? Quando farei isto ou aquilo? Como dar início a esse ou aquele empreendimento? Gostaríamos de sair correndo. Nesse momento devemos tomar as rédeas nas mãos para dizer: calma! Nada disso me deve atingir agora. Minha primeira hora da manhã é do Senhor. Enfrentarei as tarefas do dia de que Ele me encarregar, e Ele me dará a força para realizá-las.

Assim irei ao altar de Deus. Aqui não se trata de mim e de minhas preocupações minúsculas e, sim, do grande sacrifício de reconciliação. Posso participar dele, purificar-me e deixar-me invadir pela alegria para colocar-me também no altar na hora do ofertório, com todos os meus atos e sofrimentos. E quando o Senhor vem a mim, na hora da comunhão, posso perguntar-lhe: "O que deseja de mim, Senhor?" (Sta. Teresa) E aquilo que em diálogo silencioso se me apresentar como a próxima tarefa, aquilo começarei a fazer.

Iniciando depois da celebração matutina o meu dia de trabalho, reinará em mim uma quietude solene, e minha alma estará vazia de tudo o que me pretendia assaltar e so-

brecarregar, mas estará cheia de uma santa alegria, de coragem e vigor.

Ela ficou grande e larga porque saiu de si entrando na vida divina. O amor queima nela qual chama quieta acesa pelo Senhor, e ela se sente impelida a praticar o amor e a acendê-lo nos outros: *flammescat igne caritas, accendat ardor proximos*. O próximo trechinho do caminho fica claro à sua frente; ela não enxerga muito longe, mas sabe que, uma vez chegada ao ponto onde, no momento o horizonte termina, terá diante de si uma nova visão.

Agora começa o trabalho do dia. Talvez sejam aulas - 4 ou 5 horas seguidas. É necessário estar concentrada, não se pode atingir a toda hora aquilo que se pretendia, talvez em nenhuma. Cansaço próprio, interrupções imprevistas, falta de atenção das crianças, uma série de aborrecimentos, revoltas, temores. Ou o trabalho no escritório: lidar com superiores e colegas desagradáveis, reivindicações não correspondidas, acusações injustas, misérias humanas. talvez também diversos tipos de necessidades.

Chega o meio-dia. Chega em casa esgotada, exausta. Talvez estejam aguardando novos aborrecimentos. Onde ficou aquela disposição matutina da alma? Novamente brotam as inquietações: revolta, desgosto, arrependimento. É ainda falta tanto a ser feito até à noite. Não é necessário continuar correndo? Não antes de recolher-se a um momento de quietude. Cada qual precisa conhecer-se a si mesma para saber onde e como encontrar a tranqüilidade. O melhor é despejar novamente todas as preocupações, durante uns breves instantes, diante do tabernáculo, se for possível. Quem não tiver essa oportunidade ou precisar de um breve descanso físico, respire um pouco no próprio quarto. E se não houver nenhuma possibilidade de tranqüilidade externa, se não tiver cômodo em que possa recolher-se, se deveres inadiáveis impedirem uma horinha de silêncio, então feche-se pelo menos durante uns instantes contra tudo o que vem de fora e refugie-se no Senhor. Ele está presente e, num breve momento, pode dar-nos o que precisamos.

E assim continuará durante o resto do dia, talvez com muito cansaço e dificuldades, mas em paz. Quando chega a noite e o retrospecto mostra que tudo não passou de obras inacabadas e que muito do que se planejara ficou sem ser feito, se tanta coisa nos causa vergonha e arrependimento: aceite tudo como é, ponha-o nas mãos de Deus e confie tudo a Ele. Assim será possível descansar nele com tranqüilidade aguardando o novo dia como o começo de uma nova vida.

Esta é uma sugestão prática para enfrentar o dia de tal maneira que haja espaço para a graça divina. Cada uma saberá qual a melhor maneira de adaptá-la às suas próprias condições de vida. Além disso é necessário mostrar que o domingo deveria ser como um grande portão pelo qual a vida celeste pode entrar no nosso dia-a-dia, trazendo força para enfrentar o trabalho de toda a semana. O mesmo vale também para as grandes festas, as celebrações e os períodos de penitência que, vividos no espírito da Igreja, fazem com que a alma, ano após ano, amadureça cada vez mais para o eterno descanso sabático.

Uma das tarefas principais de cada uma deve consistir na reflexão sobre a programação de seu dia-a-dia e do ano todo de acordo com suas aptidões e as circunstâncias concretas de sua vida, para assim poder preparar os caminhos do Senhor. O programa há de ser diferente para cada pessoa, adaptando-se com flexibilidade às mudanças que ocorrem no decorrer do tempo. Também a situação psíquica varia de pessoa para pessoa e de tempo para tempo. Os recursos de que dispomos para criar, manter ou reavivar a ligação com as coisas eternas - como, por exemplo, meditação, leitura espiritual, participação da liturgia, de devoções populares, etc. - não são fecundos de modo igual para todos e em qualquer tempo. A meditação, por exemplo, não pode ser praticada por todos e sempre da mesma maneira.

É importante descobrir e aproveitar o método mais eficaz para cada circunstância. Para conhecer o que lhe convém e, sobretudo, antes de fazer modificações num roteiro comprovado, é recomendável procurar a experiência do conselho.

5

PROBLEMAS DA FORMAÇÃO FEMININA



I. INTRODUÇÃO

A. DESENVOLVIMENTO DA PROBLEMÁTICA A PARTIR DA SITUAÇÃO ATUAL DA MULHER

A implementação da formação feminina, objeto de debates renhidos no início do movimento feminista, nestas últimas décadas, parecia ter enveredado para um processo mais calmo. Mas, hoje, ela voltou a ser uma questão vivamente discutida. Por isso, parece indicado abrir caminho para essa problemática partindo da situação atual da mulher. Logo de início apresenta-se, no entanto, uma dificuldade: Pode-se falar em situação *da* mulher? * Mais tarde deveremos abordar a

* No fragmento do manuscrito desse primeiro capítulo ficou conservado o texto original da primeira página:
"Visão geral sobre a problemática a partir da situação atual da mulher."

questão da existência da mulher como uma *espécie* genérica. Mas, quando se fala da *situação da mulher*, não se pensa na espécie em si e, sim, em tudo aquilo que faz parte da espécie genérica, de modo que se trata de uma diversidade de tipos e indivíduos tão grande que dificilmente se poderá falar de uma situação comum a todas. A situação varia conforme a geração, a classe social, a visão do mundo (sem falar da diversidade imensa de caracteres individuais), e essas diferenças não devem ser ignoradas quando se aborda esse tema.

1. Posição da mulher diante das grandes questões do nosso tempo

Podemos tentar assinalar a situação espiritual da mulher analisando seu posicionamento frente às grandes questões que agitam nossa época: casamento e maternidade, a profissão, a coletividade, a política mundial e as questões da eternidade.

O tema que me foi proposto para esse semestre refere-se a um domínio bem amplo que pode ser preenchido com os mais diversos conteúdos. Nas poucas horas de que dispomos não será possível tratar desse assunto de maneira completa e exaustiva. A questão que se coloca é a de como devemos limitá-lo. Penso que, para o começo de um trabalho conjunto, seja bom obter uma visão geral da problemática para, depois, destacar certas questões detalhadas, de acordo com o consentimento mútuo. (Oportunidade para um *debate*)

Os problemas da formação das moças são determinados essencialmente pela situação atual da mulher. Por isso gostaria de partir desse ponto. Logo de início, no entanto, surge uma dificuldade..."

a) Casamento e maternidade

A Academia Berlinense de Trabalho Social e Pedagógico para a Mulher publicou uma obra muito meritória sobre *A vida familiar no presente*¹. Nela são descritas 183 famílias do norte, do centro e do sul da Alemanha, de cidades grandes e pequenas e de comunidades rurais. (Falta a diferenciação segundo a classe social; geralmente trata-se de famílias de operários, empregados e pequenos funcionários públicos.) A seleção não é tendenciosa; os grupos foram escolhidos de acordo com critérios externos: os habitantes de um prédio ou de um quarteirão, as famílias das crianças de uma classe da escola, etc. As instruções para o levantamento visaram registrar, além dos dados meramente materiais - como número de filhos, idade, profissão, fontes de renda, moradia, etc. -, a solidez da união, distinguindo entre famílias sólidas, frágeis e dissolvidas. Apesar de tratar-se, em sua grande maioria, de famílias em condições sociais muito difíceis, em que a mulher trabalha fora e os filhos adultos já são economicamente ativos, constatou-se que a maioria das famílias eram solidamente constituídas, em que os membros vivem firmemente unidos, os filhos respeitam a autoridade dos pais, os pais se mostram preocupados com o bem-estar e a educação dos filhos e, em muitos casos, todos contribuem segundo as suas forças para o sustento de todos. Nesses casos, cabia normalmente às mulheres o mérito de manter, com sua força admirável e heróica, a família unida defendendo-a, às vezes, sob as maiores adversidades, contra a desintegração. Porém, onde havia tendências de afrouxamento e dissolução, em geral constata-se também o fracasso da mulher.

Sob o impacto desses resultados, surge um primeiro impulso de perguntar se não há um certo exagero nas lamentações generalizadas, sobre a desestabilização da vida matri-

¹ Edtada por A. Salomon e M. Baum, Berlim, 1930.

monial e familiar, já que é possível encontrar ainda tantas famílias vivendo, em parte, num regime bastante patriarcal. Mas considerações mais detalhadas reduzem um pouco essa tendência ao otimismo. Nas famílias pesquisadas, as mulheres estão numa idade entre 35 -50 anos. Se ampliássemos esse universo para casais com idade entre 20 e 30 anos, o resultado já seria bem outro. Com certeza encontraríamos mais casamentos sem filhos, divorciados e uniões informais. Quanto à próxima geração, então, nem dá para fazer alguma previsão. Também a inclusão das camadas mais altas e mais baixas da população haveria de mudar o quadro. Além disso, é preciso supor, agora, uma alteração de ano para ano. Em todo o caso, podemos constatar: ainda existem na Alemanha de hoje amplos segmentos da população que conservam o ideal do casamento, da maternidade e da vida familiar como abrigo e esteio protetor para os indivíduos. Com base em minhas observações particulares, até creio poder afirmar que existe na geração jovem uma disposição mais acentuada para o casamento, um desejo de levar uma vida matrimonial e caseira, do que na geração anterior. Em parte, isso está ligado ao posicionamento diante da profissão, de que deveremos falar ainda; mas, em parte, deve-se essa atitude também à importância maior que é dada ao elemento erótico e sexual em geral. Sua influência nas publicações científicas e literárias, nas discussões públicas e na vida diária, é hoje tão dominante que até as crianças se vêem confrontadas com ele em toda hora e lugar.

Só uma visão clara e incontestável do casamento é capaz de formar um baluarte firme contra essas teorias, com seus efeitos cada vez mais amplos. Essa fundamentação clara e incontestável existe apenas no dogma católico que vê o casamento como sacramento, tendo na procriação e educação dos filhos sua finalidade essencial. Diante do reconhecimento nítido da importância da visão católica frente a todas as tendências desagregadoras, o Santo Padre já a confirmou, de maneira audível, para o mundo todo, em sua encíclica sobre

o casamento. Mas agora é necessário prosseguir sobre a base desse fundamento. Existe toda a discussão em torno dos problemas do sexo: a psicologia, a pedagogia e a patologia sexuais foram tão difundidas e já exerceram uma influência tão grande sobre a educação e o ensino, a terapia e o modo de viver, que se torna imprescindível analisar todas essas tendências a partir do fundamento católico; essa análise deve ser crítica, isto é, não simplesmente negativa e, sim, distinguindo minuciosamente e seriamente o que é aceitável daquilo que é inaceitável. De fato, podemos aprender muito com as pesquisas modernas; a forma tradicional católica de abordar ou não essas questões pode e deve ser revista, se é que pretende fazer frente à avalanche de perguntas de nossa época.

O desenvolvimento de uma teoria verdadeiramente católica e generosa da sexualidade e do casamento e dos princípios que dela se derivam para a educação, deve ser encarado, em nossa época, como uma das tarefas mais urgentes de toda a formação da juventude e, com isso, também das moças. Ao mesmo tempo, seria de máxima importância para todo o nosso povo, porque esse esforço que só pode vir do lado católico serviria, ao mesmo tempo, de apoio firme também a todos os grupos conservadores - no bom sentido - fora do âmbito da Igreja.

b) Profissão

Passemos, então, ao posicionamento da mulher diante da profissão (em sentido estrito deixando a *vocação natural* da mulher de lado quando, de fato, deveríamos incluí-la). Nesse caso também existe uma diferença impressionante entre as gerações e mesmo entre as classes sociais. Desde que ela existe, faz mais ou menos cem anos, é comum na quarta classe que a mulher tenha que trabalhar fora de casa (nas respectivas classes, isso já acontecia, no fundo, desde os tempos mais remotos). As necessidades da vida a obrigavam a

trabalhar no campo, na fábrica ou em casa de outra família. Essa atividade, economicamente ativa, é aceita como um mal necessário, sem muita reflexão ou resistência. Nas classes média e alta, a atividade profissional da mulher (com exceção de bem poucas ocupações) era considerada algo inaceitável e inconveniente desde a época da Reforma, que negando o ideal da virgindade acabou restringindo a atuação da mulher ao seio da família, até há poucas décadas passadas.

As mudanças das condições *econômicas*, que deixaram sem ocupação muita mão-de-obra feminina nos trabalhos domésticos, bem como a valorização da *personalidade individual*, nas escolas filosóficas da segunda metade do século XIX e de nossa época, levaram às lutas pioneiras do feminismo por maiores chances de formação de trabalho, para criar espaço para a grande variedade de dons e forças. A maioria das moças que hoje fazem vestibular e ingressam num curso superior nem sabem quantos comícios, manifestos, petições ao congresso e ao governo foram necessários até que, em 1901, as universidades se abrissem, finalmente, também para as mulheres. Para aquelas que hoje têm entre 40 e 60 anos (e em medida maior para as profissionais mais idosas), a profissão é geralmente algo conquistado, tanto na família quanto na vida pública. Tenham elas encontrado nela a satisfação ou tenham ficado insatisfeitas sob alguns aspectos - em todo o caso sentem-se interiormente identificadas com ela. Hoje, a situação é diferente. Em todas as camadas sociais existe hoje para as moças e, em geral, também para as mulheres, a necessidade econômica de exercerem uma atividade remunerada. As moças da burguesia e da aristocracia optam, freqüentemente, por uma formação acadêmica adequada à sua condição social, quando têm condições de pagar os estudos necessários, mesmo que lhes falte em muitos casos o talento e a inclinação para isso. Fica claro que em tais casos, geralmente, não se pode falar em satisfação profissional (mesmo abstraindo das pressões da necessidade, do número excessivo de formandos e das poucas perspectivas para conseguir um emprego).

Mas existem ainda outros motivos que provocaram a atual crise do movimento feminista e da vida profissional da mulher. Inicialmente, os adversários insistiam em manter as mulheres afastadas de qualquer atividade profissional fora de casa, negando-lhes qualquer aptidão para a formação e o trabalho profissional *masculinos*. Por outro lado, muitas líderes feministas mais radicais exigiam a liberação de todas as oportunidades de formação e profissionalização, desconsiderando totalmente o aspecto da peculiaridade feminina. Relendo hoje folhetos escritos trinta anos atrás, ficamos, às vezes, espantados com a falta de objetividade e até com a ingenuidade dos argumentos. A revolução trouxe a realização de quase todas as exigências radicais, mas sem que houvesse antes uma preparação suficiente. A experiência mostrou, então, as dificuldades e fez brotar também resultados positivos. Muita índole feminina entrou em conflito com a profissão, de modo que se pode explicar também por esse lado um certo fastio profissional. Visto no todo, porém, dispomos hoje de um sistema tão amplo de formação e atividade profissional femininas que fica praticamente impossível imaginar um retrocesso, mesmo que se envidem esforços nesse sentido.

É necessário que estejamos conscientes de que nos encontramos no começo de uma grande revolução cultural, que estamos passando pelas doenças infantis e que ainda falta realizar um trabalho essencial e básico; que é necessário voltar à natureza do homem e da mulher para podermos preparar uma formação e distribuição profissional, que corresponda à índole de cada um, de modo que alcancemos, aos poucos, uma inserção natural dos sexos no corpo social. Com isso, chegamos ao problema da formação feminina que pode ser considerado o problema por excelência: a questão da *peculiaridade intrínseca da mulher*. Desta questão surgem mais dois problemas: se existe nessa peculiaridade uma inclinação a determinadas profissões e qual a formação profissional adequada.

c) Relação com a coletividade e com as questões da política mundial

O trabalho profissional antecipa para a maioria das mulheres o contato com a vida pública. Há profissões que integram a mulher à coletividade numa posição de responsabilidade, como, por exemplo, na posição de deputada ou funcionária da administração pública, onde a mulher pode ser encontrada, hoje, em lugar de destaque, em ministérios e secretarias estaduais e municipais. Mas também as mulheres que exercem uma profissão social ou pedagógica obtêm uma visão profunda das relações existentes dentro da coletividade, da saúde pública e dos costumes. No exercício de seu cargo, elas podem fazer valer a sua influência para melhorar a situação ou para evitar danos; com isso, adquirem um senso de responsabilidade maior pela coletividade. Os anos de dificuldade acabaram despertando, também, aquelas que se vêm restritas à vida doméstica e que, antigamente, eram mais inclinadas a preocupar-se apenas com seus assuntos particulares e com os de seu círculo familiar e dos amigos. Primeiro, foi a guerra que mexeu tão fortemente com a vida de quase todas as famílias, que as esposas e mães, as irmãs e filhas necessariamente se viram envolvidas nos destinos da nação. Mesmo que nos anos que se seguiram aos tempos da guerra e da inflação, tenha-se alastrado novamente uma certa atitude de despreocupação e de desinteresse egoísta pelos acontecimentos da esfera pública, ela se viu rapidamente interrompida pela crise econômica mais recente, com suas conseqüências cada vez mais amplas e profundas.

Hoje, dificilmente, encontramos pessoas na Alemanha que não tenham experimentado na própria vida as relações causais que existem entre a vida profissional, a renda, a economia doméstica, o modo de vida e o sustento de cada um e das famílias e a economia de todo o país, a situação interna e externa da nação. Agora, todos percebem pelo menos que, como membros de uma grande coletividade, são igualmente *afetados* pelos desti-

nos desta. Mas a pessoa pensante descobre logo que é também parte *corresponsável* desse todo. O direito de voto das mulheres passou a ser entendido por muitas como um sério *dever* de votar. Mesmo as pessoas politicamente desinteressadas precisam reconhecer que a evolução da situação política geral depende do uso que fazem de seus direitos políticos, e que é dessa situação que depende o fato de esposa, marido e filhos terem pão, poderem desenvolver e exercer seus dons intelectuais e serem educados em sua fé e poderem vivê-la.

Podemos ir além. Os anos depois da guerra mostraram, com clareza cada vez maior, que não só a vida particular e pública estão intimamente ligadas entre si, mas também a vida de cada povo e nação com a dos outros. Os povos da Europa, que durante a guerra se combateram até a morte, caíram juntos, e todos se vêem compelidos pela dura realidade a entenderem que só poderão reerguer-se num esforço conjunto. Ninguém pode afirmar, com certeza, que os esforços por uma política de entendimento conseguirão vencer, pouco a pouco, as resistências das fortes correntes contrárias. Mas é óbvio que se trata de uma questão que muito diz respeito às mulheres. Se a vocação da mulher consiste em proteger a vida e manter unida a família, então ela não pode ficar indiferente às formas de vida assumidas por povos e nações, uma vez que é delas que dependem o bem-estar das famílias e o futuro da juventude. A grande petição internacional das mulheres, de 6 de fevereiro de 1932, em Genebra, mostrou que muitas mulheres se identificam hoje com a causa da paz e do entendimento entre os povos.

Assim, o âmbito de ação das mulheres se ampliou, em poucas décadas, do lar para o mundo. Isso significa que, em relação à formação das moças, se deve exigir uma preparação adequada para uma tomada de posição frente às questões da vida pública. Mas, surge também a pergunta, se esse envolvimento pela profissão e pela vida pública não põe em perigo a sua posição na família, e se é desejável e possível adiantar-se a esse risco por meio de uma formação adequada das moças.

d) Posicionamento diante das questões da eternidade

Nosso tempo, em que quase todas as formas consolidadas da vida secular estão vacilando e mudando, é também um período de lutas em torno das questões da eternidade. Naturalmente, existem, também hoje em dia, pessoas obtusas e indiferentes que nem ligam para essas questões. Mas em comparação com as décadas anteriores, seu número diminuiu substancialmente. De um lado, deparamo-nos com um ódio contra Deus tão terrível e satânico como, talvez, nunca tenha havido em época passada. A perseguição aos cristãos, durante os primeiros séculos, dirigia-se contra uma nova forma de fé que ameaçava as formas antigas; não era um combate contra a fé em si. Por outro lado, registra-se nas almas uma procura e um desejo de Deus, um esforço para aprofundar e avivar a tradição em todas comunidades religiosas. É um fato antigo, que a alma feminina se mostra especialmente receptiva para a religiosidade, de modo que era inevitável que também ela fosse atraída por esse movimento. Em muitas, o distanciamento da família pela formação e pelo exercício de uma profissão levou, também, ao rompimento com as tradições religiosas de casa; muitas perderam a fé de sua infância sem que sentissem a necessidade ou chegassem ao ponto de substituí-la, outras conquistaram uma convicção religiosa própria, abraçada em seu íntimo.

Como a totalidade e a integridade são próprias da natureza feminina madura, costuma nascer de uma convicção religiosa firme e íntima o desejo quase natural de viver *totalmente* pela fé, isto é, de colocar-se totalmente a serviço do Senhor. Assistimos hoje a um novo florescimento da vida religiosa que se manifesta, primeiramente, num crescimento externo; há uma grande procura pelas ordens e comunidades antigas e, ao mesmo tempo, um grande número de fundações novas de congregações diversas, com objetivos específicos, de acordo com as necessidades de nosso tempo, no-

tadamente do tipo caritativo. Registra-se também um grande esforço nas ordens antigas em busca de uma renovação e de um aprofundamento espiritual. Mas o que mais caracteriza o nosso tempo é que essa tendência de se dedicar totalmente ao serviço do Senhor, em grande parte, *não* se manifesta como vocação à vida religiosa; aumenta, dia a dia, a *militia Christi* em roupagem secular; em parte, trata-se de solteiros, que exercendo sua função em casa ou numa das assim chamadas profissões "seculares" vivem intimamente unidos ao Senhor, dirigindo a ele toda a sua atuação; uma outra parte se junta com pessoas que têm as mesmas aspirações numa espécie de vida regular, sem que isso transpareça externamente. Todos eles encontraram um ponto firme a partir do qual se lançam ao embate com todas aquelas questões urgentes que acabamos de expor. A missão da formação religiosa das moças consiste em levar a essa posição firme.

2. Posicionamento em relação à mulher

a) Opinião pública

Passemos agora a analisar por um outro ângulo toda essa questão que ora está prendendo a nossa atenção. Para caracterizar a situação da mulher não basta discutir a posição *dela* diante das questões atuais. Precisamos tentar descobrir, também, qual é o posicionamento assumido em relação a ela, isto é, o que pensam da natureza da mulher e de sua vocação os grandes poderes que decidem a nossa vida. Examinarei primeiro a *opinião pública*. A opinião e o juízo dos indivíduos são determinados em grande parte por aquilo que *se* pensa e *se* diz. Essas opiniões e esses juízos têm a máxima influência prática. Como, até poucas décadas atrás, *se* era da opinião de que *a mulher devia ficar em casa* e que nenhuma serventia tinha fora dela, foram necessárias lutas longas e

renhidas para alargar seu âmbito de ação que se tornara demasiadamente restrito. É difícil definir quem é esse *se*. Opiniões e juízos partem, certamente, de indivíduos. Mas, não devemos concluir daí que a opinião seja formada, originalmente, por determinados espíritos destacados e que ela se alastre, depois, para círculos mais amplos. O espírito de cada um já é formado de uma certa maneira por seu tempo - e isso vale, também, para os espíritos mais destacados, se bem que em sentido diferente do que os da massa -, de modo que tendem a um determinado modo de pensar.

Não podemos aprofundar aqui essa problemática. O que nos interessa no momento é a pergunta factual: o que se pensa atualmente da mulher. Nessa, como em todas as outras questões, vamos encontrar divergências e discrepâncias. Continua existindo um grande número de irrefletidos que se satisfazem com formulações gastas sobre o *sexo fraco* ou o *belo sexo* e que só falam desse sexo fraco com um sorriso compadecido, quando não cínico, sem jamais ter refletido mais profundamente sobre a natureza da mulher nem ter tentado informar-se sobre as realizações que as mulheres de fato conseguiram. Existe, também, um ou outro romântico que vê o ideal feminino pintado em traços suaves sobre um fundo dourado e que, por causa desse ideal, gostaria de poupar as mulheres, na maneira do possível, do contato com a realidade nua e crua. Numa contradição estranha, essa visão romântica está ligada à atitude brutal do maior e mais poderoso grupo político atual, que enxerga na mulher apenas o lado biológico. Além de partir da ideologia romântica e de ter considerações a respeito de um melhoramento racial, argumenta-se com a atual situação econômica para restringir a mulher às atividades domésticas e familiares e assim anular todo o desenvolvimento havido nas últimas décadas. Desta maneira, não se respeta nem o ser espiritual da mulher nem as leis do desenvolvimento histórico. De um lado procede-se à violação do espírito pela interpretação errônea da biologia e supervalorização de uma conjuntura momentânea

e, no campo oposto, chega-se ao mesmo objetivo a partir de uma visão fundamental materialista.

Uma política que vê na mulher, apenas, o fator econômico e o fator de poder na luta de classes, é capaz de recorrer ao engodo da igualdade total com o homem para atrair adeptos do sexo feminino, mas o desprezo insolente da natureza e da vocação da mulher deverá despertar uma forte aversão, justamente, na juventude feminina.

Ao lado dessas opiniões que mais fortemente se fazem ouvir no momento, não se deve esquecer outra manifestação característica de nossa época. Existe, hoje, um número grande de homens e mulheres que se esforçam seriamente para descobrir a maneira de ser e o valor próprios da mulher; recorrendo à ajuda da filosofia e da teologia, da fisiologia e da psicologia, da sociologia e da história das civilizações. Certamente há, também, entre eles diversidade de opiniões. De um lado, constata-se a tendência de considerar as diferenças entre os sexos como produto da evolução histórica, como algo condicionado pelas circunstâncias externas, algo que poderia vir a ser superado, em grande parte, pela mudança dessas circunstâncias; mas a essência da natureza humana seria comum a ambos os sexos; do outro lado, existe a convicção de que há diferenças essenciais quanto à natureza humana. Mas, em comparação com as discussões anteriores sobre esse tema, verifica-se, agora, como característica nova, que a alteridade da mulher já não é vista como inferioridade e, sim, como um valor em si, de modo que diminuiu também o empenho de negar completamente essa maneira diferente de ser.

b) O Estado

Passando agora do pronome Impessoal para fatores bem concretos e perguntando qual a posição do Estado em relação à mulher, constatamos que, nos últimos anos, se processou uma reviravolta enorme. Há uns trinta anos, o Estado

gastava uma quantia insignificante na educação das meninas quando comparada com a educação dos meninos. Além das escolas primárias, havia ginásios e cursos colegiais para moças que eram financiados em sua maior parte por particulares e pelos municípios, mesmo que em muitos casos se contasse também com verbas do Estado. A esses cursos se juntaram, a partir da segunda metade do século XIX, seminários para professoras, depois que o movimento feminista incipiente tinha insistido muito na sua criação, que foi favorecida, também, pela falta de professores existente na época. Hoje, dispomos de um sistema amplo de institutos educacionais gerais e de escolas profissionalizantes e, mesmo que muitas questões ainda estejam aguardando soluções satisfatórias, é digno de admiração tudo o que foi implementado num período tão curto. Não se deve esquecer, no entanto, que todo o sistema vê sua existência ameaçada, atualmente, pela situação econômica e política.

Jurídica e politicamente, na virada do século, as mulheres eram equiparadas aos menores de idade, isto é, às crianças e aos deficientes mentais. A constituição de 1919 trouxe o princípio da igualdade dando às mulheres plenos direitos de cidadãs. Com a outorga do direito de votar, elas se transformaram em fator de poder político de peso. O direito de serem também votadas lhes deu a possibilidade de assumirem posições de responsabilidade na vida do Estado. Certamente, não se pode generalizar quanto às experiências que se teve com deputadas e funcionárias públicas em cargos de destaque. Como entre seus colegas masculinos, deve haver também entre elas algumas que, segundo a vocação e o caráter, sejam mais ou menos qualificadas para suas funções. Acho, no entanto, que se pode dizer que as repartições com uma experiência mais longa nessa inovação, dificilmente se dispõem a renunciar à participação das mulheres, pois existe um grande número de tarefas em que elas se tornaram simplesmente indispensáveis. Por outro lado, essa situação exige, também, que se realize o treinamento sistemático necessário à execu-

ção adequada dessas tarefas, para que não sejam confiadas a pessoas despreparadas. Precisamos de uma preparação política e social completa para o cumprimento dos deveres civis (aliás, não só para as mulheres, e sim para todo o povo alemão que se viu lançado no sistema democrático sem que estivesse maduro para ele) além de cursos especiais de preparação para as diversas carreiras funcionais que exigem a presença do trabalho feminino. Tudo isso poderia realizar-se aos poucos, se tivéssemos diante de nós anos de desenvolvimento tranqüilo. Fica difícil prever como as coisas se ajeitariam com a interrupção violenta do desenvolvimento orgânico.

c) A Igreja

Qual a posição da Igreja em relação às mulheres? Nesse aspecto é necessário distinguir entre a posição assumida pelo dogma, pelo direito canônico, pelos representantes humanos da Igreja e por Nosso Senhor mesmo. Não existe nenhum dogma *ex cathedra* sobre a função da mulher e sua posição dentro da Igreja, mas existe uma doutrina tradicional. Ela está expressa na declaração oficial sobre a função natural da mulher que se encontra na, anteriormente já citada, encíclica do Santo Padre sobre o casamento. Nela se declara que a primeira e principal tarefa da mulher é a de ser o coração da família como esposa e mãe, constando também uma advertência contra a adoção de outras tarefas, conquanto estas possam ameaçar a existência da família.

Quanto ao atual Direito Canônico, certamente não se pode afirmar que ele trate com igualdade o homem e a mulher, já que a mulher se vê excluída de todos os cargos que exigem ordenação. *V. Borstinger* provou em sua tese sobre a posição jurídica da mulher na Igreja ² que o estado atual representa um

2 Leipzig, 1931.

pioramento em relação à Igreja primitiva em que as mulheres eram revestidas de funções oficiais como diaconisas. O fato de ter havido uma mudança paulatina mostra que existe a possibilidade de haver também um desenvolvimento em sentido inverso. É a vida da Igreja na época presente indica que devemos contar com esse desenvolvimento, uma vez que se constata uma crescente convocação das mulheres para tarefas eclesiais, como obras de caridade, atividade pastoral e ensino. Os estatutos jurídicos apenas costumam confirmar as formas de vida que já se impuseram na prática. É difícil dizer até onde poderia ir esse desenvolvimento. Em outra oportunidade, já expliquei³ que eu, pessoalmente, não acredito num desenvolvimento que possibilite até o sacerdócio da mulher.

O crescente aproveitamento da mulher em funções eclesiais revela que houve uma mudança na visão dos representantes oficiais da Igreja em relação ao ser e à função da mulher na Igreja e que essa mudança continua se operando. Naturalmente, notam-se diferenças entre as gerações. Mas, nem por isso, podemos afirmar, sem mais nem menos, que são sempre os mais velhos que não conseguem se livrar das opiniões de seu tempo que hoje estão ultrapassadas. No primeiro volume do Manual do Movimento Feminista, em que *G. Bäumer* descreve a história do movimento feminista na Alemanha, ela vê como fato evidente que do ponto de vista da Igreja não pode haver um movimento feminista católico. Provavelmente, ela entendeu as declarações de certos padres sobre a função da mulher como sendo a doutrina oficial da Igreja. De fato, existem declarações de cunho patriarcal que nem sequer admitem pensar em atividades da mulher fora do lar, prevendo a necessidade de tutela pelo marido em todas as áreas. Sem dúvida, ainda existem defensores dessa visão, mas eles não expressam a opinião de uma média. Por outro

3 A Vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e da graça; cf. p. 73 e seguintes.

lado, convém realçar que, entre os primeiros a abordarem sem preconceito as exigências do movimento feminista liberal, estavam justamente alguns teólogos lúcidos que se dispuseram a analisar as possibilidades de harmonizá-las com os princípios da visão católica, tornando-se dessa maneira pioneiros do movimento feminista católico. Basta citar o nome de *Josef Mausbach*. A força inabalável da Igreja se baseia exatamente na coexistência de verdades eternas a serem conservadas sem concessões e de uma elasticidade incomparável na adaptação às condições e necessidades de cada época.

Desta maneira, encontramos, hoje, no meio eclesiástico, o empenho de tornar fecunda a grande diversidade de forças e dons femininos a serviço da Igreja impregnando toda a vida atual com o espírito da Igreja. A convocação para a ação católica é dirigida a homens e mulheres. Existe a convicção de que a preservação e reconstrução das famílias será impossível sem a participação ativa e consciente das mulheres. Elas são indispensáveis na educação da juventude dentro e fora da família, nas obras de caridade, em comunidades seculares e religiosas. Sua vocação consiste em levar aos corações o espírito da fé e do amor nas mais diversas áreas de atuação e em ajudar a formar nesse espírito, tanto a vida particular, quanto a pública. Esta é a visão católica atual na questão das profissões femininas. Nos dias de hoje, em que está derrocado o liberalismo e, juntamente com ele, o ideário do antigo movimento feminista interconfessional, encontramos na versão católica o baluarte contra aquelas tendências poderosas de nossa época que gostariam de eliminar tudo o que foi conquistado para as mulheres nessas últimas décadas.

As mulheres católicas têm um forte respaldo da Igreja que precisa de suas forças. A Igreja precisa de nós, isto é, o *Senhor* precisa de nós. Não que Ele dependesse de nós. Mas Ele nos deu a graça de fazer de nós membros de seu corpo místico querendo utilizar-nos como membros vivos. O Senhor, por acaso, já fez alguma diferença entre homens e mulheres? Certamente, ele confiou o sacerdócio a seus apóstolos, não às mu-

lheres que o serviam. (Justamente por isso, considero a exclusão das mulheres do sacerdócio como algo que não depende da época.) Mas, em seu amor, ele não conheceu e não conhece nenhuma diferença. Os recursos de sua graça estão, de modo igual, à disposição de todos os cristãos e as manifestações extraordinárias de sua graça, as místicas, ele as prodigalizou de modo especialmente abundante, precisamente, às mulheres. E parece que, hoje, ele chama as mulheres em número especialmente grande para funções específicas em sua Igreja.

Quanto à formação das moças, coloca-se então a questão se existe uma preparação para essas vocações e sua realização. Num primeiro momento, existe a tendência de considerá-las como algo muito particular que pode ser abordado por métodos genéricos; como alguma coisa misteriosa que não pode ser prevista e que, por isso mesmo, se furta à organização; finalmente argumenta-se que o Senhor mesmo costuma formar os seus instrumentos. Devemos considerar, porém, que - começando com esse último item - a formação realizada pelo próprio Senhor nas pessoas é algo que deve fazer parte integrante das reflexões em torno da problemática educacional. Em segundo lugar: quando há um chamamento que pode ser atendido ou não, é preciso que haja uma cooperação entre natureza, liberdade e graça. De modo que o fato implica também problemas e tarefas para o trabalho educacional humano. Finalmente, mesmo sendo a vocação um fato individual, é perfeitamente possível que o chamamento individual tome em conta a natureza específica do vocacionado e, com isso, nos vemos confrontados também sob esse aspecto com um problema especial da formação das moças.

3. A problemática da formação das moças

Fazendo um resumo dos problemas relacionados com a formação feminina que podemos deduzir essas breves considerações sobre a situação atual da mulher:

No centro das atenções deverá estar uma reflexão sobre a *natureza da mulher*, pois é esse o *material* com que toda a formação feminina deve contar. A experiência nos ensina que esse material não é uniforme, antes se revela diferenciado de acordo com os tipos e indivíduos. Será necessário examinar se nesses tipos (nos tipos atuais como também nos que se sucederam com o passar do tempo) existe um núcleo uniforme e imutável que poderíamos considerar como a espécie *mulher*. Se a resposta a essa questão for respondida positivamente, será necessário analisar a relação entre a espécie e os tipos. Será necessário tentar descobrir os fatores que determinam o tipo, além de esclarecer como e até que ponto eles podem ser influenciados na prática.

A natureza do material já define em grande parte o objetivo da formação, seja porque encerra uma definição interna do objetivo, seja porque limita pelo menos as definições externas do objetivo. Nas considerações precedentes já apareceram diversos objetivos: a mulher como esposa e mãe, a mulher na profissão fora de casa, como membro responsável da coletividade nacional e internacional, a mulher a serviço do Senhor. Será necessário verificar até que ponto esses objetivos são exigidos ou, pelo menos, admitidos pela natureza da mulher, se todos ou uma parte deles se constituem em *objetivos gerais* de toda formação feminina ou se correspondem a diversos tipos, exigindo, por isso, alternativas de formação, se eles descrevem de forma completa o objetivo da formação feminina ou se devem ser consideradas ainda outras exigências sob outros aspectos, sobretudo sob o ângulo da formação do ser humano e da pessoa.

Da natureza do material e do objetivo da formação resultarão então conseqüências práticas: *quem* deverá executar o trabalho de formação e de que *maneira* e com que *meios* poderá ser atingido o objetivo ou os objetivos.

B. TENTATIVAS DE SOLUÇÃO DAS ÚLTIMAS DÉCADAS

O corte transversal pelo presente nos deu um esboço da problemática ⁴. Ao mesmo tempo era necessário mostrar que a situação atual é o resultado e ponto de passagem de um desenvolvimento histórico. Trata-se de problemas que, há muito tempo, exigem uma solução e, mesmo que eles próprios sofram transformações que os impilam a sempre novas tentativas de solução, convém não esquecer pura e simplesmente as soluções antigas.

Quanto à questão da investigação da índole feminina, existe uma ampla literatura acumulada nesses últimos anos. Será necessário, porém, avaliar o que é pesquisa metodicamente fundamentada e o que é apenas ensaio diletante. Como essa análise deverá ser feita, pormenorizadamente, em breve, limito-me aqui a adiantar o seguinte: Talvez existam poucas áreas em que se tenha falado e escrito com tanta autoconfiança e sem preocupação com a metodologia como essa. Tenho a impressão, portanto, de que seu exame científico está apenas começando.

O objetivo que envolveu o entendimento da natureza feminina não foi estabelecido sobre uma base de conhecimento cientificamente garantido e, sim, a partir de um posicionamento tradicional ou determinado por um raciocínio ditado pela emoção ou pelo arbítrio. Além disso, houve outros fatores que influenciaram a definição do objetivo, sobretudo o ponto de vista ideológico-religioso e considerações de ordem econômica.

O primeiro objetivo definido de uma revisão do sistema de formação feminina e o esforço enérgico para executá-la partiu do movimento feminista. Se quisermos entender esse novo objetivo e as lutas por sua realização, precisamos perguntar primeiro o que elas combatiam. E aí nos depara-

4 Cf. A supra.

mos com um fato estranho: a luta se dirige contra a formação feminina, praticada, quase exclusivamente, por homens que determinavam também seus objetivos e os meios para alcançá-los. A grande massa aceitava esse fato como imutável. E, no entanto, tratava-se de um produto histórico que surgira em uma época nada remota, era uma conquista dos tempos modernos que, de modo algum, era igual no mundo todo, tendo se estabelecido precipuamente na Alemanha e, assim mesmo, não em toda a Alemanha. Os estados católicos possuíam como nos primórdios da cultura cristã suas instituições educacionais nos mosteiros, assistidas e muitas vezes também dirigidas por religiosas.

Nas primeiras décadas, o movimento feminista não tinha vinculação religiosa e menos ainda católica. Ele partia das condições que encontrava em seu âmbito de visão. A Reforma fechara os mosteiros e revogara o ideal da virgindade. Foi ela que restringiu a ação da mulher exclusivamente à família e à casa, medindo seu valor apenas pelo casamento e pela maternidade. Com isso privou as mulheres de um amplo campo de atividades, tirando-as igualmente das respectivas instituições educacionais. É verdade que Lutero exigiu das autoridades seculares que cuidassem também das escolas de moças - a Bíblia deveria ser lida também por mulheres - e da formação de *mestras* para essas escolas para que pudessem continuar ensinando nas escolas elementares femininas nas cidades, como tinha sido prática corrente durante os séculos anteriores. Mas estavam faltando professoras para essa função. Nem pensavam em algo melhor para as moças do que a formação elementar.

Quando, depois da decadência do sistema escolar em consequência da grande guerra, no século XVIII a preocupação com as escolas voltou a merecer mais atenção sob a influência do Iluminismo, fez-se sentir novamente a falta de docentes qualificadas do sexo feminino. As escolas secundárias públicas para moças que, pouco a pouco, surgiram no século XIX passaram às mãos de homens. Hoje em dia, fica difícil acreditar que na-

quele tempo pudessem ser adotados os princípios que de fato acabariam orientando a sua implantação. Como amostra, passo a reproduzir um trecho muito citado nas publicações do movimento feminista extraído de um memorando da *primera assembléa geral de dirigentes e docentes de escolas secundárias femininas*, endereçado aos governos dos estados alemães (1872): "Trata-se de possibilitar à mulher uma formação que, na generalidade do tipo e dos interesses, corresponda ao nível da formação intelectual ministrada ao homem, para que o marido alemão não se sinta entediado no lar e paralisado em seu devotamento a interesses superiores pela miopia e estreiteza intelectual de sua esposa e, sim, que a mulher possa colocar-se a seu lado mostrando compreensão por esses interesses acalentando-os com seus sentimentos."

É igualmente característica a explicação do programa do Partido Conservador da Prússia, escrita por Paul de Lagardes (Göttingen, 1884, p. 25): "Toda mulher só aprende realmente com o homem que ela ama, e ela aprende aquilo que e quanto o homem amado queira em seu amor para sua satisfação. O regular é que as moças se casem e obtenham a sua formação no casamento; mas também as irmãs, as filhas e as auxiliares são formadas por irmãos, pais, doentes e anciãos quando servem a esses homens com dedicação."

Nesses documentos encontramos ainda um eco longínquo daquelas passagens bíblicas em que o grãozinho de verdade que neles se esconde poderia procurar a sua justificação (da vocação da mulher de ser a *auxillar* do homem). Separados desse fundamento, soam como uma grotesca simplificação pequeno-burguesa da concepção do antigo testamento. Que diferença em relação à *mulier fortis* (Prov. 31, 10-31) que nos é apresentada na liturgia da Igreja nas festas de santas mulheres como o ideal de um *adorno do lar* que deveria orientar a formação feminina no século XIX! Os currículos escolares das *filhas dos nobres* foram ditados por esse espírito.

As escolas femininas foram organizadas para transmitir aquele algo indefinido que se costuma chamar de *formação*●

geral: algum conhecimento de línguas, um interesse vivo por literatura e história e o que mais pareça adequado para aquecer o ânimo, incentivando-o a abraçar os ideais propostos; mas em nenhum campo se fala em competência teórica ou prática, nem da capacidade de formar seus próprios juízos e de atuar por conta própria. Contra esse sistema, uma série de mulheres corajosas e decididas empreenderam uma luta metódica. Uma impressão forte e viva da motivação que impelia essa luta encontramos, por exemplo, na leitura das *Memórias*, de Helene Lange ⁵. É a fome espontânea e genuína de alimento espiritual que as induz a conquistar o seu quinhão da vida cultural que aos rapazes é franqueada como que naturalmente. Elas começam a enxergar as necessidades de seu tempo: em primeiro lugar, é preciso proteger *as mulheres das classes mais baixas* contra a exploração ⁶; depois trata-se de conquistar novos ramos de atividade para as *mulheres das classes mais altas* ⁷, convencer a sociedade de que "o trabalho é obrigação e honra para o sexo feminino" ⁸, liber-

5 Berlin, 1927.

6 Luise Otto-Peters avançou nessa direção já nos anos quarenta em suas obras literárias; em 1848 repercutiu de modo especial seu manifesto a favor das mulheres trabalhadoras, dirigido ao Ministério da Saxônia e à *Comissão de Debates sobre as Condições de Trabalho*. Seus esforços se viram renovados nos anos noventa por Elisabeth Gnauck-Kühne, com base em profundos estudos sociais. Para o movimento proletário, a motivação e o modelo se baseavam nos aspectos sociais.

7 A partir de 1865 dedicou-se a essa finalidade em Berlim a Associação Lette de Incentivo à Atividade Profissional Feminina.

8 Luise Otto na assembléia constitutiva da Associação Geral de Mulheres da Alemanha, em Leipzig.

tar as forças inaproveitadas durante tanto tempo, para que, de um lado, a formação fizesse das mulheres personalidades maduras e autônomas, de acordo com o ideal humanitário, e por outro lado as capacitasse para uma colaboração fecunda na vida da nação e na cultura. Enquanto as feministas radicais ⁹ baseavam essas exigências na igualdade da natureza e do direito, orientava-se Helene Lange na idéia de que a reforma era necessária justamente por causa da desigualdade dos sexos: a natureza feminina, livremente desenvolvida e provida de uma formação adequada, seria capaz de mostrar a sua própria contribuição à cultura, uma contribuição exigida por nosso tempo, uma vez que teria condições de contrabalançar os danos evidentes, causados pela cultura ocidental *masculina* por meio de uma verdadeira formação humana e de uma atuação assistencial de amor. Esse era o objetivo visado pela Associação Geral de Professoras, fundada por ela e por suas correligionárias (em 1890, em Friedrichroda); os meios para conseguir esse objetivo eram: participação maior das mulheres na formação de meninas e moças, segundo o princípio de que a verdadeira mulher só pode ser formada por mulheres, e a devida preparação científica que lhes desse condições de ensinar também nas séries intermediárias e superiores e de assumir a direção das escolas.

Os avanços foram sendo conquistados passo a passo. Em 1887, a petição que continha as exigências mencionadas deu entrada na Assembléia Legislativa da Prússia e no Ministério da Educação, acompanhada de um arrazoado redigido por Helene Lange (o *Folheto Amarelo*). O fracasso dessa iniciativa levou a empreendimentos particulares: foram fundados cursos secundários para moças (1889) que apenas transmitiam uma formação mais aprofundada, mas sem reconhe-

9 Organizadas nas associações Bem-Estar da Mulher, Reforma da Educação Feminina e, mais tarde, Federação das Associações Progressistas Femininas.

cimento oficial; depois vieram cursos colegiais (em 1892; as primeiras seis moças se formaram em 1896). Os governos também começaram a fazer concessões: veio a reforma prusiana das escolas femininas, em 1894, que previa a formação de professoras secundárias com exame científico e de diretoras de escolas; em 1901 as mulheres ganharam o direito de ingressar nas universidades; em 1906, *Althoff* convocou um simpósio sobre a formação feminina; a reforma de 1908 introduziu os liceus reformados que acrescentavam mais seis séries à sétima série fundamental; ao lado destes criaram-se os liceus colegiais (com três séries depois de dez anos de liceu abrindo - contra a vontade das mulheres - um *quarto acesso* aos cursos superiores); em 1908, finalmente, as mulheres podem matricular-se regularmente nas universidades.

Assim estava aberto o caminho para as profissões de nível superior, apesar de ainda perdurarem até 1919 severas restrições para a inscrição nos exames e para o exercício profissional.

Ao lado disso, houve um grande esforço no sentido de cuidar também da formação para as atividades do lar e para a maternidade, bem como da iniciação em funções sociais e cívicas e da preparação para profissões sociais, artísticas e técnicas: criou-se a *Escola Feminina* que, com um ou dois anos de duração, dava continuidade ao liceu (1917) e o *Colégio Feminino* introduzido em 1926. Também as escolas que preparam para o ingresso nas universidades e que obedecem aos mesmos requisitos exigidos das escolas masculinas devem ser respeitadas, segundo as diretrizes de 1925, a índole própria da mulher e sua função cultural específica. Entre 1923 e 1931, procedeu-se à regulamentação geral da escola secundária na Prússia. Enquanto as Escolas Femininas e os Colégios Femininos, e em parte também os ginásios, dão continuidade à formação feminina dos liceus, complementa-se o trabalho na escola fundamental pelo ingresso nas *Escolas Profissionalizantes Femininas*. Estas também nasceram da iniciativa particular. Foi Luise Otto-Peters que, em 1865,

fundou a primeira escola de formação profissional feminina, depois seguiram-se outras em diversas cidades.

Só a partir da constituição imperial de 1919, os municípios foram autorizados a introduzir a obrigatoriedade escolar feminina até os 18 anos de idade ¹⁰. Também, nesse caso, persegue-se um objetivo mais amplo: dar continuidade à formação geral, com ênfase especial nas tarefas especificamente femininas, dar uma introdução à vida social e cívica, preparar para a vocação especial e educar para uma atitude ética na profissão.

Nesta primeira abordagem geral, não é possível analisar, em detalhes, os caminhos que levam aos objetivos propostos nem verificar até que ponto são alcançados. Por ora, deixaremos de lado também a análise das novas alternativas que se oferecem à formação profissional depois do desbravamento de novas profissões femininas (p.ex. nas Escolas Sociais Femininas) ou da nova regulamentação da preparação profissional para certas profissões que já admitiam mulheres há mais tempo (p.ex., professoras de educação física e matérias técnicas). Finalmente, é impossível conferir como se deu esse desenvolvimento, exemplificado sobretudo no território prussiano e em outros estados.

Nesse momento, é mais importante analisar a relação do movimento feminista católico e do respectivo trabalho de formação feminina com seus congêneres interconfessionais. Já mencionei acima ¹¹ que, no início do movimento feminista interconfessional, era considerado impossível um movimento católico semelhante. Parece que essa convicção se baseava na suposição errônea de que na Igreja tudo está

10 As medidas de emergência dos últimos anos limitaram, consideravelmente, o funcionamento e até chegaram a ameaçar a sobrevivência dessas instituições tão importantes para a formação das moças de camadas mais populares.

11 Ver p. 170.

definido de modo taxativo e para sempre; esquece-se ingenuamente que a Igreja tem uma história, que seu lado humano precisa desenvolver-se como tudo o que é humano e que esse desenvolvimento se processa freqüentemente em forma de lutas. A maior parte das definições dogmáticas aparecem como o resultado final das lutas espirituais travadas anteriormente, muitas vezes durante décadas ou até séculos. Afirmções semelhantes se aplicam às normas do direito eclesiástico e às formas de liturgia, como aliás a todas as formas concretas de manifestação da vida do espírito.

A Igreja é o reino de Deus nesse mundo e, por isso, precisa ter em conta as transformações de tudo o que é terreno; ela só poderá levar a verdade e a vida eternas para dentro da esfera temporal na medida em que aceita cada época como ela é tratando-a de acordo com suas peculiaridades. Como as condições de vida se tinham transformado, tanto para as mulheres católicas quanto para as demais, foi necessário criar também para elas novas formas de vida e, em princípio, não havia nenhuma necessidade que isso acontecesse de forma autoritária; ao contrário, correspondia às regras de uma longa prática observar primeiro o jogo das forças naturais. Mesmo não havendo, em princípio, nenhum motivo para proibir a existência de um movimento feminista católico, pergunta-se, no entanto, se era e continua sendo também necessário. Essa questão nos interessa aqui somente sob o ponto de vista da formação feminina. Vimos, então, o seguinte: a Alemanha católica ainda dispunha de instituições de ensino em que as moças eram educadas por mulheres tendo em vista seu futuro casamento e a maternidade, mas a formação não visava só isso, ela sempre deixava aberta também a possibilidade de optar por outros caminhos, tendo em vista um objetivo último e máximo que está acima de todos os objetivos especiais: o de educar as criaturas de Deus para Deus, para sua honra e glória. Essa visão afastava do sistema de formação católico a estreiteza pequeno-burguesa de uma educação feminina no estilo do Iluminismo, erguendo as mulhe-

res àquela altura livre a que as lideranças femininas fora da Igreja aspiravam e que se lhe apresentava na imagem do idealismo alemão.

O fato de iniciar-se algumas décadas depois do movimento feminista interconfessional também um movimento católico organizado na *Federação de Mulheres Católicas* e *Associação de Professoras Católicas*, não deve ser interpretado como simples imitação¹² nem como simples oposição àquele movimento. A vida da mulher católica e a formação das moças católicas depois da Reforma sempre se desenvolveram também sob a influência daquilo que acontecia fora da Igreja. Assim como o racionalismo e o positivismo do século XVIII e do início do século XIX exerceram uma influência profunda sobre a filosofia e a teologia católicas, a ponto de a luta contra essa influência só ter sido retomada há algumas décadas pelo revigoração do pensamento católico mais antigo, assim também a pedagogia católica foi influenciada até os nossos dias por tendências psicológicas e pedagógicas a partir das quais não se pode afirmar, de modo algum, que e até que ponto estejam de acordo com seus últimos fundamentos. A isso soma-se a influência, cada vez mais abrangente, do Estado. As instituições educacionais católicas já não estão livres na definição de seus objetivos. O Estado prescreve e controla os currículos e a metodologia. Os docentes devem satisfazer os requisitos exigidos pelo Estado.

Desta maneira, influências masculinas e não católicas passaram a determinar os rumos em grande parte, não só por meio dos órgãos públicos, mas até dentro das próprias instituições, já que existe a necessidade de trabalhar com auxiliares seculares, até que se possa dispor de profissionais

12 A associação das professoras católicas é até mais antiga do que a associação geral, assim como a formação de professoras católicas antecedeu à introdução da formação não católica.

próprios devidamente qualificados; além disso, a formação de pessoal qualificado próprio se faz em escolas superiores que por sua vez não garantem a capacitação necessária para a implantação de uma educação feminina católica. Assim, surgiu a necessidade da criação de organizações livres, que pudessem fazer valer a influência *católica* e *feminina* sobre a regulamentação da educação feminina.

O movimento feminista católico tem muito em comum com os objetivos do movimento não católico e lhe deve contribuições pioneiras valiosas, como, por exemplo, no campo econômico, a criação de oportunidades de trabalho e de formação, nos campos político, jurídico e social, os primeiros passos para a participação da mulher; até mesmo na avaliação do casamento e da maternidade continua existindo uma ampla concordância com os elementos moderados do movimento feminista civil. Não podemos esquecer, no entanto, que este teve origem num terreno que nos é estranho, ou seja, o do idealismo alemão, do liberalismo ideológico e político. O movimento feminista católico precisa fincar pé em seu próprio fundamento que é o da fé e de uma visão católica do mundo refletida em suas últimas conseqüências. Essa reflexão se constitui em tarefa que só pode ser realizada aos poucos. A partir da respectiva base acertada, é necessário discutir com todas as tendências e forças que são trazidas de fora.

Vale acentuar ainda que, como *católicas*, as mulheres não estão sós em seus esforços, uma vez que a formação da juventude foi em todos os tempos de interesse vital para a Igreja, e essa solicitude incluiu desde sempre também a juventude feminina. Toda iniciativa missionária abrangente, desde São Bonifácio até o presente, inclui o aproveitamento da mulher na formação da juventude feminina. E, sempre que a fé se vê ameaçada por forças inimigas, cabe ao trabalho educacional de mulheres consagradas a Deus um papel importante de defesa. Quando São Domingos deu início à luta contra a heresia no sul da França, fundou como primeira base da campanha a obra missionária de Prouille em que

mulheres piedosas apoiaram o trabalho dos pregadores não apenas pela oração e dando-lhes abrigo oportuno, mas também procurando educar em seu espírito as filhas da nobreza para fazer frente aos esforços das mulheres albigenses nesse mesmo sentido. De modo semelhante, a ordem educacional de Mary Ward foi criada como um instrumento da Contra-Reforma encontrando apoio efetivo na Sociedade de Jesus que se inspira no mesmo ideal. Nas últimas décadas, padres e bispos providentes têm incentivado as ordens e congregações femininas que se dedicam à escola e à educação a proverem seus membros de todos os recursos modernos de formação científica e pedagógica, para se colocarem à altura das exigências das autoridades.

Já em 1899 fundou-se, em Münster/Vestfália, o Colégio Mariano para dar às religiosas das ordens educacionais a oportunidade de terem uma formação acadêmica. Motivos semelhantes levaram à criação do Grupo de Trabalho de Instituições Educacionais Religiosas na Baviera. E quando, nos anos que precederam a guerra, teve início nos meios fora da Igreja o movimento de reforma educacional, surgiu a Organização de Escolas Católicas para reunir *todas* as pessoas e instituições ligadas à escola a fim de prepará-las para a luta iminente em torno do sistema escolar. O movimento das mulheres católicas pode escudar-se em todas essas iniciativas quando se trata de cerrar fileiras em torno do objetivo comum de uma genuína formação católica das moças. Mas não deve confiar simplesmente no trabalho dos outros, antes deve dedicar-se com todas as suas forças à formação feminina, cuja fundamentação teórica e execução prática são atribuição específica das mulheres.

II. O SUJEITO DA FORMAÇÃO

A. SIGNIFICADO DO SUJEITO PARA A FORMAÇÃO E PARA A AÇÃO FORMATIVA

Se entendermos por *formação* o modo pelo qual se desenvolve um ser, seja por um processo involuntário que vem de dentro, seja pelo trabalho de formação livre, realizado pelo próprio indivíduo ou realizado nele por outros, será fundamental para a compreensão desse processo que saibamos *o que* está sendo formado. Se limitarmos o conceito de *formação* ao trabalho de uma formação sistemática, exigirá-se necessariamente que se conheça em que o trabalho deve ser executado.

Tendo diante de nós uma classe de alunos, basta um olhar para ver que nenhuma criança é igual à outra. Não são apenas as diferenças externas que notamos, *com* o exterior percebemos o interior (não podemos explicar a essa altura o que venha a ser essa percepção integral e *quais* as diferenças externas que tenham importância especial para a percepção do interior): quantos seres humanos tantos *indivíduos*, isto é, com seu próprio modo de ser. Conhecendo-os por mais tempo, começamos a classificar os indivíduos em grupos, unidos por traços comuns típicos e separados por traços que os diferenciam; assim, os indivíduos passam a ser vistos como representantes de certos *tipos*. Aos tipos que aparecem numa mesma faixa etária juntam-se os tipos etários que se destacam na medida em que comparamos diferentes *séries*. (Existe também o *tipo de série* que é uma coisa bem diferente do tipo etário).

Por enquanto, vamos deixar de lado a pergunta pela origem desses tipos que podem perfeitamente sobrepor-se num determinado indivíduo. Colocando lado a lado uma série de meninas e uma série de meninos, encontraremos novamente diferenças típicas. Surge, então, a pergunta se estamos diante de tipos no mesmo sentido em que os encontra-

mos *dentro* da série de meninas ou da de meninos, ou se nos deparamos com uma generalidade diversa em que se baseiam tanto os tipos de lá, quanto os de cá.

Anteriormente,¹³ já falei da *espécie* feminina*. Por *espécie* entende-se aqui algo fixo que não muda. A filosofia tomista usa nesse caso também o termo *forma*, referindo-se à forma *interna* que determina a estrutura de alguma coisa. O tipo não é imutável no mesmo sentido da espécie. Um indivíduo pode passar de um tipo a outro, o que acontece, p. ex., no processo de desenvolvimento em que o indivíduo passa do tipo da criança ao tipo juvenil e depois ao do homem adulto. Esse progredir é determinado por uma forma interna. Uma criança pode trocar de tipo também quando troca de classe (com outras crianças) ou quando é transferido de uma família a outra. Tais alterações costumam ser creditadas à influência do meio. Mas, desde que exista uma forma interna, há limites interpostos a essas influências. A forma interna, ou espécie, determina um arco dentro do qual o tipo pode variar.

É óbvio que a questão da espécie da *mulher* constitui a questão básica de todas as questões femininas. Se existe tal espécie, então não há mudanças nas condições de vida e nas circunstâncias e atividades econômicas e culturais que possam vir a modificar esse fato. Se tal espécie não existe, se *homem* e *mulher* devem ser vistos não como espécie e, sim, apenas como tipos no sentido que acabamos de dar a esse termo, então, é possível transitar, sob certas condições, de um

13. cf. pág. 174.

* No manuscrito encontra-se a essa altura a seguinte frase riscada pela autora: "(Normalmente distingue-se entre o *gênero* masculino e o feminino. Surge, então, a pergunta se *gênero* tem aí o mesmo sentido que tem na lógica. Mas agora não pretendo sobrecarregar nossa problemática com essa questão.)"

tipo para o outro. Isso não é tão absurdo quanto possa parecer à primeira vista. Essa tese já foi defendida da seguinte maneira: as diferenças físicas seriam fixas, mas as diferenças psíquicas seriam infinitamente variáveis; haveria argumentos até mesmo contra a imutabilidade das diferenças físicas: a existência de hermafroditas e de formas intermediárias.

Essa questão básica das questões femininas remete, porém, aos princípios da filosofia. Para poder respondê-la de maneira satisfatória, é necessário ter clareza a respeito da relação entre gênero, espécie, tipo, indivíduo, isto é, a respeito dos problemas básicos da ontologia formal que, para mim, é aquilo que *Aristóteles* visava com sua *primeira filosofia*. Cabe às disciplinas particulares analisar para determinadas áreas específicas aquilo que essa disciplina fundamental esclarece na generalidade formal. A análise do ser da mulher tem seu lugar lógico na *antropologia filosófica*. Cabe à ciência do ser humano esclarecer o sentido da diferenciação sexual, o conteúdo próprio da espécie além da posição da espécie na estrutura do indivíduo humano, da relação entre os tipos e a espécie e das condições de formação dos tipos.

Como base do trabalho prático de formação é preciso ter clareza sobre aquilo que a espécie exige e quais os limites que ela impõe, com que tipos e indivíduos se deve contar num determinado caso e de que maneira podem ser influenciados. É possível obter essa base concreta do conhecimento para o trabalho prático da formação feminina, sem que toda a elaboração teórica prévia seja realizada por todos individualmente. Mas, de qualquer maneira, fica claro que o embasamento do trabalho de formação em teorias equivocadas há de levar necessariamente também a uma prática equivocada.

B. MÉTODOS DE ANÁLISE

Como deveríamos começar, então, se devêssemos elaborar a base teórica da formação feminina? Ou, de onde tirare-

mos os critérios para pescar, no meio de uma enxurrada de literatura sobre a questão feminina, os elementos para uma base sólida? Precisamos perguntar de que caminhos dispomos para chegar ao conhecimento; para tomar posição frente a uma análise presente, é necessário verificar qual foi o objetivo dessa análise, qual o caminho escolhido, se esse caminho permitiu chegar ao objetivo e se realmente o alcançou.

1. Método das ciências exatas (especialmente psicológico-elementar)

Existe um método puramente científico para determinar a peculiaridade da mulher. É o método adotado por exemplo pela anatomia e fisiologia quando explica a constituição e as funções do corpo feminino partindo da experiência concreta. Assim procede também a psicologia chamada de psicologia científica ou elementar. Por meio da observação e da experimentação, ela analisa fatos psicológicos isolados no maior número possível de casos, para deduzir deles as leis gerais do comportamento psíquico. Foi dessa maneira que procedeu a psicologia sexual do início do século XX. Analisa-se numa série de pessoas de ambos os sexos as diversas capacidades psíquicas isoladas e as características decorrentes - assim, por exemplo, a sensibilidade dos sentidos, a capacidade de aprender e a memória, a inclinação para diversas matérias, as tendências que se manifestam, p. ex., no jogo e na ocupação preferidos, peculiaridades da fantasia, do ânimo, da vontade, etc.¹⁴

Todas as análises científicas supõem a diferença entre os sexos como fato apreendido pela experiência geral, ten-

14 Uma visão geral desse material, com análises críticas e sua elaboração, encontra-se na obra de O. Lippmann sobre *Diferenças sexuais psíquicas* (*Psychische Geschlechtsunterschiede*, Leipzig, 1924).

tando então verificar o mais exatamente possível em que consiste essa diferença. Elas chegam a uma definição da peculiaridade através de *caraterísticas* que se apresentam como uma *média* ou podem ser indicadas pela freqüência com que ocorrem ou, eventualmente, pelo grau numérico; mas, elas não chegam a uma visão global da peculiaridade nem conseguem decidir se a peculiaridade deve ser vista como um tipo variável ou como espécie fixa.

2. Método das ciências humanas (especialmente psicológico-individual)

Nos primeiros anos, a psicologia passou por uma grande transformação; a psicologia elementar perdeu cada vez mais terreno para uma outra vertente que é chamada de *psicologia compreensiva* ou *estrutural*, mas também de *psicologia como ciência da alma*. Distinguimos nela diversas tendências, mas a todas é comum entender a *vida psíquica* como um *todo global* que não pode ser decomposto em elementos constitutivos nem se deixa compor a partir deles. (Nos primórdios da psicologia científica era comum falar de uma *psicologia sem alma* ou, pelo menos, ficava no ar uma certa indefinição quanto à possibilidade de haver por trás dos fatos psíquicos isolados uma unidade real. Essa atitude cética em relação à alma substancial não está, ainda, superada totalmente na psicologia estrutural.)

A psicologia estrutural, sobretudo, aquela facção que se chama *psicologia individual*, está convencida de que os fatos psíquicos isolados, atos singulares, realizações e também as características nem podem ser compreendidos fora do contexto psíquico global do qual nascem, no qual transcorrem e cujo desenvolvimento co-determinam. Fica, então, a tarefa de abarcar esse contexto global, de entendê-lo e de interpretá-lo para, a partir dele, compreender os fatos isolados.

Como o novo método surgiu a partir das necessidades das ciências humanas (da história, da literatura, etc.) e do diagnóstico e da terapia de anormalidades psíquicas e como se trata, igualmente, do conhecimento de determinadas personalidades individuais, cabe grande importância à descrição de contextos psíquicos individuais. O material de partida são as experiências da vida particular, da prática pedagógica e psiquiátrica, a literatura dos diários e das memórias. Mas não era possível restringir-se aos indivíduos: 1) porque toda descrição precisa trabalhar com tipologias, pois a individualidade não pode ser apreendida em conceitos; 2) porque o material destaca determinados tipos, já que o contexto estrutural não é nem simplesmente geral, isto é, igual em todas as pessoas sem distinção, nem simplesmente individual, isto é, peculiar em cada indivíduo, sem nada em comum; 3) porque os tipos são importantes na prática da educação e da terapia, como pontos de apoio dos métodos de influência. É nesse ponto que deveríamos deparar-nos com o *tipo* feminino ou, melhor dizendo, com uma variedade de tipos femininos.

Como a psicologia individual não pode contentar-se com um corte transversal momentâneo através da vida psíquica, devendo antes abrangê-la na medida do possível em todo o seu transcurso temporal, ela escapa do risco de considerar os tipos encontrados como algo inflexível e rígido. Salta à vista a ocorrência de mudanças quando as condições externas se modificam. Além disso, o enfoque da personalidade como um todo exigia uma visão da alma no contexto da unidade psíquico-física. Como, além disso, o ser da pessoa humana é sempre um ser-no-mundo que co-determina seu comportamento psíquico, a psicologia precisa necessariamente ir além dos seus próprios limites para chegar a uma visão antropológica, sociológica e cosmológica¹⁵. Conforme destaca R.

15 Rudolf Allers expressou isso claramente em seu tratado sobre *Psicologia sexual como pressuposto de uma pedago-*

Allers com toda a razão, cabe ao pedagogo descobrir até que ponto vai a mutabilidade dos tipos, para deduzir então as possibilidades de uma influência. Ele não deve parar cedo demais por achar que está diante de uma *inclinação imutável*, antes, deve tentar entender cada comportamento como reação a circunstâncias externas que, em outras circunstâncias, poderia ser diferente. Aquilo que fica além do limite estabelecido por esse método, isto é, aquilo que se revela ininfluenciável, restaria como componente irracional, como um X. Isso significa em relação ao nosso problema que não deveria ser negada a existência de uma espécie, mas que seu conteúdo fica inatingível, de modo que também não podemos identificar qual a sua parte na formação dos tipos e no comportamento das pessoas; assim não haveria nem base em que pudesse apoiar-se a prática pedagógica.

Tenho a impressão de que tal desistência seria precipitada, sobretudo se essa atitude de *não-saber* for aplicada a todo tipo de conhecimento e não apenas à psicologia individual. Penso, no entanto, que seja esse o limite da psicologia empírica: Como toda ciência positiva, isto é, a ciência de fatos naturais conhecidos por experiência natural, ela só pode afirmar que uma coisa se comporta ou, eventualmente, precisa comportar-se desta maneira sob determinadas circunstâncias. Essas ciências não alcançam a forma interna, a substância do cosmo, que faz com que os acontecimentos deste mundo se dêem da maneira que as ciências constataam..

glia sexual (Sexualpsychologie als Voraussetzung einer Sexualpädagogik. Sexualpädagogische Probleme, org. por Deutsches Institut für wissenschaftliche Pädagogik, Münster, 1931). Aliás, nos últimos anos, todos os seus escritos revelam uma evolução da psicologia individual para a antropologia.

3. Método filosófico

No ponto em que termina a ciência positiva começa a problemática da filosofia. Esta não pode aquietar-se diante da incógnita de uma *Inclinação natural*. Eu afirmar-la que ela é capaz de descobrir em sua análise três coisas (separáveis entre si apenas de maneira abstrata, não real): a espécie¹⁶ do ser humano, a espécie da mulher e a individualidade.

Com isso vemo-nos confrontados com a grande questão do *método filosófico*. É impossível desenvolvê-la completamente no presente contexto para chegar à dedução de um método das últimas causas. Podemos tentar apenas indicar os caminhos que, na minha opinião, podem levar à solução dos problemas abordados*.

Entendo, com a escola fenomenológica, isto é, com a escola de E. Husserl, que o procedimento da filosofia se distingue fundamentalmente do das ciências positivas, que ela dispõe de um instrumento de conhecimento próprio que lhe permite realizar aquilo que é necessário à fundamentação das outras ciências e que elas próprias não conseguem realizar: determinar a sua área de ação apresentando os meios de conhecimento e os métodos adequados à respectiva área. A fenomenologia chamou essa função peculiar de intuição ou *visão essencial*. Como esses conceitos tivessem antecedentes históricos, provocaram muitas interpretações errôneas. Eu entendo essa função como desempenho do conhecimento que destaca nos objetos concretos sua estrutura genérica, o que nos permite dizer, por exemplo, o que seja afinal uma deter-

16 Só uma análise ontológico-formal desse problema poderia esclarecer se é melhor falar aqui em gênero ou em espécie.

* No manuscrito segue aqui um acréscimo riscado por Edith Stein: "... uma última prestação de contas sobre esse item deverá ficar para outra ocasião".

minada coisa, uma planta, um animal, um ser humano ou qual seja o sentido desses nomes. O que se chama de *intuição* tem muito a ver com aquilo que a filosofia tradicional chama de *abstração*. Uma análise fenomenológica cuidadosa da intuição e da abstração, talvez, pudesse mostrar que não faz sentido discutir qual delas seja o verdadeiro método filosófico.

Espero que fique claro o nexó com a nossa questão: só se existir uma função cognitiva que seja capaz de atingir o universal, fará sentido falar da essência ou da espécie mulher. A maioria dos que escreveram sobre essa questão se puseram à obra sem mesmo perguntar pelo método a ser seguido, nem perguntar até que ponto permaneciam no contexto das ciências positivas. Escreveram partindo de seu *sentimento* ou *instinto*. Não quero dizer com isso que toda essa literatura seja inútil. Seu valor é aquele que deve ser reconhecido em todas as áreas à experiência pré-científica e à formulação de teorias, o valor de um material que precisa ser trabalhado criticamente. Todos conhecem mulheres por sua própria experiência e, por isso, acham que sabem o que é uma mulher. Mas, se desta sua experiência quer chegar a uma imagem geral, não temos certeza se a generalização feita não está errada, se aquilo que talvez tenhamos observado num ou noutro caso se aplica realmente às outras. Além disso, se faz necessária uma crítica da experiência individual. Será que foi caracterizada corretamente, pelo menos, uma única mulher? Existem riscos de erro e engano em todas as experiências e, nesse campo, eles sejam talvez mais numerosos e maiores do que em outros. Que garantia temos de que esses riscos foram excluídos? Ou, então, pinta-se uma imagem ideal da mulher para medir nela as mulheres individuais, para verificar se elas são mulheres *de verdade*. Nesse caso é preciso perguntar de onde vem essa imagem ideal, qual o valor de seu conhecimento.

De todo esse material, podemos tirar pelo menos a conclusão de que existe a *pretensão* evidente de poder fazer afirmações genéricas. Sem se dar conta, supõe-se como evl-

dente que a experiência individual inclui algum conhecimento genérico. Daí surge para o filósofo a tarefa de destacar essa função geral de conhecimento que se manifesta em cada experiência, para depois treiná-la sistematicamente até elevá-la ao status de método científico ¹⁷.

17 Novamente deixo de entrar em detalhes para mostrar até que ponto se chegou ao caminho de um conhecimento seguro. Apenas gostaria de destacar no meio da literatura feminina, isto é, dos livros e estudos escritos por homens e mulheres sobre a essência e a natureza da mulher, um que me parece cientificamente sério e de importância pioneira. O livro Já recebeu muitos comentários desde que foi publicado em Frelburg, em 1932: *Seinsrhythmik* (Ritmia do ser), um estudo para a fundamentação de uma metafísica dos sexos, da irmã Thoma Angélica Walter do Merlino Jesus. Trata-se de um caminho totalmente novo com o objetivo de descobrir o sentido último das palavras *masculino* e *feminino*; o problema dos sexos é levado a uma forma ontológica radical, isto é, analisa-se se *masculino* e *feminino* não seriam formas básicas do ser, uma forma dupla em que todo o ser criado se apresenta; essas formas básicas são investigadas em todos os níveis do ser criado, desde o primeiro, a luz, até as mais altas criaturas espirituais. A generosidade do enfoque do problema e a segurança e energia do engajamento ontológico dão à obra uma importância fundamental. Estou convencida de que a obra contém resultados duradouros; mas precisó acrescentar também que sinto falta de uma prestação de contas definitiva sobre o método utilizado e credito a essa falha o fato de nem todas as conclusões poderem ser consideradas resultados incontestáveis. A autora deixa-se guiar por algumas verdades fundamentais da filosofia de Santo Tomás, além de uns teoremas tirados dos escritos de E. Przywara e de R. Guardini. Ao lado disso, ela se vale de um processo que se aproxima da intuição fenomenológica (*). Final-

(*) No manuscrito segue aqui um acréscimo riscado pela autora: "... (nitidamente sob a influência forte dos escritos de H. Conrad-Martius)".

4. Método teológico

Com isso chegamos ao último método a ser discutido na abordagem de nossa questão: o *teológico*. Para nós, é de fundamental importância saber o que a doutrina católica diz a respeito da essência e da natureza da mulher. Para informar-nos a esse respeito procuraremos saber primeiro o que diz a doutrina em sentido estrito, isto é, o que somos obrigados a crer pelas definições dogmáticas. Como não iremos encontrar muita coisa, vamos ampliar o círculo para os ensinamentos tradicionais, isto é, vamos verificar o que se encontra nos escritos dos doutores e padres da igreja bem como as exposições dogmáticas de nosso tempo. Esse material é bem mais rico, mas é um material que admite o crivo da crítica.

Quando S. Tomás diz, p. ex.¹⁸: "Vir est principium mulieris et finis" (O homem é o princípio e o fim da mulher), será necessário perguntar qual o sentido dessa expressão e qual a fonte de que provém. Nesse caso não é difícil descobrir a fonte. Trata-se da própria Sagrada Escritura, no relato da criação; ao lado disso, poderiam vir ao caso alguns

mente lança mão de um ou outro resultado recente de diversos campos científicos, como p. ex. da matemática, da física e da biologia. Mas falta uma prestação de contas a respeito da compatibilidade dos métodos e da ordem em que se encontram entre si. É verdade: para prestar essas contas, teria sido necessário fazer preceder à análise dos sexos uma exposição de um sistema de filosofia próprio. Na breve nota introdutória sobre o método utilizado, que se encontra no prefácio do livro, afirma-se que a fé católica, o sistema mais seguro do conhecimento humano, deveria servir de fundamento. Mas não se diz explicitamente quais os pronunciamentos desse lado sobre o problema dos sexos.

18 *Summa Theol.* I, 92 a. 1.

trechos das cartas de *São Paulo* *. Para determinar seu sentido, seria necessário realçar primeiramente, no contexto do ideário tomístico, o que ele pretende dizer quando afirma que uma coisa é o princípio e o fim de outra. Depois seria preciso procurar todas as passagens da Bíblia que permitem uma conclusão sobre a finalidade da mulher (e analogamente sobre sua posição *secundária* em relação ao homem) comparando o princípio e o fim indicado por essas passagens com aqueles da sentença de S. Tomás ¹⁹. Suponhamos que o sentido seja o mesmo em ambos, teríamos que perguntar, então, que conclusões o destino da mulher e sua relação de subordinação permitem sobre a *natureza* da mulher. Pois uma coisa está certa: se a mulher foi criada para um certo fim, então a sua natureza, deverá estar adequada a essa finalidade. Com a natureza mostrada por meio desse conhecimento indireto, podemos comparar os tipos que conhecemos pela nossa experiência. Se houver divergências, será necessário perguntar como foi possível ocorrer e como se explica essa deterioração em relação à natureza. Tendo chegado por caminhos meramente filosóficos à compreensão da *essência* da mulher, será necessário confrontar essa essência apreendida diretamente com a natureza que se revelou por meio de reflexões teológicas. Eventuais discrepâncias podem ter a sua origem em erros de um ou de outro lado. Mas pode ser

* A redação original desse trecho no manuscrito foi riscado por Edith Stein: "... Trata-se de saber de onde? e para quê?, da origem real e da vocação do sexo feminino. Aquí podemos dispensar a pergunta pela origem real, já que ela não parece ter importância imediata para o conhecimento do ser. Já as afirmações quanto à vocação mereceriam mais investigações. Isto é, primeiramente seria necessário realçar no contexto ...".

19 Quando tratarmos da meta da formação voltaremos a esse assunto.

também que o sentido de *natureza* e de *essência* não se sobrepõem completamente. (Esse é um problema ontológico que não pretendemos elucidar aqui.)*

Na discussão das interpretações doutrinárias surgiu um outro caminho de investigação teológica ao qual remete a reflexão dogmática: a constatação daquilo que diz a própria Sagrada Escritura. Comecei a dar uns primeiros passos nessa direção em meu estudo sobre *A vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e da*

* O manuscrito dizia originalmente, sem cortes: "... Em primeiro lugar: Natureza e essência significam coisas diferentes ou iguais? Em S. Tomás, *natura* e *essentia* são usados muitas vezes como sinônimos. Ambos indicam aquilo que a coisa é em si mesma. Mas esse quê pode ser apreendido de lados diferentes: como aquilo que a coisa recebeu pelo ato da criação, aquilo com que foi colocado na existência e com que deverá atuar. Para designar esse aspeto convém o uso do termo *natureza*. Além disso tem aquilo que encontramos na coisa, aquilo que ela é *propria* e *necessariamente*, frente a todas as aparências externas, suas maneiras de ser e de aparecer que dependem das condições externas da existência. Para isso convém o termo *essência*. A tarefa do conhecimento da essência consiste justamente em avançar à definição daquilo que faz necessariamente parte de sua estrutura, valendo-se para tanto de considerações a respeito das possibilidades de modificações sem que a coisa deixe de ter essa essência: árvore ou leão ou, por exemplo, mulher. Poderíamos entender, então, a *natureza* sem a necessidade de ter em si essa estrutura interna (podemos imaginar, por exemplo, leões que sob alguns aspectos fossem diferentes da natureza do leão que conhecemos pelos dados da ciência empírica). Assim, a natureza da mulher adequada ao seu fim poderia admitir modificações, sem que a essência da mulher fosse revogada. Desta maneira não se trataria necessariamente de contradições se o confronto entre a definição filosófica e teológica de sua essência revelasse a existência de certas diferenças".

*graça*²⁰, onde reuni e tentei interpretar algumas passagens que me pareciam essenciais. Seria uma tarefa grande e meritória repassar sob esse aspeto toda a Sagrada Escritura.

C. Indicações de cada método para o conhecimento do sujeito da formação feminina

Vimos uma série de métodos diferentes com os quais se tentou ou se poderia tentar descobrir a peculiaridade da mulher. Vamos resumir, então, mais uma vez as contribuições que esses métodos podem prestar ao nosso problema, de acordo com os meios de conhecimento de que cada um deles faz uso.

Cabe à *filosofia*, e só a ela, descobrir no processo do conhecimento qual é a *espécie*. Para dar pelo menos umas indicações sobre a solução dessa tarefa segundo meu ponto de vista, é necessário vê-la no contexto da problemática filosófica como eu a vejo.

Como já falei anteriormente, considero a ontologia, isto é, a teoria das formas básicas do ser e daquilo que existe, como sendo a disciplina fundamental. Ela pode mostrar que existe dentro do ser um corte radical: o corte entre um *ser puro* que não contém nada do não-ser, que não tem início nem fim e que contém em si tudo o que pode ser, e um *ser finito*, que começa e termina e que é atribuído a uma existência finita. Um chamamos de ser não criado, o outro de ser criado; aquilo que existe e que corresponde a um e a outro é o Criador e suas criaturas. (Esses termos são retirados da linguagem da teologia, mas aquilo que eles designam pode ser demonstrado por meios meramente filosóficos).

As criaturas são classificadas em níveis de acordo com a maior ou menor proximidade em relação ao ser puro, pois

20 Veja no presente livro à pág. 69 e seguintes.

todo ser criado é uma analogia do ser divino. Mas essa *analogia entis* é diferente em cada nível. A cada nível corresponde uma outra maneira de ser e uma outra forma básica de existência: ser material, orgânico, animal, espiritual.

Nessa hierarquia, cabe ao ser humano uma posição peculiar, já que ele contém na estrutura de seu ser todos os níveis abaixo dele. Seu físico é um *corpo material*, mas não é só isso, ele é também um *organismo* formado e atuante por dentro; e outra vez o ser humano não é só organismo e, sim, um *ser vivo animado* aberto de modo especial - emocionalmente - para si mesmo e para seu ambiente; finalmente é um ser *espiritual* aberto para si mesmo e para os outros através de seu conhecimento e que pode formar livremente a si mesmo e aos outros. Tudo isso faz parte da *espécie humana*, e tudo aquilo que não apresenta essa estrutura de ser não poder ser chamado de *ser humano*. Mas, nos indivíduos, essa espécie se apresenta diferenciada: cada ser humano tem, ao lado de sua natureza humana específica, um modo de ser irrepetível. A filosofia pode mostrar que também a *individualidade*, no sentido de sua singularidade, faz parte da espécie humana; mas não é tarefa dela estudar a respectiva individualidade; essa é a atribuição de uma função específica da experiência que usamos diariamente em nosso contato com as pessoas. Essa diferenciação do humano numa multiplicidade ilimitada de individualidades é atravessada por uma outra bem simples: a diferenciação *sexual*²¹.

21 Na *Ritmta do ser* mencionada há pouco faz-se a tentativa de acompanhar essa diferenciação através de todos os níveis do ser. Destaca-se como uma peculiaridade de todo ser criado que sua *existência* pode ser distinguida daquilo que ele é e que sua existência precisa ter uma duração no tempo para levar ao desdobramento aquilo que ele é. (M. Thoma Angelica distingue entre os termos *existir* e *ser-assim*; daqui a pouco explicarei que é contra a base desses dois opostos - e só contra eles - que se dirige minha obje-

Gostaria de realçar ainda as seguintes questões como sendo importantes para a formação feminina. A diferença entre homem e mulher deve ser entendida como algo que atravessa toda a estrutura do ser humano como tal pela diferenciação sexual, ou a diferenciação diz respeito apenas ao corpo e àquelas funções psíquicas ligadas necessariamente aos órgãos físicos, de modo que o espírito ficaria livre dessa diferenciação, uma opinião que é defendida não só em muitos

ção principal). À *força do ser* de cada ente corresponde um ritmo específico com o qual seu quê se desdobra na existência. Em cada nível, o ritmo é outro e, segundo M. Thoma Angelica, trata-se de um ritmo duplo, dependendo do predomínio daquilo que quer tomar forma na existência ou da existência que quer formar-se. O componente existencial é visto como feminino, o componente essencial como masculino. Ambos estão presentes em todas as criaturas. A preponderância da plenitude existencial é vista como parte específica do ritmo feminino, a preponderância da força estrutural como parte específica do ritmo masculino. Nos níveis inferiores ainda não temos duas séries paralelas de estruturas, isto é, ainda não existe uma diferenciação sexual propriamente dita como aquela que começa no âmbito do orgânico: são estruturas que revelam ou um ou outro ritmo do ser. Onde a espécie (em sentido biológico: uma espécie de planta, de animal) apresenta a estrutura dupla, ela própria deve ser vista como unidade de ambas as espécies parciais. Essa unidade encontra sua expressão mais forte no fato de a espécie ser procriada e mantida viva pela união de indivíduos que representam os *dois ritmos constitutivos*. No ser humano, a dupla forma não se manifesta só no diferente ritmo constitutivo dos indivíduos, mas o investe em toda a sua estrutura de corpo, alma e espírito. (Na alma, a vontade é vista como elemento feminino e a razão, como masculino.)

Não é possível reproduzir e debater aqui o sistema da ritmologia do ser em todos os detalhes. Só pretendo pronunciar-me a respeito da base ontológica em que começam as minhas res-

grupos de mulheres como também por vários teólogos²²? Se a segunda opinião estiver correta, poderíamos visar uma formação do espírito sem respeitar as diferenças sexuais; caso contrário, o trabalho de formação precisaria ter em conta a estrutura específica do espírito. Além disso: se, em cada indivíduo encontramos o elemento masculino e o feminino, sendo que apenas um deles predomina, precisamos então das duas *espécies* para desenvolver plenamente a espécie humana? Esta não poderia manifestar-se plenamente num único indivíduo? Também essa pergunta tem importância prática porque, dependendo da resposta, o trabalho formativo precisa concentrar-se ou na superação ou no desenvolvimento da natureza específica.

trições e que tem suas conseqüências necessariamente entendidas até as últimas conclusões. Parece que a distinção entre *existência(Dasein)* e *ser-assim(Sosein)* pretende reproduzir a diferença entre *existentia* e *essentia* em S. Tomás. Não considero feliz o termo *ser-assim* porque me parece mais adequado para as formas acidentais do que para a forma substancial a que se destina aqui. (Mesmo nas acidentais seria necessário distinguir ainda entre o *assim(So)* e o *ser-assim(Sosein)*, entre a forma acidental e a determinação pela forma.) Mas eu tenho a impressão de que no termo *existência* se acumula muito mais do que S. Tomás entende por *existentia*. Se a pretensão era orientar tudo na ontologia tomística, deveria ter sido acrescentado, além do par de opostos *essentia* e *existentia*, o outro: *forma* e *matéria*, além de um terceiro: *ato* e *potência*. Tenho a impressão de que muita coisa atribuída à existência combinaria melhor com a matéria ou com a existência potencial do ser. A questão de reduzir o *masculino* e o *feminino* a meros *ritmos do ser* ou de ver uma diferença da forma substancial como sendo a base dos diversos ritmos de ser, só pode ser resolvido por meio de uma análise clara de toda a estrutura ôntica do ser criado.

22 Mausbach, *Stellung der Frau im Menschheitsleben* (Posição da mulher na vida da humanidade).

Para poder responder à pergunta seria necessário analisar todo o contexto da problemática *genética* que até agora tem recebido pouca atenção. Temos aí o modo de ser todo peculiar do ser humano: a espécie não está totalmente pronta desde o início de seu ser. É no indivíduo que ela se desenvolve num processo temporal; como esse processo não é predeterminado, depende de diversos fatores variáveis, entre os quais a liberdade humana que permite ao ser humano interferir na sua própria formação e na dos outros. Nessa peculiaridade do ser humano baseia-se a possibilidade da existência de uma grande variedade de tipos em que a espécie pode manifestar-se sob condições diversas. Além disso faz parte das questões genéticas o problema da origem de novos indivíduos, da propagação da espécie através da seqüência das gerações e de sua transformação em tipos diversos no decorrer do desenvolvimento sexual. A filosofia não se interessa, nesse processo, pelas transformações que ocorrem na vida de um determinado indivíduo e no decorrer da história concreta, a ela interessam aquelas que são possíveis em princípio. A relação dos problemas genéticos com o problema da manifestação da espécie pode ser expressa na seguinte pergunta: será que a manifestação completa da espécie humana só é possível na seqüência total das gerações, na diferenciação sexual e individual?

Enquanto a filosofia com suas funções de conhecimento específicas é chamada a investigar as necessidades e possibilidades do ser, cabe à *teologia* verificar o que a revelação divina diz a respeito da peculiaridade da mulher. Ela não tem a função de analisar as coisas em si e, sim, coligir e interpretar os testemunhos históricos. Normalmente, a palavra da Escritura não se debruça sobre as necessidades e possibilidades do ser, antes ela refere fatos e dá instruções práticas. O filósofo pergunta, por exemplo, se o mundo precisa começar a existir no tempo ou se é possível imaginar a sua existência desde a eternidade. O relato da criação diz *que* ele começou no tempo e de que maneira. Ele não pergunta: se a diferencia-

ção sexual é algo necessário ou fortuito? Ele diz: "Deus criou o ser humano à sua imagem. Ele os criou como homem e mulher". Assim constata o fato da unidade e o fato da diferenciação. Mas trata-se de uma sentença concisa que exige interpretação. O que significa a imagem divina no ser humano? Toda a história e a doutrina da salvação respondem a essa pergunta. Resumidamente encontra-se a resposta nas palavras do Senhor: "Deveis ser perfeitos como vosso pai no céu é perfeito". Não pretendo tratar aqui do conteúdo desse ideal de perfeição. Só quero lembrar que nas palavras *deveis ser* a imagem divina aparece como uma tarefa, como vocação ou fim do ser humano. Do ser humano, isto é, do homem e da mulher. O teólogo tira disso a conclusão de que aquilo se entende comumente como sendo a *vocação natural da mulher*, a de ser esposa e mãe, não pode ser sua única vocação²³.

Mas essa *vocação natural* está expressa também nas palavras da Escritura. A vocação de esposa está nas palavras que justificam a criação da mulher: "Não é bom que o homem esteja sozinho". A vocação de mãe está em "Sede fecundos e multiplicai-vos". Mas a seu lado o novo testamento ergue o ideal da virgindade. E a prioridade da virgindade sobre o casamento (apesar de todo o respeito perante o matrimônio) é dogma de fé²⁴. Portanto, também por esse lado é impossível na fé católica considerar o casamento e a maternidade como vocação única da mulher.

Não posso prosseguir na exposição daquilo que se pode concluir da teologia e especialmente da Sagrada Escritura sobre o problema dos sexos. As poucas amostras já revelam: mesmo que na revelação não esteja tudo o que podemos e desejamos saber, mesmo que permaneça um espaço

23 Cf. Mausbach, *Stellung der Frau im Menschheitsleben*

24 Cf. Denzinger-Bannwart, *Enchiridion symbolorum*, n. 981.

amplo para as investigações da razão, estamos pisando o chão firme de fatos e normas seguros, capazes de nos preservar de erros na teoria e na prática, desde que esgotemos devidamente essa fonte. Os pontos de vista teológico e filosófico, quando bem entendidos e praticados, não entram em concorrência, eles se complementam e se fecundam mutuamente (*Credo ut intelligam. Fides quaerens intellectum.*) Os fatos da fé colocam a razão filosofante diante da tarefa de torná-los maximamente compreensíveis. Por outro lado protegem-na do erro e respondem a certas questões sobre fatos que ela precisa deixar abertas.

Para as *ciências positivas* que tratam da confirmação dos fatos naturais, vale o mesmo princípio. A fisiologia nos pode ensinar qual é a capacidade física real das moças e nos pode orientar sobre o esforço compatível com cada idade ou dizer-nos o que convém em educação física para promover a saúde, a força, a agilidade, etc. A psicologia elementar nos pode explicar quais são as capacidades reais da memória, da inteligência, etc. da moças. Mas a importância dos fatos constatados só pode ser medida pela introdução de outras considerações e constatações: precisa ficar claro sob que condições as funções são cumpridas; p. ex., qual o exercício e a preparação precedente; também importa saber quais as características próprias da pessoa cujos desempenhos estão sendo medidos, de que meio eles vêm, para saber se é necessária uma complementação com recursos da psicologia individual e da sociologia. A psicologia individual nos apresenta tipos com os quais temos que contar e ela procura torná-los compreensíveis, mostrando o contexto motivacional que abriga todos os comportamentos isolados.

Else Croner²⁵, depois de mostrar a diferença das características da moça em relação à menina e à mulher madura

25 *Die Psyche der weiblichen Jugend* (A psique da juventude feminina), Langensalza, 1930.

de um lado e do jovem de outro lado, apresenta cinco tipos: o *maternal* em que no jogo, no hobby e nos desejos predomina claramente a orientação ao filho; o *erótico* em que predomina a orientação ao homem e que revela uma sexualidade forte; o *romântico* que é caracterizado pelo desejo de experiências e pela adesão incondicional a um líder que pode prescindir completamente da conotação sexual; o *sóbrio* que encara as tarefas práticas da vida e se adapta facilmente às circunstâncias; o *intelectual* em que prevalecem interesses objetivos e que pode ter a capacidade de realizações criativas. Quem está lidando com a educação de moças se lembrará facilmente de representantes de um ou outro tipo, provavelmente lhe vêm à memória também tipos mistos ou outros que os mencionados.

O valor prático dessa tipificação para professores e educadores está no aguçamento do olhar sobre o material humano que se encontra pela frente, mas é necessário precaver-se contra uma classificação esquematizante num rígido sistema de tipos, para não ser injusto com os indivíduos; além disso, a tipificação nos lembra que existe uma grande variedade de tipos humanos, de modo que nem todos se prestam a tudo e nem todos podem ser formados para tudo, que deve haver uma diferenciação de metas, meios e métodos. Por outro lado, os tipos não são pressupostos naturais fixos e imutáveis. Observando um indivíduo durante um longo período sob a atuação de influências mutáveis - por exemplo, com diferentes educadores ou mudança crassa do ambiente (passagem da família para o internato, da escola para a vida profissional) - será possível verificar com frequência a transição de um tipo para outro. Um material valioso sobre a influenciabilidade dos tipos poderá fornecer as experiências com o tratamento de jovens anormais ou problemáticos. O estudo da história também mostra que, sob certas circunstâncias, se verifica uma predominância de certos tipos, ou o surgimento de tipos novos e o eventual desaparecimento de antigos. A influenciabilidade torna necessá-

ria uma avaliação de valores e objetivos. Quais seriam os tipos que *merecem* ser mantidos? Quais os tipos que demandam um trabalho formativo visando uma mudança? Quais os tipos que podem ser vistos como metas, isto é, em que tipos se pode e se deve tentar transformar os já existentes?

D. Delineamento do Sujeito da formação

Terminadas as longas considerações metodológicas que pretendem mostrar o caminho que leva ao reconhecimento do sujeito da formação, tentarei adiantar um pequeno esboço do material de que dispomos no trabalho de formação das moças. Estou falando em adiantar, porque em todos os caminhos acabamos de encontrar um grande número de problemas não resolvidos. Só posso delinear alguns traços da imagem que tenho atualmente diante de mim. O prosseguimento do trabalho deverá trazer um enriquecimento cada vez maior e poderá levar até a modificações.

Segundo a minha convicção, a espécie *humana* se desdobra na espécie dupla de *homem* e *mulher*, de modo que a essência do ser humano, em que não deve faltar nenhum traço de um ou de outro lado, se manifesta de dupla maneira revelando-se a marca específica em toda a estrutura do ser. Não é só o corpo ou as funções fisiológicas que são diferentes, a vida toda no corpo é diferente, a relação entre a alma e o corpo é diferente, e no âmbito da alma difere a relação entre o espírito e a sensibilidade bem como a relação entre as diversas forças espirituais. À espécie feminina corresponde a unidade e a integridade de toda a personalidade psico-física, o desenvolvimento harmonioso das forças; a espécie masculina se destaca pela potencialização máxima de forças isoladas.

Essa diferenciação da espécie proposta pela filosofia corresponde à vocação dos sexos apresentada pela teologia. Homem e mulher têm a missão de "dominar a terra", isto é,

de reconhecer as coisas deste mundo, de alegrar-se com elas e de transformá-las pela ação criativa. Mas é ao homem que cabem como primeira tarefa essas funções de natureza cultural, enquanto a mulher se vê colocada a seu lado como auxiliar. O homem e a mulher têm a missão de procriar e educar descendentes. Mas é essa a função precípua da mulher, pois ela está mais intimamente ligada ao filho, tanto pelo corpo quanto pela alma, e por causa dessa ligação, com toda a sua forma de vida, enquanto o homem foi colocado a seu lado como ajudante e protetor. A essa missão de ser companheira e mãe corresponde a peculiaridade de seu conhecimento que tem sua força na compreensão intuitiva das coisas concretas e vivas, especialmente dos aspectos pessoais; no dom de identificar-se com a alma do outro, com seus objetivos e modos de proceder; na posição central do ânimo como força de entender o ser concreto na sua peculiaridade e em seu valor específico e de posicionar-se frente a ele; no desejo de levar ao desenvolvimento mais perfeito possível a humanidade em sua forma específica e individual; no lugar dominante dado ao erótico (não ao sexual) em toda a vida; no desdobramento mais puro da vida em amor obsequioso. O homem e a mulher têm a missão de dar forma à imagem de Deus que carregam dentro de si. Devido à limitação do ser que lhes foi dado, eles precisam realizar essa missão de maneira específica. A *uma* das diferenças já foi aludido: que a mulher deve imitar a perfeição divina mais pelo desenvolvimento harmonioso de todas as suas forças, o homem mais pelo desenvolvimento de forças isoladas. Mas seria possível indicar, também, diferenças na relação com os atributos essenciais de Deus e das pessoas divinas.

A espécie, tanto no sentido da virilidade quanto da feminilidade, manifesta-se de maneiras diversas nos indivíduos; estes são, em primeiro lugar, realizações mais ou menos perfeitas da espécie; em segundo lugar, desenvolvem mais esse ou aquele traço. Homem e mulher têm em seu ser as mesmas características humanas básicas, das quais preva-

lecem umas ou outras seja no respectivo sexo, seja no indivíduo. Por isso mesmo, as mulheres podem parecer-se bastante com os homens e vice-versa. Isso pode ser uma consequência da vocação individual. O casamento e a maternidade podem ser a vocação primeira do sexo feminino como um todo, mas isso não se aplica necessariamente a cada indivíduo. Pode haver mulheres destinadas a grandes realizações culturais, e suas aptidões podem perfeitamente estar adequadas a essa missão.

Assim chegamos ao item *tipos femininos segundo a inclinação natural*. A finitude da natureza humana faz com que a vocação para a criação cultural se subdivida em uma grande variedade de profissões. Essa mesma natureza finita faz também com que a aspiração à perfeição, à qual são chamadas todas as pessoas, se transforme em vocação especial, como no caso da vida religiosa. A vocação à vida religiosa e à virgindade diz respeito a um tipo de mulher em que a ligação estreita a pessoas (como no matrimônio e na maternidade) fica em segundo lugar, enquanto a atitude pessoal básica e o predomínio do eros se realizam na forma mais elevada do amor a Deus que perpassa toda a vida. Cada indivíduo tem seu lugar e sua tarefa dentro do grande desenvolvimento humano. A humanidade deve ser entendida como um único grande indivíduo. (A história da salvação só faz sentido sob essa condição.) Cada pessoa individual é membro desse todo. Em cada membro se revela a estrutura essencial do todo. Mas, ao mesmo tempo, cada um possui seu caráter próprio de membro e deve desenvolvê-lo, para que o todo possa alcançar o seu desdobramento. A espécie *humana* só se realiza completamente no decorrer da história mundial na qual o grande indivíduo - a humanidade - se torna concreto. E só em todo esse processo evolutivo acontece também a realização plena das espécies *homem* e *mulher*. Todos aqueles que atuam como formadores têm em suas mãos um material que, com a sua colaboração, deve ser transformado no membro que é destinado a ser.

Os tipos e as individualidades não são definidos apenas pelo caráter de membros da humanidade como um todo. Não seremos capazes de compreender o material que temos diante de nós nem as tarefas que ele nos impõe, se não incluímos em nossas considerações o fato do pecado original. Tudo aquilo que chamamos de *enfermidade*, de *anormalidade*, de *problema educacional* provém, em última análise, dessa fonte. Assim como a natureza do ser humano caído é outra que a do ser íntegro, assim a natureza do homem e da mulher e de cada indivíduo é permeada pelo *formes peccati*. Todo esforço formativo humano tem a missão de contribuir para a reconstituição da natureza íntegra.

São duas características que marcam o ser humano caído como tal: a revolta do espírito contra o domínio de Deus, a revolta das forças inferiores contra as superiores, dos sentidos contra o domínio do espírito, da vontade contra a razão. A primeira gera uma mudança nas relações com os seres: elas são exploradas em vez de conservadas para Deus. Como reação a essa atitude, as criaturas inferiores se revoltam contra o ser humano - é o estado de guerra. Da revolta dos sentidos e do espírito nasce o desregramento dos sentidos e do espírito (engano, erro e descaminho) com todos os danos que ele traz ao corpo e à alma. Tudo isso se aplica ao homem e à mulher. A degeneração específica do homem é o do domínio brutal (sobre todas as criaturas, mas especialmente sobre a mulher) e da escravização pelo trabalho, ao ponto de atrofiar-se seu elemento humano. A degeneração específica da mulher consiste na ligação escravizadora ao homem e no afundamento do espírito na vida do corpo e dos sentidos. A expressão disso pode resultar em diversos tipos: o mais notório é aquele que E. Croner chama de *erótico* (seria melhor chamá-lo de *sexual*). Ele se manifesta pela concentração do interesse e da fantasia no campo sexual, o que ocorre freqüentemente já na infância ou certamente a partir da puberdade. Todo o comportamento se transforma, na presença de pessoas do outro sexo. Os instintos fortes e incontidos tornam essas moças ví-

timas fáceis da sedução e, finalmente, da prostituição. No *tipo romântico*, tudo isso aparece transferido para o campo espiritual e ideal, tendendo a sonhos e paixões, à criação de heróis de fantasia, de mundos de fantasia, a uma vida com eles e neles que acaba paralisando o juízo e a disposição para a vida real. Temos, além desses, o tipo da *escrava revoltada* na mulher emancipada que recusa tanto a dependência escravizante quanto a subordinação prevista por Deus; ela toma uma atitude agressiva contra o sexo masculino revelando, justamente nesse posicionamento, a existência da dependência. Poderíamos acrescentar mais tipos. Já mencionamos antes as prático-objetivas e as intelectual-realísticas, em que essa forma de desvio parece praticamente superada. Talvez possa ser provado que a essa qualidade corresponde também uma fraqueza, ou seja, o desenvolvimento reduzido da natureza feminina integral.

Se de um lado os tipos e indivíduos que devem ser entendidos como diferenciações da natureza humana pura nos dão diretrizes positivas para o trabalho de formação, exigem os tipos degenerados, por sua vez, medidas que possam levar à correção. As jovens que temos diante de nós não estão definitivamente presas ao tipo que representam atualmente. O fato de, nos dias de hoje, haver, talvez, uma frequência maior do tipo sexual do que nos anos 20, certamente deve ser creditado às influências do melo que começam a chamar a atenção até das crianças para esse campo provocando a manifestação de inclinações que em outras circunstâncias nem afloram. Foi, certamente, o modo de vida das moças e mulheres que antigamente contribuiu para uma presença maior do tipo romântico: um afastamento maior da vida real, o tipo de educação que se dava às moças, não por último a influência de um certo gênero de romances para moças e senhoras, escritos eles próprios por mulheres do tipo romântico e, finalmente, a mulher idealizada por homens românticos. O fato de se destacar hoje mais o tipo prático-objetivo, certamente tem a ver em parte com as solicitações duras da vida real.

A tarefa do formador das moças consiste, então, em criar as condições que contribuam para a reversão dos desvios e para o afloramento da natureza pura.

III. O FIM DA FORMAÇÃO

Em nossa visão geral sobre a situação da mulher deparamo-nos com exigências do *tempo* em relação à formação das moças²⁶. E analisando o material com o qual a formação tem de contar, constatamos que ele próprio tem uma meta a atingir²⁷. Um trabalho bem planejado não pode manter os dois objetivos separados, antes é necessário ponderá-los até reuni-los num objetivo homogêneo, mesmo que esse não seja dos mais simples.

Como não é possível atingir um fim que não esteja previsto no material como necessário ou, pelo menos, como possível, é preciso medir as exigências do tempo pela eternidade, isto é, na ordem eterna do ser. Por isso, precisamos tratar em primeiro lugar da finalidade ou das finalidades que a natureza e sua vocação prevêem para a mulher.

A. DEFINIÇÃO DA FINALIDADE SEGUNDO A ORDEM ETERNA

1. A idéia da humanidade completa

Vimos prenunciado na natureza da mulher uma tripla exigência: o desenvolvimento de sua humanidade, de sua feminilidade e de sua individualidade. Não se trata de finalidades

26 Cf. acima, p. 155 e seguintes.

27 Cf. acima, p. 185 e seguintes.

separadas, assim como também a natureza do indivíduo humano concreto não é dividida em três e, sim, *uma* só: a natureza humana em sua forma especificamente feminina e individual. É só no pensamento abstrato que nos vemos obrigados a analisar separadamente aquilo que na idéia é separável.

De onde tiramos a idéia da humanidade completa? É tarefa da ética estabelecer objetivos e exigências e dizer-nos o que devemos fazer. Se aqui estivéssemos colocados diante da missão de montar a ética como disciplina filosófica, teríamos que discutir, com espírito crítico, a questão da capacidade de uma ética autônoma, isto é, de uma ética baseada meramente na reflexão filosófica, sem a orientação da fé, de desenvolver a idéia de uma humanidade completa. Se partimos, porém, da fé, para explicar o objetivo que deve servir de norte para o nosso trabalho formativo, então é a verdade da fé que integra o nosso fundamento teórico. Teremos como ponto de partida aquilo que a fé nos propõe como finalidade do ser humano, valendo-nos da reflexão filosófica, apenas na medida em ela for apropriada para elaborar intelectualmente o conteúdo da fé ou para complementar aquilo que a fé deixa aberto.

A encíclica *Rappresentanti in terra* de Pio XI, sobre a educação cristã da juventude, define como "objetivo verdadeiro e imediato da educação cristã ... a colaboração com a graça divina na formação do cristão genuíno e perfeito, isto é, do próprio Cristo na pessoa dos renascidos pelo batismo ... O verdadeiro cristão, fruto da educação cristã é, portanto, o ser humano sobrenatural que pensa, julga e age constante e logicamente de acordo com a razão sadia iluminada pela luz sobrenatural do exemplo e da doutrina de Cristo, ou, para usar uma expressão hoje em voga, o verdadeiro e completo homem de caráter. Porque não é qualquer modo de vida que, orientado por princípios subjetivos e destacando-se pela consistência e persistência, representa o verdadeiro caráter e, sim, a perseverança na obediência aos princípios eternos da justiça ... Por outro lado, a justiça ver-

dadeira só é possível persistir onde se dá a Deus o que é de Deus, como um verdadeiro cristão"²⁸.

Prescindindo daquilo que nessas palavras já é dito sobre as forças que impelem à finalidade, sobre a graça divina e a colaboração humana, limitemo-nos aqui à própria finalidade: o ser humano sobrenatural ou Cristo no ser humano. Essa finalidade sobrenatural não exclui o natural, antes o inclui. "O verdadeiro cristão está longe de renunciar à ação neste mundo ou a depreciar seus dons naturais. Pelo contrário, ele os desenvolve e aperfeiçoa ligando-os à vida natural numa unidade ordenada e assim enobrece a vida natural carreando para ele valores mais efetivos não só do mundo espiritual e eterno como também do mundo material e terrestre"²⁹. Nessa fórmula concisa se reúne, portanto, a finalidade natural e a sobrenatural, de acordo com o princípio de que a graça leva a natureza à perfeição. Se quisermos explicá-lo detalhadamente, deveremos ter presente aquilo que a doutrina da fé diz sobre a *natura integra, lapsa et redempta*; trata-se na verdade do desenvolvimento daquilo que está contido no relato sobre a criação e a queda, nos mandamentos de Deus, no evangelho de Jesus Cristo e no exemplo vivo do Homem-Deus.

O primeiro homem foi criado perfeito, isto é, sua natureza não previa o desenvolvimento, antes estava completo em tudo de que a natureza humana é capaz. Deixemos fora de consideração, por ora, aquilo que lhe fora dado além disso pela graça e o que o aguardava na glória. A natureza pura era aquilo que ele devia passar aos descendentes, mas não em sua forma acabada e, sim, como germe que, no decorrer da vida, deveria alcançar à plenitude. Para eles, a natureza possuída por Adão constituiria a finalidade do desenvolvimento. Natureza íntegra quer dizer: força completa, saúde e

28 Citado segundo o texto alemão, Herder 1930, p. 42s.

29 *Ibid.*, p. 44.

beleza do corpo, funcionamento perfeito de todos os órgãos, total adaptação do corpo à direção do espírito, isto é, da vontade iluminada pela razão. O funcionamento perfeito dos órgãos físicos significa, ao mesmo tempo, que os sentidos trabalham sem defeito, que o conhecimento pelos sentidos não é sujeito a enganos. O estado perfeito do espírito significa conhecimento racional sem erros das criaturas e do Criador por meio de suas criaturas; harmonia completa de razão e vontade, uma vontade voltada sem restrições ao bem supremo, subordinação dócil das aspirações mais baixas às mais altas e máximas.

Seria a natureza humana pura também a finalidade de nosso desenvolvimento e do nosso trabalho de formação? Ela já não é a finalidade do desenvolvimento no mesmo sentido que tinha antes da queda, porque a disposição natural deixou de ser base suficiente para alcançar essa finalidade, ao contrário, agora existem até resistências, apesar de a natureza caída ainda ter em si a tendência à finalidade original. E essa finalidade deve nortear o nosso trabalho de formação, mesmo que não possamos alcançá-la plenamente por nossas próprias forças (basta lembrar a força completa, a saúde e a beleza do corpo). Só podemos alcançá-la pela graça e sua perfeição só quando estiver completa na glória eterna. Mas não podemos deixar simplesmente à graça a tarefa de levar a natureza caída à sua integridade, pois a graça justificadora ainda não restabelece completamente a integridade da natureza, ela apenas a prepara e a torna possível, contanto que colaboremos com ela.

Adão não era apenas um homem íntegro, ele era também filho de Deus: ele aderiu a Deus com fé e amor, reconhecendo-o de uma maneira mais perfeita do que o ser humano depois da queda (no entanto, sem poder contemplá-lo diretamente) e chamado à sua contemplação eterna. A perda da filiação divina foi a consequência imediata do afastamento de Deus pelo primeiro pecado; daí seguiu-se também a perda da integridade, se o afastamento em si já não era uma

disfunção da justiça perfeita. Por isso, o restabelecimento da filiação divina constitui a finalidade imediata da redenção, enquanto o restabelecimento da integridade total constitui apenas uma conseqüência possível da graça. Pela ordem da criação e da redenção recebemos a finalidade da filiação divina e de seu último aperfeiçoamento na glória. Ambas as ordens a fizeram depender de nossa cooperação. Por isso, o trabalho de formação precisa abranger também a finalidade sobrenatural.

Pela obra de salvação de Jesus Cristo, o ser humano ganhou o retorno à filiação divina e pode aspirar novamente à contemplação eterna de Deus e ao restabelecimento pleno da natureza; a redenção se torna acessível a cada um pela adesão pessoal ao Homem-Deus, pela participação no *corpus Christi mysticum* que lhe permite colaborar com obras próprias na realização plena da obra da salvação em si e em todo o corpo místico, sempre sob a orientação da cabeça. Desta maneira, a finalidade do trabalho de formação que vise a humanidade completa deve ser a incorporação no corpo místico.

2. A idéia da feminilidade completa

A humanidade foi criada como um organismo especial e foi reconduzida à forma do organismo pela ligação à cabeça que é Cristo. Todo membro possui a natureza *única* do corpo todo, mas cada um tem, como *membro*, sua maneira específica de ser de acordo com a posição que ocupa no organismo. Ao mesmo tempo, o corpo todo apresenta uma estrutura simétrica: trata-se, por assim dizer, de um ser duplo cujas metades se complementam construindo um todo harmonioso e tornando possível a sua atuação. A finalidade da formação deve ser conservar em cada membro seu caráter de membro e manter a simetria da estrutura do todo.

"Ele os criou como homem e mulher" e criou a mulher para o homem como uma "ajuda diante dele" (*eser kenegdo*):

como uma outra metade em que pudesse olhar sua própria imagem e encontrar-se a si mesmo, ela que juntamente com ele deveria ocupar o lugar acima de todas as criaturas entre as quais nenhuma podia ser seu *pendant*; ela que, procriando com ele, deveria construir todo o organismo da humanidade. Chegamos ao ponto em que precisamos procurar clareza sobre a intenção de S. Tomás quando afirma que o homem é o *princípio e o fim da mulher*. O *princípio* pode significar aquilo de que uma outra coisa procede. Assim indica o fato de que a mulher foi feita do homem. Além disso, indica um primeiro como superior a que é subordinado o segundo. A esse sentido corresponde a palavra de S. Paulo que diz ser o homem a cabeça da mulher. *Fim* pode ser aquilo a que outra coisa tende, em que encontra descanso e realização. Isso quer dizer que o sentido do ser feminino se realiza na união com o homem. *Fim* significa também aquilo em cuja razão um outro existe. Isso significa que a mulher foi criada em razão do homem porque ele precisa dela para realizar o sentido de seu ser. Não me parece querer dizer que a mulher foi criada só por causa do homem, pois toda criatura tem seu próprio sentido que é ser imagem do ser divino à sua maneira peculiar. Certamente teria sido possível providenciar a procriação do gênero humano por outro caminho que não fosse a relação entre os sexos, se essa relação não tivesse seu próprio sentido e valor. Não vejo nenhum rebaixamento na expressão "por causa do homem", contanto que não seja interpretada no sentido negativo, que só podia aparecer após a degeneração de ambos os sexos, depois da queda, ou seja, servir ao homem como meio para alcançar seus fins e para satisfazer seu prazer. Não é isso que a companheira deveria ser, ela que está acima de todas as criaturas, *está diante dele*. Ela é, por livre opção pessoal, sua *auxiliar* de modo que possa tornar-se aquilo que deve ser. Pois, nem "o homem é sem a mulher" e por isso ele precisa "deixar pai e mãe, para juntar-se à mulher".

Desta maneira, a formação feminina deve levar ao desenvolvimento e à aceitação da peculiaridade do ser feminino in-

cluindo-se nessa a posição prevista por Deus, ao lado do homem, não no lugar dele, mas também não num papel humilhante que não corresponderia à dignidade do ser humano.

Já ficou claro que o sentido do ser especificamente feminino não pode ser compreendido somente em função da relação da mulher com o homem. Como a relação entre os sexos está intimamente ligada à procriação, é necessário incluir na análise do ser feminino a relação peculiar da mulher com a sua descendência. Por outro lado, já realçamos também que toda criatura está numa relação de imagem com a divindade, de modo que ao ser feminino deve competir igualmente uma função específica de imagem. Finalmente, será necessário perguntar se o sentido último do ser feminino poderia vir a ser realizado só no casamento e na maternidade ou também de outro modo.

No relato da criação lemos apenas que homem e mulher são chamados juntos à procriação. Só depois, com a punição que se seguiu à queda, ficamos sabendo que cabe à mulher um papel especial: ela é castigada com as dores do parto, enquanto o castigo do homem não tem ligação alguma com a prole e, sim, com as relações que o ligam às demais criaturas. Eva é chamada de *mãe dos viventes*, e ela se sente feliz quando Deus lhe concede um filho. Em Israel, era honrada e enaltecida a mulher que tivesse filhos, especialmente filhos homens, mas a mulher estéril era objeto de desprezo, como se estivesse amaldiçoada. O salmista (Sl. 112) vê na mulher infecunda, transformada em mãe feliz, uma prova especial da benevolência de Deus. A posição da esposa e mãe no seio da família é muito respeitada. Sua fama ultrapassa os limites da casa. Ela cuida do bem-estar da casa e de todos os seus habitantes, abrindo suas mãos também aos pobres; o coração do marido confia nela. Até mesmo os filhos adultos levantam os olhos para ela e ouvem seus conselhos. "Ela abre a boca para proferir palavras de sabedoria, e a lei da clemência está em sua língua." Ela recebe o prêmio porque teme o Senhor. Esse é o segredo de sua atuação enérgica e de todos

os seus sucessos. Nas famílias judias em que se mantém viva a tradição do antigo testamento, a mulher conserva ainda hoje uma posição de rainha. Sua tarefa não se restringe apenas a dar à luz e a cuidar do desenvolvimento físico dos filhos, cabe a ela também educá-los no temor do Senhor. Essa elevada estima pela mãe baseia-se na promessa consoladora dada à primeira mulher na hora da expulsão do paraíso: ela e sua descendência haveriam de esmagar a cabeça da serpente. Desde a queda, era essa a missão da mulher: lutar contra o mal e educar a sua descendência para essa luta, até a mãe do filho que superou a morte e o inferno; e até o fim do mundo deverá continuar sendo assim.

No centro da história humana e, sobretudo, no centro da história da mulher, está Aquela em que a maternidade foi transfigurada e, ao mesmo tempo, superada como maternidade física. Tendo em Cristo a finalidade concreta, viva e pessoal de toda a formação humana, temos em Maria a finalidade de toda a formação feminina. O fato de estar ao lado do novo Adão, a nova Eva, na passagem da antiga para a nova aliança é a melhor prova da perenidade e do valor eterno da separação dos sexos. Deus optou pelo caminho do nascimento de uma mãe humana para encarnar-se, colocando-a diante de nossos olhos como a imagem perfeita da mãe humana. A partir do momento em que sabe que deverá dar à luz um filho, coloca-se totalmente a serviço dessa missão. Ele lhe é dado por Deus, e é para Deus que ela precisa cuidar Dele. Sua vida, até a hora do nascimento, é expectativa concentrada, depois vira serviço dedicado e atenção a todas as palavras e sinais que podem servir de aviso de seu caminho futuro; apesar de todo o respeito pela divindade escondida Nele, mantém a autoridade diante do Filho, participa de sua obra com perseverança fiel até a sua morte e para além dela. Mas, contrariando toda a tradição de seu povo, essa mulher, chamada à maternidade mais elevada, não tinha optado antes da anunciação de sua escolha, por matrimônio e maternidade. Ela estava decidida a viver livre de laços sexuais. Como *serva do senhor* deu

à luz o Filho de Deus e obedeceu ao marido que fora colocado ao seu lado para protegê-la a ela e ao Filho. Ela não se tornou *uma só carne* com ele; esse casamento não se destinava à procriação de sua estirpe, nem do gênero humano. Encontramos em Maria a imagem da pureza virginal. Que outro motivo poderia ter influenciado a sua decisão do que o desejo de tornar-se *totalmente serva do Senhor*, de dedicar-se somente a Ele e estar à sua disposição? É que outra maneira teríamos de explicar esse desejo num ser humano que não fosse a inspiração e vocação divina?

Com isso, ela sai da ordem natural para ocupar o lugar da co-redentora ao lado do Redentor. Ambos têm a sua origem no gênero humano, ambos encarnam em si a natureza humana; mas ambos estão livres daquela ligação, que faz com que um ser humano só encontre o sentido de sua vida, na união com outro e através dela; no lugar dessa ligação encontramos em ambos a união como a divindade, em Cristo pela união hipostática, em Maria pela entrega de todo seu ser ao serviço do Senhor. Será que isso faz com que ambos fiquem tão separados do resto da humanidade, que nem podem mais servir de exemplo? De modo algum. Eles viveram em função da humanidade, não só para conseguir a nossa salvação por meio de sua obra, mas também para nos mostrar, por seu exemplo, como devemos viver para obtermos parte nessa salvação. Escolhendo a Virgem-mãe, Cristo não apenas demonstrou o agrado de Deus e a força salvífica da virgindade livremente escolhida e dedicada a Deus. Ele disse até, com toda a clareza, que outros também eram chamados à virgindade por causa do reino dos céus. Mais tarde deveremos voltar à questão quando nos perguntarmos até que ponto essa vocação pode ser considerada especial.

Por ora, é necessário esclarecer se é possível identificar na virgindade uma forma peculiar do ser feminino, de modo que possa ser considerada como objetivo da formação feminina. Parece-me que deva ser assim pelo fato de ela nos ser proposta não apenas no próprio Cristo, mas em Cristo e em Maria.

Em Cristo é o próprio Deus e Senhor que se nos apresenta. Assim como a Palavra Eterna é a imagem do Pai no qual o próprio se mira, assim na Palavra Encarnada a imagem do Pai se torna visível aos nossos olhos humanos: "Quem vê a mim, vê o Pai." A superioridade do Senhor acima de toda criatura se revela na inacessibilidade do homem Cristo para qualquer tipo de ligação a uma única criatura. Sua humanidade é, exclusivamente, instrumento de salvação, totalmente entregue em suas mãos para que disponha dela livre e pessoalmente. Sua virgindade é constitutiva. O que não significa que Ele não tivesse a liberdade de decidir de outras maneiras, mas que nem era questão de outra opção. Nisso Ele está acima de todo ser humano; para qualquer outro existe a possibilidade da opção, pois sem a escolha livre não poderia alcançar a união com Deus. Nesse ponto, a virgindade livremente escolhida por Maria torna-se modelo para todos os seres humanos, para homens e mulheres. Mas em outro ponto divisamos um aspecto específico. Na frase: "Eis a serva do Senhor" exprime-se todo o ser de Maria. Trata-se da disposição ao serviço do Senhor que exclui qualquer outro compromisso. Claro que o celibato do sacerdote também se fundamenta na disponibilidade indivisa no serviço do Senhor. A diferença está na maneira como o Senhor transforma, em cada um dos casos, a disponibilidade em serviço atual. Ele faz do sacerdote seu representante, para que vejamos nele o próprio Senhor. Em Maria não vemos o Senhor, antes, nós a vemos a ela mesma sempre ao lado do Senhor. Seu serviço é serviço que ela presta imediatamente a ele, é prece a favor dos seres humanos, é concessão de graças que repassa à humanidade aquilo que ela recebe das mãos do Senhor. Ela não representa o Senhor, ela é sua assistente. Assim sua posição se assemelha àquela de Eva ao lado do primeiro Adão. Mas não é por causa dele que ela está lá, é por nossa causa. Ela é a mãe dos vivos, não porque todos tivessem saído dela na seqüência das gerações, mas porque seu amor materno envolve não só a Cabeça como também todo o Corpo Místico.

Em sua virgindade, ela é o protótipo da feminilidade porque está ao lado daquele que é o protótipo de toda masculinidade para o qual reconduz a humanidade.

Estaria nessa feminilidade, que é amor serviçal, a verdadeira imagem da divindade? O amor serviçal é *auxiliador* que socorre a todas as criaturas para levá-las à perfeição. Mas esse é o título atribuído ao Espírito Santo. De modo que poderíamos ver no Espírito de Deus derramado sobre toda criatura o protótipo do ser feminino que encontra sua imagem perfeita na puríssima Virgem que é a esposa de Deus e mãe de toda a humanidade; quem mais se aproxima dela são as virgens consagradas a Deus que levam o título de honra *sponsa Christi* e que são chamadas a participar de sua obra salvífica; mas sua imagem são, também, as mulheres que se colocam ao lado do marido, que é a imagem de Cristo, ajudando a construir com sua maternidade física e espiritual seu corpo que é a Igreja.

Sendo Maria o protótipo da mais pura feminilidade, cabe à formação feminina ter como objetivo a imitação de Maria. Uma vez que a distribuição das graças foi confiada à Rainha do céu, não será suficiente levantar os olhos a ela para chegar ao objetivo, será necessário segui-la com confiança. Não se trata de um caminho *ao lado* da imitação de Cristo: seguir Maria inclui a imitação de Cristo, pois foi ela a primeira a segui-lo e a imagem mais perfeita de Cristo. Por isso, não são apenas as mulheres, mas todos os cristãos que devem imitar Maria. Para as mulheres, ela tem, porém, um significado especial: o de levá-las à sua forma adequada, feminina, da imagem de Cristo.

3. A idéia da individualidade

As considerações sobre a ordem da salvação já nos mostraram que não existe *finalidade única* diferenciada para todas as mulheres. Maria, mesma, é o melhor exemplo

disso, uma vez que, optando pela virgindade, ela se afastou daquilo que segundo a tradição de seu povo era função da mulher. Mesmo que a sua função na história da humanidade seja única, apresentam-se, no decorrer dos tempos, sempre de novo, mulheres que têm uma vocação especial: no antigo testamento já havia mulheres consideradas modelos de Maria, Judite e Ester; mais tarde, na história da Igreja, poderíamos citar Catarina de Sena, Joana d'Arc, a grande Santa Teresa (para citar apenas algumas cuja atuação se distanciou extraordinariamente do caminho comum das mulheres).

Mas a vocação especial não se resume à distinção de algumas poucas escolhidas cujo nome ficou guardado pela história. Toda alma humana é criada por Deus, todas recebem uma forma especial que a distingue das demais; essa sua individualidade com sua humanidade e sua feminilidade deve ser desenvolvida por seu valor de formação. Em sua característica pessoal já está prevista a vocação para uma atuação adequada. Por isso, o desenvolvimento do caráter particular deve fazer parte da finalidade da formação feminina.

Não é possível traçar a imagem da individualidade à maneira de traçar a imagem da humanidade ou da feminilidade perfeitas. Basta ter consciência de que a humanidade e a feminilidade puras não determinam a finalidade completa, pois elas só podem desenvolver-se na unidade concreta de uma pessoa individual. Para que, na individualidade íntegra, possam realizar-se a verdadeira humanidade e feminilidade, exige-se uma diversidade móvel de meios e métodos de formação; além disso e, sobretudo, é necessária a fé no próprio ser e a coragem de assumir o próprio ser; ao mesmo tempo se fazem necessárias fé numa vocação individual para determinada atuação pessoal, atenção ao chamamento e disposição de segui-lo.

Assim podemos definir como finalidade do trabalho formativo individual do ser humano: o que *ele* deve ser pessoalmente, trilhar o *seu* caminho e realizar a *sua* obra. *Seu* caminho não é o caminho que se escolhe arbitrariamente e, sim, o caminho pelo qual Deus o leva. Quem quiser levar al-

guém ao desenvolvimento de sua individualidade precisa levar à confiança na providência divina e à disposição de prestar atenção a seus sinais e de segui-los.

B. DISTINÇÃO ENTRE FINALIDADES TÍPICAS: ORDEM ETERNA E EXIGÊNCIAS DO TEMPO

Não sendo possível representar conceitualmente a diversidade de individualidades, nem tampouco a finalidade individual da formação de cada ser humano, vimos, no entanto, que é possível distinguir tipos e, conseqüentemente, será possível também uma distinção de finalidades típicas na formação feminina. No decorrer das considerações a respeito dos tipos, teremos a oportunidade de abordar também as exigências do tempo. Mas, em primeiro lugar, devemos dar continuidade ao raciocínio que apontou uma diferenciação já dentro da própria feminilidade.pura.

Tínhamos visto a *matervirgo* como o protótipo da mulher que se apresenta no antigo testamento: a mulher que está ao lado do marido, administrando a casa e educando os filhos no temor de Deus; depois vimos o protótipo da *sponsa Christi* cuja casa é o reino de Deus e cuja família é a comunidade dos santos.

Em primeiro lugar precisamos perguntar se e até que ponto se trata de uma alternativa excludente. Sendo a *Mater virgo* o protótipo da feminilidade pura, em certo sentido *ambos* os aspectos deverão ser a finalidade de *toda* formação feminina. Não só a virgem dedicada a Deus é chamada de *Sponsa Christi*, mas também a Igreja toda e cada alma cristã, como Maria é o modelo da Igreja e de todos os redimidos. Ser esposa de Cristo significa pertencer ao Senhor e não permitir que nada supere o amor a Cristo. Dar preferência ao amor de Cristo, não só como convicção teórica, mas na disposição do coração e na prática da vida, isto é, não estar preso a qualquer criatura nem a si mesmo nem a outros: é esse o verdadeiro

sentido espiritual de pureza. Essa *virginitas* da alma deve ser também a característica da mulher que é esposa e mãe, pois só por força dessa virgindade será capaz de cumprir a sua missão. O amor serviçal, que não é nem submissão de escrava nem vontade de auto-afirmação e de mando, só pode emanar dessa fonte. Por outro lado, o amor serviçal para com todas as criaturas, que é a essência da *maternitas*, também deve brotar espontaneamente do amor de Cristo. Por isso, a mulher que não é nem esposa nem mãe precisa comprovar essa maternidade espiritual em suas atitudes e ações.

Mesmo que o ideal da virgem-mãe valha para todas, não se exclui, no entanto, a diferença entre os dois tipos de mulher e de dois tipos de forma de vida. Afinal de contas, não é algo externo e sem importância a mulher ser esposa e mãe ou não. Trata-se para o ser todo de uma integração num organismo psico-físico maior; para que esse processo possa desenvolver-se da maneira correta, o corpo e a alma precisam possuir a devida aptidão; depois, na integração e por meio dela, passarão a receber determinada forma e feitio. Por outro lado, a vida fora do casamento também exige uma certa aptidão do corpo e da alma, e esses por sua vez recebem uma determinada forma.

Assim cruzam-se dois caminhos. A distinção pode ser pre-determinada por uma inclinação natural. Moças que apresentam uma vitalidade forte associada a uma bondade que tende a um contato estreito com outras pessoas, a uma vida em comum, a cuidados e assistência, com capacidade e inclinação para um grande número de atividades práticas parecem estar preparadas naturalmente para a vida familiar. Para moças com uma vida instintiva mais fraca, que tendem à reflexão e à solidão, parece bastante fácil uma vida sem casamento. Mas não é só a inclinação natural que é decisiva. Por um lado, não é ela só que dá a aptidão plena, nem para um nem para o outro caminho. O casamento e a vida familiar não exigem apenas um desenvolvimento livre, eles exigem também restrições, autodomínio e transformação dos instintos naturais vitais e sociais; o mesmo se aplica de maneira análoga ao outro caminho. Por outro lado, a vida nem

sempre leva ao caminho indicado pela propensão natural. A vocação pode estar em oposição à aptidão natural.

Assim vemos, de um lado, a necessidade de integrar ambas as finalidades no trabalho de formação, mas por outro lado estamos diante da dificuldade de visar ambas simultaneamente.

É aí que vejo o problema central do trabalho prático da formação das moças, e sua solução representa uma resposta católica às questões do tempo. O resultado de uma formação ideal, isto é, de uma formação adequada, deveria consistir em preparar cada moça de tal maneira que possa abraçar tanto o casamento quanto a vida sem casamento: de um lado, pela força física e pela saúde, por sentimentos naturais e íntegros, pela disposição ao sacrifício e capacidade de renúncia; por outro lado, pela transformação da vida instintiva em espiritualidade revigorada.

Hoje, mais do nunca, precisamos de mães que correspondam à *muller fortis*. E como devemos ter como caso normal a vocação à maternidade física, o tipo normal da escola e educação para moças também deveria visar esse objetivo.

Mas, como nem todas aquelas cuja Inclinação natural indica esse caminho podem estar certas de que alcançarão realmente essa meta, todas precisam ser preparadas também para o outro caminho. A inclinação natural para o celibato é uma exceção. Mas o chamamento à virgindade dedicada a Deus nem sempre foi dirigido só àquelas que possuíam uma disposição natural. E hoje em dia, o celibato é o destino de muitas que, de acordo com a sua natureza e propensão, pareciam destinadas ao outro caminho. O trabalho de formação precisa preparar para todos esses casos, de modo que o chamado de Deus, que pode manifestar-se tão claramente pelas circunstâncias externas quanto pela tendência do coração, seja atendido com solícitude, sem rebeldia, mas também sem resignação deprimida.

Quando e onde o chamado à *virginitas* é aceito com vigor e alegria, mesmo que não seja como chamado à vida religiosa, existe a garantia de que a natureza não irá definhar-se ou deformar-se de modo doentio. A base para isso é a *an-*

ctlla Domini que deve ser a finalidade e o fruto da formação religiosa. Ao lado disso, as forças devem ser formadas para alcançar um resultado frutífero da natureza.

Para o tipo de moça que revela a aptidão natural à vocação de dona de casa e mãe, a formação deve ter como objetivo a competência para o exercício de uma profissão que corresponda às suas capacidades: dependendo da predominância do dom de ser dona de casa ou mãe, ela precisa ser preparada para atuar na economia doméstica, na agricultura, na jardinagem, eventualmente em escritório ou nas atividades assistenciais, de enfermagem ou educação. Para o tipo inclinado às atividades espirituais, o objetivo deverá ser a capacitação a trabalhos intelectuais e independentes do tipo científico ou artístico ou organizacional. Assim processa-se, a partir de uma base comum, uma diferenciação. A finalidade da competência profissional que deve ser visado para o bem do desenvolvimento sadio da personalidade individual corresponde igualmente à exigência social de integrar a força da mulher na vida econômica e cultural.

Para que a integração da atividade pessoal no todo social se processe de maneira adequada e porque a compreensão da importância social da atuação particular aumenta a disposição e a alegria, é necessário que o esclarecimento da estrutura e das leis vitais do Estado e da sociedade seja igualmente integrado ao trabalho de formação feminina.

Desta maneira, chegamos a finalidades orientadas na ordem eterna da vida humana, a todos os requisitos do tempo com que nos tínhamos deparado no início: aptidão para o casamento e a maternidade, capacitação profissional, responsabilidade político-social; disposição de servir ao Senhor como base de tudo*1.

Naturalmente trata-se de considerar apenas aquelas exigências do tempo que corresponderem à *nossa* visão do tem-

*1 No manuscrito, Edith Stein riscou a frase seguinte: "A inserção na Igreja deverá ser objeto de uma análise posterior própria".

po e que estão em harmonia com a ordem eterna. Essa mesma ordem eterna exige também que se rejeitem aquelas exigências que se fazem a partir de uma outra visão do mundo *²: rejeição de uma ordem social e de uma educação que negam por completo o caráter peculiar e a autonomia da mulher, que não aceitam a cooperação orgânica dos sexos, nem admitem formações sociais orgânicas, pretendendo integrar todos os indivíduos num sistema econômico mecanicista como se fossem átomos iguais. Rejeição também de uma ordem social e de uma educação que avaliam o ser humano e a relação entre os sexos tão somente segundo critérios biológicos, desconhecendo o valor próprio e a superioridade da ordem espiritual em relação à ordem vital e prescindindo, sobretudo, de qualquer orientação sobrenatural. Contra essas tendências de nosso tempo não existe, hoje, nenhum outro baluarte além da fé católica e de uma metafísica e teoria social e pedagógica e de uma prática orientada pela fé.

Defendendo uma formação própria para as moças que abranja todas as áreas do espírito, sustentamos não apenas a posição ameaçada da mulher na vida cultural, ao mesmo tempo, cerramos fileiras na grande luta do espírito contra o materialismo e biologismo, na luta pelo reino de Cristo contra todos os movimentos e tendências não cristãos e anticristãos *³.

*² Essa frase continha, no manuscrito, uma alusão ao perigo iminente do nacional-socialismo que foi riscada pela própria autora: "... e com os quais talvez tenhamos que confrontar-nos já em breve na prática ...".

*³ A publicação desse texto na revista *Benediktinische Monatschrift* (ano 1933), cad. 3/4 traz uma observação complementar que não se encontra no manuscrito: "Acabo de encontrar um corolário precioso às minhas reflexões na revista *Mädchenbildung auf christlicher Grundlage*, ano 29 (1933), cad. 2: *Lebensformen der Erzieherin*, da Dra. Maria Blenias.

IV. FORMADORES E OS MEIOS DE FORMAÇÃO

Importância das comunidades educadoras e dos meios objetivos na formação das moças

Nos ensaios anteriores sobre os problemas da formação feminina, essa era entendida como preparação do ser humano para a sua finalidade. A natureza da mulher era tratada como sendo o material que devia ser formado e era discutido a finalidade a ser atingida pelo trabalho formador. Além disso, é necessário perguntar a quem compete precipuamente a missão do trabalho formativo e com que meios ela deve ser cumprida.

A. AS COMUNIDADES COMO FORMADORAS HUMANAS

1. A família

O próprio ser humano consegue formar-se para ser aquilo que está previsto no seu escopo? Sim e não. Como ser racional, livre e responsável possui a capacidade e, por isso também a obrigação de trabalhar na formação de si mesmo. Mas ele não dispõe do uso da razão e da liberdade desde o início de sua existência, por isso, até que disponha desse uso, outros precisam trabalhar em sua formação; mais tarde, a formação de si mesmo e o trabalho formativo dos outros precisam complementar-se mutuamente. A responsabilidade solidária com a qual a humanidade foi criada e o fato de o indivíduo fazer parte de uma unidade abrangente e de comunidades concretas em que essa é subdividida, fazem com que outros continuem responsáveis pelo ser humano e sua formação mesmo depois de já ter despertado para o uso da razão e da liberdade. É, por isso, que a *encíclica sobre a educação* afirma: "A educação é necessariamente um trabalho da comunidade", mencionando a seguir as "três comunida-

des necessárias de que o ser humano faz parte pelo nascimento³⁰: duas sociedades da ordem natural, família e Estado, e a Igreja como comunidade da ordem sobrenatural.

O fim imediato da família é a procriação e educação da prole. Assim cabe a ela o direito inalienável e, ao mesmo tempo, a obrigação severa de educar os filhos, "um direito que antecede qualquer direito da Nação ou do Estado e que, por isso mesmo, é um direito inviolável perante qualquer poder terreno"³¹. O *Diretto Canônico* diz no cânone 1113: "Os pais têm o dever estrito de empenhar-se na medida de suas forças pela educação religiosa e moral, como também pela educação física e cívica de sua prole bem como por seu bem-estar temporal." O direito e o dever dos pais de educar fundamentam-se na Encíclica, sobretudo, na doutrina de S. Tomás³² que afirma ser o filho por natureza parte do pai, de modo que, antes do uso da razão, fica sujeito aos cuidados do pai; por isso, seria uma ação contra a lei natural retirá-lo antes do uso da razão dos cuidados paternos ou dispor dele de alguma maneira que contrarie a vontade dos pais. À base dessa concepção está a convicção de que a família é um organismo e de que o pai é seu cabeça. Mas, se a encíclica sobre o matrimônio diz que a mulher é o coração desse organismo, fica patente que também a ela cabe uma missão não menos importante do que a do cabeça na formação dos membros da família. Até mais, porque vimos, anteriormente, que cabe a ela a função essencial, mesmo que seja sob a proteção e com a ajuda do marido.

Em nossos tempos, em que o direito natural da família é contestado com tanta veemência e fatalmente restrito ou até totalmente anulado em nome do poder do Estado, é uma tarefa urgente aprofundar-se ainda mais nessa questão e

30 Encíclica, p. 7.

31 Encíclica, p. 15

32 *Summa Theol.* II, 2, q. 10-12.

preocupar-se com uma fundamentação mais abrangente. Partindo do pressuposto consentido de que cabe à família uma parte do trabalho formativo, queremos perguntar em que consiste e quais os seus limites.

Precisamos manter diante dos nossos olhos aquela idéia de formação abrangente que ficou explicitada acima³³: a formação como preparação do homem todo para ser aquilo que deve ser. Esse processo abrange o corpo, a alma e o espírito com todas as suas forças. Em grande parte, trata-se de um processo espontâneo que se realiza a partir da forma interna.

Por isso, grande parte do trabalho de formação consiste em deixar que o processo se desenrole na maior tranquilidade, mantendo longe dele perturbações e estorvos. Isso se aplica, sobretudo, ao desenvolvimento físico e psíquico nos primeiros anos de vida, quando o trabalho consiste, principalmente, nos cuidados com uma alimentação adequada e pontual e com o asseio, com luz, ar e sol e a possibilidade de movimentação livre; além disso é preciso preocupar-se com o autodomínio, isto é, evitar intervenções e interferências que são, no mínimo, supérfluas quando não prejudiciais. Procedendo, assim, já se realiza um verdadeiro trabalho formativo: os órgãos do corpo se acostumam a um funcionamento regular e o organismo todo a tranquilidade e ordem, os instintos sensitivos que começam a mexer-se e que gostariam de descambar se acostumam com o controle. Tudo isso prepara a formação da vontade. Além disso, a alma, sobretudo a fantasia e o ânimo, são preservados de impressões que, entrando e fixando-se, podem vir a influenciar de modo decisivo a vida posterior, antes que seu sentido pudesse ser entendido.

As forças físicas e psíquicas só se desenvolvem adequadamente quando são usadas de uma maneira condizente. O

33 Veja acima, item III A. Ela se distingue, p. ex., do conceito bem mais limitado de *Eggersdorfers*.

corpo e os sentidos cuidam melhor de si próprios, pelo menos nos primeiros anos. Mas as forças mais elevadas, a razão, a afetividade e a vontade precisam de certo material espiritual para serem acionados e, de modo algum, se pode ter certeza de que eles decobrem por si sós aquilo de que necessitam. Além disso, sua atividade está sujeita às leis da razão que não são leis da natureza e, sim, normas (lógicas, estéticas, éticas, religiosas); isso significa que o pensar, o sentir e o querer não correm invariavelmente em suas pistas podendo sair do caminho, de modo que precisam ser levados à observância e acostumados com ela. Por isso, requerem cuidados positivos maiores do trabalho formativo do que as forças mais baixas: eles precisam ser abastecidos com material adequado e receber orientação para seu uso correto.

Essas tarefas exigem muito das pessoas que devem dedicar-se a elas: conhecimento da estrutura e do desenvolvimento da personalidade humana, compreensão das peculiaridades e necessidades individuais, clareza também a respeito da peculiaridade específica da mulher; além disso, conhecimento dos bens de formação com os quais a jovem precisaria ter contato e, finalmente, conhecimento das normas decisivas para a vida espiritual de acordo com essas normas, pois só se pode levar os outros a praticar aquilo que a gente mesma pratica.

Nem a melhor das famílias terá condições de cumprir todas essas tarefas. Se a mãe corresponder ao ideal feminino, que apresentamos anteriormente, estará mais indicada do que qualquer outra pessoa para entender a peculiaridade da criança e para sentir o que lhe convém para seu desenvolvimento mais perfeito, e ela lhe dará o exemplo de uma vida segundo as normas, pelo menos no campo religioso-moral.

Só em casos muito excepcionais, ela será capaz também de levar o filho aos bens de formação de que necessita, e mesmo que o pai ou outros membros da família participem no trabalho formativo, será impossível realizá-lo por completo. Pois "a família é uma sociedade imperfeita" que

"não dispõe de todos os meios necessários ao próprio aperfeiçoamento"³⁴. Por isso, ela precisa da complementação por uma outra instituição de formação que disponha de recursos completos. Seu trabalho de formação se revela, portanto, restrito pela própria limitação; além disso, depara-se com limites na natureza da criança, cujas leis de desenvolvimento precisam ser obedecidas, e na liberdade que lhe permite e progressivamente até exige que se liberte de sua influência.

2. O Estado

A Encíclica menciona o Estado como sendo a segunda sociedade natural necessária chamando-o de "sociedade perfeita", uma vez que "ele encerra em si todos os meios para alcançar o seu próprio objetivo"³⁵. Ela vê na preocupação com o bem-estar comum temporal seu principal fim. Como a essência do estado exige a sua soberania³⁶, isto é, a liberdade de determinar-se e de formar-se a si mesmo, inclusive o direito de governar sobre as pessoas de sua competência e o poder de exercer de fato a sua soberania, cabe-lhe também a possibilidade de propor-se outros objetivos além do mencionado acima (p. ex., o aumento máximo de seu poder). Mas como sua soberania e, com isso, sua existência depende do reconhecimento de seus súditos, isto é, das pessoas de seu âmbito de poder, estará sempre preparando sua própria ruína na medida em que se afastar de seu fim propondo-se objetivos apropriados a provocar a resistência de seus súditos.

34 Encíclica, p. 7.

35 *ibid.* p. 7.

36 Cf. minha *Abhandlung über den Staat*, no vol. VII do Anuário de Husserl sobre Filosofia e Pesquisa Fenomenológica. (Esse estudo será reimpresso entre *Edith Steins Werke*).

Como poder organizado, o Estado tem a possibilidade - mais que qualquer outra estrutura social - de atrair para seu âmbito, de promover ou de suprimir todos os fins temporais. A existência e o sucesso da família dependem de sua proteção. O Estado tem também a possibilidade de colocar a sua mão sobre o sistema educacional e formativo. Em certo sentido até faz parte das garantias que asseguram a sua existência: a educação cívica, isto é, a preocupação de formar na juventude uma mentalidade cívica, com o reconhecimento do Estado e de seus direitos correspondendo ao reconhecimento dos deveres do cidadão diante do Estado e com a disposição de cumpri-los, é uma das necessidades vitais do Estado. Corresponde também aos interesses do Estado a formação de jovens fortes, saudáveis, preparados para a vida e produtivos. Quando essa missão é realizada pelas famílias ou, eventualmente, por outras comunidades ou organizações, é sensato da parte do Estado e conveniente para ele deixá-los agir protegendo e incentivando-os na medida de suas forças. Desde que outros agentes não se empenhem nessa tarefa ou se dediquem a ela de modo insuficiente, é igualmente sensato e conveniente que o próprio Estado crie instituições adequadas. Mas tudo isso mostra que o Estado tem apenas uma relação indireta com a formação da juventude, não constituindo essa seu fim imediato, ao contrário do que constatamos em relação à família.

3. A Igreja

Bem diversa é a relação da Igreja com a formação da juventude. É sua vocação direta. Seus direitos, assim como toda a sua origem, são sobrenaturais baseando-se em dois títulos jurídicos: em sua *missão universal de ensinar* que lhe foi confiada por seu fundador divino³⁷, "para que ela ensine aos

37 Mat. 28, 18-20.

homens a fé divina, conserve puro e incólume o tesouro da fé que lhe foi confiado e oriente e forme os homens, suas associações e sua ação para a probidade dos costumes e a pureza da vida de acordo com a doutrina revelada³⁸; finalmente, em sua *maternidade sobrenatural* pela qual ela, como esposa de Cristo, "gera, nutre e educa as almas com seus sacramentos e sua doutrina para a vida na graça divina"³⁹.

Em sua origem como também no exercício de seus direitos, a Igreja independe de qualquer poder terreno. Sua missão imediata consiste em ensinar a fé e educar para uma vida baseada na fé. Mas, para que esse objetivo possa ser alcançado, ela precisa ir além disso. "Tendo a Igreja, como sociedade perfeita, um direito autônomo dos meios necessários para alcançar seu objetivo, e estando toda instrução, como aliás, qualquer atividade humana, necessariamente numa relação de dependência diante do objetivo último do ser humano, não podendo, portanto, subtrair-se às normas da lei divina cuja guardiã, intérprete e mestre infalível é a Igreja", cabe-lhe o direito de fazer uso de todo trabalho de formação empreendido de outra parte "e especialmente de julgar em que medida esse trabalho é útil ou nocivo à educação cristã"⁴⁰. Por outro lado: se da parte do Estado e dos particulares não for realizado um trabalho de formação satisfatório ou se essa formação não se coadunar com os objetivos sobrenaturais, cabe à Igreja o direito substituí-la com instituições próprias e assumir ela própria todo o trabalho de formação, como aconteceu, p. ex., em todas as épocas nas regiões missionadas.

38 Encíclica, p. 8.

39 Ibid., p. 8.

40 Ibid., p. 9.

4. Outros fatores de formação e a relação dos diversos fatores entre si

Além dos três fatores mencionados, existem outros. Tudo o que o interior da alma assimila acaba formando a alma e a pessoa toda. Prescindindo, por ora, dos bens de formação objetivos, sabemos que qualquer contato com pessoas, seu exemplo, seu comportamento para com o próprio jovem ou para com outras pessoas pode ter o máximo efeito formativo, mesmo que não exista a menor intenção formadora. A formação planejada deverá contar sempre com essas influências espontâneas tentando ganhar influência sobre o *meio*. Mesmo o trabalho de formação planejado pode ser realizado por elementos que estejam fora das três comunidades formativas citadas: por pessoas e associações que tenham como seu objetivo a formação das pessoas, como, p. ex., professores, escritores, artistas e organizações de empreendimentos correspondentes. Eles podem reforçar o trabalho das instituições de educação competentes ou atrapalhá-lo. Seu poder não deve ser subestimado: basta lembrar a influência dos partidos políticos, do movimento da juventude e do movimento feminista sobre as pessoas em nosso tempo. Saber até que ponto eles também são *chamados* a exercer o trabalho educativo necessário por causa da insuficiência dos agentes originais, é um problema sociológico importante.

A Igreja, o Estado e a família não podem atingir seu objetivo, hoje em dia, sem uma séria análise interna e externa dos fatores de formação realmente eficazes. Quanto à relação das instituições educativas originais entre si podemos afirmar que não haverá conflito entre elas enquanto se limitarem a executar aquilo que corresponde ao seu próprio sentido e fim. Mas, quando uma delas ultrapassa arbitrariamente seu raio de ação, o conflito dificilmente poderá ser evitado. A usurpação arbitrária condiz, especialmente, à natureza do Estado. O risco de um fracasso é maior na família; isso faz com que as outras instituições se vejam na contingência de assu-

mir a sua função. Quando há interferência em sua área de ação, a família dificilmente é capaz de defender-se porque lhe falta poder. Nesse caso, precisa recorrer a uma das grandes corporações para pedir ajuda contra a outra.

Os maiores conflitos se deram em épocas diversas entre o Estado e a Igreja: são os conflitos que chamamos de confronto cultural. Normalmente, são provocados por pretensões exageradas do poder estatal e por ingerências no mandato universal de ensino e nos direitos de educação da Igreja. Mas, também, não se pode negar que esse direito universal pode ser exercido de modo equivocado pelos representantes humanos da Igreja e que isso pode provocar ou acirrar os conflitos.

Vamos analisar então de que maneira as diversas instituições de educação podem desempenhar sua função educadora e qual a sua importância especialmente para a formação feminina.

5. Órgãos da formação feminina na família, na Igreja e no Estado

O essencial da formação humana é o ser humano, isto é, para o ser humano não desenvolvido, o ser humano maduro que toma conta e cuida dele enquanto está fisicamente desamparado, mas que o acompanha também no caminho para a vida do espírito: pensando e sentindo com os adultos e participando e tomando posição das mais diversas maneira, a criança vê despertar em si a vida do espírito, já orientada numa certa direção. O meio humano em que a criança cresce determina, em grande parte, seu feitio, formando-a à sua imagem. Essa orientação é indispensável no início da formação da personalidade, mas ela não é suficiente; o ser humano precisa desenvolver seu ser próprio, precisa livrar-se em grande parte da imitação e do acompanhamento, confrontando-se, p. ex., com outras índoles, eventualmente até opostas, e

enfrentando tarefas que lhe são propostas - que vamos restringir, por enquanto, a tarefas para com outras pessoas. A família que tem seu fim imediato na formação do ser humano, corresponde perfeitamente a essa finalidade: no convívio estreito com os pais e irmãos encontram-se as condições necessárias à formação da personalidade por outras pessoas. A Igreja, correspondendo ao seu fim original, também possui esses órgãos vivos de formação humana: seja nos próprios pais enquanto chamados e preparados como membros da Igreja a levarem seu filhos a serem filhos da Igreja, seja nos sacerdotes que na pastoral trabalham diretamente na formação individual da alma de pessoa para pessoa (abstraindo por ora da doutrinação e da administração dos sacramentos como recursos objetivos de formação); seja finalmente em todos aqueles que tem por objetivo a educação da juventude no espírito da Igreja. O Estado não dispõe de tais órgãos naturais de formação humana. Elevando o trabalho de formação à categoria de fim do Estado, precisa criar primeiro os órgãos necessários, isto é, contratar funcionários educadores.

Vimos, anteriormente, a mãe como o órgão essencial da formação feminina na família. Uma vez que a convivência com aqueles que já são o que se deverá ser é o fundamento e o meio mais eficaz da formação humana, o crescimento ao lado de uma mulher que personifica a formação para a verdadeira feminilidade deve ser o mais essencial. A mãe que *não* personifica esse ideal há de fracassar necessariamente em sua missão. Como a verdadeira feminilidade não pode desenvolver-se sem que se desenvolva também a verdadeira humanidade, torna-se essencial o exemplo da mãe também sob esse aspecto.

Também realçamos já que ela é chamada e preparada para intuir a individualidade do filho e as necessidades decorrentes. A missão de ser exemplo da verdadeira humanidade existe para o pai na mesma medida em que existe para a mãe (mesmo que ele desenvolva o ideal da perfeição de outra maneira). Na formação para a verdadeira feminilidade, a relação com o pai tem a função de preparar o contato con-

fiança e a subordinação amorosa e serviçal. Mesmo que o homem médio tenha menos habilidade do que a mulher em reconhecer a individualidade e suas exigências, cabe ao pai respeitá-la e esforçar-se para reconhecê-la (eventualmente ajudado pela sensibilidade maior da mãe) tomando as medidas práticas necessárias ao seu desenvolvimento ou, pelo menos, deixar que elas sejam tomadas. É função de ambos os pais impedir, de comum acordo, e com os meios adequados, todos os impulsos que na natureza da criança se oponham aos objetivos. Na preparação do objetivo triplo, especialmente, porém, na formação específica da feminilidade é de suma importância a convivência com os irmãos, o confronto com caracteres diversos e a atenção para com eles e, finalmente, a prestação de serviços de amor de que eles necessitam. O que os sacerdotes e os educadores, que atuam no espírito da Igreja, realizam por meio de sua influência direta é preciso que seja, ao mesmo tempo, o trabalho formativo dos pais. Como órgãos da mãe Igreja precisam ser o modelo de um amor serviçal e altruísta e, com esse amor, devem encontrar o acesso às almas e à sua peculiaridade individual. Como representantes de Cristo, cabeça da Igreja, precisam imitar a sua perfeição, apresentar-se com autoridade paterna e estimular e orientar nos serviços que o membro deve prestar à cabeça e aos demais membros. Mesmo que essas tarefas ultrapassem as forças humanas naturais, elas se tornam possíveis na força divina da Cabeça.

Se o Estado quiser realizar um trabalho de formação genuíno, terá que encontrar pessoas competentes para executá-lo e dispostos a fazê-lo por ordem dele, o que significa que precisa achar educadoras realmente paternas e maternais. Ele pode criar institutos para prepará-las para esse objetivo, mas ele só será bem-sucedido se as pessoas já vierem a ele com a educação necessária. Falta-lhes o contato íntimo que é o fundamento natural da liderança no seio familiar; se não tiverem fincados os pés no chão firme da fé, sentirão falta também da força revigorante sobrenatural para sua função.

Para compensar a vantagem do contato natural, pode existir o talento pessoal para o trabalho de formação, além disso também o conhecimento teórico do ser humano e a arte de lidar com as pessoas e, em alguns casos, o parentesco espiritual. Não existe compensação natural para substituir o carisma. Trabalhar com almas humanas, baseado apenas em forças naturais, é uma responsabilidade suportada, subjetivamente, apenas por alguém que não tenha consciência plena de seu alcance. Os objetivos da formação feminina poderão ser alcançados tanto mais facilmente, nas instituições de formação estatais, quanto mais se aproximarem do ideal familiar: desde que mulheres genuínas tenham influência decisiva e desde que não falte também a influência masculina no espírito de uma liderança paterna e desde que exista uma convivência fraternal com outros educandos. Quanto ao último item, a diversidade maior pode ser até uma vantagem em relação ao círculo estreito da família.

B. A FORMAÇÃO E SEUS MEIOS

1. A razão de ser da escola

O que levou a Estado a construir um sistema de Institutos de formação de ramificações amplas? O que levou a Igreja, em todas as épocas, a não se satisfazer apenas com o trabalho de formação dos sacerdotes no trabalho pastoral, para instalar suas próprias escolas? E o que leva os pais a mandar os filhos para a escola, além da coação das autoridades? Um dos motivos é o fracasso das famílias de corresponder à sua vocação, mas esse motivo não é o essencial. O sentido e a finalidade da escola ultrapassa a função de substituir as comunidades educativas originais. A vida do espírito não se acende apenas na convivência com pessoas intelectuais, mas também no encontro com formas impessoais providas de uma vida intelectual toda particular. Nós as chamamos de *espíri-*

to objetivo e, como criações do espírito humano, de *cultura*. O espírito humano está direcionado à criação, à compreensão e ao gozo da cultura. Ele não é capaz de desenvolver-se plenamente se não tiver contato com a diversidade dos campos da cultura, e o indivíduo não poderá alcançar a meta de sua vocação se não chegar a conhecer o campo que lhe é indicado por seu talento natural.

Logo que um povo alcança um certo nível de desenvolvimento começa a dispor de um capital cultural que vai além da compreensão dos indivíduos. A familiaridade com os diversos campos da cultura passa a exigir então estudos específicos; para introduzir outros num campo da cultura, é preciso antes familiarizar-se com ele. Num nível de desenvolvimento mais elevado, a introdução na vida cultural completa ultrapassa as capacidades da família. Por isso é missão específica da escola introduzir nos campos da cultura e ativar as suas forças formadoras.

2. Fatores formativos objetivos e seu valor

Deveremos analisar agora quais os bens culturais, ou em sentido mais amplo quais fatores intelectuais objetivos, que podem servir à finalidade de formar as jovens. Por *espírito objetivo* entendemos todas as formas impessoais que contêm em si o espírito em forma determinada - *potencial* - para torná-lo atual em contato com pessoas intelectuais com a mente aberta a ele.

a) Palavra e língua

A "encarnação" mais imediata do espírito é a *palavra*. O espírito de Deus e o espírito humano se manifestam e se concretizam na palavra. Temos acesso a ambos pela palavra. Deixemos de lado, por enquanto, o verbo divino, bem como

as concretizações objetivas do espírito de Deus, limitando-nos à palavra humana. As línguas são, de acordo com a acertada expressão de *Lutero*, "a bainha em que descansa a faca do espírito". Elas continuam existindo, mesmo depois de separadas do contexto concreto das pessoas que as falam ao vivo, guardadas em livros ou em outras formas de material inanimado, aparentemente elas próprias "mortas". Nas *formas* da língua que chamamos de *gramaticais* refletem-se as formas possíveis das construções mentais cuja investigação sistemática é tarefa da *lógica*. Por isso, toda introdução na compreensão das categorias gramaticais e todo exercício com suas distinções é um treinamento lógico insubstituível.

Esse tipo de trabalho mental abstrato não costuma agradar à média das moças. Mas ele é necessário para educar a clareza e a acuidade do raciocínio, que são necessários para garantir ao intelecto a posição de liderança que lhe cabe na estrutura da personalidade humana e sem a qual o espírito humano não pode ser imagem do espírito de Deus. É necessário, além disso, como remédio contra a fraqueza da natureza humana caída, que se revela de forma especialmente acentuada na mulher: ofuscamento da clareza do espírito por afetos, desejos e impulsos. É possível superar a aversão das moças contra a matéria gramatical-abstrata mostrando-lhes o sentido filosófico das formas: são elas que nos franqueiam a visão de toda a estrutura do espírito, abrindo, paralelamente, as portas para o entendimento da estrutura formal do mundo objetivo (um primeiro entendimento desses nexos é possível até para meninas com o uso de material lingüístico concreto).

Ainda mais nítidas se tornam as conexões com a própria vida intelectual quando, na introdução em diversas línguas, existe a possibilidade de mostrar como a preferência por uma ou outra forma revela o tipo específico dos povos e de realçar no estudo de certas obras literárias o caráter mental da personalidade individual. Se acrescentarmos ainda o *conteúdo* dos produtos lingüísticos e tudo aquilo que enriquece uma língua no fluir vivo da língua falada, estaremos diante de

toda a riqueza da vida de homens e povos, e é justamente isso que costuma atrair o interesse feminino. Assim teremos muitas oportunidades para treinar e cultivar a propensão natural ao entendimento das peculiaridades e valores próprios de pessoas e grupos, além de despertar as forças integrativas da alma feminina em relação a pessoas e povos.

b) Obras humanas

O espírito humano se concretiza na *obra*: em criações artísticas, em objetos de uso diário, nos recursos para dominar e transformar a natureza que chamamos de tecnologia, em instituições da vida social e pública, em teorias científicas. A introdução em todas essas áreas pode desenvolver o conhecimento e a compreensão do modo de ser e da vida dos homens. A introdução na arte (teórica e prática) é além disso e, em primeiro lugar, apropriada a despertar o prazer da beleza e talentos práticos e criativos eventualmente existentes. A história e o civismo podem preparar a mente para a compreensão do próprio papel na vida da sociedade. A matemática e as ciências exatas como formas peculiares da atividade intelectual podem se tornar acessíveis de modo pessoal com a ajuda das ciências humanas. A introdução nos seus métodos próprios, que são abstratos e exatos (pensando sobretudo nas ciências chamadas "exatas"), parece mais alheia à mentalidade feminina. Mas, se por um lado sua exclusão da formação feminina traria desvantagem para os indivíduos que têm realmente talento para essa área, por outro lado podem ser uma ótima oportunidade, ao lado do ensino da gramática, para treinar o raciocínio claro e sagaz; do ponto de vista filosófico elas propiciam finalmente um confronto tão peculiar do espírito com o mundo que devem ser consideradas essenciais para a compreensão da posição do ser humano dentro da criação, tornando-se indispensáveis como suportes de uma visão completa do mundo. Na perspectiva metodológica, as ciências humanas

e exatas permitem entender as obras do espírito humano; mas ao lado delas é necessária a descrição da natureza como acesso direto à obra da criação divina, ao cosmos, para que ambas possam revelar em conjunto a totalidade do mundo criado. A tendência de obter uma visão integrada do mundo, a *tendência metafísica*, faz parte do espírito humano como tal mostrando-se de modo especialmente acentuado nas moças. Onde ela é deixada fora de consideração não se pode falar em verdadeira formação. Por isso, é necessário que, no curso colégio das instituições de ensino médio, as aulas de religião e aulas complementares de introdução à filosofia sejam o coroamento e a síntese de todo o ensino teórico.

O espírito humano se concretiza na própria *configuração da personalidade humana*. O que o ser humano é num dado momento, isto é, a forma concreta que ele assume no decorrer da vida, seus conhecimentos, os princípios permanentes de seu agir, são em grande parte resultado daquilo que ele próprio e outros fizeram dele. Sendo a *formação humana a função específica e mais elevada da mulher*, não poderão faltar na estrutura da formação feminina a *antropologia* e a *teoria da formação humana*. Integrada a tudo aquilo que a nossa exposição mostrou até aqui está a convicção de que *no sistema da formação feminina não se dispensa nenhuma obra do espírito humano*. Com isso não quero dizer que no currículo de toda escola de moças precisa entrar tudo aquilo que possa entrar em consideração como meio de formação para qualquer espírito feminino. O cosmo dos bens de formação deverá ser integrado de modo adequado num sistema diversificado de instituições de ensino de acordo com a idade e as aptidões. Mas toda instituição tem a obrigação de levar seus educandos a uma visão do mundo abrangente antes de encaminhá-los para a vida. Dependendo da idade e da mentalidade, poderá ser mais elementar em algumas, mais completa e aprofundada em outras. Em todo o caso, será apenas um esboço a indicar as diretrizes para a construção da própria vida futura.

C. A perspectiva sobre Deus como formador do ser humano

Vimos resumidamente qual a importância das obras do espírito humano na formação feminina. Mas o *espírito objetivo* vai além da cultura humana. Já dissemos: Deus e o espírito humano se manifestam na palavra. Mas a palavra de Deus não é a única manifestação do espírito divino, nem é o único meio de que Deus se serve como formador dos seres humanos. Toda a formação feminina, como obra de Deus, será analisada ainda numa abordagem específica final. Antes, é necessário, ainda, complementar as reflexões sobre os formadores e meios de formação humanos com considerações sobre as instituições nas quais eles podem desenvolver a sua eficácia.

V. OS MÉTODOS FORMATIVOS

A. A CASA DOS PAIS E A ESCOLA; INTERNATO - EXTERNATO

As considerações sobre os formadores idôneos já mostraram que a casa paterna é insubstituível, mas que ela sozinha não pode dar conta das tarefas de formação. Abstraindo, por enquanto, da missão formadora da Igreja, podemos afirmar que, num nível mais avançado de cultura, o mais natural e desejável passa a ser a cooperação entre a casa dos pais e a escola.

Contanto que a casa dos pais seja realmente aquilo que ela deve ser; um lar em que os filhos crescem sob os cuidados responsáveis dos pais, no círculo dos irmãos e num ambiente adequado às necessidades físicas e psíquicas da criança e do adolescente; nesse caso, o jovem receberá sobretudo o que tínhamos chamado de formação do ser humano pelo ser humano: o crescimento tranquilo e constante, orgânico,

fiel às suas leis internas, sob a influência do ambiente que conduz e forma ora consciente ora inconscientemente.

Já dissemos anteriormente que nada pode substituir o crescimento da menina ao lado de uma mãe que personifica a verdadeira feminilidade. Tendo experimentado, nos primeiros anos aquele amor solícito que sente tudo o que é necessário, antes mesmo que a própria criança perceba o que lhe falta, que em todas as situações oferece seu conselho, sua ajuda e seu consolo, que divide alegria e tristeza, e que mesmo assim mostra firmeza inflexível quando se trata de enfrentar impulsos desordenados e que abre caminho para aquelas virtudes que dificilmente podem ser adquiridas na vida posterior: asseio e ordem, obediência, sinceridade e respeito - então a ligação vital virou um liame psico-físico que dificilmente há de romper-se. Ele sobreviverá à primeira crise que chega quando a criança entra na escola, entrando num mundo novo: seu amor compreensivo e a confiança da filha construirão para a mãe uma ponte para esse novo mundo rechaçando o perigo do afastamento. E, tendo a confiança e a sinceridade da mãe educado a filha para ter confiança e sinceridade, deverá ser superada também a segunda crise grave: a crise do amadurecimento na qual começam a destacar-se a individualidade e a feminilidade e em que o jovem ser humano começa a entender-se a si mesmo, procurando ser uma personalidade própria que quer firmar-se perante os outros e ser respeitado por eles, mas sentindo ao mesmo tempo o que lhe falta; por causa desses motivos todos gostaria de fechar-se em si mesmo, sem deixar de ansiar por compreensão e orientação. Se nessa situação a educação materna comprovar a sua competência, se ela souber aceitar silenciosamente o fato de a filha já não ser criança e a tratar de acordo com essa realidade, se ela não tentar forçar a confiança deixando ao mesmo tempo perceber que sabe das lutas internas, se ela finalmente souber interpretar os mistérios entendendo o sentido elevado desse processo - então ela terá vencido para todo o sempre. O modelo e o juízo da mãe

serão a diretriz de toda a vida. Não repetiremos aqui o que já foi dito sobre a importância do pai e dos irmãos na formação imediata.

Quando, na própria casa paterna, existe uma participação ativa ou até criativa na vida cultural, a criança já passa a receber também uma certa preparação pelos bens de formação. Esse crescimento espontâneo para dentro do mundo do espírito objetivo é algo que o ensino sistemático nunca poderá substituir. De qualquer maneira, trata-se de um fim secundário para a família, enquanto para a escola a formação pelos bens culturais constitui o fim primeiro e essencial. Como a formação pelos bens culturais precisa ser intermediada por pessoas e como a escola expõe os jovens à influência diária de adultos, torna-se inevitável uma ação formadora direta, ou seja, uma formação pelo ser humano. Por isso é necessário que o professor seja ao mesmo tempo um educador responsável.

O conceito moderno que vê como *primeiro fim* da escola a educação só se justifica *em princípio* se todo o trabalho de formação, mesmo aquele transmitido por formas objetivas, visar a formação da personalidade, de modo que o ensino todo seja estruturado de acordo com esse objetivo. Mas o que importa, sobretudo, para a posição atual é que a casa dos pais, em grande parte, já não cumpre seu fim natural, quando não presta até um trabalho negativo de formação. Dessa maneira cabe à escola assumir a função da família, por ordem ou pelo menos com a aprovação das grandes instituições que, além da família, respondem pela educação da juventude: o Estado e a Igreja.

Quando a casa paterna e a escola dividem entre si o trabalho de formação, sua ação não deveria ser paralela mas integrada. Isso significa, concretamente, no caso da formação feminina: quando se junta à influência da mãe a influência de professoras que, por sua personalidade e convicções, contrariam o objetivo visado e quiçá inconscientemente preparado pela mãe, surge o risco de a criança ficar dividida e con-

fusa, de modo que o processo de desenvolvimento, apenas iniciado, fica inibido ou frustrado. Lá onde os pais e os professores trabalham com responsabilidade, ambas as partes se esforçarão para ter pelo menos clareza sobre as influências vindas do outro lado e, se não for possível chegar a um consenso, saber neutralizá-las. Se o outro lado chegar à conclusão de que a influência da outra parte faz com que seja impossível alcançar o objetivo visado, deverá tentar eliminá-la: pais com senso de responsabilidade não mandam seus filhos para escolas que, segundo sua convicção, exercem uma influência que põe em risco o objetivo. E professores com senso de responsabilidade se esforçarão para libertar uma criança de uma família que constitui um risco para ela.

Nos tempos em que há falta de escolas públicas às quais se possa confiar os filhos (ou então em circunstâncias que criam essa situação) ou em que a casa dos pais falha, haverá uma procura ou por educação em família simplesmente ou pela educação exclusiva em alguma instituição. A vantagem de uma ou de outra frente a uma combinação de ambas está na chance de um trabalho de formação homogênea e completa. Mesmo assim, ambas nunca serão mais que uma solução emergencial.

Já mostramos qual é a vantagem e até mesmo a impossibilidade de substituição da educação familiar. Os riscos que ela traz são, em primeiro lugar, o isolamento da amplitude da vida cultural e o definhamento de dons e forças que precisam dessa amplitude para vingarem (quando a família tem elevado nível cultural podendo fornecer aulas particulares adequadas, esse risco pode ser evitado e até pode criar-se uma certa dianteira em relação aos esquematismos da educação institucional, desde que exista mais liberdade de movimento e possibilidade de adaptação à individualidade); depois, existe também a ligação demasiadamente estreita a determinadas pessoas que podem constituir-se em amarras para toda a vida opondo-se, eventualmente, ao desenvolvimento livre da individualidade, p. ex., a fixação da moça num

tipo de mulher que nem corresponde à sua predisposição; finalmente, a preparação deficiente para a vida social que dificulta ou até impossibilita a inserção posterior.

As vantagens da educação institucional são: o fato de estar nas mãos de pessoas que escolheram a formação humana como missão de sua vida, que estão preparadas pela teoria e treinadas na prática para essa função; o ritmo de vida, a influência pessoal e as aulas poderem ser orientadas para um objetivo definido com clareza ao qual todos aspiram unanimemente; e, finalmente, o fato de haver numa comunidade mais ampla melhores possibilidades tanto para o desenvolvimento de disposições individuais quanto para abrir o caminho das virtudes sociais.

Os grandes riscos vêm pela falta de laços íntimos pessoais, do calor do amor natural que cerca a criança na casa dos pais, negligenciamento ou até supressão da individualidade pelo esquema da instituição, eventualmente a falta de um tipo de mulher verdadeiramente feminino pelo qual e segundo o qual a moça deve ser formada; finalmente, o confinamento numa comunidade relativamente estreita e fixação em seu modo de ser, falta de contato com comunidades maiores e com a vida atual em que a educanda deverá atuar mais tarde. Será tanto mais fácil evitar os riscos de um e de outro lado quanto mais se tiver consciência deles e quanto maior for o esforço de aproximar-se daquele tipo de comunidade que precisa ser substituída.

Em geral, podemos afirmar que a separação da família e a transferência para uma educação institucional é ainda mais delicada para meninas do que para meninos. Isso se entende perfeitamente a partir de seu fim natural. Sendo para o homem a realização profissional a primeira e principal função, é bom para o menino acostumar-se a tempo a um modo de vida que corresponde mais ou menos às condições sociais de sua vida posterior: trabalho concreto em competição com colegas que se encontram nas mesmas condições e sob a direção de superiores. (Mas, "a tempo" significa também

que não pode começar cedo demais, antes que se dê aquela consolidação que torne dispensável o desvelo carinhoso da família: também existe o risco de que a separação da família comprometa a disposição para a vida em família e, com isso, a futura constituição de uma família e o desempenho nas tarefas paternas.) Sendo para a mulher a vocação para esposa e mãe e administradora da casa a missão primeira e principal, não haverá preparação melhor para a moça do que a vivência no círculo da família, onde ela se acostuma de modo natural aos deveres futuros. Um ambiente e uma ordem de vida que não ofereçam essa possibilidade põem em risco o cumprimento posterior da vocação. Por outro lado, é desejável, por muitas razões, que ocorra uma separação *temporária* da família depois de existir um fundamento seguro para a vida de casa: para libertar a individualidade dos laços estreitos da família, para evitar o risco de uma fixação muito rígida num determinado tipo de família e para preparar o caminho de uma maior adaptabilidade aos mais diversos caracteres e circunstâncias (necessária tanto para a fundação de sua própria família como para uma vida fora da família), como preparação para uma profissão fora de casa e para as obrigações da vida social.

Os internatos, em cujas mãos se coloca a formação de moças, podem corresponder melhor à sua função se, como um todo, se assemelharem a uma grande família e, além disso, estiverem subdivididos em grupos com estrutura familiar. O primeiro caso é mais comum em instituições religiosas, desde que integradas no organismo da família conventual, e não completamente separadas delas como ocorre infelizmente com bastante freqüência em "institutos" com regulamento esquematizado. O mesmo ambiente é possível em outros educandários onde a diretora é sobretudo uma "mãe", tanto para com os funcionários quanto para com as moças, e onde os professores se distinguem mais pelo interesse comum de um amor responsável e atento do que pela solidariedade funcional. A subdivisão familiar exige a reunião em

um pequeno grupo sob uma dirigente maternal e convivência de moças e meninas, de modo que as mais velhas possam cuidar das menores. O que sempre se exigiu dos internatos vale hoje, em grande parte também, para os externatos cujos alunos vivem e continuam vivendo com suas famílias, mas sem que estas lhes dêem a formação de que necessitam. É o que se aplica, por exemplo, em grande parte às escolas elementares. Com isso chegamos aos tipos de escola em que é subdividido o sistema educacional. Mas antes precisamos ponderar um outro assunto.

Até agora analisamos a questão internato/externato sob o ponto de vista da formação específica feminina apenas em relação ao objetivo da "mulher maternal", enquanto nosso ideal completo era a *virgo-mater*. Mas, mesmo que esse ideal pleno deva ser o objetivo de toda formação feminina, também em seu sentido espiritual, é natural que um esteja mais forte e intensamente personificado na mulher que é realmente mãe e o outro na vida realmente virginal. Por isso, podemos chegar à seguinte afirmação: assim como a família é o melhor para as moças chamadas à maternidade física, assim é para outras o internato religioso o melhor instituto de formação.

Mas a diferenciação não é tão simples assim. Os pais confiam hoje as filhas a instituições religiosas não para que sejam preparadas para uma futura vida religiosa, mas para as funções que estão aguardando a maioria delas. Mas o ideal da virgindade não pode estar ausente do trabalho de formação verdadeiramente católico, mesmo que este se realize na família ou em instituições seculares. Uma vida em virgindade também não precisa ser necessariamente a vida religiosa. Para muitas moças pode ser de importância decisiva que lhes seja mostrado o ideal da virgindade independentemente da ligação à vocação religiosa.

Em todo o caso, podemos supor que as chances de despertar a compreensão pelo ideal da virgindade sejam maiores em instituições religiosas. Se isso acontecer, será um lucro para todos, não importando os caminhos futuros de sua vida.

Para que isso aconteça, porém, é indispensável que as moças tenham viva diante de si a personificação perceptível da virgindade em seu sentido mais elevado e último. Virgindade em seu sentido mais elevado e último não tem nada de negativo: não é abnegação celibatária, renúncia a algo que continua desejável (se for apenas isso, terá geralmente um efeito dissuasivo sobre pessoas jovens, saudáveis e de sensibilidade natural) e menos ainda a recusa de algo que não significa mesmo nada para a gente (o desprezo do amor e do casamento, além de não ser uma atitude católica, provoca os protestos de uma sensibilidade natural). Ela é algo extremamente positivo: associação a Cristo em união de vida permanente, devendo manifestar-se sobretudo no amor a Cristo que há de caracterizar toda a atuação da verdadeira *sponsa Christi* e naturalmente também a maneira de lidar com as educandas; na alegria que dela irradia espontaneamente e que é produto da vida com Cristo e para ele, que aceita com naturalidade o sacrifício; na paz interior que não se deixa perturbar por vicissitudes; numa atitude repleta da verdade divina que está presente na palavra da escritura e na doutrina da fé e que serve naturalmente de diretriz para as decisões em todas as questões teóricas e práticas; no entusiasmo com que se acompanha também a vida de Cristo na Igreja: no cultivo da liturgia, no sacrifício da missa e no serviço do coro, em todo o ano litúrgico, mas especialmente nas grandes festas religiosas.

Quando as crianças têm diante de seus olhos esse tipo de vida verdadeiramente dedicada a Deus, não conseguem furtar-se à sua força aliciadora. Mesmo que não se sintam impelidas a abraçar a mesma forma de vida, levarão consigo esse espírito de verdadeira virgindade para dentro do casamento e para sua profissão "secular". É óbvio que a tarefa específica de levar a esse objetivo deve caber às instituições de formação religiosas; se não conseguirem isso, terão falhado em sua razão de ser. Mas é óbvio também que esse objetivo pode ser alcançado em qualquer lugar em que se viva e trabalhe no mesmo espírito, mesmo que seja sob formas diferentes.

B. ESTRUTURAÇÃO DO SISTEMA EDUCACIONAL EM VÁRIOS TIPOS DE ESCOLA

Considerando o objetivo triplo da formação feminina, humanidade completa, feminilidade genuína e individualidade desenvolvida e, por outro lado todo, o complexo dos meios de formação, vemos que ambas as áreas se ajustam e que nada que possa contribuir para a formação da mente e do ser humano deve ser cortado da formação feminina. Isso não quer dizer que toda alma humana é capaz de conter em si o inteiro complexo e que deveria haver um esforço para torná-lo acessível a qualquer uma. Cada uma possui apenas uma capacidade limitada de compreensão, tanto pela força da inteligência, quanto pelo conteúdo daquilo que possa assimilar. Cada qual é mais ou menos aberta às diversas áreas culturais ou não possui mesmo dom nenhum para algumas. Mas tudo o que a alma não consegue assimilar e processar em seu interior deixa de ser formativo, deixa de ser um valor, transformando-se um peso morto ou é até prejudicial. Por isso é necessário fazer a opção certa na configuração prática dos caminhos, isto é, escolher entre as possibilidades ideais de chegar ao objetivo aquilo que realmente serve ao fim proposto em determinadas circunstâncias.

Precisamos de um tipo básico e normal de formação que seja adequado àquilo que serve para a maioria das moças e corresponda à sua vocação. *Irmgard Liebster* baseou-se em seu opúsculo *Tipos de mulheres - formação feminina*⁴¹ numa tipologia muito simples: mulheres *primitivas* e mulheres *conscientes dos problemas* ou reflexivas. As primitivas, que formam a grande massa, têm a capacidade de amadurecer cedo formando uma personalidade completa com linhas simples, claras e firmes que não sofrem mais nenhuma modi-

41 *Frauentypen - Frauenbildung*, Leipzig, 1927.

ficação. As mulheres que têm consciência dos problemas - trata-se de uma seleção relativamente pequena - são versáteis, adaptam-se com facilidade, crescem sem perder a capacidade juvenil de assimilar e formar-se ao lado das outras cujo caminho elas acompanham, amadurecendo na melhor das hipóteses por meio de muita experiência e sofrimento, para se tornarem finalmente mães sábias⁴². Ela admite, para ambos os tipos, casos excepcionais em que, por caminhos especiais, elas podem chegar a realizações objetivas e criativas. Mas, em termos gerais, ela vê o lado forte da mulher em sua receptividade⁴³ cujos órgãos ela quer ver desenvolvidos. Não gostaria de dar aqui continuidade a essa linha de pensamento. Também não pretendo questionar o esquema, eventualmente, simples demais, sobretudo, em relação às mulheres não-primitivas. O que eu gostaria de desenvolver é um ponto essencial que me parece bastante acertado no tipo que ela chama de primitivo. Vamos fazer a seguinte pergunta: O que pode e deve ser alcançado pela grande massa? A maioria das moças deverá comprovar sua competência mais tarde na vida prática, isto é, se o desenrolar dos fatos levar a uma situação sadia de acordo com o que desejamos ao nosso povo, a maior parte das moças deverão ser mães de família e, com muita probabilidade, trabalharão também fora de casa como empregadas domésticas, nas fábricas ou produzindo em casa para grandes empresas, como vendedoras ou em atividades de escritório.

42 Cf. o fascículo em memória de P. M. Hamann. Die christliche Frau, maio de 1932.

43 Num ensaio sobre a mentalidade de menina, Maria Bienen salienta que a maneira feminina de ser deveria ser chamada de *produtiva* (ao contrário da masculina que seria *dispositiva*), no sentido de uma assimilação orgânica que converte em seu próprio ser aquilo que recebe e que atua de modo fecundante sobre outros. (Mädchenbildung auf christlicher Grundlage, 1931. fasc. 21/22).

No maior número delas, a própria predisposição leva a atividades práticas, só poucas escolhidas têm inclinação e interesse por questões puramente teóricas. Como deve ser a formação da grande maioria das moças para que possam corresponder ao lugar que ocuparão?

Onde quer que estejam, nunca poderão estar à altura de sua função se nelas não estiver funcionando corretamente a hierarquia das forças de acordo com a genuína natureza humana: se a vontade não dominar os instintos e ela própria não obedecer à direção do intelecto que é o olho da alma e que ilumina o caminho da vida. Sabemos que essa ordem correta não pode ser conseguida tão somente por meio do trabalho de formação humano, mas este precisa ter a sua participação. A razão e a vontade precisam da disciplina para poderem obedecer e dominar. A escola elementar dispõe em suas matérias básicas, que correspondem às exigências mais urgentes da vida prática, de excelentes meios para exigir o máximo do intelecto, estimulando assim a formação de uma vitalidade cada vez maior: trata-se dos exercícios de linguagem formal, das aulas de cálculo, do catecismo. É desnecessário comprovar que essas matérias exigem muito da atividade abstrata do intelecto.

Talvez não seja totalmente supérfluo explicar que isso corresponde às exigências mais urgentes da vida prática. Acho que é óbvio que tanto a dona de casa quanto qualquer outra mulher na vida prática de hoje em dia deveria estar *firme* no cálculo (muito mais do que costuma ser a média de nossos dias). Menos óbvia pode ser a importância de um domínio formal da língua.

Pode parecer à primeira vista que a capacidade de expressão necessária na vida prática se desenvolve automaticamente ou que o treinamento concreto da expressão é mais benéfica do que o seu ensino formal abstrato. Realmente, o que é visado hoje nas aulas de principiantes é a manifestação livre e espontânea. As crianças são incentivadas a falar conforme aprenderam, usando até regionalismos e expres-

sões vulgares; elas podem falar de tudo de que o coração está cheio e que, por isso mesmo, tende a transbordar pela boca. Com tudo isso, pretende-se eliminar inibições que poderiam vir a frear a manifestação livre e natural da alma pela expressão da língua. Psicologicamente, tal procedimento é correto: é assim que se cria uma base de confiança que se faz necessária para todo o trabalho educativo e é dessa maneira que se conserva ou se cria o funcionamento imperturbado da expressividade natural, condição prévia para qualquer formação lingüística.

Mas, em seguida, deve começar o trabalho formativo cujo objetivo deve ser *expressar adequadamente* aquilo que se tem a dizer e compreender corretamente aquilo que os outros dizem, despertar o senso pela *beleza da língua* e estimular o *uso correto* da língua. Gostaria de deixar de lado, aqui, o aspecto estético (não porque o considere secundário, mas porque me parece impossível dar-lhe a devida importância numa breve observação acessória). *Adequado* para mim não quer dizer segundo as regras da língua escrita, e sim, expressando exatamente aquilo que se quer dizer. Isso exige certamente como matéria prima um vocabulário rico, obtido por muita audição e conversação, leitura e escrita. Mas também exige muito mais do que isso, para que o vocabulário adquirido não se transforme em risco: em tentação de usar chavões em vez de expressar-se, isto é, de dar aos pensamentos profundos a forma da palavra.

Pensar e falar estão intimamente ligados, constituindo no fundo um *único* processo. Onde quer que um pensamento tenha amadurecido até a clareza e nitidez completa, estará sempre estruturado e expresso em categorias lógico-gramaticais. Onde não for possível encontrar a expressão lingüística correta, não estará terminado, tampouco, o processo de reflexão. O que não se consegue expressar continua obscuro e abafado na alma, e quem não consegue comunicar-se está como que preso em sua própria alma: ele não consegue mover-se livremente nem chegar aos outros. A distinção das ca-

tegorias gramaticais (que não seja puramente formal, mas imbuída de sentido) é um exercício para dar forma aos pensamentos, é um acesso à compreensão do sentido duplo e essencial da língua: expressar o que vai pela alma e assim comunicar-se aos outros; com isso torna-se libertação da alma e do espírito. Saber expressar-se adequadamente, portanto, é algo que faz parte essencial da humanidade completa. Mas é também necessário para as tarefas práticas da mulher. Como ela deve participar da formação de seres humanos, instruí-los para o trabalho ou comunicar-se com eles comercialmente, o resultado dependerá sempre de sua capacidade de expressar aquilo que ela tem a dizer, de acordo com a finalidade.

Falar adequadamente pode ter também outro sentido: fazer uso correto da língua. Quem entendeu o sentido essencial da língua sabe que falar significa assumir responsabilidades e que é preciso ter respeito pelas palavras. Quer queira quer não, a palavra sempre desvenda a própria alma. Qual fruta madura ela se solta do interior informando sobre seu funcionamento íntimo. Em forma de erupção desenfreada denuncia a efervescência e as tormentas internas; pronunciada irrefletidamente é sinal de agitação superficial. Mas sempre se trata de uma intervenção em outras almas. Para elas, pode ser enriquecimento, fecundação, elevação, mas também pode ser violação e causar retraimento, pode levar para seu interior germes fatais. Toda pessoa humana e sobretudo toda futura mãe deveria ser levada a entender porque um dia deveremos prestar contas de cada palavra. O ensino da língua pode contribuir para essa compreensão.

Sendo a educação formal da língua necessária para que seja alcançado o objetivo da formação e tratando-se por outro lado de um exercício abstrato que só corresponde à inclinação e ao talento de uma minoria, como é possível então conquistar para ela uma maioria e assegurar assim um resultado positivo?

Primeiramente, partindo da linguagem viva e concreta, das peculiaridades individuais de expressão ou das diferen-

ças regionais ou dos contrastes entre a língua materna e a língua estrangeira (quando existem conhecimentos de língua estrangeira). Tudo isso interessa como elemento humano e pessoal oferecendo-se ao mesmo tempo como ponto de partida para a introdução na índole geral da língua, na posição que ocupa na vida intelectual, na relação entre a personalidade e a sociedade, seja de modo elementar ou mais aprofundado de acordo com a faixa etária, mostrando a importância ética e prática do domínio da língua conforme acabamos de expor. Mas, para despertar a atenção das moças mesmo para tarefas e exercícios que à primeira vista pareçam sem interesse imediato, existem dois recursos: introduzi-las no sentido humano geral, isto é, em seu sentido filosófico, e em seu valor prático. Analogamente ao que se faz nas aulas de cálculo onde também se recorre à roupagem concreta e prática para despertar o interesse pelos exercícios.

Nas aulas de religião também se exercita o pensamento abstrato. Os dogmas católicos utilizam uma conceituação extremamente precisa. Como se trata de um excelente meio de formação deve se fazer dele uso exaustivo. As aulas de catecismo não deveriam apenas acompanhar como um mal necessário a história bíblica, verdadeiramente, fascinante e produtiva. Assim como é nefasta a mera memorização da doutrina da fé, é fecunda e formativa a penetração racional nas definições da fé: fecunda e formativa quanto ao objetivo. Quanto mais nítida e claramente forem compreendidos a relação entre o criador e a criatura, os fatos da queda e da salvação, os mistérios profundos da vida divina intertrinitária, a natureza de Cristo, a essência e a vocação sublime da Mãe de Deus, tanto mais profunda se tornará a união pessoal com a divindade, o Salvador, a Rainha dos céus.

Na vida dos santos, sobretudo daqueles que não tiveram a base de uma formação culta, podemos ver claramente que o progresso da santidade pessoal e a penetração mais profunda nas verdades da fé se condicionam e promovem mutuamente. De modo algum devemos pensar que esses

mistérios profundos ultrapassam a capacidade de entendimento da criança. Mesmo entre as menores - ou justamente entre elas - revela-se o desejo forte de serem introduzidas nos mistérios divinos. Atendendo a esse desejo de forma adequada, a consciência de conhecer Deus e de se aproximar dele estimulará a atenção e participação intensa, sem necessidade de esforço arbitrário. Desta maneira alcança-se a formação mais profunda da alma e da pessoa, mais do que em qualquer treinamento formal do raciocínio.

Fiz questão de enfatizar especialmente esse aspecto porque, geralmente, recebe hoje em dia muito menos atenção do que merece. Dificilmente, deixou-se de reconhecer alguma vez que a formação material, a introdução nos tesouros da língua alemã, a familiarização com as grandes figuras da literatura, da história sagrada e profana, costumam agradar mais às moças, que, além disso, a literatura e as matérias culturais fornecem uma introdução na vida do mundo e do ser humano preparando ao mesmo tempo para o trabalho de formação humana na família e na vida profissional. Do ponto de vista didático é certamente correto manter as aulas de religião, alemão, história e matemática como matérias essenciais da formação teórica. Mas, antes de despedir as alunas da escola e enviá-las à vida, essas mesmas matérias precisam ser aproveitadas para uma preparação generosa e sustentável para as tarefas que as aguardam na vida, isto é, para uma instrução simples, clara e orientadora do ponto de vista filosófico, psicológico e sociológico. Em vista de sua importância fundamental para a forma de vida posterior é desejável que se adie ao máximo a despedida da escola, acrescentando ao trabalho de formação os anos mais receptivos *após* a crise da adolescência.

Sendo um currículo sobrecarregado o maior risco para um trabalho efetivo de formação, é necessário perguntar onde poderia haver cortes materiais sem maiores prejuízos. Em todas as matérias é possível renunciar a um grande número de fatos isolados que podem ser importantes e interes-

santes para o especialista, mas que são perfeitamente dispensáveis numa formação elementar. Além disso, acho que o ensino das ciências pode ser realizado num nível bastante simples. Quando tratadas de modo abstrato costumam ser pouco atraentes para a média das moças. Mas, nem por isso, são totalmente dispensáveis: elas se revestem de importância formal porque preparam melhor para a observação e descrição da realidade, uma habilidade que faria muita falta às moças que posteriormente precisarão saber lidar com a vida prática. São elas também que fornecem uma base substancial para o conhecimento natural de Deus. Além disso são necessárias para se estar à altura da grande quantidade de aparelhos em uso no lar e na vida pública. Mas é suficiente limitar-se àquilo que é indispensável para essas finalidades e, na medida do possível, devem ser integradas com as matérias práticas, como aliás já costuma acontecer. As matérias práticas, sobretudo os trabalhos manuais e a economia doméstica, eram consideradas matérias especificamente femininas nos primórdios do movimento pelo ensino popular. Esse estágio está hoje ultrapassado. Por outro lado, sabe-se da importância que cabe justamente hoje às matérias técnicas (inclusive desenho e educação física) por causa de sua afinidade com as funções práticas de administração, decoração, cultura saudável e legítima do corpo e vida social.

Tudo isso precisa ter lugar amplo na escola, desde que ela assumiu tarefas que antigamente cabiam à educação familiar e que hoje já não costumam ser de sua competência.

Desta maneira, esboça-se no material e no objetivo um tipo básico de formação feminina. Desta base deveria partir toda formação "média". O prazo maior poderia ser usado para ampliar e aprofundar um ou outro grupo de matérias, de acordo com a aptidão e a inclinação e considerando a profissão posterior. Os conhecimentos lingüísticos e a compreensão da vida do mundo e das pessoas podem ser substancialmente enriquecidos e aprofundados acrescentando-se à língua materna uma segunda língua. Em vista de sua for-

ça formal formadora e da importância fundamental da antigüidade clássica para a cultura alemã, caberia a preferência *em princípio* às línguas clássicas. Mas, considerando as aptidões individuais e a opção profissional futura, requer-se naturalmente também um tipo de escola que dê uma ênfase maior às línguas modernas. E a outros talentos devem corresponder igualmente outros tipos de escola. Mas a ampliação para atender a determinadas aptidões nunca deveria ser feita às custas das matérias principais que são essenciais para alcançar o objetivo, formando o tipo básico.

Ao lado das escolas médias, que surgiram como caminhos de preparação para os estudos superiores, criou-se o liceu feminino como tipo de escola que tem como meta principal o encaminhamento para funções especificamente femininas; trata-se certamente de um grande progresso que poderia vir a servir de ponto de partida para provocar e estimular também em outras modalidades um currículo mais acentuadamente voltado para o modo de ser feminino.

6

À MISSÃO DA MULHER DE CONDUZIR A JUVENTUDE À IGREJA



I. A POSIÇÃO DA MULHER NA IGREJA

O objetivo do trabalho de formação religiosa deve ser o de integrar os jovens no *corpus Christi mysticum* no lugar que lhe foi reservado pela ordem eterna. Todos os beneficiários da redenção se tornam em função dela *filhos da Igreja*, sem diferença entre homens e mulheres. Mas sendo a Igreja, além de comunidade dos fiéis, também o corpo místico de Cristo, isto é, um organismo em que os indivíduos assumem a função de membro e órgão afinado com os outros pela natureza e pelos dons, em vista da finalidade do conjunto, cabe à mulher como tal uma *posição orgânica* peculiar na Igreja. Ela tem, além disso, a vocação de personificar, em seu desdobramento mais sublime e puro, a própria essência da Igreja, de ser o seu *símbolo*. A formação feminina e a orientação da juventude devem levar a esses três níveis de filiação à Igreja.

Uma das condições necessárias para a compreensão dessa missão é a percepção da essência da Igreja. A visão da Igreja como comunidade dos fiéis costuma ser mais acessí-

vel ao entendimento humano. Quem crê em Cristo e em seu evangelho, quem espera a realização de sua promessa, quem se une a Ele com amor e observa seus mandamentos, deve sentir-se unido na mais profunda união de convicção e amor com todos aqueles que pensam como Ele. Os que seguiam o Senhor durante a sua existência terrena formaram o primeiro rebento da grande comunidade cristã. Eles a difundiram, transmitindo, através dos tempos, até o dia de hoje, a substância da fé que os manteve unidos.

Se até uma comunidade natural humana é mais que uma associação solta de indivíduos, a ponto de podermos constatar a formação de uma espécie de unidade orgânica, quanto mais deve valer isso, em sentido eminente, para a comunidade sobrenatural da Igreja. A união da alma com Cristo difere da união entre pessoas terrenas: trata-se de um crescimento e enraizamento (é o que diz a parábola da videira e dos ramos) que tem início com o batismo e depois, pelos sacramentos, passa a ser fortificado e desenvolvido em várias direções. Mas essa união com Cristo tem como consequência uma relação de membro para membro com todos os cristãos. Dessa forma, a Igreja se transforma no corpo místico de Cristo. O corpo é um corpo vivo, e o espírito que o vivifica é o Espírito de Cristo que emana da cabeça para os membros. Mas sendo esse espírito, que emana de Cristo, o Espírito Santo, a Igreja vira templo do Espírito Santo.

Apesar da unidade real e orgânica entre a cabeça e o corpo, a Igreja se coloca como pessoa autônoma ao lado de Cristo. Como Filho do Pai Eterno, Cristo viveu antes de todos os tempos e antes da existência humana. Por meio da criação, a humanidade começou a viver antes de Cristo assumir sua natureza e se encarnar nela. Pela encarnação levou para dentro dela sua vida divina. Tornando-a, pela obra da redenção, capaz de receber a graça e derramando sobre ela a sua graça, ele a gerou de novo. A Igreja é a humanidade gerada de novo e redimida por Cristo. A célula-mãe dessa humanidade redimi-

da é Maria, na qual se processou primeiro a purificação e santificação por Cristo e a plenitude pelo Espírito Santo. Antes que o filho do homem nascesse da virgem, o filho de Deus produziu esta mesma virgem como mulher cheia de graça e, nela e com ela, a Igreja. Desta maneira, ela é colocada ao lado dele como criatura nova, se bem que ligada a ele de modo indissolúvel.

Toda alma purificada pelo batismo e elevada ao estado da graça é gerada por Cristo e nasce para Cristo. Mas ela é gerada na Igreja e seu nascimento se dá pela Igreja. É pelos órgãos da Igreja que cada novo membro é formado e plenificado de vida divina. Assim, a Igreja é a mãe de todos os redimidos, em função de sua união íntima com Cristo. Como *sponsa Christi* está a seu lado realizando com Ele a obra da salvação.

A mulher é órgão essencial para a maternidade sobrenatural da Igreja. Em primeiro lugar, em função da maternidade física. Para que a Igreja fique completa - o que implica o preenchimento do número de membros previsto para ela - a humanidade precisa continuar procriando. A vida da graça pressupõe a vida natural. O organismo psico-físico da mulher foi preparado para a função da maternidade natural, e a procriação da prole é santificada pelo sacramento do matrimônio e assim integrado ao processo de vida da própria Igreja. Mas a participação da mulher na maternidade sobrenatural da Igreja não se esgota nisso. Ela é chamada a colaborar no despertar e na promoção da vida da graça nos filhos, sendo, portanto, instrumento direto da maternidade sobrenatural da Igreja e participando, ela própria, dessa maternidade sobrenatural. Essa função não se limita aos próprios filhos. Primeiramente, o sacramento do matrimônio inclui a vocação dos esposos ao incentivo mútuo na vida da graça. Mas, além disso, a mãe de família deve envolver em sua assistência maternal todos aqueles que vivem sob a sua guarda, pois faz parte da vocação de todo cristão despertar e promover a vida da fé nas almas. Mas a mulher é chamada de modo es-

pecial para essa tarefa, tendo em vista a posição especial diante do Senhor que lhe é destinada.

O relato da criação coloca a mulher ao lado do marido como sua ajudante apropriada, para que ambos atuem em conjunto como um ser único. A carta aos efésios compara essa relação com a relação entre a cabeça e o corpo, isto é, como símbolo da relação que existe entre Cristo e a Igreja. A mulher deve ser entendida, portanto, como símbolo da Igreja. O fato de Eva originar-se da costela do primeiro Adão é interpretado como modelo da origem da nova Eva - que pode ser tanto Maria quanto a Igreja toda - do lado aberto do novo Adão. A mulher unida ao marido, num verdadeiro matrimônio cristão, isto é, numa união indissolúvel de vida e amor, representa a Igreja como noiva de Deus. A Igreja se personifica de modo ainda mais intenso e perfeito na mulher que dedica sua vida ao Senhor como *Sponsa Christi*, tendo se unido a ele numa aliança indissolúvel. Ela se coloca a si mesma ao lado dele como a Igreja e o protótipo e germe dela, Nossa Senhora, como ajudante em sua obra de salvação. A entrega total de todo o seu ser e viver é convívio e cooperação com Cristo, mas isso significa sofrer e morrer com ele - aquela morte terrível que deu origem à vida da graça da humanidade. Desta maneira, a vida da noiva de Deus se torna maternidade sobrenatural para toda a humanidade redimida, que pode se dar tanto pelo trabalho direto com as almas quanto apenas pela produção dos frutos da graça por meio do sacrifício, de que talvez nem ela nem pessoa alguma tenha conhecimento.

Maria é o símbolo (como modelo e origem) da Igreja. Ela é também um órgão único da Igreja: o órgão de que foi formado todo o corpo místico, até mesmo a cabeça. Para chamar a atenção para sua posição de órgão central e essencial, ela é chamada com freqüência o coração da Igreja. Certamente, os nomes de *corpo*, *cabeça* e *coração* são imagens. Mas aquilo que eles exprimem é algo perfeitamente real. E assim como a cabeça e o coração desempenham um papel de destaque no corpo humano, de modo que todos os outros

órgãos e membros dependem da presença e atuação deles, e como entre a cabeça e o coração existe uma relação especial, assim também Maria, por causa de sua relação única com Cristo, deve ter uma relação real - isto é, mística - com os outros membros da Igreja, que ultrapassa em grau, espécie e importância a relação que existe entre os outros membros, analogamente à relação da mãe com os filhos que ultrapassa a união dos irmãos entre si. Chamar Maria de nossa mãe não é uma mera imagem. Maria é a nossa mãe no sentido mais real e eminente, que ultrapassa a própria maternidade terrena. Ela nos deu à luz, segundo a vida da graça abandonando todo o seu ser, corpo e alma, à maternidade divina.

Por isso, existe uma ligação íntima entre ela e nós. Ela nos ama, ela nos conhece, ela quer fazer de cada um de nós o que devemos ser e, sobretudo, quer levar cada um a uma relação mais estreita com o Senhor. Isso se aplica a todos os seres humanos, mas deve ter um significado especial para as mulheres. Em sua maternidade, tanto a natural quanto a sobrenatural e, em seus esponsais com Deus, elas continuam, por assim dizer, a maternidade e os esponsais da *Virgo-Mater*. Assim como o coração auxilia os órgãos do corpo feminino em suas funções e lhes dá as condições de funcionar, assim, podemos crer na colaboração de Maria, em toda parte onde uma mulher cumpre a sua missão de mulher, assim como cremos na participação de Maria em toda a atuação da Igreja. Mas, assim como a graça não pode realizar sua obra nas almas sem que estas se abram numa decisão livre, Maria também não pode exercer plenamente a sua maternidade se as pessoas não se confiarem a ela. As mulheres, que por algum dos muitos caminhos possíveis, pretendem cumprir sua vocação de mulher, alcançarão essa meta com mais segurança se não apenas tiverem vivo diante dos olhos o modelo da *Virgo-Mater* tentando imitá-lo no seu próprio trabalho de formação, mas se elas se confiarem à sua orientação colocando-se totalmente sob a sua direção. Ela mesma poderá formar aquelas que lhe pertencerem.

Dessa maneira mostramos os degraus que levam à integração da mulher na Igreja conforme à vontade de Deus: filiação divina, membro da Igreja em forma de maternidade natural ou sobrenatural, símbolo da Igreja e, em todos os degraus, filiação mariana. O que se pode fazer da parte humana e, especialmente, da parte feminina, para conduzir a juventude feminina por esse caminho?

II. LEVAR A JUVENTUDE À IGREJA

Por sua função como instrumento da maternidade da Igreja, a mulher é chamada a levar a juventude, especialmente a juventude feminina, para o selo da Igreja*. A primeira tarefa consiste em levar à filiação divina, e o primeiro e decisivo passo nesse sentido é a realização do batismo. Mesmo que esta caiba normalmente a um sacerdote, deve ser no entanto em primeiro lugar a preocupação dos pais. Pelo batismo, o filho de Deus nasce e se torna filho da Igreja. Mas a vida da graça vive nele, em forma de uma pequena chama escondida, que precisa de cuidados e de alimentação. Essa função de cuidar dela e de alimentá-la cabe, nos primeiros anos, sobretudo à mãe.

Cuidar dessa vida significa protegê-la contra qualquer sopro que possa apagá-la. Ela pode ser apagada pela falta de fé e pelo pecado, o que na criança só se torna possível após o despertar da razão e da liberdade. Mas os cuidados devem começar antes, porque há substâncias tóxicas que podem penetrar na alma mesmo antes de começar a vida atenta da mente. O que se passa diante dos olhos da criança, o que penetra em seus ouvidos, o que ela sente pelo toque físico, até o que ela experimenta antes do nascimento, tudo isso pode deixar suas impressões na alma, e no decorrer da vida poste-

* Esta frase falta na primeira impressão.

rior se manifestarão as conseqüências. Por isso, cabe à mãe manter pura a atmosfera em que a criança vive. Em primeiro lugar, ela deve preocupar-se em ser e conservar-se pura ela própria, procurando manter longe da criança, na medida do possível, aquelas pessoas em que ela não pode confiar totalmente. Antes de a criança chegar ao uso da razão, a chama é alimentada pela oração da mãe que confia seu filho à proteção da mãe de Deus. Com o despertar da razão, começa a possibilidade de uma influência mais direta. A criança precisa aprender a conhecer e a amar o pai do céu, o Menino Jesus, a Mãe de Deus, o Anjo da guarda. Com o aumento da capacidade de entender torna-se possível um aprofundamento crescente no mundo da fé. O coração puro e inocente da criança não contrapõe nenhuma dificuldade, querendo saber cada vez mais. Logo que a razão estiver em condições de assimilar tais ensinamentos, deverão ser explicadas as fontes da graça, ou seja, os sacramentos. São eles o alimento mais substancioso da vida da graça e a segurança mais eficaz contra os perigos que costumam ser praticamente inevitáveis nessa fase, quando se juntam à influência da mãe e do círculo familiar mais íntimo, influências as mais diversas e, frequentemente, incontroláveis.

O trabalho da escola é fácil quando nos primeiros anos de vida foram lançados fundamentos sólidos e seguros para a formação religiosa. Mas todos nós sabemos que hoje em dia as mães raramente cumprem essa sua missão; quantas crianças chegam à escola sem ter nenhum conhecimento da fé, quantas já chegam com preconceitos incutidos pela descrença encontrada na própria família ou nas ruas, em quantas a pureza do coração está turvada por tudo aquilo que tiveram de ver e ouvir na mais tenra infância, de modo que já se encontra obstruído o caminho por onde deveria entrar livremente o ralo da verdade divina. Mesmo assim, não se trata de modo algum de uma missão desesperadora, desde que a criança encontre na escola aquilo que a casa dos pais lhe ficou devendo: introdução na vida da fé por uma educadora

maternal, pura e religiosa. No coração da criança, mesmo que esteja contagiado pelo sopro do pecado, existe um desejo fortíssimo de pureza, bondade e amor, uma grande vontade de poder amar e confiar. A professora que vai ao encontro dos pequeninos como uma verdadeira mãe conquista-os, rapidamente, podendo levá-los aonde ela quiser. É quase inevitável o recurso à ligação pessoal com eles, mas essa fase precisa ser superada. Seu objetivo deve ser o de estabelecer uma relação direta e forte com o mundo da fé que continue resistindo às influências perigosas de outras partes, mesmo depois de cessar a sua própria ação direta.

Nas primeiras séries, são as histórias da Sagrada Escritura que, apresentadas com viveza, agem fortemente sobre a fantasia e o ânimo. O cultivo de bonitas práticas religiosas na vida escolar, o acompanhamento do ano litúrgico com festejos do advento e do Natal, com o altar de maio e músicas marianas etc., com visitas à Igreja com orações e hinos litúrgicos bem cuidados, tudo isso deverá contribuir para o desenvolvimento de hábitos queridos e valiosos. Mas seria arriscado confiar exclusivamente em fantasia, emoções e força do hábito: seria um sinal de desconhecimento do poder avassalador dos instintos primitivos e das grandes crises existenciais, seria também desconhecimento da natureza feminina em que é fácil apelar para a fantasia e a afetividade (sobretudo em relação aos domínios das emoções e disposições) com suas ressonâncias prolongadas - mas não é esse o centro das últimas grandes decisões.

Uma educação religiosa resistente precisa estar fundada em coisas objetivas para que possa opor às realidades da natureza, por mais fortes que sejam, as realidades ainda mais fortes do sobrenatural. Para esse fim é necessário que se inicie, o mais cedo possível, a vida dos sacramentos, que se insista na sua prática freqüente, de preferência com a comunhão diária. É igualmente importante preparar a alma para a recepção proveitosa dos sacramentos; isso significa que é necessário entender seu sentido, compreender a grande rea-

lidade sobrenatural que está por detrás e dentro deles agindo sobre a alma. Isto leva à exigência (feita não só a partir dessa circunstância, mas no sentido genérico de embasamento em dados objetivos e de adaptação à realidade sobrenatural) de erguer a formação religiosa, de antemão, sobre os fundamentos de uma instrução dogmática clara e completa, pois a formação religiosa deve preparar uma vida baseada na fé. A fé, por sua vez, não é uma questão de fantasia ou de sentimentos piedosos, ela é compreensão intelectual (ainda que não seja penetração racional) e entendimento volitivo da verdade eterna; como fé plena e formada é um dos atos mais profundos da pessoa em que estão presentes todas as suas forças. Os sentidos e a fantasia estimulam a atividade do intelecto sendo indispensáveis como ponto de partida; emoções são impulsos que levam a vontade ao consentimento e que por isso são auxiliares valiosos. Mas, quando não se vai além delas, quando o intelecto e a vontade não são levados ao seu rendimento máximo, nunca começa a formar-se uma vida de fé genuína e plena.

Ou alguém gostaria de negar a existência de intelecto e vontade nas meninas? Seria como negar-lhes a humanidade completa. De que elas geralmente não gostam é a atividade *abstrata e pura* da razão: elas querem abarcar a realidade toda, elas não querem apreender só com a razão, mas também com o coração. E, justamente por causa dessa tendência natural de empenhar a pessoa toda em cada ato, elas *gostam* do ato da fé que requer a pessoa toda com todas as suas forças e é, também, por isso que são levadas mais facilmente do que os meninos a uma vida pela fé. É tão contraproducente reter na memória sentenças incompreendidas do catecismo quanto é fecunda a penetração nos mistérios da fé. Depois que o evangelho do Natal, a festa com os presentes do Menino Jesus e o encanto da noite de Natal tiverem levado ao conhecimento de Maria e do Menino e conquistado o coração para eles, brotará naturalmente o desejo de conhecê-los melhor e mais profundamente.

Então, terá chegado o momento de introduzi-las no mistério da encarnação e da vocação sublime da mãe de Deus. Desperta-se assim também a compreensão pelo significado do relacionamento com as forças do além e da adesão a elas, cheia de confiança, por toda a vida. Da mesma maneira, o relato da última ceia prepara o terreno para o sentido da eucaristia, a história da paixão e ressurreição para a compreensão do mistério da salvação, do sentido de sofrimento, morte e ressurreição. Essa penetração sucessiva nos mistérios do cristianismo deve levar sempre a uma concretização na prática da vida. Isso só poderá acontecer se as pessoas que explicam os mistérios para as crianças estiverem elas próprias compenetradas deles, se a vida delas tiver sido formada por eles. Só quando a oração litúrgica é expressão de uma vida litúrgica, age de uma maneira verdadeiramente fecunda e formadora sobre o processo de formação.

Destacou-se freqüentemente que as mulheres têm mais facilidade de fazer com que a fé permeie toda a sua vida por causa da maior unidade e coesão de seu ser. Então, impõe-se a conclusão de que elas têm, também, mais facilidade de ministrar um ensino de religião mais vivo e formador. Em todo o caso, terão mais sucesso em influenciar de maneira decisiva as *mentnas*. Com isso, não quero defender um afastamento dos sacerdotes, mas enfatizar a importância da liderança feminina na juventude. Ela pode tornar-se fecunda não só no ensino religioso (se bem que seja esse o lugar em que é colocada a verdadeira base), mas no ensino em geral dentro e fora da escola.

Quanto maiores os riscos a que a criança é exposta fora da escola, na casa paterna e na rua - sobretudo quando a escola não tem orientação religiosa - , tanto mais necessária se faz uma assistência por parte da Igreja fora do horário da escola. A *assistência infantil* que foi iniciada por particulares em algumas cidades deveria ser organizada em grande escala e passar a formar a base de todo o trabalho com a juventude, porque é nos anos da infância que deve ser criado um fundamento sólido para a formação religiosa de toda a vida.

Todo padre e toda professora sabem das dificuldades do trabalho educativo e, especialmente, do religioso, nos anos críticos da puberdade das meninas. A perspectiva de sucesso é mínima quando não existe *antes* algo suficientemente forte para resistir às tormentas. A queixa da falta de sucesso no trabalho com as associações de jovens se deve em parte ao fato de o trabalho ser iniciado muito tarde, numa fase de desenvolvimento especialmente desfavorável.

Naturalmente, uma assistência infantil em grande escala precisaria, para prestar um trabalho realmente fecundo, de um comando de líderes da juventude. Não acho impossível reuni-las, já que se poderia lançar mão do grande número de professoras jovens desempregadas dando a elas uma boa formação religiosa e psico-pedagógica. (Naturalmente seria necessário fazer uma seleção rigorosa antes de admiti-las para o trabalho com os jovens.)*

A preparação para a filiação divina deveria ser realizada nos primeiros anos de vida, mesmo que depois deva ser continuamente renovada e aprofundada. Assim, a fase do amadurecimento ficaria disponível para uma outra tarefa que precisa ser encarada justamente nessa idade: a preparação para a posição que cabe à mulher como órgão da Igreja. A crise pela qual passam o corpo e a alma da menina e que concentra todas as suas atenções deveria ser utilizada para revelar-lhe o grande sentido sagrado daquilo que se passa nela.

Também, nessa situação seria a mãe a pessoa mais indicada para cumprir essa missão. Mas são poucas as mães, mesmo entre as boas e responsáveis, que têm condições de desempenhar a tarefa da maneira certa. O sacerdote (professor de religião ou diretor) se vê diante de uma tarefa quase insolúvel. Mesmo que tenha estudado psicologia e possua longa

* Na primeira impressão, essa frase termina com o acréscimo: "Mesmo entre as líderes que já estão trabalhando nas associações de jovens muitas estenderiam de bom grado sua atividade às crianças menores."

experiência no trato com meninas: a alma da menina continuará sendo para ele, em grande parte, uma terra incógnita (quanto melhor sua formação psicológica tanto mais se dará conta disso). Por isso, lhe faltará, justamente nessas questões melindrosas, a segurança necessária, a liberdade e a franqueza. E mesmo que consiga ser franco, as meninas certamente não poderão sê-lo e dificilmente poderá ser criado entre elas um clima de franqueza. Até mesmo mulheres adultas têm dificuldade de falar franca e objetivamente sobre fatos da vida sexual porque essas questões ficam para elas indissolavelmente ligadas ao âmbito íntimo e pessoal. (O estudo puramente científico e sobretudo médico transmite a calma e objetividade diante desse assunto; ainda mais radical é a libertação por meio de uma visão sobrenatural que torna a esfera íntima e pessoal acessível a um enfoque objetivo e sóbrio.) Meninas adolescentes, que ainda estão confusas tanto em relação a si próprias quanto em relação aos fatos genéricos, e para as quais todo esse tema se reveste de um ar de mistério e sensacional e que, além de tudo, vêem no sacerdote o homem que as deixa inibidas, dificilmente poderão ser levadas a uma atitude correta.*

A líder de jovens poderá conseguir isso contanto que ela mesma possua aquela grande liberdade e franqueza que é transmitida pela visão dos fatos reais à luz da fé. Se ela, pela convivência prolongada, tiver também um conhecimento

* A primeira impressão traz a seguinte nota de rodapé: "Rudolf Peil realça em sua *Konkreten Mädchepädagogik*, Honnef a. Rh., 1932, que as meninas vêem o sacerdote mais em seu caráter objetivo e que justamente por isso se abrem mais facilmente a ele do que à mãe e à professora. Não duvido disso, desde que o sacerdote seja totalmente sacerdote e que as meninas já possuam tanta formação religiosa que tenham chegado a essa visão. Eu só duvido que a *situação concreta* de que fala P. Peil seja a situação com que podemos contar comumente na educação das meninas."

mais íntimo das meninas e puder contar com a sua confiança, terá condições de abordar da maneira adequada as questões íntimas e pessoais que as inquietam, falando delas genérica e objetivamente para não dar a impressão de querer intrometer-se em sua vida particular, mas mesmo assim de uma maneira que encontrem nela a resposta à sua pergunta particular e se sintam encorajadas a procurar ajuda para eventuais dificuldades especiais numa conversa pessoal. Nesses anos, precisa ficar bem esclarecido todo o sentido católico do casamento e da maternidade. As meninas deveriam passar a ver o desenvolvimento que experimentam em si como uma preparação para a sua vocação, assim ficariam em condições de superar a crise e de ajudar mais tarde como mães e líderes da próxima geração.

Para que a maternidade seja entendida em seu sentido pleno, ela precisa ser interpretada não só em seu sentido natural, mas também sobrenatural. E deve ficar claro também que a maternidade sobrenatural é possível sem a maternidade natural. Esse esclarecimento é indispensável para a forma de vida das muitas que nunca irão se casar. Elas deverão entrar na vida profissional com a disposição de suportá-la durante toda a sua vida, transformando-a numa verdadeira vida feminina. Essa visão já deveria vir preparada pela escola, tanto nas aulas de religião quanto nas outras, sempre que se oferecer a oportunidade de ventilar as questões da vida futura. Na hora da opção profissional, ela já deveria exercer uma influência decisiva. Durante os anos de atividade comum na associação de jovens, ela pode ser aprofundada consideravelmente e levar a conseqüências práticas. De máxima importância é que as meninas vejam em sua líder um exemplo vivo de maternidade virginal tendo diante de seus olhos a sua atuação benéfica.

Considero, também, de suma importância uma compreensão aprofundada da maternidade virginal da Mãe de Deus e do significado de seu apoio maternal precisamente para as moças que estão se preparando e para as mulheres

que estão exercendo sua vocação de mãe. Aquilo que falei sobre a importância fundamental dos dogmas para a formação religiosa, gostaria de acentuar de modo especial a respeito do culto a Nossa Senhora. Para que ele possa produzir toda a sua eficácia deveria ser embasado ainda mais nas bases dogmáticas. As formas tradicionais do culto a Nossa Senhora, usuais nas congregações, parecem ter perdido a sua força contundente. Sem dúvida, a poesia dos hinos a Nossa Senhora e das devoções, o simbolismo das cores e bandeiras marianas exerce seu encanto sobre mentes infantis; trata-se certamente da manifestação de um verdadeiro amor a Maria e, em muitos casos, já serviu de porta da graça para pecadores e infelizes. Mas não se pode negar que, em inúmeros casos, ela não resiste aos perigos que rondam a juventude feminina. Frente à força real da tentação e da paixão, falham os recursos mansos da psicologia e da estética. Nesse caso, só a força plena do mistério pode levar à vitória. Só a moça que compreendeu o esplendor da pureza e união virginal com Deus lutará seriamente por sua pureza. Só quem tiver fé no poder ilimitado da *auxiliadora dos cristãos* se entregará à sua proteção, não apenas com orações decoradas e imitadas, e, sim, num ato interno pleno de entrega consciente. Quem estiver na proteção de Maria será salvo por ela.

A introdução nos dogmas marianos é ao mesmo tempo introdução na idéia da *sponsa Christi*. Faz parte de uma formação cristã completa sentir-se repleta da vocação sublime de estar ao lado do Senhor e de levar uma vida de união com ele.

Nenhuma vida feminina pode ser pobre e vazia quando brilha nela essa felicidade sobrenatural. Esse deveria ser o objetivo último de qualquer trabalho com meninas e moças: entusiasamá-las para o ideal de fazer de sua vida um símbolo da união misteriosa que Cristo contraiu com sua Igreja, com a humanidade redimida. A moça que se casa deve saber que o casamento tem esse significado simbólico sublime e que, no marido, ela deve honrar a imagem do Senhor. Quem tiver entendido isso e o levar a sério, não assumirá levemente

um casamento, antes analisará a si mesma e a seu companheiro para ver se estão aptos para uma missão tão sagrada. É aquela que optar pelo casamento deverá saber que precisa manter-se firme, que deve lutar durante toda uma vida para aperfeiçoar no marido e em si própria a imagem de Deus e que essa ela não deve abandonar nunca, nem na pior das hipóteses, nem na mais terrível desfiguração e desonra; ela saberá que é de Deus que ela recebe os filhos e que é para Deus que ela deve educá-los. E as outras que, por própria opção livre ou forçadas pelas circunstâncias da vida, se vêm obrigadas a renunciar ao matrimônio devem ter a fé alegre que o Senhor as escolheu para uma vida de união especialmente íntima com Ele próprio. Elas deveriam conhecer as diversas formas de uma vida unida a Deus, tanto da vida religiosa quanto da vida profissional. Quanto à vida conventual, lhes deverá ser mais fácil inicialmente o acesso às comunidades ativas que se dedicam visivelmente a tarefas genuinamente femininas como a enfermagem, a educação, o serviço social expressando dessa maneira o seu amor a Cristo. Uma caminhada ou viagem em grupo a uma abadia pode ser usada para mostrar às moças as solenidades do louvor a Deus em toda a sua beleza e grandiosidade; em seguida será possível abrir seu entendimento para uma forma de vida em que o *opus Dei* ocupa o centro das atenções. A biografia de Santa Terezinha de Lisieux pode servir de introdução no jardim fechado do Carmelo, nos mistérios do sacrifício e da participação da obra redentora pela penitência reparadora. Dispomos hoje de um número suficiente de biografias do passado e do presente que nos apresentam mulheres vivendo no meio do mundo e mesmo assim intimamente ligadas ao Senhor, amadurecidas até o máximo da perfeição. Existe uma riqueza inesgotável que poderia ser revelada às moças pelo relato, pela leitura comum e pela conversa confidencial. Só faltam orientadoras que conheçam as fontes e delas possam haurir e que carreguem em si mesmas o fogo que devem acender nas almas jovens.

Aquelas, que estão envolvidas no trabalho prático com a juventude e que conhecem toda a penúria e todo o abandono das crianças que vêm à escola e às associações de jovens, talvez considerem demasiadamente grande e intransponível a distância que separa o material humano que elas recebem do elavado ideal que acabo de pintar. Mas, se os objetivos foram estabelecidos por Deus de forma clara e incontestável - e eu penso que foram - então, o trabalho de formação deve orientar-se por eles, do contrário perderia o sentido e não valeria a pena. A vocação do cristão é a santidade e sua missão de vida consiste em alçar-se das profundezas do pecado.

Claro que parece ser um contraste assustador: de um lado moças levianas, superficiais, ávidas de diversões, com os pensamentos voltados para roupas bonitas, para o namoro - e do outro lado os mais sublimes mistérios da fé. Quem as vê apenas por algumas horas no domingo e acha que deve mantê-las afastadas de diversões arriscadas oferecendo-lhes outras mais inocentes, dificilmente terá algum sucesso a longo prazo, porque a vida lá fora atrai mais que as alegrias inocentes num grupo bem protegido, e quem a experimentou já não encontrará sabor nas alegrias inofensivas. Mas, quando o trabalho com a juventude começa na tenra infância dentro de uma comunidade de vida permanente, quando se leva para dentro da vida infantil todo o sol da alegria com as criaturas de Deus, construindo, ao mesmo tempo, nos corações inocentes o fundamento seguro de uma vida que deve elevar-se ao céu, continuando nessa construção dia após dia, ano após ano - o objetivo já não fica inatingível. O máximo pode ser atingido porque, com cada ponte que se lança ao além, abre-se um caminho para as forças que, do alto, vêm em nosso auxílio: elas podem tudo de que o esforço humano não é capaz.

Hoje em dia, milhões de crianças estão sem lar e órfãos, apesar de terem uma casa paterna e uma mãe. Elas têm fome de amor e esperam uma mão que as guie, que as tire da sù-

jeira e da miséria para chegar à pureza e à luz. Como poderia a nossa grande mãe, a Santa Igreja, deixar de abrir os braços em par para apertar contra seu coração esses seres preferidos do Senhor? Mas para isso ela precisa de braços e corações humanos, de braços e corações maternos.

Prestar serviço à juventude e, especialmente, à juventude feminina, em nome da Igreja, talvez seja a maior tarefa que atualmente deva ser enfrentada na Alemanha. Cumprida essa tarefa, poderíamos ter a esperança de ver crescer uma geração de mães que possam dar a seus filhos novamente um lar em vez de abandoná-las como órfãos; aí sim poderia crescer na Alemanha outra vez um povo moralmente sadio e fiel a Cristo.

7

VALOR DA FEMINILIDADE E SUA IMPORTÂNCIA PARA A VIDA DO POVO



Prezados convidados, caras colegas!

Permitam-me iniciar com uma pequena observação particular. Há dois dias estava viajando de Beuron, onde tive a felicidade de passar a Semana Santa e a festa da Páscoa, para esta cidade de Ludwigshafen onde já estavam se realizando os preparativos para a presente Jornada. Dificilmente se pode imaginar um contraste maior: lá atrás, o vale tranqüilo da paz onde se canta, sem preocupação alguma com o que está se passando no mundo cá fora, dia após dia e ano após ano o louvor a Deus - *a custodia matutina usque ad noctem* - e aqui, esta assembléia reunida para debater as questões urgentes do presente.

Foi uma queda do céu à terra*. Mas talvez seja justamente esse contraste um símbolo da tarefa com que nos defron-

* O texto original eliminado pela autora dizia: "Quando a diretoria da Associação Bávara de Professores me pediu para fazer esta palestra introdutória não recusei o pedido, mas tive sérias dúvidas que inclusive acabei manifestando.

tamos todos. Nós todos acompanhamos nestas últimas semanas a via sacra do Senhor; em nossos corações ainda ressoa o aleluia pascal. E dentro de uma semana teremos que voltar ao serviço, ao dia-a-dia. Mas a repercussão da paixão e da páscoa não devem ser apenas uma animação festiva que o dia-a-dia vai levando embora, antes, deve ser uma força viva que vem de Deus e que levamos para a nossa vida profissional para que seja imbuída por ela. Esta jornada deverá ajudar-nos nesse propósito.

Cheguemos então ao tema. A formulação desse tema é para mim um sinal do grande deslocamento sofrido pela imagem do movimento feminista nos últimos anos. Há uns vinte anos, ninguém teria imaginado propor um tema dessa natureza. No começo do movimento feminista, o grande slogan era: *emancipação*. O termo soa um tanto patético e revolucionário: uma libertação dos grilhões da escravatura. Dito de uma maneira menos grandiloquente era essa a exigência: eliminação dos laços que impediam a formação e a atividade profissional da mulher, abertura das alternativas de formação e das profissões *reservadas aos homens*. A libertação deveria vir para as aptidões e as forças pessoais da mulher, porque em muitos casos tinham que definir por falta de oportunidade para exercê-las. O objetivo era, portanto, *individualista*. As exigências se chocaram com uma forte resistência; entre as grandes agremiações, só a extrema esquerda as colocou em seu programa. De todos os lados se ouvia a objeção contra as exigências das mulheres: "O lugar da mulher é em casa!" Temia-se que o atendimento das exigências

Alguém que vive no recolhimento do claustro, ouvindo só de longe o marulho do mundo, seria a pessoa indicada para falar sobre a importância da mulher na vida de hoje? Trazendo ainda na lembrança a ilha tranqüila da paz em que passei os dias da Semana Santa e da Páscoa, vejo-me agora diante dessa grande platéia, e o contraste se me afigura quase intransponível.

pussem em risco o modo peculiar de ser da mulher e sua vocação natural. Por outro lado, se objetava que a mulher, por causa de sua peculiaridade, era incapaz de exercer as profissões *masculinas*. As feministas contestaram enfaticamente essa afirmação e no calor da luta chegaram até a *negar a peculiaridade* feminina. Era a maneira mais simples de eliminar o argumento da incapacidade. Com isso, excluía-se naturalmente a possibilidade de falar em *valor próprio*. De fato, o maior objetivo consistia em igualar a mulher ao homem, na maneira do possível, em todos os campos.

A constituição de Weimar trouxe, então, a realização das exigências das mulheres até um ponto que nem mesmo as mais arrojadas pioneiras do feminismo tinham imaginado possível em tão pouco tempo. Com isso começou uma transformação. A tensão aguerrida amainou. Passou-se a julgar as coisas novamente com mais calma e objetividade. Além disso pode-se falar hoje sobre as capacidades da mulher no tocante às funções da vida profissional e pública com base em anos de experiência, enquanto antes os argumentos de ambas as partes vinham como juízos *a priori* ou até em forma de argumentos arbitrários. Assim, ficou característico para a situação de hoje que a *peculiaridade* da mulher é aceita como uma *fato evidente*. Voltamos a ter consciência de nossa peculiaridade. Quantas daquelas que a tinham negado voltaram a dar-se conta dela por experiência dolorosa quando tinham abraçado uma profissão masculina que as obrigava a aceitar formas de vida e trabalho que não correspondiam à sua essência. Quando sua *essência* era bastante forte, conseguiam até transformar a profissão *masculina* em *feminina*. E a *auto-estima* podia agir ainda em outro sentido: formava-se a convicção de que a maneira própria de ser contém em si um *valor próprio*.

Finalmente, uma tendência geral da época acabou sendo determinante também para o posicionamento em relação à maneira peculiar de ser da mulher. A índole individualista do século XIX cedeu progressivamente lugar a uma tendên-

cia social. O que pretende ter valor hoje em dia precisa ser proveitoso para a comunidade. O nosso tema afirma que tal possibilidade existe também para o valor próprio da mulher.

Nossa primeira tarefa consiste em esboçar brevemente a *peculiaridade da mulher*, porque só a partir dela será possível entender seu valor próprio. A psicologia das últimas décadas dedicou muita atenção às diferenças psíquicas entre os sexos; mas tanto os experimentos quanto as estatísticas acabaram trazendo pouca novidade além daquilo que a experiência comum já nos ensina. Entre as diferenças características que costumam ser citadas gostaria de destacar apenas duas por serem de importância especial para a questão do valor próprio:

1. O homem tem uma atitude mais *objetiva*, é natural para ele dedicar suas forças a uma área (pode ser a matemática ou a tecnologia, algum ofício ou uma empresa) sujeitando-se às leis desse *objeto*. A *atitude da mulher é pessoal* sob vários aspectos. Primeiramente, ela gosta de dedicar-se com toda a sua pessoa àquilo que está fazendo. Além disso, tem um interesse especial na pessoa viva, concreta, tanto no que diz respeito à própria vida quanto a outras pessoas e assuntos particulares.

2. Sujeitando-se a uma área, o homem experimenta facilmente um *desenvolvimento unilateral*. Na mulher existe uma tendência natural à *totalidade e integridade* em dois sentidos: ela própria gostaria de transformar-se num *ser humano completo*, total e universalmente desenvolvido, além de querer ajudar também aos outros a serem assim e de ter em vista sempre o ser humano completo quando lida com as pessoas.

Esses dois traços característicos que são assim *por natureza* ainda não constituem um valor em si, ao contrário, eles vem até acompanhados de grandes riscos; mas, devidamente tratados, podem tornar-se extremamente valiosos. O melhor é esclarecer primeiramente em que consiste o *valor da inclinação para a pessoa e da tendência à totalidade*, em segui-

da deveremos ponderar de que maneira se pode extrair dessa matéria-prima da predisposição feminina o valor mencionado.

A tendência para a pessoa se justifica objetivamente e é valiosa porque, de fato, a pessoa está acima de todos os valores objetivos. Toda verdade precisa ser reconhecida por pessoas, toda beleza precisa ser vista e avaliada por pessoas. Nesse sentido, todos os valores objetivos estão aí para as pessoas. Atrás de tudo o que há de valioso no mundo está a *pessoa do criador* que, como seu protótipo, encerra em si todos os valores imagináveis e os excede. Entre as criaturas, o mais elevado é aquele que foi criado à sua imagem exatamente na personalidade, ou seja - no âmbito de nossa experiência - o ser humano. Mais precisamente, *aquele* ser humano em que a imagem de Deus é desenvolvida da forma mais genuína possível e no qual os dons que Deus lhe deu não definham e, sim, florescem e no qual as forças estão dentro da ordem que corresponde à imagem de Deus, de acordo com o que Deus quis, a saber: a vontade orientada pelo conhecimento e as forças inferiores reguladas pelo conhecimento e pela vontade. Esse é o *ser humano total* de que falamos.

É claro que todo ser humano é chamado a essa humanidade completa e que em todos vive o anseio por ela. Se esse anseio se revela especialmente forte na mulher é porque deve estar ligado à sua função especial: ser companheira e mãe. *Ser companheira* significa ser apoio e amparo. Para poder ser isso é necessário que a própria pessoa esteja firme. Mas isso só é possível se internamente se encontra tudo em ordem e em equilíbrio. *Ser mãe* significa cuidar e preservar a verdadeira humanidade e desenvolvê-la. Mas isso supõe por sua vez que a própria pessoa tenha em si essa humanidade e saiba o que significa, senão fica impossível levar outros até ela. É possível fazer jus a essa função dupla quando se tem a *atitude pessoal correta*. Já dissemos que a mulher não a possui por natureza, pois a forma original da maneira de ser peculiar da mulher é inicialmente uma degeneração e obstrução da atitude correta. Trata-se em primeiro lugar da tendên-

cia de *fazer valer a própria pessoa*, de manter-se ocupado e ocupar também os outros com ela; trata-se também da incapacidade de aceitar críticas porque estas são interpretadas como ataques à pessoa. Esse desejo de prestígio, de reconhecimento irrestrito se estende a tudo o que faz parte da pessoa. O próprio marido deve ser reconhecido como o melhor, os próprios filhos devem ser os mais belos, inteligentes e bem dotados. Trata-se do amor cego feminino que turva o juízo objetivo e se revela totalmente inadequado à vocação feminina proposta. A essa afirmação da própria pessoa se junta um *interesse exagerado pelos outros*, a mania de meter-se na sua vida pessoal, de querer monopolizá-los. Ambos os aspectos, a hipertrofia da própria personalidade e da dos outros, se encontram no devotamento feminino, no desejo de perder-se completamente em outro ser humano, o que não corresponde nem à humanidade própria nem à do outro, impedindo ao mesmo tempo o cumprimento de outras tarefas.

Ligado a esse anseio errado por reconhecimento está também um desejo errado de totalidade e integridade: a mania de querer saber de tudo que faz com que se interesse um pouco por tudo sem, no entanto, aprofundar-se em nada. Essa superficialidade não pode ser a verdadeira humanidade. Quem domina completamente um determinado assunto está mais próximo da verdadeira humanidade do que aquele que fica sempre sem chão debaixo dos pés. Dentro da grande massa humana destacam-se aqueles que possuem uma formação sólida e, nessa seleção, o número de homens é certamente maior que o de mulheres. De um número ainda menor pode afirmar-se que se aproxima da verdadeira humanidade completa. E nessa *pequena grei* parece haver mais mulheres do que homens.

Como é possível destilar dessa matéria-prima da peculiaridade feminina, com todas as suas falhas e fraquezas (nós todos, como filhas de Eva, temos parte nelas), o modo de ser feminino purificado e valioso?

Existe em primeiro lugar um bom recurso natural para esse fim: o *trabalho cuidadoso e objetivo*. Esse tipo de tra-

balho - seja ele qual for, o trabalho doméstico, um ofício, a ciência ou outro qualquer - exige a submissão às leis do respectivo objeto; a própria pessoa, o pensamento nela, os caprichos e humores precisam ficar em segundo lugar. Quem aprendeu a proceder assim tornou-se *objetivo* perdendo parte de seu *personalismo extremado* e ganhando uma certa liberdade em relação a si mesmo; ao mesmo tempo, conseguiu passar da superfície à profundidade pelo menos num ponto, de modo que já tem onde firmar seus pés. Em vista dessa grande vantagem pessoal, abstraindo totalmente de eventuais necessidades econômicas, toda moça deveria receber uma boa formação profissional e exercer uma atividade que a ocupe plenamente depois de formada. Não existe meio de cultura mais propício à degeneração e hipertrofia doentia (a histeria) da peculiaridade feminina do que a vida das moças *de boa família*, segundo o estilo antigo e a das mulheres ociosas das classes abastadas. Como o homem costuma tender naturalmente para o exercício de um trabalho objetivo e como vemos nesse trabalho um remédio para todas as falhas da peculiaridade feminina, poderíamos dizer também que uma pitada de essência masculina é o antídoto contra o modo de ser *excessivamente feminino*. Com isso, já ficou claro que não podemos parar aí, senão obteríamos apenas uma adaptação ao caráter masculino, como aconteceu realmente no início do movimento feminista, e isso não traria grandes vantagens nem para nós nem para ninguém. Precisamos progredir de uma atitude objetiva para a pessoal correta que, no fundo, é também a mais objetiva. Para isso, necessitamos do conhecimento da verdadeira humanidade, isto é, de sua imagem ideal, e do conhecimento das predisposições para alcançá-la, bem como dos desvios que existem em nós e em outras; precisamos da liberdade de poder ver, da independência de nós mesmas e dos outros e, para a realização das medidas práticas necessárias, precisamos de uma força que os meios humanos disponíveis não conseguem dar-nos. Nem todo o estudo dos livros é capaz de conferir

aos nossos olhos cegos essa acuidade de visão, não há força de vontade que nos dê a energia necessária à poda dos rebentos bravos em nós mesmas e nas pessoas que amamos. Precisamos da ajuda de recursos sobrenaturais.

Primeiro: onde podemos encontrar a imagem concreta da humanidade completa? A imagem perfeita de Deus em forma humana veio viver entre nós em Jesus Cristo, o filho do homem. Observando essa imagem que nos fala nos relatos singelos dos evangelhos, ela nos abre os olhos. Quanto mais conhecemos o Salvador, mais nos sentimos dominados por sua grandeza e suavidade, por essa liberdade real que não conhece outro compromisso além da sujeição à vontade do Pai, livre de toda criatura e ao mesmo tempo fundamento do amor misericordioso para com toda criatura. Quanto mais essa imagem de Deus penetrar em nós, quanto mais despertar o nosso amor, tanto mais sensíveis nos tornamos a qualquer tipo de desvio dele dentro de nós e nos outros: abrem-se os nossos olhos para o verdadeiro conhecimento humano, sem qualquer retoque. E quando começam a faltar as forças para agüentar a visão de tanta fraqueza em nós e nos outros, basta lançar novamente um olhar para o Salvador: Ele não virou, decepcionado, as costas à nossa miséria, pelo contrário, Ele veio exatamente por causa dessa miséria, colocando-a em seus próprios ombros - *vere languores nostros ipse portavit et livore eius nos sanati sumus*. Quando ficamos sem saber onde começar a remediar, podemos recorrer aos remédios que Ele mesmo nos preparou. Por meio de seus sacramentos, Ele nos purifica e fortalece. E privando do contato com Ele conforme à sua vontade, ficamos mais e mais imbuídos de seu espírito e transformados. Atendo-nos a Ele, começamos a dispensar o auxílio humano, ganhando aquela liberdade e firmeza de que precisamos para servir de apoio e amparo a outros. Ele mesmo nos conduz mostrando-nos como devemos conduzir os outros. Assim ganhamos por meio Dele a humanidade plena e ao mesmo tempo a atitude pessoal correta. Quem olha para Ele e se orienta por Ele está com os olhos fi-

xos em Deus, protótipo de toda personalidade e síntese de todos os valores. Esse é o lugar apropriado para a entrega a que a natureza feminina aspira, e aqui encontramos também o amor e a entrega absolutos que em vão procuramos encontrar nos seres humanos. A entrega a Cristo não nos torna cegos e surdos para aquilo que é necessário fazer aos outros, pelo contrário: passamos a procurar a imagem divina em todos os seres humanos querendo libertá-la em toda a parte. Depois disso podemos dizer também: *o valor próprio da mulher* consiste essencialmente na *receptividade especial à ação divina na alma*; ele consegue desenvolver-se inteiramente quando nos abandonamos confiantes e sem resistência a essa ação.

Só agora chegamos ao ponto de podermos abordar a segunda parte do tema, a importância para a vida do povo. Essa importância decorre simplesmente daquilo que dissemos antes. Qual é a grande enfermidade de nosso tempo e de nosso povo? Na grande maioria das pessoas é a desintegração interna, a falta total de convicções e princípios firmes, à deriva sem direção e, por causa da insatisfação com esse tipo de existência, a busca de entorpecimento em novos prazeres cada vez mais sofisticadas; naqueles que procuram um conteúdo de vida sério é freqüentemente o afogamento numa atividade profissional unilateral que protege contra a agitação da vida, mas não consegue detê-la. O remédio contra a doença de nosso tempo são seres humanos plenos como aqueles que descrevemos acima: fincados no chão da eternidade não se deixam abalar em suas convicções e em seu agir por opiniões, asneiras e vícios da moda que grassam à sua volta. Cada uma dessas pessoas é como uma coluna firme em que muitos podem agarrar-se para voltar a sentir, por seu meio, o chão firme debaixo dos pés. Uma vez transformadas em seres humanos plenos que ajudam aos outros a se tornarem o mesmo, as mulheres passam a criar células sadias e fortes que levam forças vitais sadias ao corpo da nação inteira.

Elas podem realizar isso em sua profissão de *mãe*. Mães que pisam no chão de uma firme visão do mundo, que sabem *para que* educar seus filhos, que tem a vista livre para as potencialidades de seus filhos, mas que têm também um olhar certo para os rebentos que precisam ser podados e que intervêm no momento certo com mão segura; mas também mães que sabem contentar-se, que não pretendem fazer tudo sozinhas, que têm a coragem de soltar seus filhos entregando-os na mão de Deus quando se tornam adultos. São elas o que há de mais importante para a recuperação da saúde de um povo. Muitas vezes, a mulher tem a função de contribuir para a vitória da humanidade plena também em relação a seu marido. Retornando da atividade profissional, ele costuma sentir a vontade de ser "gente", mas muitas vezes falta-lhe a força de sê-lo da maneira correta por si mesmo. Cabe, então, à esposa cuidar que ele não procure as compensações desejadas em diversões superficiais ou arriscadas. Um lar bonito é a primeira condição para criar um ambiente em que a alma possa respirar. Além disso, ela precisa ser familiarizada de modo adequado com os valores a que ela aspira. É necessário descobrir, com tato e sensibilidade, o que convém para o momento. A mãe precisa intermediar com freqüência um bom relacionamento entre o pai e os filhos, o que é sumamente importante para ambos. Em muitos casos, é tarefa difícil e espinhosa da esposa conquistar para fé um marido indiferente ou hostil. Trata-se de uma missão da maior responsabilidade que só poucas sabem enfrentar adequadamente, mesmo munidas da melhor boa vontade. Muita insistência ou até repreensão costumam pôr a perder mais do que ganhar. Seguir seu próprio caminho em silêncio e com segurança (com todo o amor e toda a atenção) rezando e fazendo sacrifícios com perseverança - eis as armas que levaram à vitória até em casos aparentemente desesperadores. Não que a vitória seja sempre certa, pois trata-se de mistérios divinos que não nos são dados a conhecer.

Ao lado da profissão de esposa e mãe, também a atividade profissional de *professora e educadora* sempre foi tida

em conta de genuinamente feminina. Estas também têm a função de formar seres humanos. No nosso tempo, em que a casa paterna falha com tanta freqüência, a juventude é confiada, mais do que nunca, às mãos do professorado e com ela a grande responsabilidade pelo futuro de nosso povo. Em muitos casos, a escola já não terá condições de reparar os erros cometidos em casa; mesmo assim deve reunir todas as suas forças para tentar o possível. Depois que se impôs a convicção generalizada de que a escola elementar é o "educandário da nação", podemos ter a esperança de que essa mentalidade inclua também as escolas de nível médio e que os currículos sofram as necessárias correções e diminuição de matérias, para que as forças possam concentrar-se na missão educativa da escola. O que foi dito em relação à mãe como educadora, vale, naturalmente, ainda mais para a professora: ela precisa estar *firme*, porque com noções inseguras, assimiladas sem análise crítica, com os frutos de uma leitura indigerida e indigesta, cria-se tanta confusão na cabeça e no coração dos jovens que os estragos se tornam irreparáveis. Suas convicções precisam ser especialmente fortes e teoricamente bem fundamentadas quando se trata de crianças maiores, para que possa enfrentar ataques e objeções que dificilmente vêm ao caso na educação familiar. Por isso, a professora necessita da melhor formação dogmática e ascética possível. A apologética é também útil, mas a outra parte me parece mais importante, porque aos argumentos prontos, por mais corretos que sejam, falta com freqüência força convincente. Quando a alma foi formada pelas verdades da fé - é isso que chamo de formação ascética - encontra-se sempre a palavra certa para *essa* pessoa e para *esse* momento.

Sob esse aspecto, a professora se vê novamente confrontada com mais dificuldades, já que entre ela e as crianças não existem de antemão os laços naturais do amor que ligam o filho à mãe. Mas, como o amor e a confiança são condições indispensáveis para exercer qualquer influência educativa mais profunda, cabe à professora conquistar esse amor e essa con-

fiança por meio de uma atitude amorosa constante. Para dirigir esse amor constante e maternal a *todos*, mesmo às crianças mais hostis, difíceis e desagradáveis, ou justamente a estas porque necessitam mais dele, são necessárias forças sobrenaturais.

A profissão de professora nunca foi negada às mulheres. Mas há outras profissões que outrora eram tidas como monopólios masculinos, mas que na prática se revelaram adequadas à maneira de ser da mulher, e até mais: elas podem lucrar com um tratamento genuinamente feminino (no bom sentido). Penso por exemplo na profissão de médica. Fiz a experiência agradável de ver que mulheres tratadas alguma vez por uma médica não gostam de voltar a receber outro tratamento. Pode ser que aí se manifeste também o pudor, mas considero mais importante um outro aspecto: o doente que procura ou chama o médico geralmente não quer ver curado só um determinado órgão afetado por um determinado mal, sentindo-se "em desordem" todo o seu organismo, procura a cura para o corpo e a alma, e isso exige o atencioso interesse de um amigo. O médico de família de antigamente era esse amigo. Mas essa instituição benéfica praticamente deixou de existir com o predomínio dos especialistas. Trata-se de um processo irreversível, já que a medicina se expandiu tanto que ficou impossível dominar a fundo todos os seus ramos. Mesmo assim, convém não esquecer, no tratamento por especialistas, que na maior parte dos casos, não é só um órgão que está doente e, sim, juntamente com esse órgão, o homem todo. Tanto para o diagnóstico da doença quanto para a terapia, é importante saber com que pessoa se está lidando: os sintomas não são estritamente iguais em cada indivíduo, e nem todo medicamento produz os mesmos efeitos em todos. E como já foi dito, o doente procura uma abordagem que trate o ser humano como um todo. Precisamente esse é o tipo de abordagem característico da mulher, conforme temos visto. Exercendo desta maneira a profissão de médica, ela poderá realizar muito mais do que curar apenas a doença atual. Ela tem acesso a uma grande va-

riedade de condições humanas, tem contato com a miséria material e moral: um vasto campo para a prática da verdadeira feminilidade que é, ao mesmo tempo, prática da caridade cristã.

Com isso, chegamos à longa série de profissões sociais que geralmente só tomaram forma nos últimos anos ou que ainda estão em vias de se consolidar. Todas elas pedem mãos femininas e, naturalmente, mulheres que sejam seres humanos plenos; são as profissões de assistente social, de assistente da juventude, de professora de jardim de infância, de assistente de penitenciária, de fábrica, etc. Em todas essas funções trata-se de salvar, de curar, de recuperar seres humanos ameaçados ou corrompidos. Não vou entrar em maiores detalhes, para não me antecipar a palestras posteriores. Só quero dizer ainda umas palavras sobre o trabalho científico da mulher, supondo que talvez estejam esperando alguma manifestação minha precisamente sobre esse ponto. Acho realmente que nessa área existem poucas oportunidades para a realização do valor próprio da mulher. A ciência é o campo da mais estrita objetividade. Por isso, a peculiaridade feminina só terá alguma atuação mais profunda onde o objeto em estudo é a vida pessoal, isto é, nas ciências humanas: história, literatura, etc. Optando pelo trabalho no campo das ciências abstratas - matemática, ciência da natureza, filosofia pura, etc. - terá que aceitar geralmente o predomínio da mentalidade masculina, pelo menos quando se trata de pesquisa pura. Mas na maneira de transmitir às pessoas aquilo que lhes pode ser útil dessas ciências, a mulher poderá fazer valer outra vez seu caráter peculiar.

Gostaria de mostrar ainda como o valor próprio da mulher pode repercutir também na *vida política*. Na *elaboração das leis* existe sempre o perigo de que prevaleçam as decisões preparadas em gabinetes e as preocupações com a forma jurídica perfeita, dando menos atenção às circunstâncias reais e às conseqüências práticas. Esse procedimento abstrato se opõe à peculiaridade da mulher que concentra sua atenção no aspecto humano concreto em que pode servir de elemen-

to corretivo. Ela já se revelou benéfica como contrapeso também a outros desvios da *objetividade masculina*. O que para o político ocupa muitas vezes o primeiro lugar é o interesse de seu partido. Na discussão de um projeto de lei, tal atitude pode levar a uma extrema falta de objetividade. Assim existiu há uns anos nas discussões em torno da lei da juventude o risco de o projeto ser rejeitado por causa de rivalidades partidárias. Foi necessário que as mulheres de vários partidos se juntassem para chegar a um acordo. Desta maneira, o desejo tipicamente feminino de sanar problemas humanos prevaleceu sobre a estreiteza da disciplina partidária. Como na legislação, a peculiaridade feminina pode ser benéfica também na aplicação da lei no *serviço administrativo*, quando se trata de fazer jus ao ser humano em vez de impor a letra abstrata da lei.

Finalmente, a mulher pode atuar segundo a sua peculiaridade em qualquer profissão que esteja exercendo, corresponda esta às suas características específicas ou não, e em qualquer lugar, para o bem das pessoas. Em qualquer parte há seres humanos, em qualquer parte terá oportunidade de ajudar com seu apoio e conselho. Basta a operária na fábrica ou a funcionária no escritório prestar atenção na disposição de ânimo das pessoas que trabalham no mesmo recinto, para, por meio de uma palavra amigável ou de uma pergunta interessada, levá-las a abrir seu coração acobardado revelando onde está o problema para que possa tentar resolvê-lo. Em toda a parte existe o desejo de receber atenção e auxílio maternal. Por isso poderíamos resumir também na palavra *maternidade* tudo aquilo que falamos a respeito do valor próprio da mulher. Mas deve ser uma maternidade que não se restringe ao círculo reduzido dos parentes e dos amigos pessoais; a exemplo da *mãe de misericórdia* deve estar disponível para todos os sofredores e deprimidos, ela deve estar arraigada no amor divino universal.

Resumindo posso dizer: a maneira peculiar de ser da mulher destina-a a uma missão sublime: desenvolver em si e nos outros a verdadeira humanidade. Mas, nessa maneira pe-

cular de ser, residem também germes que podem colocar em risco o desenvolvimento desse valor próprio e, com isso também, o cumprimento de sua tarefa. Os riscos só podem ser superados pela disciplina rígida na escola do trabalho e pela força libertadora da graça divina. Eis a nossa missão: sermos Instrumentos dóceis na mão de Deus, executando a sua obra no lugar em que ele nos coloca. Cumprindo essa missão realizamos o melhor para nós mesmas, para a nossa vizinhança e com isso também para o povo todo.

O PAPEL DAS MULHERES CATÓLICAS COM FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA DA SUÍÇA



*Prezados capelães dos estudantes,
prezados convidados,
caras universitearias!*

Estamos reunidos para analisar o papel reservado às mulheres católicas de nível universitário da Suíça, para que futuramente possamos agir com mais consciência quanto ao objetivo a ser alcançado. A minha função é *fazer uma conferência sobre as tarefas em geral.*

Como ponto de partida, abordarei a essência da mulher católica graduada, falarei das funções daí resultantes para ela própria, para sua profissão e para seu meio - funções no sentido natural: funções de liderança, e no sobrenatural: funções de apostolado.

Duas observações preliminares. - Permitam-me ser sincera. Não adianta rasgar sedas. O que importa é chegar a conclusões claras sobre o que foi feito até hoje e sobre o que não foi feito, para descobrir o que deverá ser feito no futuro.

Segunda observação preliminar: Em vista da grande diversidade de nossas funções, só posso fazer um apanhado rápido

delas, reservando para reuniões posteriores a análise de áreas específicas quando pretendo aprofundar essas questões.

A mulher com formação universitária: Podemos defini-la como pessoa do sexo feminino com formação científica, um ser humano feminino, harmonicamente desenvolvido também em suas faculdades mentais, com o intelecto exercitado, com um saber mais aprofundado (se possível não limitado a uma única especialidade), mais consciente em seu querer, mais determinado no agir, inflamado por uma visão mais ampla e por objetivos mais altos.

A mulher católica universitária: Trata-se de uma restrição, de uma diminuição? Não! É um importante acréscimo positivo! Uma mulher formada não apenas por circunstâncias favoráveis, mas chamada a cumprir uma missão a serviço de um ser supremo, a funções que ultrapassam de longe as tarefas concretas da profissão. Nascida ou assimilada numa comunidade que recebe a sua marca mais profunda do *corpus Christi mysticum*, termo tão usado que chega a ser até mal empregado.

Somos mulheres católicas de formação universitária. Somos! Daí se deduz a primeira tarefa que consiste em cuidar de nosso ser, de nossa individualidade. Não é qualquer ser coletivo a ser concretizado, não, trata-se de desenvolver ao máximo o nosso ser mais pessoal. Nessa tarefa existe um risco, o risco do enrijecimento, do culto da personalidade sem reflexo para fora. Por isso, a maximização da individualidade exige o máximo de auto-renúncia. Todas conhecem as sentenças de famosos individualistas:

Goethe:

"Pois enquanto não tiveres
esse 'morrer e vir a ser',
serás apenas um visitante triste
dessa terra escura."

Nietzsche, o individualista extremo, em Zaratustra:

"Tu deves querer queimar-te em tuas próprias chamas: como queres renovar-te se não te tornaste cinzas antes?"

Cristo, o 'ser em si':

"A semente precisa morrer para dar fruto: quem quiser ganhar a sua alma precisa perdê-la!"

Renunciar a si mesmo, não significa, para a mulher católica com formação universitária, despersonalizar-se para sumir no nada dos hindus ou no coletivismo dos russos, antes é entrega ao Ser (Deus), maximização da pessoa para além dela, rompimento dos grilhões da personalidade para abrir-se à amplitude do ser (ser sobre-humano de verdade) e levar de volta às funções em prol das coisas (profissão), das pessoas (liderança), das almas (apostolado).

A mulher universitária e a profissão (profissão e vocação). – Precisamos distinguir três categorias de graduadas. A vocação primária é comum aos membros de todas as categorias, como é comum a todos os seres humanos: a vocação de ser imagem de Deus. Mas a vocação secundária distingue-se em três categorias:

Categoria I: A vocação primária: já mencionada; a secundária: vocação para esposa e mãe; os efeitos da formação superior se tornam terciários.

Categoria II: A vocação primária: já mencionada; a secundária: profissão pela profissão, é a assim chamada *mulher economicamente ativa*.

Categoria III: A vocação primária: já mencionada; a secundária: profissão como serviço a Deus, é a *mulher consagrada a Deus*, no convento ou no mundo, ela pode ser encontrada hoje em quase todas as profissões.

A problemática e as tarefas das mulheres graduadas das três categorias são distintas. Infelizmente, não tenho tempo

suficiente para desenvolver uma descrição completa das três. Apenas algumas indicações sumárias:

Categoria I: *a mulher universitária casada*

Problemática:

maternidade e profissão

Tarefas:

1. Sacrificar a vocação terciária à secundária por causa da primária quando a terciária prejudica a secundária.

2. Valer-se da vocação primária e terciária para cumprir melhor os deveres de esposa e mãe.

Categoria II: *a mulher universitária economicamente ativa*

Grupo 1

Problemática:

Exercer uma profissão pela profissão em lugar do casamento ou para sustentar-se é necessariamente insatisfatório, a não ser que a atividade proporcionê a prática e a satisfação das qualidades tipicamente femininas ou corresponda mais ou menos às inclinações pessoais.

Tarefas:

Sair de qualquer profissão que não corresponda ao que foi dito acima, mas espiritualização e enriquecimento das profissões pela conscientização das atividades. Criação de novas profissões a serviço do pessoal, da vida.

Grupo 2

Problemática:

Profissão pela profissão em consequência de tendências pessoais, a mulher graduada fica necessariamente descontente se, por causa de impedimentos externos, não puder exercer a profissão que corresponderia às suas aptidões.

Tarefas:

Criar as oportunidades que dêem a todas as pessoas, também às mulheres, a possibilidade de exercer a profissão que corresponde à sua individualidade e predisposição.

Categoria III: *a mulher universitária* consagrada a Deus

Grupo 1: no convento

Problemática:

Confira a revista *Zeitschrift für Ascese und Mystik*, ano de 1932, fasc. 1 e 3. Os artigos que tratam dessa questão mostram uma imagem aproximativa.

Tarefas:

A melhor solução deve ser encontrada pelas graduadas de cada convento.

Grupo 2: no mundo

Problemática:

As incertezas dos novos caminhos.

Requisitos que se exigem das aspirantes a essa categoria: aprofundamento, atenção, pioneirismo.

Tarefas primárias:

Preparar-se para ser instrumento.

Faz parte desse contexto também uma questão especialmente urgente na crise de hoje: *mulher e profissão*. Certamente denotaria uma atitude precipitada, instintiva e irrefletida querer resolver o problema com a reivindicação: "Mulheres fora de todas as profissões!" Uma pessoa graduada deve saber distinguir entre profissões em que as mulheres podem ser um enriquecimento para a humanidade e profissões em que elas rendem apenas a metade e até tiram a oportunidade de outros. Mas a mulher graduada deve saber diferenciar também individualmente, porque o talento individual não se deixa enquadrar necessariamente no

esquema "homem-mulher". É uma das funções mais importantes da mulher com formação científica e raciocínio objetivo trazer esclarecimentos e mostrar a direção nessa problemática.

Nesse contexto surge também a questão: *mulher universitária e ciência*.

Na Suíça de hoje existem oportunidades para a mulher católica graduada de trabalhar como cientista e de viver dessa atividade? Existem fundos que possibilitem o trabalho científico sem correr atrás de atividades complementares para sustentar-se? Não existem. Portanto, é injusto o veredicto lançado contra as mulheres com estudos superiores de serem "cientificamente improdutivas", até que se lhes dê a oportunidade de exercer atividades científicas.

Existe alguma iniciativa da parte das graduadas católicas da Suíça nessa direção? Elas se ajudam mutuamente? Elas apóiam e Incentivam as jovens?

Existe um *centro católico de formação feminina* com a necessária bibliografia (livros, revistas, jornais, etc.)? Existe um lar em que a mulher graduada possa encontrar inspiração, descanso, contato com outras universitárias? Seria possível criar esse lar, eventualmente ligado à central de formação de que falei? Poderia ser uma espécie de foco de convergência dos raios e de emissão de um fogo? Um fogo positivo! Não de brasas satânicas!

Tudo isso não existe. Precisa ser criado!

Um terceiro conjunto de tarefas: *A mulher universitária e seu meio*. (Relação natural: liderança). – Passo a mencionar alguns grupos:

A mulher graduada e o movimento da juventude. – Experimentamos em nós mesmas os problemas da juventude de hoje? Parece que não! Então, precisamos, pelo menos, expô-los objetivamente, para que possamos entender

as outras. O segredo da liderança é a compreensão. Conhecemos as idéias que mexem com a juventude de hoje? Já lemos, por exemplo, o livro de Günther *Gründet*: Missão da geração jovem? Tentativa de interpretação revolucionária do sentido de nosso tempo? Vamos lê-lo! Teremos uma idéia daquilo que se passa na cabeça da juventude de hoje, daquilo que está tomando forma.

Temos alguma idéia da juventude russa, de sua elite, do *Konsomol*? Não pensemos que isso está longe de nós! Por acaso não estamos cientes de que o espírito russo já está lançando seu fermento em nossa juventude? Achamos que estamos numa ilha, na "ilha da paz". Mas, essa ilha não está rodeada de tempestades, não está parcialmente solapada? Será que as ondas não passarão por cima de nós? E nós, embalados no sono! Chamamos isso de moderação, talvez até de virtude. Não seria por acaso falta de vida, vida sem entusiasmo?

A mulher universitária e o movimento feminista. - Será que estamos pensando: Não temos nada com isso - isso é bom para as massas, os anônimos - poupem-nos! Talvez estejamos encasteladas atrás da ciência, talvez atrás da pseudo-ciência!

Nossos estudos, nossa vida seriam um grande mal-entendido se a formação despertasse em nós esse orgulho infantil. Esse tipo de mulher formada seria varrido pela vida que ela despreza infantilmente. Somos mulheres graduadas com responsabilidade ou crianças que estão brincando? Seria mais lucro do que perda se as universidades se livrassem desse tipo de mulher graduada. Hoje em dia, a formação superior da mulher está sendo posta em xeque novamente. O questionamento seria tão enérgico se uma grande parte das mulheres graduadas não falhassem em seu papel de "lideranças do povo"?

Falando concretamente: Como mulheres católicas graduadas, mantemos contato com o movimento feminista suíço, com a federação das mulheres e com as trabalhadoras cristão-sociais organizadas? Não mantemos esse contato. Por

quê? O erro está em ambos os lados, mas, certamente, também de nossa parte.

A mulher universitária e a vida social. – Compreendamos o problema urgente de nosso tempo, a questão social! Ela também arde em nós? Ou estamos esperando que outros encontrem uma solução qualquer, ou que submerjamos no caos? Mereceríamos o nosso título acadêmico se fosse essa a nossa atitude? Não é o nosso dever tentar ajudar na prática e na teoria? Em primeiro lugar teoricamente, estudando as relações, a causa, procurando saídas viáveis. Concretamente, pela prática da *caridade*, isto é, por atos práticos por amor mais alto. Há tantos caminhos quanto há necessidades. Não devemos ficar presas nas velhas trilhas, devemos procurar o contato com a massa efervescente, com sua miséria física e espiritual. (Os universitários e as universitárias de Zurique podem servir-nos de exemplo!)

A mulher graduada e a vida pública. – Estou pisando em terreno espinhoso em que as opiniões das mulheres católicas graduadas da Suíça divergem. Não quero defender aqui a minha opinião. Permitam-me apenas uma pergunta e uma citação.

Pergunta: Temos consciência do trabalho dos adversários? Podemos assumir a responsabilidade de ficarmos em posição de "descansar armas", olhando para trás, enquanto o inimigo conquista as nossas posições?

Uma citação: Que um príncipe da Igreja dê a resposta, não eu. Em seu comentário sobre os salmos das vésperas, o cardeal *Faulhaber* dá a seguinte explicação em relação à estrofe central do Magnificat: "Quem ainda poderá dizer que a política não tem nada a ver com a religião, e que as almas voltadas para Deus, especialmente as mulheres, deveriam manter-se afastadas da vida pública? Se a virgem silenciosa de Nazaré, cujo alma repousa totalmente em Deus, seu salvador, se preocupa na estrofe central do Magnificat com o

que acontece no palco do mundo, então as pessoas religiosas, inclusive as mulheres, não podem ficar indiferentes diante da alternativa de o braço de Deus manifestar-se no governo do mundo estabelecendo uma ordem espiritual, política e econômica conforme à sua vontade, ou de espíritos arrogantes confundirem as pessoas com a sua ciência, de detentores do poder político riscarem o nome de Deus da vida pública, de aproveitadores capitalistas derrubarem a ordem econômica ...". Munique, 1929, p.333.

Prestem bem atenção, ele está falando de *Maria*, o modelo da mulher, que sabia unir delicadeza e força. Ela esteve debaixo da cruz. Na hora trágica de seu filho, ela veio a público, tendo antes se interessado, observado, entendido os acontecimentos do mundo. *Pode ser que já em breve chegue o momento em que também a mulher católica deverá estar debaixo da cruz, com Maria e com a Igreja!*

Falando concretamente: Não exijo da mulher católica graduada da Suíça que ela se decida hoje (seria uma presunção infantil querer isso): participação da mulher na vida pública ou não. Mas uma coisa preciso exigir em nome do bom senso, no interesse de nossas famílias, de nosso povo, de nossa Igreja: que ela se interesse, que reflita, que estude a questão objetivamente *à luz dos acontecimentos de nossos dias!*

A mulher graduada e o apostolado. - "Sim, nós precisamos entusiasmar-nos pela Santa Igreja, por amor a Jesus crucificado", escreve *Catarina de Siena* em sua carta à rainha de Nápoles.

Pode ser que, no decorrer dos séculos, nos tenhamos acostumado por demais a uma atitude passiva da Igreja, deixando que pessoas extraordinárias (Teresa de Jesus, Hildegard de Bingen, Catarina de Siena, etc.) confirmassem a regra "como exceções". O século XX exige mais! Basta lembrar o movimento ateuista. O que temos nós para opor a essa falange? O papa Pio XI já sancionou o apostolado leigo, até mais, ele nos convocou. É possível que a Ação Católica seja

para nós apenas um lema ou um chavão que ecoa nas reuniões, mas que não incendeia?

Estamos entendendo do que se trata no assim chamado *movimento litúrgico*? Certamente não é uma *questão estética* e, sim, convivência mais profunda, convivência da vida de Cristo com a Igreja. (Haveria muita coisa a comentar aqui, mas quero evitar demasiados detalhes.)

· Muita coisa foi feita, mas infinitamente mais precisa ser *feito ainda!* *In hoc signo vinces* é o lema dos *Jovens*¹. Não poderia ser esse também o nosso lema? Pela nossa própria força nunca conseguiremos vencer essas montanhas de tarefas, mas podemos consegui-lo *naquele sinal*. No sinal da cruz venceremos, isto é, viver plenamente a nossa vida de mulheres católicas universitárias - com ou sem sucesso - para o bem de nossa comunidade, de nosso povo, de nossa Igreja.

¹ Seção dos jovens da união internacional das ligas católicas femininas.



No momento atual, quando a mulher procura a própria emancipação, rivalizando com o homem, Edith ergue a sua voz para que, atuando em todas as áreas, ela se mantenha essencialmente feminina. Para Edith Stein, as características femininas decorrem de sua vocação originária, e propõe o seu modelo: “A alma da mulher deve ser ampla e aberta a tudo o que é humano. Deve ser cheia de paz, porque as fracas chamas se apagariam na tempestade; deve ser quente para não enregelar as pequeninas sementes; deve ser luminosa para que, nos cantos escuros, não cresçam ervas más; deve ser reservada, porque as interferências externas podem pôr em perigo sua vida íntima; deve ser vazia de si para deixar amplo espaço para os outros. Deve ser, acima de tudo, dona de si e do próprio corpo para que sua personalidade esteja sempre pronta a servir em cada necessidade”.